A IGREJA VERMELHA



SCOTT NICHOLSON

A IGREJA VERMELHA

de Scott Nicholson

Tradução de Christiane Jost

Copyright ©2002 Scott Nicholson
Publicado Por Haunted Computer Books

A IGREJA VERMELHA

CAPÍTULO 1

O mundo nunca acaba como você acha que ele vai acabar, Ronnie Day pensou.

Existiam os jeitos consagrados, como holocausto nuclear, colisões catastróficas de asteroides, vírus assassinos e, o mais clássico de todos os tempos do Pregador Staymore, a Segunda Ascensão de Jesus Cristo. Mas o fim não era uma coisa tão grande e organizada, na verdade. O fim estava logo ali, era pessoal, diferente para cada um, um chute no traseiro e um aperto de mão sacana da própria Morte.

Mas esse era o Grande Fim. Primeiro, você tinha que levar a vida driblando mil curvas e morrendo um pouco em cada uma delas. Uma das lições da vida, aprendida como consequência de treze anos como filho de Linda e David Day e de um semestre em uma sala de aula com Melanie Ward. Vida dura, hein?

Ronnie caminhou rapidamente, olhando reto à frente. Outro dia na fábrica de idiotas na Escola Fundamental de Barkersville tinha acabado. Tinha toda a tarde pela frente e uma longa caminhada até chegar em casa. Nada além de seus pés e o cheiro de folhas úmidas, grama fresca e do barro molhado das margens do rio. Um belo sol lá em cima, espalhando raios de primavera.

E ele poderia diminuir o passo logo à frente, retardando a chegada ao inferno que era sua casa ultimamente, pois logo faria a curva e passaria a coisa na colina à direita, a coisa sobre a qual ele não queria pensar, a coisa sobre a qual não podia deixar de pensar, porque tinha que passar por ela duas vezes por dia.

Por que ele não podia ser como os outros garotos? Seus pais os pegavam em Mazdas e Nissans novinhos em folha e os levavam para o shopping em Barkersville, ou os deixavam no treino de futebol, levando-os de carro depois diretamente para a porta da frente de casa. Depois disso, só precisavam entrar e enfiar a cara em jantares feitos no micro-ondas, ir para

seus quartos e gastar os cérebros na TV ou no Nintendo pelo resto da noite. Eles não precisavam ter medo.

Bom, podia ser pior. Ele tinha um cérebro, mas não era uma coisa da qual valia a pena se gabar. Sua "imaginação hiperativa" havia criado problemas na escola, mas também era meio legal quando outras crianças, especialmente Melanie, pediam ajuda em gramática.

Então, ele preferia ter um cérebro, mesmo que sofresse do que o psicólogo na escola chamava de "pensamentos negativos". Pelo menos ele *tinha* pensamentos. Que não era o caso do idiota do seu irmão menor lá atrás, que não tinha a menor noção de que esse pedaço da rua não era lugar para brincadeiras.

— Ei, Ronnie. — Seu irmão estava chamando, parecia que era do topo da colina. O idiota não tinha *parado*, tinha?

— Vem cá. — Ronnie não virou para trás.

— Olha aqui.

— Anda, ou vou dar um cascudo na sua cabeça.

— Não, de verdade, Ronnie. Vi uma coisa.

Ronnie suspirou, parou de caminhar e puxou a mochila mais para cima no ombro. Ele estava a pelo menos uns 3 metros à frente do irmão menor. Tim vinha no seu andar distraído, típico de crianças de nove anos, parando de vez em quando para amarrar o cadarço do tênis, procurar girinos na beira d'água ou jogar pedras no rio que corria mais abaixo.

Ronnie se virou — *para a esquerda*, disse a si mesmo, *assim não vai ver* — e olhou para trás, para o caminho de seixos na colina, que quase se perdia entre as montanhas. Ele podia pensar em uma centena de motivos para não caminhar de volta e ver o que Tim queria que ele visse. Para começo de conversa, Tim estava no topo da colina, o que significava que Ronnie teria que subir o caminho íngreme de novo. Ele já tinha andado quase dois quilômetros da caminhada da parada do ônibus até sua casa. Por que torná-la mais longa?

E ainda havia pelo menos mais noventa e nove motivos —

como a igreja vermelha

— para não ligar a mínima para o que Tim estava bisbilhotando agora. Papai ia na sua casa hoje buscar mais algumas coisas e Ronnie não queria perder a visita. Talvez eles pudessem conversar um pouco, de homem para homem. Se Tim não se apressasse, Papai e Mamãe poderiam começar outra

briga e Papai iria embora, como na semana passada, pisando fundo no acelerador do Ford antigo, que jogou montes de pedras longe que quebraram uma janela. Portanto, era mais um motivo para não voltar e ver o que tinha deixado Tim tão interessado.

Tim pulava para cima e para baixo, com as barras dobradas de sua calça jeans azul sacudindo em volta dos tênis. Ele balançou o braço fino, os óculos brilhando no sol do meio da tarde. — Vem, Ronnie! — ele gritou.

— Idiotinha — Ronnie resmungou para si mesmo, e começou a voltar pelo caminho íngreme. Ele manteve os olhos nas pedras, como sempre fazia quando estava próximo à igreja. O sol provocava reflexos nas pedras e, com um pouco de imaginação, a rua podia se transformar em uma enorme galáxia, cheia de estrelas e planetas, e, se ele não olhasse para a esquerda, não teria que ver a igreja vermelha.

E por que ele tinha que ter medo de uma igreja velha? Uma igreja era uma igreja. Era como o seu coração. Quando Jesus entrava, Ele devia ficar lá dentro. Mas, de vez em quando, você fazia coisas erradas e Ele ia embora.

Ronnie olhou de relance para a igreja, só para provar que não se importava com ela. *Pronto. Nada além de madeiras e pregos.*

Mas ele mal olhou para ela. Viu mesmo só um pedacinho do teto cinza cheio de musgo da igreja, por causa de todas aquelas árvores que acompanhavam a rua — carvalhos antigos enormes, uma macieira retorcida e um álamo no qual seria ótimo subir, exceto que, ao chegar ao topo, você estaria na mesma altura da torre da igreja e do campanário.

Árvores idiotas, pensou ele. *Todas felizes porque é primavera, suas folhas estão balançando ao vento e, se fossem pessoas, aposto como estariam com sorrisos idiotas na cara, igual ao que provavelmente está na cara de Tim nesse minuto. Porque, como seu irmão menor, as árvores eram muito burras e alienadas para sentirem medo.*

Ronnie diminuiu o passo um pouco. Tim havia andado para a sombra de um bordo. Para dentro de uma selva de plantas que formavam uma cerca natural ao longo da rua. E talvez para o início do cemitério.

Ronnie engoliu em seco. Um pomo de adão havia começado a se desenvolver e dava para sentir o nó subindo e descendo em sua garganta. Ele parou de andar. Pensou no motivo número cento e um para não entrar no terreno da igreja. Porque — e esse era o melhor motivo de todos, um que

quase deixou Ronnie tonto de alívio — ele era o irmão *mais velho*. Tim tinha que obedecer a *ele.* Se ele vacilasse nem que fosse uma vez só, ouviria "Ronnie, faça isso" e "Ronnie, faça aquilo" para o resto da vida. E ele recebia o suficiente desse tipo de tratamento da Mamãe.

— Rápido — Tim chamou do outro lado da cerca. Ronnie não conseguia ver o rosto de Tim. Não era tão ruim assim. Ele era dentuço, o cabelo loiro parecia palha e os olhos eram meio esbugalhados. Ainda bem que ele estava no quarto ano, e não no oitavo. Porque, no oitavo ano, era preciso impressionar garotas como Melanie Ward, que ria de sua cara em um dia e sentava na carteira a seu lado no dia seguinte, até que você ficasse tão desorientado que não se importaria com coisas do tipo em que diabos o idiotinha de seu irmão estaria se metendo agora. — Saia daí, seu idiota. Você sabe que não pode entrar no terreno da igreja.

As folhas farfalharam onde Tim havia desaparecido dentro dos arbustos. Ele havia deixado sua mochila na grama, no pé de uma árvore. Sua voz esganiçada podia ser ouvida além do emaranhado de galhos e folhas. — Encontrei uma coisa.

— Saia já daí, agora mesmo.

— Por quê?

— Porque eu *mandei*.

— Mas olha o que eu achei.

Ronnie se aproximou. Ele tinha que admitir, estava um pouco curioso, mesmo começando a ficar bravo. Sem falar que estava ficando apavorado. Porque, através das frestas nas árvores, ele podia ver o cemitério.

Uma elevação com grama espessa, bem cortada, interrompida por lajes brancas e cinzas. Lápides. Pelo menos quarenta pessoas mortas, só esperando para se erguerem e —

São só histórias. Você não acredita realmente nessas coisas, não é? Quem se importa com o que Whizzer Buchanan diz? Se ele fosse tão esperto, não estaria com problemas em três matérias.

— Não vamos encontrar o Papai — Ronnie disse. Sua voz tremeu ligeiramente. Ele esperava que Tim não tivesse notado.

— Só um minuto.

— Eu não tenho um minuto.

— Está com medo, é?

Foi o que bastou. Ronnie cerrou os punhos e correu para o ponto onde Tim havia entrado no terreno da igreja. Ele largou sua mochila junto com a de Tim e caminhou pelas plantas amassadas. Cordões peludos de sumagre venenoso corriam pelo chão. Roseiras com ramos vermelhos dobravam-se sobre o peso dos botões. E Ronnie apostaria uma revistinha do Homem-Aranha que havia cobras serpenteando naquela grama alta ao lado da sarjeta.

— Onde você está? Ronnie chamou dos arbustos.

— Aqui.

Ele estava no *cemitério, o imbecil. Quantas vezes Papai tinha dito a eles para ficarem longe do cemitério?*

Não que Ronnie precisasse ser lembrado disso. Mas Tim era desse jeito. Diga a ele para não tocar na boca acesa do fogão, e você sentiria o cheiro da carne queimada dos dedos dele antes mesmo de terminar a frase.

Ronnie se abaixou até mais ou menos a altura de Tim — *linha de visão do idiota* — e viu o cemitério através do caminho que Tim havia pisoteado. Tim estava ajoelhado perto de uma velha lápide de mármore, olhando para baixo. Ele pegou alguma coisa, que brilhou no sol. Uma garrafa.

Ronnie olhou além de seu irmãozinho para as filas irregulares de túmulos. Alguns estavam rachados e lascados, todos gastos nas bordas. Túmulos velhos. Pessoas mortas velhas. Mortas há tanto tempo que provavelmente estavam podres demais para se erguerem do solo e caminhar para a igreja vermelha.

Não, não era mais uma igreja, só um prédio velho que Lester Matheson usava para guardar feno. Já não era uma igreja há uns vinte anos. Como Lester havia dito, parando para cuspir um arco de saliva marrom até o chão, e depois limpando os lábios com o coto do dedão cheio de cicatrizes: — "São as *pessoas* que fazem uma igreja. Sem pessoas, e todas aquelas coisas nas quais elas acreditam, não é nada além de um belo hotel para ratos."

Sim. Belo hotel para ratos. Não há nada de assustador nisso, certo?

Era exatamente como a Primeira Igreja Batista, se parasse para pensar bem. Exceto que a igreja Batista era maior. E a única vez em que a igreja Batista pareceu assustadora foi quando o Pregador Staymore disse que Ronnie precisava de salvação, senão Jesus Cristo o mandaria para queimar no inferno para sempre.

Ronnie continuou abrindo caminho pelos arbustos. Uma roseira prendeu sua camiseta do Arquivo X, aquela que Melanie achava tão bacana. Ele parou e soltou a camiseta, xingando quando um espinho furou seu dedo. Uma gota vermelha brotou e ele ameaçou limpá-la na camiseta, depois decidiu lambê-la.

Tim largou a garrafa e pegou outra coisa. Uma revista. Suas páginas tremularam na brisa. Ronnie saiu dos arbustos e ficou em pé.

E ele estava no cemitério. Nada demais. E se mantivesse os olhos bem à frente, nem teria que ver o belo hotel para ratos. E então, ele esqueceu completamente de tentar não ter medo, por causa do que Tim estava segurando.

Quando Ronnie chegou ao seu lado, Tim fechou a revista rapidamente. Mas não antes que Ronnie tivesse dado uma boa olhada na pele pálida espalhada pelas páginas. As bochechas de Timmy ficaram coradas. Ele havia encontrada uma *Playboy*.

— Dê-me isso — disse Ronnie.

Tim olhou para seu irmão e escondeu a revista nas costas. — Eu... eu que a encontrei.

— Sim, e você nem sabe o que é, sabe?

Tim olhou para o chão. — Uma revista de mulher pelada.

Ronnie começou a rir, mas engoliu o riso ao olhar o cemitério à sua volta. — Onde você aprendeu sobre revistas de garotas?

— Whizzer. Ele nos mostrou uma delas atrás do ginásio, durante o recreio.

— Provavelmente cobrou um dólar por espiada.

— Não, só vinte e cinco centavos.

— Agora me dá a revista, senão conto para a Mamãe.

— Não vai contar.

— Vou sim.

— O que você vai dizer a ela? Que eu encontrei uma revista de mulher pelada e não deixei você olhar?

Ronnie fechou a cara. *Um a zero para o idiotinha.* Ele pensou em pular sobre Tim e pegar a revista à força, mas não precisava ter essa pressa toda. Enganá-lo para pegar a revista seria muito mais divertido. Mas ele não queria ficar parado no cemitério assustador e negociar.

Ele olhou para as outras coisas espalhadas na grama, em volta do túmulo. A garrafa era quadrada e tinha uma tampa preta. Havia alguns centímetros de um líquido marrom dourado no fundo. Ele sabia que era uísque por causa do peru no rótulo. Era do mesmo tipo que a Tia Donna bebia. Mas Ronnie não queria pensar sobre Tia Donna agora, e nem queria pensar sobre estar com medo.

Um boné de beisebol verde estava virado para cima ao lado do túmulo. Ele tinha manchas de suor cinza escuras e a aba estava tão amassada que terminava em uma ponta esfarrapada. Somente uma pessoa amassava a aba do boné daquele jeito. Ronnie virou o boné com o pé. Um boné da John Deere. Era a confirmação de que ele precisava.

— É do Boonie Houck — disse ele. Mas Boonie nunca ia a lugar algum sem o boné. Ele o mantinha puxado para baixo, até a linha das sobrancelhas que, de tão grossa, parecia uma coisa só, os olhos brilhando sob a sombra da aba como bolinhas molhadas. Provavelmente, ele até mesmo tomava banho e dormia com o boné enfiado no topo de sua cabeça enorme.

Um saco de batatas fritas amassado estava ao lado do boné, balançando com a brisa. Ele estava preso no lugar por uma lata fechada de Coca-Cola. O olho cego de uma lanterna aparecia sob a borda do saco de batatas.

Ronnie se abaixou e viu um reflexo prateado. Dinheiro. Ele pegou três moedas maiores, duas de dez e uma de cinco centavos. Havia algumas moedas de um centavo, mas ele as deixou lá e levantou-se.

— Eu lhe dou vinte e cinco centavos pela revista — disse ele.

Tim deu um passo para trás, com as mãos ainda nas costas. Ele se moveu para a sombra de um monumento de pedra bruta, feito de duas colunas segurando uma cruz. Na cruz, havia uma jardineira. Havia pétalas secas de tulipas marrons na terra.

Tulipas. Então alguém havia cuidado do cemitério pelo menos uma vez desde o inverno. Provavelmente Lester. Lester era o dono da propriedade e mantinha a grama cortada, mas isso significava que o fazendeiro mascador de tabaco tinha que prestar homenagem àqueles enterrados lá? Os mortos vinham com a escritura da propriedade?

Mas Ronnie esqueceu de tudo isso, pois acidentalmente olhou por sobre o ombro de Tim. A igreja vermelha estava perfeitamente emoldurada pelas colunas de pedra.

Não, NÃO foi acidentalmente. Você QUERIA vê-la. Seus olhos estiveram rastejando em direção a ela durante todo o tempo em que você esteve no cemitério.

A igreja ficava em uma área ampla, coberta de pedras do riacho, que tinham ficado amarelas e brancas por anos-luz de água corrente. Algumas das pedras tinham saído do lugar, revelando lacunas de escuridão sob a estrutura. A igreja parecia meio instável, como se um vento forte pudesse jogá-la de cabeça para baixo no pé da colina.

A árvore sinistra estava lá, alta e esguia, ao lado da porta. Ronnie não acreditava na história de Whizzer sobre a árvore. Mas se ao menos metade dela fosse verdade —

— Vinte e cinco? Posso levá-la para a escola e conseguir cinco dólares — disse Tim.

A revista. Ronnie não se importava mais com a revista. — Vamos. Vamos sair daqui.

— Você vai tirá-la de mim, não vai?

— Não. Papai deve chegar logo, só isso. Não quero perder a visita dele.

Subitamente, Tim deu outro passo para trás, os olhos arregalados.

Ronnie apontou, tentando avisá-lo sobre o monumento. Tim virou-se e bateu contra uma das colunas, balançando a cruz. A jardineira de concreto virou, jogando uma chuva de terra preta suja sobre a cabeça de Tim. A jardineira rolou por sobre a borda da cruz.

— Cuidado! — gritou Ronnie.

Tim se afastou da coluna, mas o monumento inteiro desabou em câmera lenta. A cruz pesada ia esmagar a cabeça de Tim como se ela fosse uma melancia podre.

Os membros de Ronnie perderam a paralisia e ele pulou atrás de Tim. Algo prendeu seu pé e ele tropeçou, caindo de barriga para baixo. O ar foi expulso de seus pulmões com um sopro forte, e o cheiro de grama cortada encheu suas narinas. Ele sentiu gosto de sangue, e a língua encontrou o corte dentro de seus lábios justamente quando ele descobriu como respirar novamente.

Um barulho forte ecoou pelo cemitério. Ronnie virou a cabeça em tempo de ver a jardineira se despedaçar na base do monumento. Tim deu um grito de surpresa quando estilhaços de concreto voaram em seu peito. As colunas caíram em direções opostas, a do lado de Tim caindo na borda exatamente

acima da cabeça dele. A cruz girou como uma lenta hélice de helicóptero, caindo na coluna acima das pernas de Tim.

Ronnie tentou rastejar até Tim, mas seu sapato ainda estava preso. — Você está bem?

Tim estava chorando. Pelo menos, isso significava que ele ainda estava vivo.

Ronnie deu um chute com o pé. Ele olhou para trás, para o sapato —

NÃO NÃO NÃO

— mão-hambúrguer-cru-vermelho.

Um braço estava esticado em volta do túmulo, um braço cheio de sangue, os dedos nodosos formando uma garra em torno de seu tênis. O osso brilhante e molhado de uma das juntas prendia o cadarço.

MORTOFANTASMAMORTOFANTASMA

Ronnie esqueceu que havia aprendido a respirar. Ele chutou a mão, virou sobre as costas e tentou rastejar para longe. A mão não largava. Lágrimas brotaram em seus olhos enquanto ele batia com o outro pé contra aquela coisa rasgada que o prendia.

— Socorro — ele gritou, ao mesmo tempo em que Tim gemia com seu próprio pedido de ajuda.

As palavras de Whizzer saltavam na mente de Ronnie, juntando-se à montanha de pensamentos desconexos: *Eles prendem você, e depois eles pegam você.*

— Ronnie — ele ouviu o choro fraco de Tim.

Ronnie se contorceu como uma enguia, forçando os olhos a irem do pulso escorregadio para o braço que estava coberto com uma flanela rasgada.

Flanela?

O carrossel de pensamentos em sua cabeça parou subitamente.

Por que um fantasma estaria usando flanela?

O braço estava preso a alguma coisa maior atrás do túmulo.

A mão agarrou o ar com força, tremeu e depois relaxou. Ronnie se arrastou para longe quando os dedos se abriram. O sangue acumulou em uma poça na palma da mão.

Ronnie alcançou Tim e começou a remover os pedaços de concreto da barriga de seu irmãozinho. — Você está bem?

Tim assentiu, riscos pretos de barro no rosto onde as lágrimas tinham escorrido pela chuva de terra da jardineira. Havia um arranhão vermelho em uma das bochechas, mas, fora isso, ele parecia ileso. Ronnie continuava a olhar para trás, para o braço mutilado e seja lá o que for que estava atrás do túmulo. A mão estava imóvel, o sol secando o sangue na palma coagulada. Uma mosca brilhante pousou e começou a beber o sangue.

Ronnie puxou Tim e o soltou do concreto desmoronado. Os dois ficaram parados, Tim limpando a poeira da frente de sua camiseta. — Mamãe vai me matar... — começou ele, e então viu o braço. — Que diabos...?

Ronnie caminhou em direção ao túmulo, com o coração martelando nos ouvidos.

Acima do barulho da pulsação, ele ouvia Whizzer: *Eles têm o fígado nos olhos.*

Ronnie foi em direção à beira do cemitério, com Tim logo atrás dele.

— Quando eu disser para correr... — Ronnie sussurrou, a garganta doendo.

— O-olha lá — disse Tim.

O idiota não tinha cérebro o suficiente para sentir medo. Mas Ronnie olhou. Ele não pôde evitar.

O corpo estava amontoado contra o túmulo, a camisa de flanela rasgada, mostrando a carne despedaçada. A cabeça estava jogada contra o mármore branco, com o pescoço arqueado em um ângulo esquisito. Uma trilha de sangue ia da barba desgrenhada para o chão.

— Boonie — disse Ronnie, a voz um mero sussurro como o vento nas folhas do carvalho.

Havia um caminho amassado na grama, vindo dos arbustos que cercavam o cemitério. Boonie deve ter se arrastado para fora dos arbustos. E seja lá o que for que havia feito aquilo com ele ainda podia estar entre as árvores. Ronnie olhou de Boonie para a igreja. Alguma coisa havia se movido no campanário?

Um pássaro, UM PÁSSARO, seu idiota.

Não a coisa que Whizzer disse que vivia na igreja vermelha.

Não a coisa que prendeu e depois pegou você, não a coisa que tinha asas e garras e o fígado nos olhos, não a coisa que arruinou a cara de Boonie Houck.

E então Ronnie estava correndo, abrindo caminho pelos arbustos, quase sem notar as roseiras que rasgaram o rosto e os braços, os arbustos que furavam a pele, os galhos que batiam nos olhos. Ele ouviu Tim atrás dele — pelo menos, ele *esperava* que fosse Tim, mas não ia se virar para ver, porque agora ele estava na rua de pedras, suas pernas correndo no ritmo do medo — *NÃO-a-coisa, NÃO-a-coisa, NÃO-a-coisa* — e ele não parou para respirar, nem quando passou por Lester Matheson, que estava em seu trator no meio de um campo de feno, nem quando passou pela fazenda Potter, nem quando o velho Zeb Potter gritou o nome de Ronnie da varanda na frente da casa, nem quando o cachorro de Zeb se soltou com um uivo alto, nem quando Ronnie pulou o arame farpado que marcava o limite da propriedade dos Day, nem quando o teto de zinco enferrujado de sua casa apareceu, nem quando ele viu o Ranger de Papai na entrada da casa, nem quando tropeçou na pequena ponte e viu as pedras brilhantes e pontudas no leito do riacho lá embaixo, e ao cair, ele se deu conta de que havia chegado a mais uma curva, havia encontrado mais um jeito para o fim do mundo, mas pelo menos *esse* fim não era tão ruim quanto seja lá o que for que havia mostrado a porta de saída para Boonie Houck.

CAPÍTULO 2

— Por que não me contou?

— Você não entenderia. Não entendeu da primeira vez. — Linda Day fechou as mãos em punhos. Ela podia sentir o cheiro de cerveja em David.

Bêbado às três horas, pensou ela. *Ele não sabe que o corpo é sagrado? Se pelo menos ele fosse um pouco mais como Archer.*

David se aproximou dela. Ela recuou novamente contra a mesa da cozinha. Ele nunca havia batido nela em seus quinze anos de casamento. Mas, também, seu rosto nunca tinha mostrado tal mistura de dor e fúria antes.

Ele balançou os papéis no ar, os lábios finos se contorcendo em uma careta. — Uma mentira. Todos esses anos...

Meu Deus, ele não ia CHORAR, ia? O Sr. Não-é-nada-Vai-sarar daquela vez em que capotou o trator e o osso de seu braço aparecia sob seu casaco jeans?

Ela olhou em seus olhos castanhos úmidos. Quem era ele? O que ela *realmente* sabia sobre ele? Claro, eles tinham estudado juntos no segundo grau, ambos apareceram na Futuros Fazendeiros da América, perderam a virgindade juntos desajeitadamente em uma sexta-feira à noite, no bosque além do campo de futebol da escola Pickett High, nunca namoraram outras pessoas, casaram-se como todos esperavam e — depois daquele pequeno incidente na Califórnia — estabeleceram-se na fazenda da família Gregg depois que o câncer devorou os pulmões do pai dela.

Mais da metade de suas vidas. Nem perto do tempo necessário para entender David.

— Não comece com isso — disse ela.

— Não fui eu quem começou. Você me disse, quando nos casamos, que aquela besteira tinha acabado.

— Eu achei que tinha.

— Achou que tinha? — zombou ele. O rosto dele se contorceu.

— Eu ia contar para você.

— Quando? Depois de me contar outra centena de mentiras?

Ela desviou o olhar, para não ver os olhos dele, vermelhos e intensos. O tablete de margarina sobre o balcão estava começando a derreter com o calor. Duas moscas pretas estavam brincando de pega-pega na tela da janela da cozinha. As rosas que compunham o padrão no papel de parede amarelado pareciam precisar de água. — Não é assim.

— Claro que não. — Um bafo de cerveja acompanhou suas palavras. — Quando a esposa de um cara recebe cartas de amor de outro homem, isso não é nada com que se preocupar, certo?

— Então você as leu.

— É claro que li. — Ele se aproximou, ameaçador, um metro e noventa, com os ombros largos de tanto erguer fardos de feno.

— Então talvez você tenha notado que a palavra 'amor' não aparece em nenhuma delas.

Ele parou. Linda pensou em recuar para a entrada do saguão, mas ela estava se esforçando para não demonstrar medo. Archer disse que medo era para os fracos, para aqueles que se amontoavam aos pés de Cristo.

A testa de David franziu. — Há muitos tipos diferentes de amor.

Ela observou o rosto dele. Nariz quebrado duas vezes. Uma cicatriz esbranquiçada em um canto da boca. Um queixo forte, com o qual se poderia forjar aço. A pele bronzeada por anos de trabalho ao sol. Ela tinha mesmo amado o homem que tinha aquele rosto?

— Só há um tipo de amor — disse ela. — O tipo que tivemos.

— O tipo que você e Archer tiveram.

— David, por favor, escute.

Ele esticou o braço. Ela arfou e se inclinou para longe dele. Mas ele não a tocou, apenas bateu na lata de café da mesa atrás dela. A lata bateu no balcão, caindo sob a pia, e a tampa se soltou, jogando uma chuva de pó marrom pelo chão de vinil. O cheiro forte de café engoliu o bafo agridoce de David.

Seus dentes estavam à mostra. Grandes e quadrados. Tão apertados que o maxilar tremia.

Linda se moveu ao longo da borda da mesa para a direita. Havia uma faca no balcão, uma camada de queijo seco impedindo que a lâmina brilhasse. Se ela tivesse que —

Mas David se virou, com os ombros caídos estremecendo.

David nunca havia chorado, pelo menos não na frente dela. Mas desde que encontrou as cartas, ele estava fazendo muitas coisas que nunca tinha feito antes. Como beber muito. Como deixá-la.

— Queri... — ela parou. — David?

Suas botas de trabalho soaram no chão quando ele se afastou. Ele parou na porta de trás e se virou, olhando para as cartas em sua mão. As lágrimas brilhavam em um lado do rosto, mas a voz estava baixa, resignada. — Archer McFall. Muito engraçado. Quem você convenceu a fazer isso?

— Fazer o quê?

— Nós dois sabemos que não é Archer, então pare de mentir. É um de seus amiguinhos da Califórnia?

Linda sacudiu a cabeça. *Ele não entende. E eu tinha esperanças de que ele se juntasse a nós.* — Não, não é ninguém.

— Ninguém? *Ninguém* escreveu cartas para você enquanto o bobão do David Day trabalha com um martelo e come serragem dez horas por dia, mas *ele* não se importa, porque tem uma família maravilhosa esperando em casa toda noite, para cobri-lo de amor e mentiras?

Sua figura enchia a porta, bloqueando a visão do celeiro e do pasto adiante. O interior da casa escureceu quando uma nuvem passou pelo sol. — Eu já falei, não é como você pensa — disse ela.

— Claro. Archer McFall simplesmente entrou de novo em sua vida, na mesma época em que você começou a receber as cartas. É uma enorme coincidência.

— Não se trata de Archer ou do Tempo. É sobre *nós*.

Ele balançou as cartas novamente. — Se é sobre nós, por que não me contou sobre elas?

— Eu ia contar.

— Quando? Depois que o inferno terminasse de congelar?

— Quando achasse que você estivesse pronto para ouvir.

— Você quer dizer quando eu estivesse pronto para engolir isso tudo, completamente. E me afundasse naquela mesma confusão que você. Eu achei que você tivesse aprendido a lição na última vez.

A nuvem passou e o sol iluminou as manchas na janela. Ela olhou além delas para o quadrado avermelhado no jardim, nas pequenas filas verdes que começavam a se espichar em direção ao céu, e depois olhou além, para a silhueta das montanhas que impediam que a Carolina do Norte invadisse o

Tennessee. Duzentos acres de terra dos Gregg, cada centímetro com pedras e manchas, cada freixo, bétula e álamo impresso em sua pele, cada litro de água do riacho correndo por suas veias como sangue. Ela era de família antiga tanto quanto os outros, e famílias antigas pertenciam aos McFall.

— São somente cartas — disse ela. — Isso não significa que vou voltar.

— E, para começo de conversa, por que você teve que se envolver?

— Isso foi há quase vinte anos. Eu era uma pessoa diferente naquela época. *Nós* éramos pessoas diferentes.

— Não, *você* era diferente. Eu ainda sou o mesmo. Só um caipira das montanhas que acha que, se você fizer suas orações e viver direito, não pode ser derrotado por ninguém. Mas acho que eu estava errado.

— Não pode me culpar mais por aquilo, não é? — Mas seus olhos responderam à pergunta dela, tornando-se duros e estreitos. — Não sabe como achei que seria horrível ficar presa aqui em Whispering Pines para sempre? Ficar por aqui e cuidar de sete crianças, com nada no futuro além da próxima estação de colheita? Ser como minha mãe, com os dedos tão nodosos como vagens, de tanto que teve que trabalhar? Que tipo de vida é *essa*?

— É boa o suficiente para mim. Eu não precisei fugir para a Califórnia.

— Eu devo ter pedido a você uma dúzia de vezes para ir comigo.

— E eu pedi uma dúzia de vezes mais uma que você ficasse.

— Você só tinha medo de me perder.

Ele abaixou a cabeça e balançou-a lentamente. — Eu acho que tinha — disse ele, quase um sussurro. — O problema é que levei esse tempo todo para descobrir isso.

— As crianças chegarão logo — disse ela. — Ronnie está ansioso para ver você.

Ele levantou as cartas novamente. — Você não vai arrastá-los para essa bagunça, vai? Porque, pelo amor de deus, se o fizer —

A ameaça ficou pairando no ar como um machado.

— Archer não é assim. — Linda disse aquilo como se não acreditasse totalmente em suas próprias palavras.

— Você disse que o grupo se desfez.

— Eu... a maioria de nós partiu. Eu não sei. Quando disseram que ele estava morto, eu —

— Ele está morto. Agora, a pergunta é, quem está tentando trazer *isso* de volta? David levantou uma das cartas, mais como efeito do que qualquer outra coisa. Porque Linda sabia perfeitamente bem o que havia na carta.

Ela podia ver o símbolo do outro lado da sala, mesmo estando amontoado no canto superior direito. Parecia um daqueles símbolos egípcios, mas a cruz tinha dois círculos em cima. Dois sóis. O Templo dos Dois Sóis.

Não que ela precisasse vê-lo, pois tinha certeza agora de que ele estava impresso em seu cérebro, que o seu poder tinha atravessado os anos e três mil milhas, penetrando nas muralhas brancas grossas de sua fé renovada em Jesus. Pois, no fim das contas, só havia um verdadeiro salvador. E seu nome era Archer McFall.

Se pelo menos David abrisse o coração. Claro, ele havia nascido com sangue batista, havia sido mergulhado no rio abaixo da igreja vermelha para que seus pecados pudessem ser lavados, havia dado o dízimo, mas a fé era muito mais do que rituais, escrituras e orações. Seu próprio coração estava inchando novamente, florescendo, abrindo-se como uma flor sob um sol brilhante. Não, sob dois sóis. O dobro do amor. Se pelo menos ela pudesse compartilhar aquilo com David. Mas ele não entenderia. Ele estava cego por Jesus, como todos os outros.

David a observava cuidadosamente, esperando sua reação. Ela engoliu o sorriso e deixou o rosto sem expressão.

— O Templo — disse ele, com uma careta. — Você jurou que tinha deixado isso para trás. Mas acho que eu sou o tolo.

— Ele não está pedindo dinheiro.

David riu, um som amargo. Ele esfregou a testa com a mão direita. — Provavelmente é a única coisa que ele não está pedindo, seja lá quem for.

— Como você leu as cartas, sabe exatamente o que ele quer.

— Sim. Ele levantou uma das cartas. — 'Sentimos sua falta, irmã' — leu em voz alta.

— E é tudo.

— 'Haverá grandes provações, mas nos banhamos na luz da fé.' – Ele passou para a próxima carta. — 'A rocha foi movida.'

— Onde está o amor nisso? — Linda estava lutando para mostrar desinteresse. David não era de uma das famílias antigas. De qualquer forma, ela tinha sido boba ao achar que Archer o aceitaria.

— Onde está o amor? Onde está o *amor*? Ora, bem aqui, no final, onde diz 'Seu para sempre, Archer McFall'. Em cada uma delas.

— Talvez ele não tenha morrido. Ou talvez alguém tenha começado o grupo novamente e esteja usando o nome dele. É só isso. Não me importa o que seja.

Mas SIM, eu me importo. Sempre me importei, mesmo quando pensou que você e seus amigos cristãos haviam me "curado". Sempre houve um lugarzinho escondido em meu coração para Archer.

À medida que David ia ficando sóbrio, seus olhos clareavam um pouco, mas mantinham sua ferocidade. — Tanto não se importa que nem se deu ao trabalho de jogar as cartas fora, hein?

— Não significa nada para mim.

— É mesmo? — David começou a amassar as cartas em uma bola.

A boca de Linda se abriu e seu braço se esticou por conta própria.

David sorriu, mas era um sorriso triste, do tipo que se veria em um mártir relutante. Ele amassou o papel em uma bola dura e o jogou no chão, aos pés dela. — Eu o vi vir até aqui. Semana passada. Saí do trabalho e me escondi na colina para vigiar a casa. Só eu e umas latinhas de cerveja. Eu estava, na verdade, curioso para ver se você também estava mandando cartas.

— Seu idiota.

David lambeu os lábios. — Dez da noite é o horário normal de reunião?

Linda sentiu o sangue fugir do rosto. O quanto ele sabia?

— Ele conseguiu uma Mercedes. Acho que esse negócio de 'culto' paga muito bem.

— Não era — ela começou.

David assentiu. — Eu sei. Não era Archer McFall. Então por que não me diz quem realmente era?

Linda imaginou quantas vezes David havia vigiado a casa, lá do bosque. Ou se ela podia acreditar em qualquer coisa que ele dissesse.

Confiança. Essa era boa.

David se aproximou dela lentamente. Linda parecia um veado congelado pelos faróis do ódio dele. Ela olhou para baixo quando a bota dele esmagou a bola de cartas.

— Há quanto tempo? — perguntou ele, com os olhos cheios de lágrimas novamente. Era como se o reservatório estivesse enchendo a vida inteira e,

finalmente cheio, tinha que vazar um pouco ou explodiria.

— *Não é assim*. — Ela olhou novamente para a faca de açougueiro no balcão, quase chorando também.

Ele deu outro passo ameaçador. — Eu fiquei imaginando por que você estava agindo de forma estranha ultimamente. E por que você não estava indo à igreja.

Linda respirou fundo e disparou da mesa para o balcão da cozinha. David estava próximo, atrás dela, e a agarrou quando ela se virou. As mãos dele eram como ganchos de aço na parte de cima de seus braços, segurando-a com firmeza, mas sem apertar o suficiente para deixar marcas.

Ela o encarou no rosto, o rosto de um estranho, com seus olhos arregalados. Ela nunca havia notado como eram profundos os dois sulcos na testa dele. Suas bochechas estavam escuras com a barba por fazer. Ele parecia velho, como se todos os seus trinta e sete anos tivessem sido jogados sobre ele nas últimas semanas.

— Diga-me quem é — ele disse.

Ela tremeu sob a força de suas mãos. Aquelas mãos tinham-na tocado tão carinhosamente à noite, tinham acariciado sua barriga suavemente quando ela estava grávida dos garotos, tinham colocado margaridas atrás de suas orelhas quando eles iam passear no campo de feno. Mas agora elas eram cruéis, as carícias esquecidas, a paixão nelas de um tipo diferente.

Ela virou o rosto, temendo que ele visse o medo em seus olhos. A faca estava ao lado de uma tigela de sorvete derretido, ao alcance. Mas David segurou seu queixo e virou os olhos dela para os dele novamente.

Archer havia avisado a ela qual seria o preço da crença. Perseguição. Dor. A perda de tudo que era humano. Ela podia ouvir a voz de Archer agora, derramando-se dos gêiseres em seu coração. *Haverá grandes provações. E grandes sacrifícios. Porque sacrifício é a moeda de Deus.*

Mas a recompensa era maior do que o sacrifício. A crença seria paga cem vezes. Agora, a devoção trouxe o amor inabalável de Archer para a quarta geração. Render-se a ele significava que seus filhos colheriam os resultados. Ela vinha dizendo isso a si mesma desde que Archer e o Templo dos Dois Sóis reclamaram seu coração. E ela lembrou-se disso agora, presa nas garras de David.

Ele nunca a havia machucado antes. Mas Archer disse que, aqueles que não entendiam, sempre apelavam para a violência, pois a violência era o

caminho do Deus deles. Era por isso que o mundo tinha que acabar. Das cinzas de seu fogo divino viria—

— Quem *é*? — perguntou ele.

Ela gemeu por entre os dentes cerrados. David relaxou o aperto até que a boca dela pudesse se mover. — Ahh-Archer.

— Archer. Não minta para mim, que droga. — Ele apertou os dedos novamente.

Ela tateou com a mão esquerda, passando-a pela borda do balcão e sentiu a borda fria da tigela. Se pelo menos ela conseguisse mantê-lo falando. — É ele. E ele não me quer... daquele jeito.

— Não pode ser Archer.

— Ele retornou.

David deu uma gargalhada. — A segunda ascensão. Eles *realmente* pegaram você de novo, não é?

— Não, eu quis dizer que ele retornou para Whispering Pines. — A mão dela contornou a tigela e encostou na madeira. Seus dedos envolveram o cabo da faca. Archer disse que, algumas vezes, você precisa usar fogo contra fogo, mesmo se isso significasse descer ao nível deles. Mesmo se fosse um pecado.

— Você disse que ele estava *morto*.

— Eles disseram... Eu pensei... Eu nunca vi o corpo dele.

— Não é Archer.

— É ele. Você sabe que eu nunca o trairia.

David tirou a mão esquerda do braço dela e recuou o braço. Ele ia bater nela. Ela agarrou a faca de açougueiro, segurou-a na palma da mão, os dedos em torno do cabo, e todas as velhas memórias inundaram sua mente, toda a energia, o poder e a pureza que Archer havia prometido e dado a ela. Ela ergueu a faca.

David a viu e deu alguns passos para trás facilmente. A lâmina cortou o ar a uns trinta centímetros do rosto dele. Ele pulou para a frente e, enquanto o braço dela descia, ele segurou seu pulso. A faca caiu no chão.

Ambos olharam para ela. O silêncio encheu a sala como a morte enchia um caixão.

Uma galinha cacarejou no quintal. Em algum lugar na colina, na direção da fazenda Potter, um cachorro soltou um uivo longo. O motor de um trator

murmurou à distância. O relógio na sala de estar tiquetaqueou seis vezes, sete, oito. David esticou o pé e chutou a faca para um canto.

Ele soltou o ar, esvaziando sua raiva. — Então foi nisso que chegamos.

— Eu não queria—

— É isso que eles pregam? Esfaquear seu próprio marido?

— Eu... você me assustou. — As lágrimas saltaram dos olhos dela, enquanto as de David secaram, provavelmente para sempre. — Achei que você fosse me bater.

— Sim. — Ele estava calmo novamente, um morto-vivo, um homem que não faria mal a uma mosca. — Acho que você nunca conseguiu confiar em mim, não é? Não da maneira como confia neles.

— Eu não menti para você.

— Quando?

Archer estava certo. A dor era um preço pequeno. A fé exigia sacrifício. — Quando nos casamos, e eu disse que havia acabado. Eu acreditava na época.

— E eu acreditei também. Acho que você não é única tola na família.

— David, por favor. Não torne isso pior do que precisa ser.

— Muito bem. Ele abriu os braços em rendição. — Acho que não importa quem é. Só não vejo por que você teve que inventar essa história sobre o culto.

— Não é um culto.

— E Archer McFall simplesmente entra de novo em sua vida, vinte anos depois de morrer. Você deve estar realmente louca, ou então pensa que eu estou.

Archer sempre disse que retornaria. Como ela pôde duvidar dele?

Fácil. Seu mundo foi tirado de você, e você voltou a essa vida segura, normal, temendo a Deus, e entrou nela como se fosse uma segunda pele. Você escondeu o coração como se ele estivesse separado do amor, da maternidade e da vida. Mas essa vida normal era uma grande mentira, não era? Talvez David estivesse certo, mesmo que estivesse certo sobre a coisa errada.

— Acho que vou pegar os garotos, então — disse ele, e um calafrio correu pelo corpo dela, congelando-a até os ossos.

— Não. — Ela se aproximou dele.

— Qualquer juiz nessas bandas me daria a custódia. Não se preocupe, não vou reivindicar a fazenda. Ela é sua por direito, como uma Gregg, mesmo que não haja outro motivo.

— Os garotos não — ela gemeu. Ela bateu com os punhos no peito dele. Ele não tentou impedi-la.

Os socos enfraqueceram e ela desmoronou, segurando a camisa dele para se apoiar. Ele a segurou para que não caísse. Ela não sentiu nada no abraço dele.

— Como vamos contar aos garotos sobre nós? — Ela fungou.

— Eles já sabem. Não são bobos.

— Eu pensei... Não sei o que eu pensei. — Mas Linda sabia exatamente o que pensara. Ela pensara que as crianças eram dela, para amar e proteger, e para mostrar a alegria da adoração no Templo dos Dois Sóis. Para levá-los até Archer, para que as gerações fossem poupadas.

— Agora pare de chorar. Eles estarão aqui a qualquer momento.

Ela o amaldiçoou por tentar ser forte. Agindo como se ela não importasse. Os olhos dela foram para a faca no canto.

— Não faça isso, Linda. Eu odiaria se isso fosse mencionado na audiência da custódia.

Imbecil adorador de Jesus. Mas ela não perderia a esperança. Archer saberia o que fazer. Archer iria—

— Você ouviu aquilo? — David perguntou, soltando-a.

— Ouviu o quê? — Ela esfregou os braços, tentando apagar da memória seu toque rude.

David foi até a porta. Linda pensou sobre a faca. Não, se ela usasse a faca, com certeza eles tirariam as crianças dela. Ela ouviu algo que parecia um bezerro preso nos arbustos gritando com todas as forças.

— É Ronnie — disse David, pulando da varanda e correndo em direção ao riacho que dividia um pedaço de pasto do jardim da frente.

Ronnie corria pelo pasto, gemendo e gritando, sacudindo os braços. Tim estava bem atrás, correndo pela estrada e, mesmo àquela distância, Linda viu que seu filho mais novo havia perdido os óculos.

Ronnie chegou na pequena ponte de madeira que atravessava o riacho, uma ponte que nada mais era do que algumas tábuas sobre dois troncos. Seu pé ficou preso em um buraco nas tábuas e seu grito subiu uma oitava,

enquanto ele caía no leito rochoso do riacho. O grito dela ficou preso na garganta.

David chegou ao riacho e pulou para onde Ronnie estava caído. Linda correu pelas pedras atrás dele. Ronnie estava virado com a barriga para baixo, suas pernas na água rasa. Sua cabeça estava sobre uma grande pedra plana. Uma trilha de sangue corria pela superfície da rocha e caía no riacho, onde era rapidamente levada pela água.

— Não o mova — Linda gritou.

David olhou para ela e ajoelhou-se ao lado de Ronnie. O garoto gemeu e levantou a cabeça. Seu nariz estava sangrando. Seu lábio estava inchado.

Ele gemeu novamente.

— Quê? — David perguntou.

Dessa vez, Linda estava perto o suficiente para ouvir o que ele estava dizendo.

Os lábios de Ronnie separaram-se novamente. — Uhr-igreja vermelha.

Seus olhos miravam ao longe, vendo nada, vendo demais.

CAPÍTULO 3

O delegado Frank Littlefield olhou para o topo da colina, para a igreja e aquele álamo monstruoso que pairava ao lado dela como um guardião. Ele sempre odiara aquela árvore, desde que era um garoto. Ela não tinha mudado muito desde a última vez que ele havia pisado no cemitério. Mas *ele* havia mudado, o mundo havia mudado e Boonie definitivamente também.

Os jovens ficam velhos e os mortos ficam mais mortos, ele pensou ao estudar o campanário cheio de sombras em busca de movimento.

— O que você acha que fez isso? — perguntou o Dr. Perry Hoyle, o médico-legista do Condado de Pickett.

Littlefield não virou o rosto para o homem imediatamente. Em vez disso, ele olhou além da torre da igreja para o sol se pondo atrás da cruz quebrada. A cruz jogava uma longa sombra irregular sobre o verde do cemitério. Alguém estava cortando feno. Littlefield podia sentir no vento o cheiro da grama esmagada. Ele coçou a cabeça, que tinha o cabelo cortado bem rente.
— Você é o legista.

— Animal selvagem, é meu palpite. Leão-da-montanha, talvez. Ou um urso-negro.

— Tem certeza de que não foi alguém com uma faca ou um machado?

— Não é muito provável. As feridas são muito irregulares, para começo de conversa.

Littlefield soltou a respiração aliviado. — Então acho que não podemos dizer que foi um assassinato.

— Provavelmente não.

Um dos agentes estava vomitando nos arbustos, na beirada do cemitério.

— Não jogue isso em cima das provas — Littlefield gritou para ele. Ele voltou-se para Hoyle. — Um urso-negro não atacaria um homem, a não ser que os filhotes estivessem ameaçados. E teria que ser um enorme leão-da-montanha.

— Eles chegam a quase cem quilos.

— Mas estão extintos nessa área.

— Um dos professores da universidade de Westridge acredita que os leões-da-montanha estão voltando para esses lados.

Littlefield continuou a coçar a cabeça. Ele tinha acabado de cortar o cabelo na barbearia do Ray, um bom trabalho que deixava o vento e o sol chegarem ao couro cabeludo. O departamento achava que ele usava o estilo curto para conseguir uma aparência severa, mas a verdade era que ele gostava do formato de seu crânio. E o chapéu encaixava melhor quando ele ia à Taverna Borderline para jogar os pés para cima enquanto ouvia música country nas sextas-feiras à noite. Boonie também costumava dançar no Borderline. Quando ele ainda tinha pés.

Os dois homens ficaram quietos e olharam para a igreja por um instante. — Nunca houve muitos momentos felizes aqui — disse Hoyle.

Littlefield não mordeu a isca. Ele ficou irritado por Hoyle estar tentando entrar naquele assunto. Algumas coisas só serviam para serem esquecidas. Ele fechou a cara para o passado com a mesma facilidade com que teria colocado uma máscara de super-herói de plástico.

— Quem encontrou o corpo? — Hoyle perguntou rapidamente.

— Dois garotos que vivem adiante na estrada. Eles estavam caminhando da escola para casa essa tarde.

— Eles devem ter ficado terrivelmente perturbados.

— Diabos, *eu* estou perturbado, e você sabe que já vi muita coisa.

— O que eles disseram a você?

— O mais velho, que tem uns treze anos, caiu ao correr para casa e machucou o rosto. Ele ficará bem, mas, por algum motivo, ficou muito mais perturbado do que o garoto menor. Ficava murmurando 'a igreja vermelha' sem parar.

— Que idade tem o garoto menor?

— Nove. Ele disse que viu umas coisas jogadas no cemitério e atravessou os arbustos para ver o que era. Disse que viu um boné, uma lanterna e uma garrafa de uísque, mas que não tocou em nada. Ronnie, o garoto de treze anos, voltou para ver por que ele estava demorando tanto, e foi quando a vítima deve ter se arrastado para fora dos arbustos e o segurou.

Littlefield não gostava da ideia de chamar Boonie Houck de vítima. Boonie era um cara legal. Um pouco assustador e completamente

preguiçoso, mas ele ia à igreja nas manhãs de domingo e sabia-se que votava nos republicanos. Ninguém merecia morrer daquele jeito.

Parecia que Hoyle precisava de uma xícara de café, talvez com algumas gotas de brandy. — Ele viveu muito mais tempo do que deveria com esses tipos de ferimentos. Meu palpite é que foi atacado em algum momento no começo da manhã, entre a meia-noite e a alvorada.

O estômago de Littlefield revirou-se um pouco. Como Boonie se sentiu, deitado nos arbustos, pensando sobre o ferimento entre suas pernas, sabendo que, seja lá o que for que o havia rasgado, estava lá fora, no escuro? — Você vai mandá-lo para o legista estadual?

— Acho que preciso. Eles podem ter um palpite melhor do que o meu. — Hoyle puxou um lenço do bolso do casaco e limpou o suor da cabeça calva. — A imprensa vai querer saber alguma coisa.

— Que maravilha.

— Além do mais, se for um animal selvagem, pode ser que a raiva esteja à solta. Isso poderia deixar um animal louco e fazer uma coisa dessas.

— Também não temos isso aqui há muito tempo.

— Os tempos mudam.

O delegado assentiu. *Você tinha cabelos, e eu servia para alguma coisa. Boonie estava vivo e a igreja vermelha era branca.*

— Avise-me quando estiver pronto para levá-lo — Littlefield disse. — Vamos juntar os pedaços.

Ele não sentia inveja de Hoyle. O caminho até Chapel Hill levara cerca de quatro horas. Boonie estaria fedendo muito quando a viagem chegasse ao final. Mas Littlefield decidiu guardar sua pena. Diferentemente de Boonie, pelo menos Hoyle voltaria.

Littlefield bateu de leve no ombro do médico-legista e foi examinar os objetos que estavam na grama, em sacos plásticos transparentes. Ele se abaixou sobre o saco que tinha uma revista pornográfica. Ele sufocou um estranho desejo de folhear suas páginas.

Um flash de câmera estourou. — Delegado, pode se afastar para o lado, por favor?

Ele olhou para cima. A detetive Sheila Storie acenou com o braço. Ela estava tirando fotografias da cena do crime.

Não, não uma cena de CRIME, Littlefield relembrou a si mesmo. *Um acidente. Um ACIDENTE trágico, violento, inexplicado.*

O tipo de coisa que acontecia com frequência demais em Whispering Pines. Mas Littlefield estava aliviado por saber que um psicopata com um conjunto de facas não estava à solta em sua jurisdição. Houve um desses no pé da montanha, em Shady Valley, há alguns anos, e o caso nunca foi solucionado. *Policiais ineptos desgraçados da cidade.*

Ele já sabia que colocaria Storie como encarregada da investigação. Quando chegaram e viram a bagunça, ela nem mesmo piscou, simplesmente pegou sua prancheta e a fita métrica e começou a trabalhar. Na opinião de Littlefield, ela era jovem demais para ser tão indiferente à morte. Mas, talvez ela fosse um pouco como ele. Talvez fosse o tipo de coisa que fazia deles policiais.

É preciso se manter fora disso tudo. Não se deixar afetar. Não importa o que façam, não importa o que o mundo tire de você.

— O que você acha disso? — ele perguntou a Storie.

Os olhos eram de um azul profundo o suficiente para ocultar tudo, tão vagos quanto a lente de sua câmera. — Trauma extenso. Morte provavelmente por exsanguinação.

O sotaque educado da cidade grande de Storie sempre o surpreendia, apesar de saber que já devia ter se acostumado com ele. A maioria das pessoas achava que ela era uma moradora local, até que a ouvissem falar. — É o que Hoyle diz. Mas ele chama isso de 'sangrar até a morte'.

— A não ser que o choque tenha acabado com ele antes. Mas o resultado foi o mesmo. Não vejo tanto sangue assim desde aqueles filmes educacionais para motoristas que passavam no colégio. — Ela deu dois passos para a direita e bateu outra fotografia, deixando então a câmera pendurada pela alça por sobre o peito.

— Deve ter demorado bastante. Você olhou os arbustos para onde ele rastejou depois do ataque?

— Sim, senhor. Ele deixou alguns pedaços lá.

Littlefield engoliu um princípio de náusea.

— Há pegadas que partem desse túmulo aqui, onde os garotos disseram que encontraram as coisas. Elas são profundas, vê? — Ela apontou para a grama afundada. As pegadas menores dos garotos também eram visíveis. Mas as de Boonie eram claramente marcadas pelos riscos grossos de suas botas.

— Isso significa que ele estava correndo, certo?

— Ele deve ter visto ou ouvido, seja lá o que for, e ficou assustado. Provavelmente foi atacado logo antes de começar a correr.

— Por que diz isso?

— O sangue aqui está coagulado e praticamente seco. O sangue lá — ela acenou para a trilha espessa de gosma onde Boonie havia rastejado para fora dos arbustos — não está tão oxidado.

Littlefield assentiu e passou a mão no couro cabeludo. A brisa mudou de direção e, agora, ele podia sentir o cheiro de Boonie. Uma pessoa nunca se acostuma com o odor da morte. A detetive nem mesmo torceu o nariz.

— Hoyle acha que foi um leão-da-montanha — disse Littlefield.

Ela balançou a cabeça. Os cabelos castanhos, um pouco abaixo da altura dos ombros, balançaram. — Animais selvagens normalmente atacam o pescoço se estiverem tratando a vítima como presa. Há algumas feridas em torno dos olhos, mas não são muito piores do que os outros ferimentos. E não parece que a vítima tivesse encurralado um animal que se sentisse forçado a se defender.

Littlefield ficava constantemente surpreso com o nível de instrução que os novos agentes recebiam. Para começar, um diploma em Justiça Criminal. Depois treinamento estadual, sem mencionar seminários extras ao longo do caminho. Littlefield havia deixado de fazer essas coisas havia muito, pelo menos aquelas que não o ajudavam politicamente.

Ou talvez Storie tivesse instrução demais para seu próprio bem. Frank sabia que, sendo uma mulher em um departamento rural, ela precisava ser duas vezes mais esperta, fria e sarcástica que os outros. Ela não podia sair para tomar cerveja após o expediente.

Preste atenção, mas que droga. Caso esteja ficando senil e não se lembre, um de seus eleitores está juntando moscas muito antes do que deveria.

— Então, você não necessariamente acredita na teoria do ataque de um animal? — perguntou ele.

— Eu não disse isso. Só disse que, se *foi* um animal, seu comportamento não foi natural. — Ela olhou pela fileira de túmulos até onde o cemitério terminava, próximo à floresta e franziu a testa.

— O que foi? — perguntou Littlefield.

— A coisa que mais me incomoda.

Se STORIE está incomodada... Um leve calafrio subiu pela espinha de Littlefield, alojando-se na base do pescoço.

— Não há rastros de animais — disse ela.

O maxilar do delegado enrijeceu. Então era *isso* que o estava incomodando desde que ele chegou à cena. As garras de um animal teriam arrancado pedaços do chão, especialmente se ele estivesse atacando.

— Droga — sussurrou ele.

— Nenhum traço significa que não há respostas fáceis. — Ela soou quase contente. — Também não há outras pegadas humanas.

Storie tinha desvendado um caso grande no ano anterior, em que um ex-policial havia carregado um corpo até as montanhas para desova. Perp era um cara grande e fanfarrão que vivia se gabando de que nunca seria pego. Bem, Storie pegou o caso dele e foi tão a fundo que os advogados dele tiveram que recitar as escrituras no tribunal para evitar que ele recebesse uma injeção letal. A condenação teve cobertura estadual e a fotografia de Storie apareceu nos dois jornais locais.

Esse parecia ser mais um desses mistérios de grande exposição que, se ela conseguisse solucionar, a tornaria uma candidata legítima a delegada. Se ela concorresse contra ele, a aparência dela seria uma enorme arma a seu favor. Mas o sotaque a prejudicaria um pouco.

— Diga-me, Sargento. O que você acha que fez isso? — perguntou ele.

— Posso dizer com toda honestidade que não faço a menor ideia, senhor. — Ela cruzou os braços sobre a câmera.

— Alguma chance de que alguém o tenha feito com uma arma afiada, sem deixar pegadas que pudéssemos ver?

— O padrão dos ferimentos parece aleatório, à primeira vista. Mas o que me incomoda é a natureza ritualística das áreas feridas.

Áreas? Littlefield queria lembrar Storie de que aqueles eram pedaços de corpo preciosos de Boonie Houck. Mas ele só assentiu para que ela continuasse.

— Olhe os ferimentos maiores. Primeiro, há os olhos.

— Nós ainda não os encontramos.

— Exatamente. Aquele é um ponto inconveniente para um animal enfurecido alcançar. De qualquer forma, é improvável que uma garra arrancasse ambos os olhos.

— A não ser que estivessem brilhando e, de alguma forma, tivessem atraído a atenção do animal. A lua estava quase cheia ontem à noite.

— Muito bem. Vejamos a mão. Parece que o animal teria começado a mastigar em um ponto mais macio.

— Talvez ele tenha feito isso.

— Isso nos traz ao ferimento fatal.

— Agora, isso ainda não foi determinado. — Littlefield sentiu o sangue subir às bochechas.

— Eu vi o rasgão na parte da frente das calças dele. — Ela levantou a câmera. — Eu tirei fotos, lembra-se?

— Acho que sim. — Ele sentiu a língua grossa.

— Com a perda de tanto sangue, estou surpresa que ele tenha sobrevivido tanto tempo.

— Você disse que as feridas eram ritualísticas. O que isso tem a ver com seu... uh...

— Pênis, delegado. Você pode falar essa palavra na frente de uma mulher hoje em dia.

— É claro. — Seu rosto ficou quente de vergonha. Ele olhou para as montanhas, pensando como adoraria estar caminhando à beira de um riacho agora, atirando uma mosca feita à mão pelas correntes prateadas, com o cheiro das pedras molhadas e do barro apodrecido em suas narinas. Sozinho. Em qualquer lugar, menos aqui, com sangue, com a igreja vermelha e com Sheila Storie. — Então, o que isso significa?

— Pode não significar nada. Ou pode significar que há uma personalidade deturpada à solta. — O brilho em seus olhos denunciou sua crença na última opção. Ou talvez só estivesse esperançosa.

— É porque também não encontramos ainda... a outra parte?

— Eu ainda não sei.

— Acha que devemos chamar o pessoal da estadual? — Littlefield sabia que Storie ficaria irritada de ter que entregar o caso para a Agência Estadual de Investigação. Ela gostaria de tentar primeiro.

— É sua decisão, delegado.

— Acho que teremos que esperar pelo relatório do legista estadual. Hoyle o está enviando para Chapel Hill.

— Bom.

Littlefield tentou ler a expressão dela. Mas o sol estava batendo em seu rosto e os olhos semifechados não revelavam nada. Ele sabia que ela achava que Perry Hoyle tinha tanta sofisticação forense quanto um açougueiro. Provavelmente o departamento inteiro era uma piada para ela. Bem, afinal de contas, ela era da cidade grande. — Hoyle não acha que os ferimentos tenham sido causados por uma arma.

— O senhor pediu minha opinião.

Littlefield olhou para a igreja sobre a colina. Subitamente, parecia que alguém havia enfiado uma mão gelada em sua garganta e apertado seu coração. Seu irmão Samuel estava no teto da igreja, acenando e sorrindo.

Seu irmão morto Samuel.

Littlefield piscou e viu que a ilusão era somente um pedaço de telha cheio de musgo.

Ele suspirou. — Vou colocar você como encarregada da investigação.

Storie quase sorriu. — Farei o melhor possível, senhor.

Littlefield assentiu e passou sobre as cordas que marcavam pedaços da cena. Ele ajoelhou-se ao lado do monumento caído. — O que você acha disso?

— As pegadas dos garotos vêm até aqui. Eu diria que foi vandalismo. Túmulos caídos sempre foram os favoritos. Talvez eles estivessem fazendo bagunça quando a vítima os ouviu e tentou se arrastar para fora dos arbustos.

— Mas eles teriam ouvido os gritos de Boonie. — Ele se interrompeu. Boonie não teria chamado, pelo menos com nada mais articulado do que um grunhido. E a língua de Boonie também tinha sido arrancada.

Hoyle o salvou da situação difícil. — Terminamos aqui, delegado — chamou o legista. Littlefield se retraiu e começou a se virar.

— Eu cuido disso, senhor — disse Storie. — O caso é meu, lembra? Posso ver algo que tenha escapado nas duas primeiras vezes.

Ela estava certa. Os ombros de Littlefield se curvaram um pouco com alívio. Ele esperava que Storie não tivesse notado, mas ela não deixava escapar quase nada. Ela tinha olhos de detetive, apesar de ser mais fácil olhar para eles do que dentro deles. — Vá em frente.

Littlefield começou a caminhar, cruzando o cemitério e subindo a colina em direção à igreja vermelha. Ele olhou as lápides ao passar, algumas delas tão gastas que mal se podia ler os nomes. Algumas não eram mais do que

pedaços de granito quebrado. Outros túmulos estavam provavelmente esquecidos, somente o pó silencioso dos ossos sob uma camada de grama.

O chão sob seus pés era macio, solo bom da montanha, preto como carvão. Quase uma pena desperdiçá-lo em um cemitério. Mas as pessoas tinham que ser enterradas em algum lugar e, para os mortos, talvez o solo mais fértil do mundo não fosse conforto o suficiente. Talvez seu irmão mais novo, Samuel, ainda não tivesse alcançado o descanso eterno.

Os nomes nas lápides pareciam um quem é quem na história desta parte do condado. Potter. Matheson. Absher. Buchanan. McFall. Gregg. Mais Pickett do que dava para contar nos dedos.

E três Littlefield separados do restante.

Ele ajoelhou-se perto de dois túmulos familiares. Seu pai e sua mãe compartilhavam um único monumento largo. Ele olhou do mármore cinza para uma lápide menor, que tinha um cordeiro entalhado em baixo relevo no centro. As letras quase não estavam gastas e as sombras dos galhos da árvore, parecendo dedos, esfriavam a pedra. Littlefield leu as palavras tenebrosas sem mover os lábios.

Aqui jaz Samuel Riley Littlefield. 1968-1979. Que Deus o proteja e o guarde.

Seu coração queimou em seu peito e ele se afastou rapidamente, seus olhos buscando uma distração freneticamente. Ele parou próximo ao álamo. Aquela coisa parecia que estava morrendo. Mas era como ela tinha parecido nos últimos quarenta anos e, a cada primavera, ela dava um jeito de fazer surgir alguns novos brotos nos galhos superiores. Uma lembrança surgiu e rastejou para fora das sombras antes que ele pudesse acabar com ela.

A igreja vermelha. Halloween. A noite em que ele tinha visto o Pregador Enforcado.

A noite em que Samuel havia morrido.

Ele estremeceu e a memória sumiu novamente, enterrada em segurança. O sol batia morno em seu rosto. Lá embaixo, Hoyle e Storie estavam carregando o corpo de Boonie para a parte de trás de uma perua grande, que servia como ambulância comum do condado.

Littlefield se afastou da árvore e colocou o pé no primeiro dos quatro degraus que levavam ao saguão da igreja. A porta era grande e feita de tábuas de madeira sólidas. As frestas entre as tábuas mal podiam ser vistas devido ao acúmulo de camadas de tinta. Acima da porta, havia uma

pequena faixa de vidro colorido, dois planos retangulares azuis-escuros separados por um painel âmbar. Eles tinham sobrevivido ao massacre das pedras de delinquentes juvenis.

O delegado subiu os outros degraus. O degrau superior era mais largo, marcado pela tampa do porta-malas do caminhão de Lester Matheson. Littlefield examinou as dobradiças grossas e a fechadura da porta. Havia uma tranca além da maçaneta de latão. Littlefield colocou a mão no metal frio.

Será que preciso de um mandado para abri-la? Não. Lester não vai se importar se eu der uma olhada.

Havia uma pequena chance de que, se Boonie fora assassinado, houvesse alguma prova escondida lá dentro. Ou talvez a porta estivesse trancada, mas ele não achava que Lester se preocuparia com uma chave só para proteger uma centena de fardos de feno. As pessoas não roubavam nessas bandas. Ladrões e bêbados arrombadores ficavam em Barkersville, onde os ricos tinham casas de veraneio.

Littlefield girou a maçaneta e a trava fez um clique ao entrar no cilindro. Ele empurrou a trava com a outra mão e, quando a porta rangeu e abriu, com a rica poeira de feno atingindo suas narinas, ele se deu conta de que a última vez que havia pisado lá dentro tinha sido logo depois do funeral de Samuel.

Por favor, Deus, tomara que isso seja um assassinato bem comum. Algum bêbado ficou furioso porque Boonie tomou dois goles antes de passar a garrafa, em vez de um só. Um lenhador mexicano rancoroso, com um emprego temporário no Natal. Se só houver um cara maluco, serve.

Suas palmas estavam suando, como quando ele tinha dezessete anos, e pela primeira vez ouvira a risada no campanário.

A porta se abriu, mostrando um vestíbulo pequeno e sem janelas. Um raio de luz atravessava o teto, vindo do campanário.

Onde a corda do sino ficava pendurada.

O sino soou em sua memória, um trovão de bronze enraivecido, um eco da noite em que Samuel morreu.

O piso de tábuas rangeu quando Littlefield cruzou o vestíbulo. Partículas douradas de poeira dançavam no ar. Como será que era há um século? A madeira gasta havia suportado centenas de milhares de passos. Noivas virgens, trêmulas e com as faces coradas, com seus melhores vestidos

varrendo as tábuas, primos solenes que vieram prestar seus respeitos a um ente querido que se foi, mulheres com chapéus e longas saias esvoaçantes reunindo-se para um jubileu. Littlefield quase podia ver o pregador nos degraus, apertando as mãos dos homens, fazendo mesuras para as mulheres, passando a mão nas cabeças das crianças.

O delegado olhou pelo pequeno buraco da corda, uma abertura larga o suficiente para que uma criança pudesse passar. O interior oco do sino estava repleto de sombras escuras. Mas isso não dizia nada. Ele voltou a procurar sinais de sangue no chão.

O vestíbulo se abria para o santuário principal. O calafrio subiu novamente por suas costas. Ele não sabia se era por causa de lendas infantis ou pela chance de encontrar um assassino escondido entre os fardos de feno. Por um momento desvairado, ele quase desejou ter uma arma de fogo.

Os fardos estavam empilhados em ambos os lados, formando um estranho corredor até o centro do santuário da igreja. Lester havia deixado o altar intacto, provavelmente porque erguer o feno sobre a balaustrada daria muito trabalho. O altar em si era pequeno, o púlpito nada mais do que uma caixa retangular com uma tampa inclinada. Um conjunto de seis vigas de castanheira, cheia de vermes, feitas à mão, cruzavam a armação em A na parte superior. As paredes internas também eram feitas de madeira de castanheiras, sem pintura. Na luz esmaecida, a madeira tinha uma tonalidade marrom rica e profunda.

Os fardos estavam empilhados um ao lado do outro contra as paredes, e não deixavam espaço para esconderijos.

A não ser que alguém tivesse removido alguns fardos, criando um espaço oco dentro das pilhas.

Ele havia feito isso no celeiro da casa de sua família, quando queria se esconder em um dia de outono, ou quando ele e seu irmão brincavam de esconde-esconde ou de guerra. Mas, naquela época, não havia muito tempo livre. Colheitas, gado, madeira, conserto de cercas — uma longa lista de tarefas esperava toda manhã, e nunca terminavam antes do escurecer. Mas, naquela época, Littlefield dormia tendo sonhos, e não lembranças ruins.

Nada se escondia no feno. A igreja estava silenciosa, como se estivesse esperando que a congregação a enchesse de vida. Littlefield caminhou até a plataforma. O calafrio ficou ainda mais forte, apesar de o ar estar abafado.

Uma pequena cruz de madeira estava presa no topo do púlpito. Como na cruz na torre da igreja, faltava um pedaço.

Littlefield inclinou-se sobre o parapeito, que tinha a altura do peito, e olhou para os cantos do altar. Só havia prateleiras vazias e teias de aranha na pequena sacristia lateral. Ele não sabia o que esperara ver. Talvez ele estivesse só tentando aliviar sua própria mente, ter certeza de que as velhas fofocas e a estranheza tão antiga fossem enterradas. Boonie estava morto, e isso não tinha relação nenhuma com a igreja vermelha, com Samuel ou com o Pregador Enforcado.

Quando ele se virou para sair, reparou em uma mancha escura no chão da sacristia. Do tipo que resultava de algo derramado. Talvez Lester tivesse guardado materiais de construção aqui algum dia. De qualquer forma, a mancha marrom era muito antiga para ter sido feita por seja lá o que for que matou Boonie.

Mas algo sobre ela capturou sua atenção. O formato parecia familiar. Ele inclinou a cabeça, como se intrigado por uma mancha de tinta em um teste Rorschach. Quando se deu conta de onde tinha visto aquele formato antes, ele respirou fundo.

O formato escuro no campanário, naquele Halloween de muito tempo atrás.

Littlefield atravessou a igreja correndo, subitamente ansiando pela luz do sol. Agora ele acreditava na teoria do animal. Se Storie quisesse jogar seus jogos forenses, estava tudo bem, Mas ele não se deixaria acreditar que algo imitando um humano havia destroçado o velho Boonie Houck. Não no Condado de Pickett. Não em solo sagrado. Não em seu turno.

Quando ele fechou a porta e olhou para o cemitério, onde Storie estava procurando pistas entre os arbustos, o calafrio desapareceu. Alguma coisa havia se movido no campanário.

Pássaro ou guaxinim, ele disse a si mesmo, sem olhar para cima. *NÃO a coisa que havia gargalhado enquanto Samuel morria.*

Ele correu descendo a ladeira para ver se Storie havia encontrado mais algum pedaço de Boonie.

CAPÍTULO 4

Que droga.

Foi o primeiro pensamento de Ronnie quando a cortina cinza da inconsciência dissolveu-se em luz. E foi o último pensamento que ele tivera quando o anestesista havia pressionado a máscara sobre seu rosto. Ou talvez não. Ele estivera tão embotado por causa da injeção que não tinha certeza se tivera pensamentos antes daquele.

Seu rosto, ou pelo menos o que ele conseguia sentir dele, parecia um balão de melado. A dor formigava e perturbava através de uma cortina de gaze. Era uma dor estranha e sorrateira, como um cara valentão que ficava na beira do parquinho esperando que você fosse buscar a bola. Quando estivesse sozinho, a dor pularia em você, batendo, chutando, rasgando —

A névoa do remédio se afastou. Ronnie abriu os olhos e a luz rasgou suas pupilas. Seus olhos estavam transbordando, mas ele não conseguia sentir as lágrimas nas bochechas. Seu estômago dava reviravoltas. Mamãe e Papai eram imagens borradas ao lado da cama. Um homem de bigode, com olhos que pareciam feitos de alcaçuz, inclinou-se sobre ele.

— Acho que alguém está acordando. — O bigode do homem parecia uma lagarta se contorcendo sobre uma chapa quente. Ele usava um casaco branco.

Médico. Os pensamentos de Ronnie dispararam e, então, se juntaram. *Dor mais médico igual a hospital.*

Ele abriu a boca para falar, mas sua língua estava muito grossa para se coordenar com os dentes.

— Devagar, amiguinho — disse o médico. — Vá devagar.

Ronnie *só* conseguia ir devagar. Seus braços e pernas pareciam canos de chumbo. Ele virou a cabeça para olhar para seus pais. Apesar do torpor, ele sentiu um crescente calor em seu peito. Mamãe e Papai estavam *juntos*.

Bem, eles não estavam de mãos dadas, mas pelo menos não estavam gritando um com o outro. E tudo o que precisou foi que Ronnie... o que ele *havia* feito?

Ele vasculhou os túneis de sua memória. Ele se lembrava do percurso até o hospital, Papai segurando-o no banco de trás, a camisa de Papai contra seu rosto. Talvez a camisa tivesse cheiro de serragem e suor, talvez um pouco de gasolina, mas o único cheiro que Ronnie conseguia sentir era de sangue.

E então, mais para trás, antes disso, a pequena ponte, caindo, as pedras...

Ai.

Ronnie tinha idade suficiente para saber que a lembrança da dor nunca era igual à dor de verdade. O que era uma coisa boa. Caso contrário, todo mundo estaria correndo feito doido, como Mama Bet McFall, ou a vovó Gregg no Asilo Haywood, antes que tivesse acabado em um túmulo. Mas mesmo a lembrança da dor de Ronnie era forte o suficiente para acabar com parte do efeito anestesiante dos remédios.

Papai se aproximou, seu lábio inferior curvado, seu rosto com um tom meio doente por causa das luzes fluorescentes. Papai nunca parecia bem em lugares fechados, como quando Ronnie havia visto um tigre em uma jaula no zoológico Asheboro. Ambos nervosos e impacientes, andando para lá e para cá, grandes demais para aguentar paredes ou barras.

— Ei, Ronnie — disse Papai, tentando, sem sucesso, disfarçar sua voz profunda em um sussurro. — Como está se sentindo?

— Muuuuhr. — Nem mesmo Ronnie conseguiria traduzir o som que suas cordas vocais fizeram.

Mamãe se inclinou sobre ele, um sorriso tenso criando rugas seu rosto. A pele sob os olhos dela tinha um tom azul escuro. Ela esticou a mão trêmula e afastou os cabelos da testa de Ronnie. — Está tudo bem, querido.

O médico verificou a pulsação de Ronnie. — Está indo bem. Vocês poderão levá-lo para casa em mais ou menos uma hora. Chamem uma das enfermeiras se precisarem de alguma coisa.

O médico saiu do quarto, e a corrente de ar criada pela porta ao se fechar atingiu Ronnie como uma onda de água. Ter uma cabeça de balão de melado não era tão ruim. Seus pensamentos não estavam tão rápidos quanto costumavam ser, mas estavam mais *amplos* do que jamais foram. Se não fosse o valentão da dor aguardando atrás do torpor, Ronnie não importaria de passar algum tempo em um lugar onírico lento.

Era quase pacífico. Se ele fechasse os olhos, as paredes brancas sumiriam, o céu ficaria imenso e ele poderia flutuar em uma nuvem, sem

ninguém para incomodá-lo, nem mesmo o idiotinha—

Tim. O que havia acontecido com Tim?

O melado de sua face fez ondas quando seus olhos se arregalaram. Mamãe e Papai e... onde estava Tim? Subitamente, tudo estava voltando, o riacho de melado fazendo uma curva, fluindo para a luz do sol e, agora, quente e dourado, despencando em um precipício, formando uma cachoeira açucarada. A corrida para casa, a mão em seu pé, a coisa ensanguentada — *eles têm o fígado nos olhos* — o monumento caído, a igreja vermelha, o cemitério.

A coisa ensanguentada tinha pego Tim?

Papai deve ter sentido sua agitação, pois uma mão em seu ombro o impediu de levantar-se. — Então, você ouviu o médico, filho. Descanse.

Mamãe roeu a pele no canto do dedão. — Você se machucou bastante quando caiu. Quebrou o nariz. O médico disse que teve sorte de não rachar o crânio.

Mamãezinha querida. Sempre vê o lado bom em tudo. Então o nariz estava quebrado. Ele pensou em alguns jogadores de suas cartas de futebol, como seus narizes tinham calombos enormes ou eram tortos para um dos lados. Tudo o que um garoto como ele precisava. Agora Melanie nunca falaria com ele.

A máscara de melado escorregou um pouco mais e o valentão da dor gargalhou nas sombras, sabendo que uma oportunidade se aproximava. Ronnie tomou consciência de uma parte mais baixa de seu corpo, onde o nó das cobras havia feito um ninho em seu estômago. Ele ia vomitar.

Mas que droga. Ele resmungou e sua língua se contorceu.

— O que foi, querido? — disse Mamãe, seu rosto mais pálido e seus olhos ainda mais arregalados.

— Voooomitar — disse ele. Seu braço direito ondulava como uma mangueira de água sob pressão.

— Vomitar? — Ela olhou para Papai. — Ah, meu Deus, David, ele vai vomitar.

Papai parecia desorientado. A situação exigia ação rápida e compaixão. Como enfermeiro, Papai parecia um carregador de caixão.

Mamãe se virou e começou a procurar em um balcão ao lado da cama. Um espelho se estendia por todo o corredor e Ronnie ficou espantado com seu próprio reflexo. Seu nariz estava roxo e inchado, pequenos tufos de

gaze ensanguentada penduradas em suas narinas. Seus olhos pareciam pedras marrom esverdeadas enfiadas em quilos de massa.

A imagem acelerou sua náusea. Ele virou o corpo com esforço, e agora Papai ajudou, colocando a mão em seu sovaco para ajudá-lo a se inclinar sobre o parapeito de aço da cama. A cena no espelho era duplamente desorientadora, por ser invertida. As cobras oleosas rastejaram subindo pela garganta de Ronnie.

Mamãe encontrou uma vasilha de plástico, de uma cor nojenta de água, mas que servia bem, pois a situação pedia alguma coisa nojenta. Ela a segurou sob seu rosto, e as cobras explodiram de sua boca. Seus olhos se fecharam com força no esforço de vomitar, e gotas de alguma coisa que não era melado surgiram em sua testa. Seu abdômen teve dois espasmos, três, quatro, uma pausa, e uma quinta erupção.

— Ah, meu Deus — Mamãe exclamou para Papai. — Chame a enfermeira.

— Ele disse que isso poderia acontecer. E olhe, parou.

— Mas é sangue.

— O que você achou que seria? Pedrinhas e molho de linguiça? Eles acabaram de operar o nariz dele.

Ronnie olhou para a vasilha e quase vomitou de novo. Um caldo grosso de sangue e muco estava empoçado bem em frente ao seu rosto. E o que eram aquelas coisas flutuando no—

Dedos. Eles cortaram meus dedos e me fizeram engoli-los.

As palavras de Papai chegaram aos seus ouvidos através de flocos de algodão. — Que diabo é *aquilo*?

— Chame uma enfermeira. — Mamãe sacudia as mãos desajeitadamente.

A brisa da porta se abrindo atingiu Ronnie novamente, mas, desta vez, ela não trouxe nenhum conforto. Ele se recostou contra os travesseiros.

Uma enfermeira com olhar cansado olhou para a vasilha. — Ah, são os dedos das luvas cirúrgicas. O médico as enche com gaze e as usa como tampões.

— E como elas chegaram no estômago dele? — A voz de Mamãe parecia um guincho agudo.

— Os tampões devem ter descido pela comunicação da faringe com as trompas de Eustáquio. Não há nada com que se preocupar.

— Nada com que se preocupar? — A voz de Papai era alta o suficiente para fazer a cabeça de Ronnie doer. — Não é seu filho naquela cama, é?

A enfermeira deu um sorriso forçado que Ronnie achou que ela usava quando dava remédios a alguém que provavelmente não duraria mais uma semana. Um sorriso que dizia: "*Se houvesse outro emprego no Condado Pickett que pagasse tão bem, eu não ia me importar se ele vomitasse dedos até sufocar*."

Mas tudo o que ela disse foi: — Vou ver se acho o médico.

Depois que ela saiu, Mamãe disse: — Você não precisava levantar a voz.

— Cale a boca.

— David, por favor. Por Ronnie?

Ronnie não se importava com a discussão. O alívio da náusea indo embora era tão grande que ele teria dançado de rosto colado com o valentão da dor, de tão bem que se sentia. E daí que havia mais suor descendo por seu pescoço, em suas axilas e escorrendo por sua espinha? As cobras do estômago tinham sumido.

O ato de vomitar também havia clareado sua mente um pouco. Era uma bênção dupla. Ou uma maldição dupla. Porque os pensamentos bons não só tinham sumido, eles estavam sendo substituídos por memórias.

Antes de ser levado para a cirurgia, o delegado havia conversado com ele sobre as coisas que aconteceram na igreja vermelha. Já era assustador o suficiente só conversar com um policial, especialmente um com a cabeça quase raspada e um rosto que parecia esculpido em pedra. Mas o delegado queria que ele se lembrasse do que havia acontecido. E Ronnie queria muito, mas muito mesmo, esquecer de tudo.

Esquecer do som molhado e pegajoso que seu sapato havia feito quando ele arrancou o pé daquela mão no cemitério.

Esquecer daquele braço sangrento se esticando em torno da lápide.

Esquecer da risada que havia ecoado no campanário da igreja vermelha.

O delegado finalmente foi embora e eles levaram Ronnie para a sala de cirurgia. Depois vieram a agulha, a máscara, os pensamentos distantes e a escuridão.

— Como está se sentindo, querido?

Ele olhou para sua mãe. Seu cabelo estava sem vida e opaco, de um castanho desmaiado. Ela parecia ter uns cento e vinte anos, mais velha do que Mamãe Bet McFall, a louca que vivia na rua da fazenda Day.

— Melhor — sussurrou ele, e o ar rasgou sua garganta ao falar.

A porta abriu-se novamente e Ronnie esticou o pescoço. O médico estava assoviando uma melodia irregular através de seu bigode desgrenhado. Ronnie apostaria que era uma música de Michael Bolton. Ou talvez alguma música ainda mais brega. Ronnie estava quase feliz por estar com o nariz obstruído. Ele apostaria o dobro-ou-nada que o homem estava usando um perfume barato. A cabeça pesada caiu no travesseiro.

— Ouvi dizer que você teve um pequeno contratempo — disse o médico.

Contratempo? Era esse o termo médico para vomitar dedos?

— Estou bem agora — disse Ronnie com um gemido, principalmente porque o médico estava se inclinando para encostar em seu nariz. E mesmo ainda estando sob o efeito de sedativos, ele era esperto o suficiente para saber que a dor que sentiria quando ele tocasse seu nariz seria infernal. Mesmo através do melado que envolvia seu cérebro.

O médico recuou no último momento. — Parece que os tampões ainda estão no lugar certo. Acho que não foi nada demais.

Não. Nada demais para VOCÊ, não é, Sr. Bigode?

— Podemos levá-lo de volta para a sala de cirurgia e colocar mais gazes ali — disse o médico para seus pais, como se Ronnie nem estivesse no quarto.

— O que você acha? — Mamãe ficou um pouco mais próxima da invisibilidade.

— Acho que ele está bem — disse o médico, enrolando o bigode com os dedos. — Na verdade, eu diria que vocês podem levá-lo para casa. Liguem-me na semana que vem e marcaremos um horário para tirar os pontos.

Papai assentiu meio ausente. Mamãe estava concentrada na pele roída de seus dedos.

Ronnie estava ansioso para ir para casa. Quando a enfermeira apareceu com um sorriso falso e uma cadeira de rodas, ele estava sentado na cama, sentindo-se tonto, mas sem náusea. Enquanto a enfermeira empurrava a cadeira de rodas até o elevador, ele estava flutuando novamente. O ar do lado de fora parecia estranho e grosso.

Ronnie ficou surpreso ao ver que o sol estava se pondo. Parecia que havia se passado anos, e não horas, desde sua queda. Nuvens cinza, com reflexos cor-de-rosa, cobriam o horizonte sobre as montanhas escuras.

Mamãe havia trazido seu Coupe de Ville preto até a porta do hospital. Papai o colocou no banco traseiro e eles tomaram o caminho de casa. Eles haviam percorrido cerca de duas milhas quando Ronnie lembrou-se de Tim.

— Onde está Tim? — perguntou ele com esforço. Ele estava sonolento de novo, com a cabeça cheia de melado.

— Na casa de Donna. Eles voltaram ao cemitério para procurar os óculos dele.

Então Tim havia sobrevivido ao encontro na igreja vermelha. *O Encontro.* Parecia o título de um filme de terror barato. *Não importa.* Seus pensamentos estavam ficando distantes novamente.

Ele queria estar dormindo quando eles passassem pela igreja vermelha.

Ele estava.

***

— Não vi nada — disse Lester Matheson. Seu rosto estava enrugado por décadas mascando tabaco na mesma bochecha. Ele mascava movendo os dentes de um lado para o outro, mostrando a massa escura dentro da boca, de vez em quando apertando-a no lugar com a língua.

— Nem na noite passada? — o delegado Littlefield olhou para longe do hábito nojento do homem para a colina distante. Um rebanho de vacas marcava o cume, todas elas viradas para a mesma direção. Como seu dono, elas também mascavam sem pensar, sem se importar com o que escapava de suas bocas.

— Não, não tenho visto nada na igreja vermelha tem muito tempo. Claro, os moleques vão lá de vez em quando fazer bagunça. Sempre foram.

Littlefield assentiu. — Sim. Já pensou em colocar um aviso "Proibida a entrada"?

— Isso só ia atrair o dobro de moleques. Nunca guardo nada lá que faça diferença se for roubado.

Littlefield apoiou o peso do corpo no outro pé e uma tábua da varanda rangeu. Os Matheson viviam em um barraco nos limites de uma propriedade de duzentos acres. Até mesmo os celeiros de Lester pareciam em melhor estado que a casa. Ela tinha um telhado de linóleo barato, com remendos visíveis. As janelas eram placas grandes presas com pedaços

cinzas de madeira. O ar que vinha da porta da frente era rançoso e frio, como o de uma tumba.

O sol estava desaparecendo no ângulo onde a montanha Buckhorn deslizava para a base do cume Piney. O ar estava pesado com o orvalho iminente. Os porcos roncavam em seus cercados de madeira, ao lado do maior dos dois celeiros de Lester. Os grilos começaram seus ruídos noturnos e o aroma de esterco bovino fez com que Littlefield ficasse quase com saudades de sua própria infância na fazenda. — Alguma vez viu Boonie passeando pelo cemitério?

Lester coçou a cabeça careca, que brilhava mesmo no lusco-fusco. Sua mão era calejada por uma vida inteira de trabalho, grossa, com veias azuis e constelações de manchas senis. — Bom, eu vi o Boonie na igreja vermelha uma vez, desmaiado na palha. Deixei ele dormindo pra curar a bebedeira. Desde que não acendesse um cigarro lá dentro, não ia fazer mal nenhum.

— Notou alguma coisa incomum por aqui?

— Depende do que você chama de "incomum". A igreja sempre foi muito incomum. Mas não preciso dizer isso a *você*, preciso?

— Não estou interessado em histórias de fantasmas — mentiu Littlefield.

Lester deu uma gargalhada e inclinou-se para trás na cadeira de balanço. — Tá certo, delegado. Você que sabe. E acho que Boonie deve ter sido morto em uma dessas guerras de gangues ou coisa parecida.

— Perry Hoyle acha que foi um leão-da-montanha.

Lester riu novamente e deu uma cusparada preta na grama. — Ou talvez tenha sido o Pé Grande. É mesmo, tinha muitos leões-da-montanha por esses lados. Nos anos trinta e quarenta, tinha bandos deles. Eles desciam das colinas de noite e pegavam um bezerro ou uma galinha, de vez em quando um cachorro. Mas eles estão mais mortos do que as folhas de outono.

Lester era um caçador. Littlefield não era, não mais. — Quando foi a última vez que você viu um deles? — perguntou o delegado.

— Mil novecentos e sessenta e três. Eu me lembro porque todo mundo tinha acabado de superar a confusão de Kennedy. Eu subi a montanha Buckhorn — ele abanou uma mão nodosa em direção à montanha agora quase escura — porque alguém disse que tinha visto um macho grande. Montei uma plataforma pequena em uma trilha e esperei. Minha plataforma

ficava a uns 6 metros do chão, em cima de uma árvore, coberta de lona e galhos cortados. A lua apareceu, então resolvi ficar um pouco mais depois que ficou escuro, mesmo estando mais frio que o coração de uma bruxa.

— Ouvi um galho partindo e coloquei o rifle no ombro, bem devagar e em silêncio. Naquela época, não tinha mira telescópica nem nada disso. Só apontar e atirar. Então eu estava olhando pelo cano quando uma coisa grande surgiu. Mesmo com pouca luz, deu pra ver seu pelo dourado. E dois olhos verdes brilhantes olhando diretamente pra mim.

Lester cuspiu o excesso de saliva no lado da varanda. O velho fez uma pausa dramática. As pessoas ainda transmitiam histórias por esses lados. A varanda da frente era o palco de Lester e ambos sabiam que seu público tinha a obrigação de ficar ali.

O delegado entrou no jogo. — Você atirou nele — disse ele, mesmo sabendo que esse não teria sido um final satisfatório para a história.

Lester esperou mais dez segundos, cinco segundos a mais do que o jogo exigia. — Quase isso. Eu soube na hora o que ele era, mesmo tendo a pele quase da mesma cor de um veado. Eram os olhos, sabe? Os olhos de um veado não brilham. Eles chupam a luz, como uma esponja chupa água.

— E o que aconteceu depois?

— Ele só ficou me encarando de volta. A coisa mais medonha que eu já vi. Olhando pra mim como se eu fosse um igual, ou talvez nem isso. Como se eu fosse um mosquito zunindo em volta da cabeça dele. Ele abriu a boca como se fosse rugir, e os bigodes brilharam com o luar. E eu não consegui puxar o gatilho.

— Com medo? — perguntou Littlefield, esperando que Lester não ficasse ofendido. Mas Lester parecia ter esquecido do delegado ao olhar para a montanha.

— De certa forma, eu estava, mas não foi por isso que não puxei o gatilho. Tinha alguma coisa nele, alguma coisa nos olhos, que era mais do que um animal. Você pode achar que estou doido, e provavelmente não vai estar muito longe da realidade, mas aquele gato *sabia* o que eu estava pensando. Ele *sabia* que eu não ia puxar o gatilho. Depois de uns trinta segundos olhando um para o outro, ele desapareceu entre as árvores, o longo rabo balançando como se ele estivesse rindo sozinho. Como se eu fosse um grande novelo de lã, um brinquedo do qual ele havia se cansado.

O sol havia deslizado por trás do horizonte e Littlefield não conseguia ler a expressão de Lester no escuro. Tudo o que ele conseguia ver era o formato irregular do rosto do fazendeiro.

— Eu estava congelado, e não só por causa do frio — continuou Lester. — Quando finalmente consegui soltar a respiração, ela fez uma névoa na frente do meu rosto. Eu estava suando mais do que uma chaleira quente. Estiquei os ouvidos para ver se ouvia alguma coisa, mesmo sabendo que o gato tinha ido embora.

Littlefield havia ficado parado em uma postura de descanso, um hábito que ele tinha quando estava a trabalho e mesmo com pessoas que ele conhecia. Agora ele deixou os ombros caírem ligeiramente e se encostou na coluna da varanda. Quando era jovem, ele também tinha caçado à noite. Ele podia facilmente imaginar Leste na árvore, os músculos retesados, os ouvidos captando os mais leves ruídos de um esquilo ou das asas sussurrantes de um falcão noturno. Como todo bom contador de histórias, Lester tinha transportado o delegado para outro lugar e outra época.

— Você provavelmente está imaginando por que estou falando tanto desse leão-da-montanha. — disse Lester. — Você está se perguntando o que isso tem a ver com a morte de Boonie Houck.

— Aquele leão-da-montanha teria morrido de morte natural há muito tempo.

Lester não disse nada. Houve um barulho dentro da casa e depois o ranger enferrujado da porta de tela se abrindo. Vivian, a esposa de Lester, saiu para a varanda. Seu cabelo estava preso em um coque com um cachecol. Ela tinha uma leve corcunda nas costas, companheira do rosto retorcido do marido. A luz do interior lançava sua sombra estranha no jardim.

— Já terminou de encher os ouvidos do delegado? — perguntou ela, com a voz fina e trêmula. Ela devia ter um leve problema de audição, pois falava mais alto do que o necessário.

— Mal comecei — disse Lester, sem levantar-se da cadeira de balanço. — Agora volte para dentro de casa antes que eu jogue um sapato em você.

— Faz isso e coloco vinagre no copo da sua dentadura.

Lester riu. — Também amo você, querida.

— Vai convidar o delegado para comer um pedaço de torta?

— Não, obrigado, senhora. — disse Littlefield, fazendo uma leve mesura. — Ainda tenho que conversar com mais algumas pessoas hoje à noite.

— Então, não dê muito ouvido a esse velho tolo. Ele mente que nem um pescador.

— Vou lembrar disso.

A porta fechou-se abruptamente. A escuridão caiu da mesma forma abrupta. — Então, não viu nenhum outro leão-da-montanha desde então? — o delegado perguntou a Lester.

— Não.

— E tem certeza de que não viu nada estranho perto da igreja vermelha?

— Não *vi* nada. Mas ouvi alguma coisa.

— Ouviu alguma coisa?

— Na noite passada, era umas três horas da manhã. Não se dorme bem quando se chega à minha idade. Sempre dormindo e acordando por algum motivo. Então eu ouvi eles, achei que era um daqueles sonhos que eu tinha. Sabe, logo antes de pegar no sono e os pensamentos de verdade se misturam com coisas sem sentido?

Littlefield assentiu, e logo se deu conta de que o velho não podia ver seu rosto. — Sim. O que você ouviu, ou acha que ouviu?

Littlefield olhou para o relógio, prestes a considerar o tempo gasto falando com Lester como perdido. O mostrador luminoso indicava que era quase nove horas da noite.

— Sinos — disse o velho, quase sussurrando.

— Sinos? — repetiu Littlefield, apesar de ter ouvido muito bem.

— Muito de leve e de longe, mas um sino é um sino. Não tem como confundir aquele som.

— Detesto dizer isso, Lester, mas ambos sabemos que a igreja vermelha tem o único sino por esses lados. E mesmo se houvesse alguns garotos por lá na noite passada, não existe a corda do sino.

— E nós dois sabemos *por que* não tem a corda do sino. Mas estou dizendo o que eu ouvi, só isso. Não espero que você acredite muito nas palavras de um velho.

As histórias de fantasmas. Algumas famílias haviam-nas passado de geração para geração até que adquirissem uma verdade mítica que tinha ainda mais poder do que os fatos. Littlefield não estava pronto para escrever

causas *sobrenaturais* no relatório do caso de Boonie. Desde que Samuel havia morrido, o delegado havia passado a maior parte de sua vida tentando se convencer de que o sobrenatural não existia.

Só os fatos, senhora, Littlefield disse a si mesmo, ouvindo as palavras na voz de Jack Webb no velho programa de televisão *Dragnet*.

— Não havia pegadas recentes perto da igreja. E também nenhum sinal de perturbações dentro da igreja — disse Littlefield, citando as provas como se estivesse tentando convencer tanto a Lester quanto a si mesmo.

— Aposto como também não tinha pegadas de leão-da-montanha, tinha?

Desta vez, Littlefield iniciou o silêncio de dez segundos. — Não que tenhamos encontrado ainda.

Lester deu uma gargalhada.

A cabeça de Littlefield se encheu de raiva contida. — Se acredita tanto assim nas histórias, por que comprou a igreja vermelha, para começo de conversa?

— Porque era uma pechincha. Mas logo não vai mais ser meu problema.

— Por que não?

— Vou vender. Um dos garotos McFall veio aqui outro dia. Sabe, aquele que todo mundo dizia que não agia como um garoto normal? Aquele que quase morreu de tanto apanhar perto do campo de futebol uma noite?

— Sim. Archer McFall. — Littlefield era um jovem policial na época, em patrulha durante o jogo de futebol. Archer acabou no hospital por uma semana. Ninguém havia sido preso, apesar de Littlefield ter visto dois ou três valentões esfregando as mãos como se as juntas estivessem doloridas. É claro, ninguém pressionou muito sobre o caso. Afinal de contas, Archer era um McFall, e o mais esquisito de todos eles.

— Bom, dizem que ele foi embora para a Califórnia e se deu bem trabalhando com religião e tal. E agora ele está voltando para essa área e quer se estabelecer aqui.

— Quem diria.

— Não é? E quando ele me ofereceu duzentos mil dólares pela igreja vermelha e uma dúzia de acres de pinheiros velhos, mais o cemitério, tive que morder a língua para não rir que nem uma hiena. Amanhã devo ir no escritório do advogado para assinar a papelada.

— Por que a igreja vermelha, se ele tem tanto dinheiro? — Littlefield perguntou, mesmo tendo quase certeza de que sabia a resposta.

— Aquela propriedade começou na família McFall. Foram eles que doaram a terra para a igreja em primeiro lugar. Lembra-se de Wendell McFall?

Coincidências. Littlefield não gostava de coincidências. Ele gosta de causa e efeito. Era o que solucionada casos. — É muito dinheiro.

— Não pude recusar. Mas tenho a ligeira impressão de que ele teria oferecido mais se eu tivesse pedido. Mas ele sabia que eu não ia pedir mais. Foi como daquela vez com o leão-da-montanha, como ele estava me encarando, como se soubesse o que eu estava pensando.

— Acho que, se ele é um homem de negócios bem-sucedido, deve ter muita prática em negociações.

— Acho que sim — disse Lester, não soando muito convencido. Ele se levantou com um rangido, que poderia ter vindo tanto de suas juntas quanto da cadeira de rodas. — É hora de guardar as vacas.

— E eu tenho que terminar minha ronda. Obrigado pelo seu tempo, Lester.

— Claro. Volte quando quiser. E da próxima vez, fique para comer um pedaço de torta.

— Com certeza.

Quando Littlefield deu a partida no Trooper, ele não pôde deixar de pensar na parte da história de Lester que não havia sido contada. A parte que falava por que a corda do sino não estava mais pendurada na igreja vermelha, e por que Archer McFall queria comprar de volta a velha propriedade da família.

Ele balançou a cabeça e partiu pela estrada, com as pedras fazendo barulho sob as rodas.

CAPÍTULO 5

A alvorada estava fresca e cor-de-rosa, o ar umedecido pelo orvalho. O aroma dos pinheiros e dos brotos de cereja silvestre se espalhava pelo vale, juntamente com a fumaça fina que subia dos fogos noturnos. A água corria para o sul sob a neblina suave que cobria o rio. O cacarejar de um galo quebrou o silêncio nas colinas.

Archer McFall se aconchegou contra o solo molhado, a terra fria contra sua nudez. Ele manteve os olhos fechados, observando as avenidas escuras de seus sonhos, perseguindo sombras no vazio. Os sonhos tinham vislumbres de vermelho, a cor da desforra. Eles eram sonhos humanos, estranhos, novos e caóticos.

O galo cacarejou três vezes antes que Archer se lembrasse de onde estava.

Casa.

A palavra, mesmo apenas pensada, e não falada, deixou um gosto amargo em sua boca. A amargura veio da memória de antigas humilhações. E de um sofrimento antigo, que corria mais fundo do que a superfície irregular do sono.

Archer tossiu. Galhos de pinheiros e folhas quebradiças estavam sob sua bochecha. Ele tremeu e sentou-se, abrindo os olhos. Depois de tanto tempo no escuro, ele estava quase surpreso com a claridade do dia que estava nascendo. A luz atravessou as aberturas nas copas da floresta, intensa, impiedosa e cheia de graça.

Ele olhou para baixo, para sua pele humana nua. Sua pele parecia servir muito bem. Ele sempre achara esses sacos de água e ossos dos humanos muito desajeitados. Mas ele tinha vindo para o meio dessas pessoas para aprender como elas viviam. A entrega era mais jubilosa quando as vítimas pensavam que vinha de alguém de sua própria espécie.

Mais pensamentos voltaram, mais memórias inundaram a massa cinza de cérebro que enchia seu crânio. Ele cuspiu. Uma massa avermelhada semidigerida estava presa a um pedaço de osso.

Enquanto o sol o aquecia e suas formas noturnas deslizavam para fora da existência, ele planejou seu caminho de volta ao Mercedes. Ele conhecia bem o rio. Ele fluía abaixo do terreno do antigo lar, sob a igreja. Ele deixara o carro no bosque a menos de dois quilômetros. Um terno da Brooks Brothers, cinza-escuro com risca de giz, estava estendido no porta-malas, juntamente com sapatos de couro, meias finas, colônia, um relógio Rolex e uma gravata azul-celeste.

O uniforme dos mortos-vivos, os soldados cristãos, os falsos idólatras. Os mentirosos. E ele mentiria, dizendo que era um deles.

Archer se levantou e limpou a lama grudada em seu corpo. Um martim-pescador mergulhou, pousou em um galho próximo e, tendo sentido seu cheiro ou sua presença, desapareceu em um bater de asas frenético. Archer sorriu e observou as encostas da montanha cinzenta.

Casa.

A Terra Prometida.

Riachos tão antigos quanto as mentiras, a terra tão escura quanto a perdição. Pedras tão frias quanto o coração de um pai que só tinha amor para um filho. As montanhas se erguiam como punhos enfurecidos, desafiando o céu no qual tantas pessoas acreditavam, incluindo sua querida mãe enlouquecida.

A pior parte dessa encarnação era o tumulto emocional. Não era de se espantar que essas criaturas pecassem. Não era de se espantar que elas buscassem refúgio na luxúria, na depravação e no excesso. Eles eram os erros de Deus. Mas o maior erro de Deus era o ciúme, a ânsia de criar coisas à Sua imagem, a exigência de sacrifícios.

Deus exigia amor, mas não tinha amor para dar. Pelo menos não para o segundo filho. Não para aquele destinado ao pó, enquanto o primeiro merecia um lugar no alto. O segundo filho só servia para governar o que pudesse ver, deixado para encontrar o prazer corrompido aqui na Terra.

Archer começou a descer a encosta, em direção ao rio. Arbustos e galhos furavam sua pele, mas ele engoliu a dor, escondendo-a dentro do vazio de sua raiva. Pedaços pontiagudos de granito machucavam as solas de seus pés e ele sentiu prazer no fluxo de sangue de seus ferimentos.

Jesus havia caminhado em terras selvagens. Archer também caminharia.

O sangue deixaria rastros. Outros poderiam encontrar seu rastro, se fossem espertos. Deixem-nos seguir. Afinal de contas, ele havia nascido

para liderar.

E se um dia o encontrassem, o que fariam? Iriam matá-lo?

Sua risada ecoou pelas árvores, tão profunda quanto os vales recortados de geleiras e erodidos pelo tempo, as cordas vocais humanas vibrando estranhamente quando ele jogou a cabeça para trás e congelou a espinha dorsal da floresta.

O delegado Littlefield se recostou em sua cadeira de balanço de carvalho. As molas bem lubrificadas não fizeram um ruído sequer. A detetive Storie moveu-se inquieta na cadeira em frente à dele, sua jaqueta amarrotada. A luz matinal em seu rosto mostrou que ela havia dormido pouco e mal. Seus olhos estavam inchados e espremidos por causa da dor de cabeça causada por sonhos interrompidos. Seu cabelo ainda estava úmido do banho matinal e o cheiro do condicionador enchia a sala.

O vapor subia da xícara de café preto de Littlefield. Ele olhou através do vapor, que se partiu e rodopiou quando ele falou. — Falei com o pessoal de Whispering Pines.

— Alguma testemunha ocular?

— Ninguém viu nada. — Ele botou um pouco de ênfase demais na palavra "viu".

— E sabiam de alguma coisa? Aqui não é a cidade grande, onde as pessoas não querem se envolver. A velha no apartamento ao lado do meu sabe quando meu gato peida. E o resto dos vizinhos são avisados antes que o cheiro desapareça.

Littlefield estremeceu. Mas ele deixou o tremor se transformar no que ele achou que era uma careta de preocupação. Storie já o chamava de "veterano" normalmente.

— Bem, duas pessoas disseram que ouviram os sinos soarem na igreja. — disse ele.

— Então o assassino comemorou avisando a todo mundo sobre o que tinha feito? — perguntou Storie incrédula.

— Deve ter sido imaginação deles. O sino não tem corda.

Storie se inclinou para a frente, batendo no relatório que estava sobre a mesa de Littlefield. As páginas estavam amassadas, provavelmente porque ela havia quebrado a cabeça sobre elas na cama enquanto tentava dormir. — E ninguém ouviu os gritos também, imagino.

— Tudo o que temos é o mesmo que tínhamos ontem. Mandei Charlie e Wade vasculharem as colinas em volta da igreja. Wade levou os cães. Se houver algo a ser encontrado, eles encontrarão.

Storie levantou-se. — Acho melhor eu voltar ao trabalho. Alguma notícia de Chapel Hill?

— Hoyle disse que eles devem fazer a autópsia na segunda-feira. Provavelmente teremos os resultados preliminares lá pela quarta-feira.

— E se *for* um psicopata?

Littlefield olhou além dela para o armário de vidro que cobria uma parede de seu escritório. Ele tinha uma parafernália de drogas confiscadas que faria qualquer viciado chorar de inveja. Narguilés coloridos e cachimbos entalhados adornavam as prateleiras, juntamente com fotografias de um Littlefield mais jovem, posando ao lado de pés de maconha. No centro do armário, estava uma taça de latão com a inscrição: Prêmio Policial Executor da Lei, do ano de 1998, concedido pela Associação dos Delegados da Carolina do Norte.

Não havia muitos crimes no Condado de Pickett. Nos sete anos de Littlefield como delegado, houvera um total de dois assassinatos. Em um deles, o próprio assassino ligou para a delegacia e, balbuciando, contou como acabara de estourar os miolos de sua mulher com um revólver .38. Ele estava esperando na varanda quando os policiais chegaram, bebendo o último copo de licor, a arma limpa e guardada em seu armário. O corpo de sua mulher estava na garagem, coberta com um xale feito à mão.

O outro era o caso de Storie, aquele que a havia estabelecido como uma detetive de verdade. Na mente de Littlefield, todo o treinamento técnico do mundo era inútil até que você realmente colocasse as algemas em um criminoso. E Storie tinha feito aquilo com estilo, aparecendo nas manchetes da região ao ajudar a processar o policial-que-virou-assassino. Depois do julgamento, ela deu à imprensa uma declaração muito citada: — Se eu tivesse escrito o livro, o capítulo final teria sido diferente. Ele teria recebido a sentença de morte.

Depois disso, restou a Littlefield disputas domésticas e perturbações civis. Alguns garotos com um estéreo alto demais, um bêbado quebrando janelas, alguém rearrumando as letras na marquise do cinema da rua principal de Barkersville para formar palavrões. Ou algum cabeludo em uma jaqueta do exército vendendo cigarros de orégano atrás da escola. As

estatísticas criminais pareciam ótimas no papel, o que explicava em parte o prêmio da Associação dos Delegados que Littlefield havia recebido.

Mas, algumas vezes, ele temia que o Condado de Pickett estava adormecido demais, que por baixo daquela camada brilhante de comunidade fechada e de harmonia havia uma camada de podridão moral. Afinal de contas, pessoas eram pessoas. Talvez ter um assassino louco à solta não fosse tão difícil de imaginar, não com o que era mostrado nos noticiários noturnos sobre outras cidades pequenas em todo o país.

— Os cães devem ser capazes de rastrear, seja um leão-da-montanha ou um humano.

Storie colocou as mãos nos quadris. — E?

— E o quê?

— O resto da frase. Tenho a impressão de que não me disse tudo.

Littlefield suspirou e esfregou os olhos. Storie estava agora totalmente desperta, como se tivesse magicamente transferido seu cansaço para ele. Ele não sabia como começar, mas não seria justo esconder informações.

Informações, que diabo. Era uma coisa totalmente de maluco. Mas ela descobriria cedo ou tarde se falasse com qualquer pessoa mais velha em Whispering Pines.

— Bem — começou ele — é sobre a igreja.

— A igreja? — Ela ergueu as sobrancelhas. — O que tem a igreja? Você descobriu alguma coisa ontem?

— Nada que você chamaria de pista — mentiu ele. — Talvez seja melhor se sentar novamente.

Storie sentou-se no braço da cadeira, juntando as mãos. Como os cães de Wade, ela estava empolgava com o cheiro fresco da presa. Littlefield fingiu olhar uma pilha de papéis em sua mesa e limpou a garganta.

— A igreja é mal-assombrada.

Littlefield podia jurar que ouvira seu relógio de pulso tiquetaqueando no silêncio súbito, mas aquilo era impossível. Seu relógio de pulso era eletrônico. Mesmo o rádio da polícia, sobre uma pilha de manuais no canto, interrompeu seu chiado em resposta à declaração dele. Ele observou o rosto de Storie.

Seus olhos estavam arregalados, descrentes, como se ela tivesse ouvido mal. Mas eles rapidamente endureceram e voltaram ao olhar frio e profissional.

— Ok, delegado — ela disse com um riso irritado. — Isso explica tudo. Um fantasma se esgueira pela noite, talvez furioso porque seus lençóis ficaram encharcados pela chuva, ou coisa parecida. Então ele encontra um bêbado no cemitério, com uma revista pornográfica e uma garrafa de uísque, e decide descontar sua raiva. Isso explica por que não encontramos pegadas na cena do crime. Caso encerrado.

Littiefield cruzou os braços sobre o peito e deixou a onda de sarcasmo passar por ele e morrer nos cantos da sala.

Seus lábios estreitos devem ter despertado a curiosidade da detetive Storie, pois ela parecia esperar que ele admitisse que estava brincando. — Quê? — Sua boca se abriu. — Minha nossa, você *está falando sério*, não é?

Ele não disse nada. A cafeteira na mesa lateral fez um barulho. Ele caminhou lentamente até a máquina e encheu sua xícara. — Quer um pouco? — disse ele, levantando o bule na direção de Storie.

Ela balançou a cabeça. Littlefield temia esse momento desde o momento em que receberam a ligação no dia anterior. Aquela coisa da igreja nunca havia partido. Todos esses anos esperando, desejando, e suas melhores tentativas de oração não tinham feito com que ela partisse.

— Nos anos 1860, a igreja era a única que havia por aqui. — começou ele, caminhando em direção à porta fechada do escritório. Ele olhou para o calendário da loja de ferragens que estava pendurado nela. O almanaque dizia que a lua era favorável para o plantio de lavouras de tubérculos.

Ele continuou, mantendo as costas viradas para a detetive. — Naquela época, ela se chamava Igreja Batista de Potter's Mill, por causa do velho moinho que funcionava mais abaixo no rio. Wendell McFall era o pastor. Ele era um pregador 'antiquado' — ele se virou para julgar a reação dela e viu que ela estava controlando cuidadosamente sua expressão, o que não o surpreendeu — e só falava de fogo, enxofre e inferno. Mas, durante a Guerra Civil, dizem que ele começou a expandir sua interpretação dos Evangelhos.

— Não sei o quanto você conhece da história desses lados, mas a guerra tornou a vida muito mais difícil para as pessoas que viviam aqui — disse ele. — Os homens do Condado de Pickett faziam parte das cinquenta e oito tropas da Carolina do Norte, e quase dois terços deles foram mortos em combate. As mulheres cuidavam dos campos e dos afazeres domésticos ao

mesmo tempo. Foi uma época difícil, como você pode imaginar. E o Reverendo McFall começou a pregar que o fim do mundo estava próximo.

— Olha, *essa* é uma ideia original — disse Storie. — Eles vêm trilhando esse caminho há pelo menos quatrocentos anos.

Littlefield tomou um gole do café, agradecendo pelo toque quente em sua garganta. Pelo menos Storie ainda não tinha saído do escritório. No fim das contas, talvez seu posto superior tivesse alguns privilégios.

— Os corpos de alguns soldados foram enviados para cá para que fossem enterrados — disse Littlefield. — O Reverendo McFall insistiu em manter vigílias noturnas nos túmulos, pois dizia que, se não o fizessem, eles se levantariam e caminhariam novamente. Ao mesmo tempo, ele pregava algumas loucuras sobre como Deus tinha dois filhos, e que, enquanto o primeiro era misericordioso, bom e santificado, o segundo filho era justamente o contrário.

— Pena que esse cara não estivesse por aqui nos anos 1980. — disse Storie. — Ele teria ficado rico vendendo folhetos vagabundos.

Littlefield a ignorou. — Então, McFall começou a advertir a congregação de que esse segundo filho retornaria à Terra para desfazer o bem feito por Jesus. Dizia que o segundo filho exigia amor e sacrifício, como o filho mimado e estragado de Deus. Naquela época, o pregador era basicamente o líder da comunidade. Apesar de essas ideias parecerem um pouco fracas agora, as pessoas tinham imaginação mais fértil naquela época, carregando consigo todas as lendas e crenças de seus ancestrais escoceses e ingleses. Portanto, quando um homem de batina lhe dizia que tivera uma visão, você tinha que acreditar. E com os seus pais, irmãos e filhos morrendo, com a fome se espalhando, a congregação deve ter achado que não havia prestado tributos suficientes a Deus. Ou a Seus filhos.

Littlefield nunca havia discutido religião com Storie, ou com qualquer outra pessoa. Ele a havia convidado a frequentar a Primeira Igreja Batista em Barkersville, mas muito mais por polidez do que como recrutamento sério. O próprio Littlefield só ia à igreja cerca de uma vez por mês. Ele havia parado de ler a Bíblia depois de concluir a Escola Dominical, e não havia mais ninguém que o forçasse a memorizar versículos. Mas ele tinha crescido como batista, e morreria como um, mesmo se nunca gastasse um minuto para descobrir o que isso significava. Jesus era o Senhor, e fim de papo.

Sua avó por parte de mãe costumava contar a história da igreja vermelha enquanto debulhava vagens ou espigas de milho. Ele sentava a seus pés, ajudando com os afazeres em seu próprio ritmo lento, ouvindo a história atentamente demais para ter tempo de trabalhar. Algumas vezes, a mãe de Littlefield entrava e dizia: — Não encha a cabeça de Frankie com essas besteiras —, mas Vovó começava novamente assim que a mãe de Littlefield deixava a cozinha.

Littlefield fechou os olhos e tentou ouvir a voz dela em sua mente. Mas foi inútil. Ele procurou palavras eloquentes, mas não as encontrou. — Foi McFall quem pintou a igreja de vermelho. Dizia que isso traria o primeiro filho para salvá-los, para derrotar o segundo filho. Além disso, a congregação teve que começar a se reunir à meia-noite de domingo, em vez de pela manhã. Nessa época, de acordo com o que dizem as pessoas mais velhas, McFall estava febril e branco que nem um fantasma. Ele ficava no púlpito, com uma dúzia de velas acesas na parte interna de madeira da igreja, descrevendo suas visões. Ele tinha convulsões e resmungava sobre pecados, comportamentos violentos, a punição de ídolos falsos e demoníacos, e uma praga carregada por inúmeras gerações. E o mais estranho era que McFall nunca prescreveu um remédio para essa punição. Nenhuma oração, nada. Ele nem passava a sacolinha.

Storie estava agora enlevada, olhando para o delegado. Ele não sabia se era porque ela achava a lenda fascinante ou se estava extasiada vendo seu chefe bancando o tolo. — Então, esse segundo filho... ele era para ser o demônio ou coisa assim?

Littlefield balançou a cabeça. — McFall acreditava que esse segundo filho tinha um poder igual a Jesus. E, segundo minha avó, a maioria da congregação de McFall acreditava nisso. Portanto, o pregador estava indo às alturas, despejando suas revelações enquanto a congregação se encolhia nos bancos, sem fala. E acho que ele começou a ficar meio maluco depois disso.

— Depois *disso*? Ele já não estava antes disso?

— Ele começou a tirar vantagem. — continuou Littlefield. — Disse que ele era o instrumento do Senhor, e que somente ele poderia protegê-los contra o segundo filho. Bem, ele engravidou uma mulher, a esposa de um soldado que estava lutando em Gainesville. As pessoas começaram a fofocar, mas tinham muito medo de confrontar o pregador. Então, em uma

manhã depois do serviço da meia-noite, um dos paroquianos encontrou o bebê dela mutilado no altar na igreja vermelha.

— Bem, como o pregador vinha agindo loucamente, eles acharam que ele havia bancado Abraão, ou algo parecido. Mas, dessa vez, Deus não disse nada quando ele ergueu a faca, então ele retalhou a criança em sacrifício. Naquela noite de domingo em 1864, os paroquianos chegaram para o serviço e arrancaram o pregador do púlpito. Alguém subiu na corda do sino e a cortou, jogou-a no chão onde os outros estavam, segurando tochas.

— Eles não fizeram isso — Storie interrompeu. Littlefield não sabia dizer se ela ainda estava zombando dele e decidiu continuar com a história até o fim, sentindo o pescoço corar.

— Sabe aquele álamo ao lado da porta da igreja? Eles o enforcaram nele.

— Então foi isso. Exceto que o fantasma dele ainda assombra a igreja, certo?

— Acho que os Potter, os Matheson e os Buchanan começaram a se sentir um pouco culpados e decidiram que "olho por olho" era muito justo e tudo o mais, mas quando um pecado era pago, ele era perdoado. Eles o enterraram no bosque, cobriram-no com pedras em um lugar há muito esquecido. Mas fizeram suas preces sobre seu túmulo, mesmo que ele não as merecesse. Eles até mesmo cuidaram da mulher que ele engravidou.

O rádio da polícia chiou e a voz de uma despachante soou. — Dez-sessenta-oito. Dez-sessenta-oito na Rua Old Turnpike.

A tensão no escritório de Littlefield diminuiu ligeiramente. — As vacas de Denny Eggers fugiram de novo — disse Littlefield.

Um policial em patrulha respondeu ao chamado. — Dez-quatro, base. Unidade Quatro a caminho.

— Dez-quatro — disse a despachante. O rádio voltou ao chiado ambiente da transmissão.

O delegado olhou para Storie. Ela se levantou e se espreguiçou. — Bom, acho que vou até a igreja e ver se deixei passar alguma coisa ontem — disse ela.

Ela estava na porta, com a mão na maçaneta, quando Littlefield falou. — A mulher que ele engravidou levou flores ao túmulo dele. Dizem que, três dias depois do enforcamento, ela saiu correndo do bosque, com lágrimas

nos olhos, as roupas rasgadas por galhos de árvores. Ela disse: 'Louvado seja Deus, a pedra do túmulo foi retirada'.

A detetive Storie não se virou. O delegado continuou, cuspindo as palavras uma após a outra, como se ele estivesse tendo um ataque de náusea e quisesse se livrar dele. — Quando ela disse isso, o sino da igreja começou a tocar. Só que o sino não tinha a corda. E não havia ninguém na igreja naquele momento.

Storie virou-se. — Então foi por *isso* que você me contou tudo isso. Isso realmente ia causar efeito no tribunal. — Ela mudou a voz para um tom baixo e profissional. — Sua Excelência, eu gostaria de apresentar como prova trinta e dois da promotoria uma fita com a gravação dos sinos da igreja tocando, gravada na noite da morte do Sr. Houck.

Littlefield olhou fixamente para a poça preta dentro de sua xícara de café. — Talvez não tenha nada a ver com a morte de Boonie. Espero realmente que não tenha. Um psicopata poderia se esconder no bosque por algumas semanas, mas os cães o encontrariam mais cedo ou mais tarde. Um leão-da-montanha também. Mas ouvi dizer que um dos descendentes de McFall voltou à cidade.

— Então você espera que eu acredite em coincidências? — disse ela. — Eles não ensinam investigação paranormal na academia. Quanto ao fantasma do Reverendo McFall, eu acreditarei no dia que você puder prová-lo no tribunal.

— Eu tenho uma testemunha ocular para você — disse ele com a voz cansada, a voz derrotada de um velho.

— Quem?

Ele olhou para o prêmio Policial do Ano, brilhando fracamente no sol da manhã que penetrava pelas aberturas da cortina. Storie aproximou-se da mesa dele. Ela se inclinou sobre a mesa em uma posição de superioridade, como uma professora dando uma bronca em um aluno distraído.

— Quem? — repetiu ela. — Quem vai testemunhar que um fantasma cometeu um assassinato?

— Eu.

CAPÍTULO 6

— Você? — Storie balançou a cabeça.

Littlefield recostou-se na cadeira, sentindo-se como se tivesse o dobro de seus quarenta anos. O lado bom do passado era que, a cada novo dia, ele se afastava cada vez mais. O lado ruim é que você também se aproximava cada vez mais do dia em que não poderia mais se esconder dele. Um dia de acerto de contas e julgamento.

— Eu tinha dezessete anos — disse ele, sentindo a pele fria. — Era noite de halloween. Naquela época, e provavelmente ainda hoje, ficar bêbado e dirigir até a igreja vermelha era a única coisa a se fazer no halloween. Eu e alguns colegas da escola pegamos a picape do meu pai. Bem, meu irmão menor, Samuel, tinha onze anos naquela época, viu a cerveja na carroceria da picape e disse que ia me dedurar.

Littlefield esfregou os olhos. Ele não ia se permitir chorar na frente de uma mulher ou de outro policial. Ele limpou a garganta. — Então disse a ele que poderia ir junto, desde que mantivesse sua boca idiota fechada. Nós saímos em direção à igreja — morávamos a uns três quilômetros de distância, perto da propriedade dos McFall no pé da montanha Buckhorn — e estacionamos perto das árvores ao lado do cemitério. Bebemos a cerveja e desafiamos uns aos outros a entrar na igreja, você sabe como são os adolescentes.

— Claro que sei — disse Storie. — Só que nunca imaginei que você tivesse sido um malandro desses.

Littlefield não tinha certeza se o sarcasmo dela era para provocá-lo ou encorajá-lo a continuar. Mas ele havia mantido aquela história engasgada por muito tempo. E ele nunca tivera ninguém a quem contá-la.

— Naturalmente, estávamos todos com muito medo para fazê-lo. Como eu disse, as histórias de fantasmas eram bem conhecidas por aqui. O que era muito engraçado, porque era onde a maioria de nós ia à igreja nos domingos. Durante o dia, com todas as pessoas lá e o sol batendo nas janelas, ela não era nem um pouco assustadora. Mas à noite, com as

sombras escuras do bosque, sua imaginação tinha muito espaço para ser fértil.

— Então começamos a implicar com Samuel, chamando-o de covarde, como se nós tivéssemos alguma coragem. E, que merda, eu era tão ruim quanto os outros. Samuel estava sentado na carroceria daquela picape, com os olhos arregalados e brilhantes sob o luar, os lábios trêmulos. O que mais ele poderia fazer além de subir até a igreja?

Storie encostou-se contra a parede. O delegado olhou para ela, mas Storie estava com o olhar fixo na porta, parecendo desconfortável. Ela era uma policial. Talvez ela estivesse tão inibida emocionalmente quanto ele e odiasse esse tipo de intimidade. Bem, ela poderia muito bem sair da sala, se quisesse. Agora que ele havia começado, ia terminar a história, mesmo se as paredes e Deus fossem seu único público.

— Ele atravessou o cemitério, usando uma capa que era parte da fantasia de halloween. Naquele ano, ele estava fantasiado de Batman, e a capa era uma toalha de praia amarrada com um nó em torno de seu pescoço. Talvez, enquanto ele caminhava, tentasse se convencer de que era um bravo super-herói.

Littlefield fechou os olhos e foi como se um vento de outubro o tivesse levado de volta àquela noite. Ele quase podia sentir o aroma das folhas recém-caídas, a doçura da grama de outono, a cerveja que havia derramado na carroceria da picape, a fumaça do cigarro que um dos garotos fumava. Ele continuou em um tom monótono.

— Na hora em que ele passou por aqueles túmulos solitários, comecei a me sentir um pouco culpado. Pulei da carroceria da picape e atravessei o cemitério correndo para pegá-lo e arrastá-lo para longe. Eu gritei, e acho que ele pensou que eu ia fazer alguma coisa com ele. Ele subiu os degraus correndo, levantou a trava da porta da igreja e entrou. O resto dos garotos estavam gritando e gemendo, fazendo barulhos de fantasmas e tentando não rir.

— Eu segui Samuel para dentro da igreja e fechei a porta atrás de mim. Foi quando eu tive a ideia. 'Vamos matá-los de susto', eu disse, furioso com os outros garotos principalmente porque eu era muito parecido com eles. A entrada estava escura, mas a luz do luar penetrava pelo campanário e iluminava o pequeno quadrado onde a corda do sino ficava pendurada. O buraco tinha mais ou menos meio metro por meio metro, pequeno demais

para que a maioria das pessoas conseguisse passar por ele. Mas Samuel era pequeno e ágil, e eu sabia que ele conseguiria passar se eu o ajudasse a subir.

A voz da Unidade Quatro soou no rádio da polícia e interrompeu a história de Littlefield. — Olá, base. As vacas foram encontradas. Denny está reunindo todas elas. Ficarei fora do ar por alguns —

Storie atravessou a sala, desligou o rádio e virou-se novamente para Littlefield. Seus olhos fixaram-se no rosto do delegado e se afastaram, como se ela estivesse envergonhada da vulnerabilidade que via nele.

Ele prosseguiu. — Eu falei para ele: 'Suba lá e se esconda, e eu vou correndo para fora gritando que o Monstro do Sino pegou você.' Ele devia estar com muito medo, mas eu sempre fora seu herói, e acho que ele confiou em mim, de que tudo ficaria bem, que nada de mal aconteceria enquanto eu estivesse lá. Eu o ajudei, ele subiu e, então, eu vi seu rosto pálido emoldurado pelo buraco da corda. 'Quando eu balançar os braços, você chuta o sino', eu disse. Ele assentiu e eu corri para fora, balançando os braços e gritando como um louco.

— 'Ele o *pegou*, ele o *pegou*', eu gritei. 'O Monstro do Sino o pegou'. E todos aqueles garotos bêbados pularam da picape e dispararam a correr pela estrada. Eu me virei e apontei para o campanário, sinalizando para Samuel tocar o sino. Eu vi seus olhos, sua testa branca, a massa escura de seus cabelos cacheados. E atrás dele, atrás dele...

Littlefield tomou três goles do café preto frio e olhou para a luz do sol se esgueirando em torno da cortina da janela. Ele nunca havia contado esta parte a ninguém. Exceto para si mesmo. Ele a havia revivido durante milhares de noites sem sono.

— O Monstro do Sino estava lá — disse ele, seu sussurro enchendo a sala.

— Era, na verdade, somente uma sombra, mas estava lá. Ele tinha contornos bem definidos e se movia em direção a Samuel. Eu gritei de verdade então, e acho que Samuel pensou que era parte da encenação. Então ele se virou e viu a coisa, só Deus sabe que aparência ela tinha daquela distância tão pequena. Ele pulou por sobre a beirada do campanário e começou a deslizar pelo telhado. Era uma queda pequena, ele teria ficado bem. Mas aquela capa imbecil prendeu em um prego ou alguma outra coisa

e eu ouvi o estalo claramente do outro lado do cemitério. — O sussurro de Littlefield ficou um tom mais baixo. — Seu pescoço quebrou.

Littlefield ainda conseguia ver a expressão surpresa de Samuel, seus olhos esbugalhados e sua língua para fora enquanto seu corpo girava, pendurado do telhado da igreja. A imagem tinha ficado queimada em sua retina, voltando em sonhos e enquanto ele estava acordado, mais nítida do que o sinal de uma televisão em alta definição, mais vívida do que qualquer filme.

Storie se aproximou e colocou a mão em seu braço. — Eu sinto muito.

As lágrimas finalmente caíram, quentes, molhadas e ardentes, mas não o suficiente para lavar a imagem do rosto de seu irmão morto. — Nós o enterramos lá na igreja. De vez em quando, acho que essa é a pior parte, nós o termos deixado enterrado lá para sempre. O lugar conseguiu o que queria. O lugar conseguiu *Samuel*.

Littlefield limpou o nariz na manga. — E aqui estou eu, debulhando-me em lágrimas como um idiota.

Storie se aproximou. — Está tudo bem, Frank — disse ela e, por um momento, ele achou que ela fosse abraçá-lo. Aquela teria sido a humilhação final. Ele virou a cadeira, e seu encosto ficou virado para ela.

— Eu o vi — disse ele.

— Eu sei. Deve ter sido horrível.

— Não, não Samuel. Eu *o* vi. Bem na hora em que o pescoço de Samuel quebrou, eu vi o Pregador Enforcado. Só por um segundo. Ele brilhava na ponta de uma corda, pendurado daquele maldito álamo que nunca tive a coragem de cortar. Ele olhava para mim como se soubesse o que tinha feito. E estava tremendamente satisfeito consigo mesmo.

Littlefield estava cansado, esgotado. Ele lamentava ter aberto a boca. Como ele poderia esperar que alguém acreditasse em algo em que ele próprio mal acreditava? Ele sabia o que havia acontecido aquela noite. Ele havia *visto* com seus próprios olhos. Mas aquela noite existira como se fosse em uma realidade separada, um inferno pessoal, longe do mundo seguro e são do Condado de Pickett.

— Algum de seus amigos de bebida viu alguma coisa? — Storie perguntou.

Maldita. É claro que ELA iria querer provas concretas. Uma alma alquebrada não era suficiente para convencê-la. A raiva secou seus olhos.

— Não — disse ele, olhando para um pôster de combate às drogas na parede. — Oficialmente, foi um trote que se transformou em uma tragédia. Um acidente horrível. É claro, os mais velhos murmuravam e somaram a morte de Samuel à lenda da igreja vermelha. O resto do mundo continuou com sua vida normal.

— Exceto você — disse Storie.

Exceto eu. Storie *tinha* os olhos de um detetive. Littlefield passou a mão na cabeça e se levantou. — Bem, agora você sabe que o delegado é totalmente maluco.

— Os olhos podem pregar peças. Em minhas aulas de psicologia, eles nos ensinaram que memórias ruins podem provocar—

Littlefield levantou a mão com firmeza para silenciá-la. — Não dou a mínima para suas teorias. Eu sei o que vi.

Ela cerrou os punhos e olhou para ele, a mágoa espalhada em seu rosto. Ela correu para fora do escritório, e ele não fez nada para detê-la. Ao sair, bateu a porta, e o prêmio de Policial do Ano de Littlefield balançou no armário.

***

Elizabeth McFall, conhecida pelas famílias antigas como Mama Bet, ajoelhou-se no solo úmido da floresta.

Os mortos pertencem à terra. E a terra pertence a Ele que criou tudo.

A terra a levaria muito em breve. Ela tinha quase oitenta anos, sofria de diabetes, catarata e pressão alta. Mas pelo menos Deus ainda permitia que suas pernas funcionassem e sua mente era muito mais clara do que sua vista. Ela olhou para as copas das árvores, para o céu azul e para o reino invisível que esperava por trás dele.

Uma mão tocou em seu ombro.

— Já acabou, Mama Bet?

Era Sonny Absher, o maior ladrãozinho barato desse lado do Tennessee. Ela esperava que os pecados dele não pulassem sobre ela, como pulgas buscando um solo mais fértil.

A pior parte desse negócio todo era que os Absher estavam dentro dele. Os Buchanan já eram ruins o suficiente, com seu jeito para aguardente, bater em esposas e roubar galinhas. Mas pelo menos os Buchanan sabiam

como baixar a cabeça e dizer que sentiam muito. Era mais fácil os Absher cuspirem em Deus, mesmo se a saliva caísse de volta em seus rostos oleosos.

Mas os Absher não podiam ser removidos da congregação. Todas as famílias tinham um dedo na perseguição original e todas elas carregavam uma dívida comum em seus corações. E, de qualquer forma, depois desses anos todos, eles eram praticamente do mesmo sangue. E aquele sangue teria que derramar, e derramar, e derramar.

— Já vou terminar — Mama Bet respondeu. — Tenho que sofrer um pouco, me ajoelhar aqui e sentir um pouco de dor.

— Então foi aqui que o enterraram?

Mama Bet curvou-se diante da pequena pilha de pedras. — Sim. Mas sem um corpo, um túmulo é só um buraco no chão.

Sonny Absher fez um som de desprezo. Ela conseguia sentir o cheiro de gim em sua respiração, em suas roupas, forte o suficiente para superar seu suor rançoso. — Quer dizer que você acredita naquela besteira sobre Wendell McFall voltando dos mortos?

— É melhor calar a boca — Mama Bet disse, sacudindo o ombro para afastar a mão dele. — Deus pode acabar com você. Olha o que Ele fez com Boonie.

— Deus já acabou comigo — disse Sonny. — Ele me fez nascer aqui. Por que outro motivo eu seria parte desse bando?

Sonny tirou um cigarro do bolso da camisa manchada, acendeu e soprou uma nuvem cinza de fumaça para o céu. Ele recuou até um suporte para coroas onde seu irmão Haywood esperava, perto da esposa e da filha adolescente. Stepford Matheson estava sentado em um toco de árvore, mastigando uma folha de grama.

Haywood havia tentado reunir um pouco de dignidade, juntando-se aos batistas e vendendo seguros em Barkersville. Suas mãos estavam unidas em reverência, mas ele não enganava Mama Bet. Uma pessoa com fé verdadeira não acreditava em seguros. Mas, de qualquer forma, Haywood era só aparência. Seu terno barato era enorme para seu corpo fino.

Coloque uma doninha em um terno de 40 dólares e você terá uma doninha de quarenta dólares. E Nell não tem os atributos para ser uma esposa premiada. Quer dizer, uma tonelada de maquiagem e uma ida

semanal ao salão deviam dar um resultado melhor do que AQUILO. Nossa, já vi maquiagens melhores na Casa Funerária do Mooney.

Mama Bet se virou para a pilha de pedras soltas que marcavam o antigo local de repouso de seu bisavô.

Perdoe-me, Deus, por pensar mal dos outros. Acho que sofro do pecado do orgulho. Só estou um pouco abalada, mais nada. Assustada. O Senhor entende, não é?

Claro, Deus podia entender. Na verdade, Deus era o culpado de toda essa confusão, se você fosse pensar bem. Foi Deus quem colocou aquelas noções malucas na cabeça de Wendell McFall. Foi Deus quem colocou a tentação no caminho de Wendell. Foi Deus quem ficou sentado, lá nas nuvens, e não mexeu um dedo enquanto Wendell estraçalhava aquela linda garotinha.

Deus sentou lá e riu. E Deus riu na noite em que colocou Sua semente no ventre de Mama Bet. Ah, sim, Deus era um diabrete, isso sim. Veio a ela no escuro e fez com que ela se esquecesse de tudo depois.

Até que sua menstruação não desceu algumas vezes. Sua barriga começou a inchar e seus seios ficaram pesados com leite. Todos acharam que ela tinha pecado, que tinha se deitado com um daqueles vendedores de Bíblias que iam de porta em porta e que tinham a reputação de serem garanhões, correndo atrás de qualquer rabo de saia. E então as galinhas começaram a cacarejar, Alma Potter, Vivian Matheson e todas as outras fofoqueiras maldosas de Whispering Pines.

Ela não contou a ninguém que ainda era virgem. Nem naquela época, nem agora e nem nunca, até onde se lembrava. Virgens não podiam engravidar, podiam? Só tinha acontecido uma vez em toda a história do mundo, do jeito como a Bíblia contava.

Mama Bet deu à luz ao bebê sem ajuda, havia gritado, gemido, chorado por vinte horas depois que a bolsa arrebentou e durante os espasmos em seu útero. Que Deus a perdoasse, ela havia até mesmo xingado o Pai do bebê. Havia usado cada palavrão do repertório de Absher, com mais alguns de sua própria autoria. Finalmente aquela cabeça escorregadia havia saído, seguida de pequenos ombros, braços, barriga e pernas.

Pode um corpo amar tanto alguma coisa que seu coração se contraia de dor com esse amor?

Ela havia pensado nisso várias vezes. Porque ela se apaixonou por aquele bebê, puxou-o para sua barriga e o abraçou contra o rosto, suas

lágrimas correndo em sincronia com seja lá o que for que estivesse escorrendo do meio de suas pernas. Seu mundo inteiro, toda a sua razão de viver, atingiu a realização naquele momento depois do parto.

— Por quanto tempo você vai rezar sobre essa maldita pilha de pedras? — Sonny a chamou.

— Cale a boca — disse Haywood.

Mama Bet levantou-se lentamente, apoiando-se nas pedras cheias de musgo. Haywood começou a andar na direção dela para ajudá-la, mas ela o dispensou com um gesto.

— Eu tiro minhas forças de Deus e de Archer — disse ela.

Ah, sim, era força, é claro. A força nascida da teimosia e da determinação. Deus era o pai mais ausente de todos os tempos. Pois Ele nunca realmente apareceu e cuidou de sua parte, nunca fez isso ou aquilo acontecer diretamente, apesar de ter Sua mão em cada respiração dos seres humanos. Ele se mantinha invisível, pois não queria levar a culpa se as coisas dessem errado. É por isso que Ele havia plantado sua semente e desaparecido na noite, sem nem mesmo deixar para trás um manual de instruções sobre como criar um messias.

Mama Bet jogou a echarpe para trás, deixando-a envolver seu pescoço. O sol estava alto o suficiente para penetrar pela copa das árvores. As folhas ainda não estavam totalmente crescidas. Caso contrário, o túmulo estaria envolto em sombras o dia inteiro. Mama Bet respirou fundo o ar fresco da montanha. Ela podia sentir o cheiro do gelo do inverno passado e dos brotos de carvalho do verão vindouro no mesmo fôlego.

E as estações continuam se sucedendo, uma após a outra. Parece que elas voltam cada vez mais rápido, misturando-se, sem parar para descansar, como se o mundo estivesse com muita pressa de chegar ao dia do acerto de contas.

Ela caminhou lentamente sobre as folhas úmidas da clareira na floresta, até que chegou aos outros. A congregação. Só que eles ainda não sabiam disso. Eles só sabiam que tinham que vir, tinham que participar, tinham que abrir seus corações. Mama Bet era a única que sabia que o Segundo Filho havia retornado, e que agora o preço seria muito mais alto. Mas ela nunca havia dito uma palavra da verdade, exceto para Archer. É claro que ela conseguia guardar um segredo tão bem quanto Deus.

— Acho que devemos orar — disse ela. Ela estendeu a mão enrugada para Stepford, que dobrou seu canivete e guardou sua escultura. Ele limpou as lascas de madeira da mão e segurou a mão de Mama Bet. Noreen segurou a outra mão dela, sorrindo. Ela era uma garota bonita, mas o rosto não era tão redondo quanto o resto dos Absher. Talvez ela tivesse um pouco de sangue dos Potter. Todos sabiam que Zeb Potter pulara a cerca de vez em quando, antes que sua saúde começasse a se deteriorar. Talvez Nell tivesse sucumbido ao charme pecaminoso de Zebulon.

E lá vou eu de novo, Deus. Pensando mal dos outros, como se eu não tivesse meus próprios pecados com que me preocupar. Acabe comigo agora se for Sua vontade. Só não plante outra semente em mim. Não acho que eu consiga aguentar outra rodada igual àquela.

Bem, isso, e ela não tinha amor sobrando para dar a outro filho. Archer Dell McFall ocupava cada centímetro de seu coração. Archer havia dado a ela mais alegrias do que ela achava que havia no céu. Archer era a criatura mais bela de toda a Criação. Era óbvio que Deus podia produzir um filho da melhor estirpe quando decidia fazê-lo.

Os outros reuniram-se em um círculo e seguraram as mãos, mesmo com Sonny resmungando incomodado. Mama Bet lançou-lhe um olhar repreensivo. Ele piscou e baixou o olhar. Todos baixaram suas cabeças.

— Deus, dê-nos a força para fazer a Sua vontade, e para aceitarmos nossa parte em Seu trabalho — ela disse, com a voz trêmula. — Sabemos que somos pecadores e não merecemos a glória, mas sabemos que o Senhor nos ama mesmo assim. Afaste nossos olhos de visões do mal e nossos ouvidos do chamado de falsos profetas. Permita-nos fazer os sacrifícios que forem necessários, e não nos deixe sair do caminho verdadeiro. Cuide de nós e proteja-nos até a quarta geração. Amém.

E que Archer possa fazer isso certo, ela adicionou silenciosamente, enquanto os outros ecoavam "Amém".

— Acabou agora? — disse Sonny, puxando outro cigarro.

— Talvez nunca acabe — disse Mama Bet.

— Quando o Senhor Jesus lhe dá uma missão, você a segue até o fim — disse Haywood.

Pobre Haywood. Engolindo aquele Novo Testamento, com isca, linha, chumbada e tudo o mais. Bem, Archer fará com que a luz brilhe sobre ele em breve.

Stepford cuspiu no toco de uma árvore. — Vamos, Sonny. Estou com sede — disse ele. Ele se virou e começou a descer o caminho que levava à estrada de terra. Eles haviam estacionado os carros no final da trilha.

— Espere um segundo — gritou Sonny. Ele se virou para Mama Bet. — Temos que ir à igreja vermelha amanhã à noite?

— Eu falei que sim, não falei?

Ele olhou para baixo e fez uma careta. — Desse jeito nem dá tempo para tomar algumas doses, com toda essa história de baixar a cabeça e adoração e tudo o mais.

— Olha, Sr. Absher, fique à vontade e vá direto para o inferno se quiser, mas isso não é sobre você, certo?

Ele olhou para o pequeno túmulo coberto de plantas.

— A pedra foi retirada — disse Mama Bet. — Todos temos que fazer sacrifícios.

Os lábios finos de Sonny se torceram. — Certo, talvez tenhamos que seguir o chamado, mas isso não quer dizer que precisamos gostar.

Ele se virou e se apressou atrás de Stepford, as botas chutando as folhas no caminho. Haywood se aproximou de Mama Bet e segurou o braço dela. — Vamos, Mama Bet — disse ele. — Vamos levá-la para casa para que possa descansar.

Ela sorriu para ele, para Noreen e até mesmo para Nell. A congregação. Parte dela, pelo menos. Noreen era tão bonita, em seu vestido de Páscoa, da cor dos ovos do tordo. Quase uma pena que uma beleza como aquela tivesse que ser deixada de lado.

Porque um rosto bonito só serve para esconder a feiura, certo?

— Sim, acho melhor todos irmos descansar — disse ela. — Haverá grandes provações à frente.

O céu pareceu escurecer um pouco com suas palavras, ou talvez Deus houvesse se escondido entre as árvores e levantado Seus dedos para jogar uma sombra sobre seus olhos. Ele gostava de manter as coisas confusas, isso era verdade. Algumas vezes ela ficava imaginando se Ele a amava, se Ele realmente amava algum deles. Ou se Ele estava apenas fingindo para que conseguisse as coisas que queria, como amor?

Haywood a conduziu, descendo o caminho da montanha até a casa dela, o local do nascimento do Segundo Filho.

CAPÍTULO 7

Linda observou o sol descendo em direção ao cume da montanha Buckhorn. Só mais algumas horas. Ela estava tentando imaginar uma forma de escapar sem que os garotos notassem. Ela quase desejou que David tivesse ficado. Ele engolia as mentiras mais facilmente que os garotos.

Ela se virou e voltou para a cozinha. Timmy estaria com fome quando voltasse de seus afazeres. Ela podia vê-lo pela janela sobre a pia, capinando o solo marrom do jardim com a enxada. Os repolhos, as vagens e as batatas estavam no chão, e logo seria hora de plantar milho e pepinos. Ela não sabia como iria cuidar da fazenda sozinha. Mesmo se ela alugasse os campos para o plantio de feno, o jardim precisava de muito tempo e sacrifício.

Sacrifício.

Archer sempre dissera que sacrifício era a moeda de Deus.

Linda mordeu o lábio. Lágrimas brotaram em seus olhos, e ela não sabia se eram de arrependimento ou de alegria. O sacrifício traria frutos na próxima vida e até a quarta geração, mas desistir das coisas nessa vida era difícil. Havia alegrias que ela podia ter nessa vida: seus filhos e, algumas vezes, até David, passear na grama úmida da manhã, abrigar-se no celeiro durante uma tempestade com a música das gotas de chuva no telhado de zinco.

Não, esse tipo de pensamento era mortal, sovina, vão e destrutivo. Mas ela *era* uma mortal. Ainda. A mãe de dois garotos maravilhosos. Até que Archer o exigisse, ela não os abandonaria.

Linda parou em frente à geladeira. Um dos poemas de Ronnie para a escola estava preso em um ímã de uma banana. A professora dele havia circulado um grande *A* vermelho no canto da página. "A Árvore", era o título.

A árvore tem braços
que abraçam,
mas não tão aconchegantes quanto os da Mamãe.
Algumas vezes quando passo,

a árvore abana
e eu fujo.
A árvore late para mim.

Ronnie estava indo bem. Ele havia dormido a maior parte do dia desde que chegara do hospital. Seu rosto estava pálido e seu nariz enterrado sob gazes e esparadrapos. Ele havia vomitado sangue uma vez, manchando o carpete do quarto. O lugar cheirava a spray de limpeza de carpete, mas, por sorte, ainda estava quente o suficiente para deixar as janelas abertas.

Linda pegou alguns hambúrgueres da geladeira. Eles haviam matado a última vaca no último outono. Linda perguntou a si mesma se a vaca morta contaria como um sacrifício. Talvez para o Deus das vacas. Deixe Archer se preocupar com esse tipo de coisa.

Tim entrou pela porta de trás.

— Vá lavar as mãos, querido — disse ela acima do barulho da água na qual estava lavando algumas batatas.

— Elas estão doendo. — Seu tom de voz não parecia tão queixoso.

— Eu sei. Você vai se acostumar.

Tim veio até a pia e viu os hambúrgueres. — Parece com o rosto daquele cara.

— Shhh, querido.

— Sonhei com ele na noite passada.

— Ficou com medo? — Ela prescrutou o rosto dele, procurando fraqueza. Tudo o que ela viu foi os olhos de David, o dom teimoso da genética. Ela se afastou e deixou Timmy lavar as mãos.

A pia ficou marrom da sujeira. — Não. Em meu sonho, o cemitério estava meio escuro, mas não era um escuro mau. Um escuro engraçado, como carnaval ou algo assim. E o homem morto estava todo rasgado e tal, mas estava caminhando entre as lápides.

— Você é um garoto corajoso. Isso teria me assustado, com certeza. — Archer estava atrás dos garotos? Ou tinha sido só o truque normal dos sonhos?

Tim fechou as torneiras e secou as mãos no pano de prato que estava pendurado no puxador de um armário. — Havia outra pessoa, um garoto, na igreja. Mas a igreja não era uma igreja, ela estava toda iluminada, como uma casa do terror de um parque de diversões. O garoto estava lá em cima,

com o sino, rindo e rindo e rindo, e tocando o sino. E o cara morto dançava entre as lápides, pedaços dele caindo o tempo todo.

Archer. Tinha que ser Archer. *A verdade tem muitas faces*, ele sempre dizia. — Bom, você passou por bons bocados. Não é surpresa que tenha tido um sonho tão estranho — Linda disse, pressionando dois hambúrgueres e colocando-os na frigideira preta de ferro sobre o fogão. O calor fez a carne chiar, o ruído branco da transformação de energia.

— Aquele sonho não foi nada assustador, comparado com a conversa com o delegado. Ou com ver Ronnie no hospital.

O delegado. É claro que Tim achou que o homem ia prendê-lo. O delegado parecia um militar no saguão do hospital, fazendo perguntas a Tim em sua voz profunda e paciente. Ele era uma ameaça. Mas ele tinha o sangue antigo e sua própria dívida a pagar. Archer podia cuidar dele.

Os hambúrgueres saltaram quando ela os virou, causando a sensação de agulhas quentes em seus braços nus quando o óleo quente espirrou em sua pele. O alarme tocou no micro-ondas. — O jantar está pronto — disse ela.

Enquanto Tim comia na mesa da cozinha, Linda levou suco de maçã para Ronnie. Ela acendeu a luz e ele gemeu. — Está tudo bem, querido — disse ela. — Eu trouxe um pouco de suco.

Ele estava febril e parecia pálido contra o travesseiro. Seu nariz ainda estava inchado e um fio da gaze, cheio de sangue, estava pendurado de uma narina.

— N-não estou com sede — disse Ronnie.

Ela sentou ao seu lado na cama de baixo. Sendo o mais velho dos dois, ele normalmente dormia na cama de cima, mas ela não queria correr o risco de vê-lo cair durante a noite. Archer o queria inteiro e curado. Não desse jeito.

Por que você teve que quebrar o nariz? Ele parecia tão pequeno, com os cabelos penteados para trás e os lençóis de *Guerra nas Estrelas* puxados até o pescoço. Theo, seu urso de pelúcia, havia caído para o lado, seus braços esticados sem oferecer conforto algum.

Por um breve segundo, ela jogou a culpa do ferimento em Archer. É claro, ela sabia que Archer tinha matado Boonie Houck, que havia feito aquele bêbado pagar por seus pecados, ao mesmo tempo em que Archer se rejuvenescia para enfrentar seu trabalho sagrado. A vida inútil de Boonie tinha culminado em um grande ato de entrega. Servir como sacrifício havia

sido o melhor propósito de Boonie neste mundo. Ele deve ter gemido em gratidão quando Archer arrancou seus olhos malévolos, sua língua e outras partes pecadoras.

O acidente de Ronnie havia sido um mero contratempo, ela sabia. Muitos inocentes seriam sacrificados para que nenhum dos culpados escapasse. Essa era a Palavra, esse era o Caminho. Ela havia aceitado o testamento há muito tempo.

Archer avisara que algumas escolhas seriam difíceis. Mas ele havia avisado que o amor terreno era somente mais uma vaidade, mais um pecado. Todo o amor deveria ser direcionado para o Templo dos Dois Sóis. E nada daquele amor podia ser desperdiçado com o Primeiro Filho, Jesus.

Jesus, o criador de pragas. O maldito. O mentiroso. Uma máscara de luz e paz cobrindo a face medonha e cheia de cicatrizes de um demônio. Linda estremeceu, relembrando da lavagem cerebral que havia sofrido na mão dos batistas. E pensar que ela obrigara os garotos a irem à igreja.

Um truque de Jesus, Archer havia explicado. Usando David para enganá-la. Para "salvá-la".

Ela estremeceu e colocou o copo com suco de maçã contra os lábios de Ronnie. Ele inclinou o rosto para a frente e deu um gole, caindo novamente contra o travesseiro. — Como está se sentindo, querido?

— Dói — sussurrou ele.

— Eu sei, querido. Logo, logo vai passar.

— Eu só quero dormir.

— Claro. — Ela beijou a testa dele, cuidando para evitar a pele arroxeada em torno dos olhos. — Bons sonhos.

Timmy estava terminando de comer quando ela voltou para a cozinha. Ela o mandou lavar o rosto, escovar os dentes e dormir. Ela ligou o rádio na estação local. Estava tocando uma música dos Beatles, "Strawberry Fields Forever". Pecado. Mas ela era forte. Ela podia resistir a esse teste da fé.

Sim, Archer, eu sou forte. Eu mereço. A música não me toca, pois eu sei o que ela é.

Ela ouviu a música ao entrar no segundo refrão, com os efeitos cheios de mensagens secretas. Os sussurros sedutores e as tentações de Jesus. Algo sobre enterrar Paulo, o apóstolo amaldiçoado. Dezenas de pessoas no condado, talvez centenas, estavam expostas à adoração desse Jesus depravado. Ela fez uma rápida oração a Archer por suas almas.

Outra música começou. Culture Club, uma banda da qual ela costumava gostar. Antes de conhecer Archer. — Karma chameleon — cantou Boy George. Camaleão do carma. Mais sacrilégio, mais celebrações pervertidas do espírito, outro Caminho falso.

Os garotos provavelmente já estavam dormindo. Ela desligou o rádio e se esgueirou pela porta silenciosamente. O céu estava escuro como carvão a oeste, onde a lua crescente estava pendurada, inchada e obscena. Mas o solo, a terra, as montanhas eram negras como a absolvição. O mais próximo possível da paz prometida de Archer, pelo menos nesse mundo mortal.

Grilos. A gargalhada do riacho. O vento passando pelas árvores, ocultando os ruídos das criaturas noturnas.

Ela não precisava de luz para enxergar.

Ela só precisava de fé.

E da escuridão.

A escuridão de Archer a evocava, um sinalizador tão absolutamente negro que a cegava.

Ela atravessou o prado úmido e entrou na floresta.

***

Zeb Potter segurava a espingarda sobre o braço coberto pela manga de flanela. Ele mirou a lanterna no centro do celeiro. As vacas se debatiam contra as paredes das baias, mugindo irrequietas. O ar estava denso com o odor de esterco fresco.

Alguma coisa as deixou muito assustadas.

Zeb estava se aprontando para dormir, havia se livrado do tabaco que estava mascando, havia retirado a dentadura e estava decidindo se ia usar o mesmo pijama mais uma noite quando o grito de um bezerro encheu a noite. Um bezerro podia gritar muito se quisesse, mas ele nunca se afastava sem um bom motivo.

A maioria das pessoas achava que o gado era tão burro quanto uma porta, mas eles tinham peculiaridades que nenhum daqueles "agrônomos" geniais da Carolina do Norte jamais teria a capacidade de explicar. Pegue uma vaca saudável, bata nela naquele ponto entre os olhos, e um pouco acima deles, com uma marreta, e ela cai morta, na hora, pronta para virar churrasco. Mas uma vaca doente, é preciso acertá-la cinco ou seis vezes

antes que ela caia. E por quê? A vaca doente vivia para ficar saudável, mas a vaca saudável já estava na melhor forma que poderia querer. Então a vaca saudável não tinha ambição nenhuma. As vacas sabiam um pouco sobre a vida.

E elas sempre armavam uma confusão quando sentiam o cheiro de alguma coisa ruim. Apesar de todos os grandes predadores já estarem mortos, de vez em quando um bando de cães selvagens aparecia das colinas do Tennessee, onde as pessoas os deixavam à solta. Mas nesse lado da fronteira, as pessoas cuidavam de seus problemas. Elas não esperavam até que os problemas causassem danos e fossem adiante.

Depois da primeira comoção, Zeb esbravejou e calçou as botas, sem se preocupar em procurar as meias. Ele parou na porta, colocou seu chapéu, pegou a espingarda e a lanterna. Se Betty ainda estivesse viva, ela estaria esperando na porta, usando uma camisola, e dizendo a ele que tivesse cuidado. E ele teria erguido a espingarda e dito: — Esse é todo o cuidado de que preciso. Mas Betty havia partido para ficar com Deus, a fazenda era grande e solitária, e a casa produzia ruídos durante a noite. E o infeliz do cão provavelmente tinha se escondido no bosque ao sentir o odor do perigo.

A espingarda era pesada e os músculos de Zeb doíam com a tensão. Ele iluminou o celeiro novamente, a luz amarela passeando pelos troncos, pelos fios velhos e pelos sacos podres de ração. A poeira do feno enchia o ar e os farelos do tabaco do último outono pairavam entre as rachaduras do andar de cima. Alguma coisa estava se movendo lá.

Aquilo não é um danado de um cão do Tennessee.

Zeb cerrou as gengivas e se moveu tão silenciosamente quanto seus velhos ossos o permitiam até a escada do celeiro. Uma galinha pulou de seu ninho sob a escada e quase teve sua cabeça estourada quando pulou à frente do rosto de Zeb. Zeb pegou a lanterna que deixou cair. As vacas estavam fazendo mais barulho agora, seus mugidos mais frenéticos.

Zeb colocou um pé trêmulo na escada. — Quem está aí? — ele gritou, esperando que tivesse soado mais bravo do que assustado. Não houve resposta além dos mugidos das vacas.

Ele ouvira falar do que acontecera com Boonie, e de jeito nenhum deixaria aquilo acontecer com ele. O delegado até viera à sua casa perguntando se Zeb vira ou ouvira algo incomum. Mas a única coisa que

Zeb ouvira fora aquele sino infernal no meio da noite, provavelmente alguns garotos tentando incomodar o máximo possível de pessoas.

Ele ponderou se deveria voltar à casa e ligar para o delegado. Littlefield dissera a ele para ligar se algo "incomum" acontecesse. Littlefield adorava aquela palavra. Mas Zeb conhecia Littlefield desde que ele era um garotinho, e não queria que o delegado achasse que ele não podia cuidar de seus problemas. Era por isso que o Tennessee e o resto da droga do condado estava nesse caos. Todos fechavam os olhos quando acontecia alguma coisa ruim.

John Wayne nunca nem piscou.

Zeb moveu a luz da lanterna para a escuridão na parte superior da escada. Ele colocou o pé no segundo degrau e, antes que pudesse decidir se realmente iria subir ou não, deu outro passo, mais um passo e, antes que começasse a pensar novamente, já estava na metade do caminho. Ele apoiou o cano da espingarda no pulso esquerdo para que pudesse usar a lanterna enquanto mantinha a mão direita no gatilho. Se ele atirasse com a espingarda naquela posição, ao lado do quadril, o recuo provavelmente quebraria o dedo que estava no gatilho. Era uma preocupação que John Wayne nunca tivera.

— Pode ter sido alguém com uma faca ou um machado — havia dito o delegado. — Ou isso, ou um animal selvagem.

Claro, poderia ter sido alguém com uma faca. Caras da cidade grande haviam se mudado para Whispering Pines, alguns vindo da Flórida, outros de Nova Iorque, para escapar daquelas ruas cheias de maníacos com olhos drogados e mãos que, em vez de cumprimentá-lo, provavelmente lhe dariam um murro. Mas adivinha só? Os caras da cidade tinham trazido junto as coisas ruins. O instinto de um assassino era facilmente embalado em um reboque, junto com uma bicicleta ergométrica ou um carrinho de golfe.

Ele dissera ao delegado, de forma bem clara, que não havia nenhum animal por aqui grande o suficiente para mutilar um homem daquele jeito. Talvez na África ou outro lugar, mas aqui as coisas não eram selvagens desse jeito. Então, quando Littlefield disse que Perry Hoyle havia mencionado um leão-da-montanha, Zeb riu alto. A ideia de um assassino maluco nos arredores era muito mais fácil de engolir do que acreditar que um leão-da-montanha estava à solta.

Mas, nesse momento, Zeb não estava com a menor vontade de rir de nada. Seu estômago estava revirando, e sua garganta estava fechada com um nó. Ele subiu o suficiente para enxergar acima do fim da escada, no segundo andar, e a luz da lanterna balançou de um canto a outro, rápido demais para que ele conseguisse ver alguma coisa.

Feno, empilhado como blocos de brinquedo de madeira.

O brilho do metal de suas ferramentas penduradas na parede, ao lado da bancada de trabalho.

A noite fria, além da tela de galinheiro que cobria as janelas abertas.

Postes, a parte inferior descoberta do teto de zinco, as estacas onde o tabaco ficava pendurado para secar, a —

A coisa escura, mergulhando, um barulho súbito que parecia papel quebrando o silêncio nervoso.

Zeb moveu rapidamente a lanterna e a mão no gatilho ficou tensa.

Morcego.

Maldito rato com asas.

Zeb soltou o ar dos pulmões, seu coração martelando em seus ouvidos. Uma leve dor enchia seu peito.

Calma agora, Zebulon. Não vá parar no hospital.

Ele estivera no hospital no ano anterior, e foi o mais próximo de estar na prisão que ele gostaria de ficar. Médicos enfiando coisas dentro de cada buraco de seu corpo, enfermeiras vendo-o nu, pessoas com casacos brancos dizendo a ele quando engolir quais pílulas. Nem podia mascar um pouquinho, não, senhor. *Já teve isto, isto, ou isto?*

Finalmente, eles o abriram e retiraram sua vesícula. Ele suspeitava que tinha sido à toa, que eles realmente não conseguiram encontrar nada de errado, mas não queriam admiti-lo. Mas ele achou que a cirurgia os deixaria felizes e, afinal de contas, ele nunca precisara da maldita vesícula. Pelo menos não retiraram nada importante, e ele pôde ir para casa novamente, mesmo que ainda se sentisse meio esquisito boa parte do tempo.

Zeb estava furioso consigo mesmo por tremer. E para provar a si mesmo que ele não fechava os olhos para os problemas e que, pelo amor de Deus, *ele* não tinha nada daquele sangue desprezível do Tennessee nele, ele atravessou o segundo andar, com cuidado para evitar os quadrados escuros cortados no chão, onde ele jogava o feno para baixo para o gado nos meses de inverno.

Se alguém estava ali em cima, estava invadindo, pura e simplesmente.

E se fosse um drogado maluco que escapou da cidade, Zeb poderia cuidar dele.

Não importava se tinha o machado ou a faca.

A sombra de um movimento capturou seu olhar e ele levantou a lanterna para ver que era somente um pedaço de corda pendurado, balançando na brisa que entrava pelas janelas.

Um ganido metálico veio de trás dele. Zeb virou rapidamente, a luz da lanterna percorrendo a bancada. Um pequeno pedaço de cano balançava para a frente e para trás. *Não foi vento nenhum que mexeu aquilo.*

Ele se esgueirou na direção da bancada, com a espingarda à frente, e se deu conta de que a lanterna revelava sua posição. O drogado ou seja lá o que era sabia exatamente onde Zeb estava.

Não havia nada a fazer a não ser caminhar brava e orgulhosamente. Ele ficou ereto como John Wayne o teria feito e disse: — Saia para onde posso ver você.

Somente silêncio e o ruminar silencioso das vacas.

— Eu tenho uma arma.

Um grilo soou em algum lugar dentro do feno.

Zeb percorreu a parede acima da bancada com a luz da lanterna. Alguma coisa não estava certa.

Lá estava o forcado, pendurado em dois pregos enferrujados. Uma polia, usada para erguer vacas para que pudessem ser estripadas do jeito certo. Um serrote. Um machado. Um pulverizador com uma faixa para pendurar no ombro. Um rolo de fios. Uma pá. Duas picaretas. Uma barra de corte para o trator. Três correntes de espessuras diferentes.

E o que mais? O que estava faltando?

A parede ficou escura e Zeb levou um segundo para se dar conta que a luz havia sido bloqueada.

Drogado.

Um rosto encheu o círculo de luz, um rosto que parecia familiar, mas irreal. O peito de Zeb estava fervendo, como um caldeirão.

Não era um drogado. Um—

O dedo de Zeb apertou o gatilho e o barulho da pólvora explodindo subiu até o teto de zinco, ecoando de volta para dar aos ouvidos de Zeb um golpe ensurdecedor extra. O chumbo abriu cicatrizes nas paredes de

carvalho. E a coisa que estivera parada em frente a ele havia sido enviada de volta ao inferno, onde era seu lugar.

Exceto...

Jesus misericordioso.

A coisa ainda estava lá, com o rosto mostrando um enorme sorriso enquanto suas feições passavam rapidamente de pele a escamas, a pelos e a um cinza sem forma. Mas os olhos eram a pior parte, aqueles raios verdes penetrantes que amavam e odiavam mais do que qualquer sonho ou pesadelo, olhos que dominavam, olhos que abençoavam e amaldiçoavam, olhos que —

Zeb ouvia seus próprios gemidos enquanto tentava recarregar a espingarda. Ele estivera certo: disparar a arma *havia* quebrado seu dedo, mas não havia tempo para se preocupar com a dor no coração e na mão. Talvez ele tivesse errado da primeira vez, mas a coisa agora estava mais próxima, só que ele estava muito fraco para recarregar — isso nunca teria acontecido com John Wayne.

A lanterna havia caído no feno, mas sua luz estava virada para cima. A coisa de olhos brilhantes enchia o círculo de luz, como a estrela de um show de marionetes ensandecido. Ela levantou a marreta, o martelo que Zeb usava para matar vacas, e, à medida que a cabeça de metal de 4 quilos começou a descer, mirando naquele lugar entre e um pouco acima dos olhos, ele se deu conta de que talvez aqueles idiotas nascidos no Tennessee estivessem certos.

Havia um momento para fechar os olhos até que as coisas ruins fossem embora.

CAPÍTULO 8

Frank Littlefield chegou ao topo da colina em seu Trooper, piscando contra a claridade da alvorada ao percorrer o caminho para o vale de Whispering Pines. O vidro estava abaixado, pois o aroma da primavera verde era muito mais doce longe da cidade. As poucas casas que havia ficavam afastadas da estrada, com campos de pasto e de tabaco interrompidos por pedaços da floresta. Abaixo, o prateado e o marrom dos tetos dos celeiros eram pequenos retângulos contra a planície do rio. As vacas passeavam perto das cercas, movendo-se tão sonolenta e preguiçosamente quanto o rio, as cabeças todas viradas para a mesma direção.

Alguns veículos passaram, seus ocupantes em ternos escuros e vestidos vistosos, com os cabelos respeitosamente penteados. Eles iam para Barkersville, para a igreja. Domingo era para ser um dia santo, um dia de descanso e amizade, de frango assado e esportes na televisão. Não um dia de morte.

Ele chegou ao fundo do vale e entrou na estrada de terra que conhecia tão bem. Um garoto estava pescando na ponte, e Littlefield reduziu a velocidade para diminuir a poeira levantada pela passagem do Trooper. O delegado olhou para a linha da vara de pescar do garoto para ver se alguma truta havia mordido a isca. A linha estava frouxa. Até mesmo os peixes estavam com preguiça hoje.

Ele fez uma curva e a igreja vermelha entrou em seu campo de visão. Dessa distância, a estrutura parecia que tinha um rosto. As janelas eram como olhos vazios, suas coberturas como sobrancelhas, a fundação irregular de pedra parecendo um sorriso cruel com dentes quebrados. A igreja brilhava, pretensiosa e cheia de ódio na colina do cemitério. Littlefield desviou o olhar para se livrar da imagem de Samuel pendurado do telhado.

Uma faixa de plástico amarelo na parte inferior do cemitério marcava a cena onde Boonie Houck havia morrido. *Não ultrapasse*, comandava a linha da polícia. Engraçado como aquelas palavras sempre estavam um

pouco atrasadas. Se pelo menos a barreira estivesse lá há uma semana. Então Boonie poderia estar acordando com uma ressaca, em vez de estar dormindo em uma maca de metal na geladeira do legista estadual.

Tudo o que precisamos fazer é marcar o mundo todo. Faixas amarelas para todo mundo.

Um caminhão estava parado com a parte de trás virada para a porta da igreja. Era o caminhão de Lester, um Dodge de duas toneladas, enorme e preto. Fardos de feno estavam empilhados na carroceria. Lester nunca trabalhava aos domingos. A única vez em que ele deixou de participar da missa matinal foi quando ele teve que ir ao mercado de tabaco em Durham, em novembro.

Littlefield decidiu conversar mais uma vez com Lester. Storie estaria esperando por ele na casa de Zeb Potter, mas pelo que a detetive dissera a ele no telefone aquela manhã, não havia muito que Littlefield pudesse fazer pelo velho fazendeiro. E o delegado tinha a impressão de que seja lá o que for que estivesse acontecendo na igreja vermelha poderia ter uma conexão com o assassinato da noite anterior. Porque Zeb Potter definitivamente não tinha sido atacado por um leão-da-montanha. A não ser que leões-da-montanha tivessem aprendido a usar marretas.

Ele entrou no caminho que levava até a igreja e estacionou perto do Dodge. Lester estava parado na porta da igreja, um fardo de feno marrom amarelado em suas mãos enluvadas. — Olá, delegado. Você tem aparecido bastante por esses lados.

— Um pouco *demais* — disse Littlefield, saindo do Trooper. Ele olhou para o álamo, para os galhos finos que nunca morriam, e começou a se virar o olhar para o campanário, mas caiu em si e voltou a atenção para Lester. — Parece que a venda foi boa.

— Com certeza. Nunca vi tantos zeros desde meu último boletim no quarto ano. — Lester cuspiu o excesso de saliva com tabaco da boca.

Alguém saiu do santuário. Era a mulher Day, a mãe dos dois garotos que tinham encontrado o corpo de Boonie. Um lenço vermelho prendia seus cabelos longe do rosto, e as mangas da camisa estavam enroladas até a metade dos braços. Pedaços de palha estavam presos na flanela.

— Olá, delegado — disse ela, jogando um fardo de feno no caminhão e começando a caminhar de volta para dentro da igreja.

— Bom dia, senhora. Como está seu filho hoje?

Ela pareceu confusa por um momento, como se não soubesse de quem ele estava falando. — Ronnie? Ah, ele está bem. Muito bem. Eles se recuperam muito rápido nessa idade.

Tão rápido que você pode sair e deixá-los sozinhos? — Fico feliz em saber, senhora. E o pequeno?

— Timmy está bem, também. Ele está de olho na casa para mim.

— Ele se lembrou de mais alguma coisa sobre quando encontraram o corpo? Qualquer coisa que possa nos ajudar?

Ela olhou para Lester e, depois, para o interior escuro da igreja. — Acho que é melhor se ele esquecer de tudo, não acha?

— Talvez. — Quem ou o que estava dentro da igreja e que a deixava tão nervosa? E, para começo de conversa, o que ela estava fazendo aqui? Para Littlefield, a tarefa parecia mais do que só um vizinho ajudando o outro.

Lester cerrou os olhos por causa do sol. — Se nos der licença, delegado. Temos trabalho a fazer.

— Claro. Mas só uma coisa. Você ouviu alguma coisa na noite passada?

Os olhos de Lester viraram-se quase imperceptivelmente para o campanário. Quase. — Não. Dormi como uma pedra. Por quê?

— Achei que pudesse ter ouvido alguma coisa. E você, Sra. Day?

A mulher estava encostada no batente da porta, mordendo o lábio. — Ouvi alguma coisa? O que quer dizer?

— Alguma coisa talvez vinda da casa de seu vizinho? Da fazenda dos Potter?

Ela balançou a cabeça. — Ora, não, delegado.

Ele se aproximou lentamente dos degraus que levavam para dentro da igreja vermelha, passando ao largo do álamo. O ar vindo de dentro da igreja era fresco, mesmo com a luz do sol entrando pelas janelas. Lester e Linda ficaram lado a lado, como se estivessem bloqueando seu caminho.

— Alguém matou Zeb Potter na noite passada. — O delegado ficou observando para ver se havia alguma reação. Lester acelerou o ritmo ao mascar o tabaco. Linda Day olhou na direção da fazenda dos Potter.

— Acho que, dessa vez, com certeza não foi um leão-da-montanha, foi? — disse Lester.

— É o que dizem meus policiais. Zeb foi morto com uma marreta.

— Uh. Eles sabem quem foi?

— Ainda não. Estamos procurando impressões digitais. — Mas Littlefield suspeitava que eles não iam encontrar nenhuma pista. Nenhuma impressão digital, nenhuma pegada, nenhuma fibra de tecido. E nenhuma testemunha ocular. — Você não ouviu os sinos tocando na noite passada?

Littlefield aprendera, depois de muita experiência, a dizer quando uma pessoa estava prestes a mentir. E Lester se encaixava no perfil. As narinas do velho fazendeiro tremularam ligeiramente com indignação, ele respirou fundo, seus olhos moveram-se para a esquerda e para a direita e ele ficou um pouco mais ereto. — Como eu disse, dormi como uma pedra.

O delegado assentiu. — E a senhora? Ou seu marido?

Ela mentia melhor do que Lester. Talvez ela tivesse mentido vezes demais. — Bom, o rádio ficou ligado a maior parte da noite, pelo menos até eu pegar no sono. Eu não teria ouvido nada. David estava... dormindo.

— Entendo. Bem, acho melhor ir até a casa de Zeb.

Ele começou a se virar e, rapidamente, olhou para o casal, tentando pegá-los desprevenidos. — Vocês se importam se eu der uma olhada rápida dentro da igreja? Sabe, vai que o assassino parou aqui. Tenho a impressão de que a mesma pessoa que matou Zeb também matou Boonie.

O suor brilhou sob os olhos de Lester. Ele puxou as alças de seu macacão. — Bom, delegado, eu não me importo nem um pouco, mas não é mais minha propriedade. Não sei se posso dar uma permissão desse tipo, a não ser que você tenha um mandado de busca.

Uma voz suave soou de dentro da igreja. — Ora, ora, Lester. Nossa igreja está sempre aberta.

Lester e Linda se afastaram, um de cada lado da porta como leões de concreto na entrada de uma biblioteca.

Um homem saiu para a luz. Ele era alto, com o cabelo escuro encaracolado e a pele bronzeada saudável. Ele tinha um leve toque grisalho nas têmporas. Suas bochechas se enrugavam quando ele sorria, mas seus olhos castanhos profundos eram impenetráveis. Ele usava uma camisa branca de algodão, uma gravata cinza e um par de sapatos de couro que deveriam valer umas duas semanas do salário de Littlefield.

— Uma igreja não deve recusar ninguém, especialmente um homem que busca a verdade — o homem disse. Ele estava envolto em um aroma de colônia, mas sob o almíscar acentuado havia um odor perturbador que Littlefield não conseguiu identificar. O homem parou e estendeu a mão. —

Delegado Littlefield. Estou feliz por termos um homem capaz em comando nesses tempos incertos e perigosos.

O delegado subiu os degraus. A mão do pregador estava fria como um peixe. — Prazer em conhecê-lo, uh...

— Faz muito tempo. Quase uma vida.

Agora seu rosto era familiar. McFall. Exceto que ele não tinha aquele balanço típico dos McFall, aquela maneira sorrateira de se mover, uma atitude quase encolhida que corria na família McFall, como resultado de terem sido esnobados e chutados. — Eu sou Archer McFall — disse ele, naquela voz de vendedor de carros usados.

— Archer. Lester me disse que você havia se mudado de volta para cá. — Littlefield olhou para Lester, que subitamente estava muito interessado em uma falha na pintura da carroceria do caminhão.

— Bem, delegado, todos amam essas montanhas — disse Archer. — Elas entram no sangue.

— E você comprou essa igreja aqui?

— Sim, senhor. Vou abri-la novamente. O trabalho de Deus foi muito negligenciado por esses lados. As pessoas têm uma necessidade desesperada da Palavra e do Caminho. O fato de termos um assassino entre nós é somente mais um sinal do quanto caímos.

Littlefield assentiu. Ele nunca sabia como se comportar na presença de um pregador. Ele sempre sentia uma pontada de culpa por seus pecados e as visitas irregulares à igreja, mas normalmente uma aura de calma e perdão emanava de uma pessoa religiosa. Com Archer, entretanto, ele não sentia nada além da culpa.

— Entre, delegado. Vamos garantir que não haja nenhum assassino aqui. Não podemos ter um demônio se escondendo na casa de Deus.

Subitamente, o delegado não queria entrar. Em sua mente, ele podia ouvir a risada distante da noite de halloween de sua infância. As tábuas estavam batendo, mordendo, a porta da igreja era uma boca, ele seria engolido, como Jonas na barriga da baleia. Como seu irmão Samuel.

Ele ficou tonto e sentiu o aperto forte do pregador em seu braço. — Você está bem, delegado?

— Uh... — Littlefield esfregou as têmporas. — Não tenho dormido muito ultimamente. Esses malditos — desculpe, Reverendo — esses assassinatos, acho que estão me esgotando.

— Há paz na oração, delegado. Você encontrará seu assassino. Tudo na hora de Deus.

Littlefield sentiu os pés movendo-se para a frente, quase contra a vontade, e então ele estava dentro da igreja. A maioria do feno havia desaparecido. Os bancos feitos à mão, que estavam empilhados contra uma parede no dia anterior, agora estavam alinhados irregularmente no chão. Vassouras, forcados, esfregões e baldes estavam espalhados pelo santuário. O lugar cheirava a cera de velas. Eles tinham feito bastante coisa essa manhã.

Ou tinham trabalhado a noite inteira?

Atrás dele, Lester e Linda voltaram ao trabalho. Uma mulher saiu da pequena ala de um lado da plataforma. Littlefield reconheceu seu rosto, mas não sabia o nome dela. Ela acenou rapidamente com a cabeça e começou a espanar a poeira do atril. Littlefield sentiu vontade de espirrar, mas esfregou o nariz até que a vontade passasse.

— Parece que em breve estará tudo pronto para o serviço — disse Littlefield.

— Há diferentes tipos de serviços, delegado. Eu trabalho para Deus, você trabalha para as pessoas. Mas somos bem parecidos, de certa forma.

— Que forma?

— Ambos sabemos que há mais nessa igreja do que apenas pregos, madeira e vidro.

Littlefield tentou novamente ler os olhos do homem. A íris brilhava como um diamante enlameado de muitas faces, cada face ocultando um segredo diferente. Com certeza, Archer era bem versado nas lendas, passadas de geração em geração em sua família. Elas eram as fontes das surras infantis. Era um milagre que ele tivesse conseguido manter a fé em Deus depois de tanto sofrimento.

— Meu pai costumava dizer que são as pessoas que fazem uma igreja — disse Littlefield.

Archer sorriu, mostrando dentes brancos perfeitos. — Ele era um homem sábio.

— Você não tem medo do que as pessoas dirão quando abrir a igreja novamente?

— Deus salvou Daniel da cova do leão. Ele salvou Isaac do altar de sacrifícios de Abraão. Por que eu esperaria menos do que isso?

— Bem, para começo de conversa, Abraão nunca teve que pagar por nada, pois não teve que usar a faca. E Daniel não tinha um tataravô chamado Wendell McFall.

O pregador deu uma gargalhada que veio do fundo de seu diafragma. O som ecoou na vastidão da igreja, a acústica amplificando o poder da voz de Archer. — Ah, os escândalos e as histórias de espíritos — disse ele. — Só há um espírito aqui, e é o Espírito Santo. Quanto ao resto, espero que as lendas atraiam alguns curiosos para nossos serviços. Há muitas trilhas para chegar ao verdadeiro Caminho.

— Amém. — Littlefield caminhou até a plataforma, o som de seus passos ressoando na vastidão da igreja. Ele se inclinou sobre o parapeito em frente ao púlpito. A mancha ainda estava lá. A tontura de Littlefield voltou enquanto ele tentava fixar uma imagem àquela forma aleatória.

E ele viu que era a forma de um anjo, ou um Monstro do Sino, com asas e feroz, com garras afiadas e...

É, claro. Soa como algo que o advogado de um assassino inventaria. Não é nada além de uma mancha, tinta velha ou algo parecido.

Ela estava maior do que no dia anterior, mas ainda tinha uma qualidade envelhecida, como se tivesse sido impressa no chão há muito tempo. E Littlefield imaginou se ela tinha sido ainda menor antes da morte de Boonie. Como se...

Ele não queria dar legitimidade aos seus pensamentos supersticiosos. Já tinha sido tolice suficiente contar à detetive Storie sobre os fantasmas. Mas agora que o pensamento estava tentando tomar forma, ele o examinou racionalmente.

... como se a mancha fosse feita do sangue de suas vítimas.

Pronto. Agora que ele admitira, parecia seguro e perfeitamente tolo. Não havia um assassino psicótico à solta. Alguma coisa pior do que isso estava à solta, alguma coisa que encontrara pernas, mãos, um par de olhos e uma alma.

Uma alma.

— Vê algo estranho, delegado?

A voz de Archer o retirou de um poço de tontura. Ele encontrou aqueles olhos castanhos novamente, olhos que agora estavam desmaiados e inexpressivos como a madeira antiga da igreja. Alguma pessoa famosa dissera que os olhos eram as janelas da alma. Bem, as janelas de Archer

precisavam de uma boa limpeza. O problema era que, depois disso, você poderia ver lá dentro.

— Acho que você não tem com o que se preocupar — disse Littlefield. — Depois dessa limpeza, não há lugar para um assassino se esconder.

Exceto bem à vista.

Archer sorriu, parado com os braços cruzados. Ele era mais alto do que o delegado. — Eu nunca me preocupo. Tenho Deus a meu lado, lembra-se?

— Sim, mas não é o que o outro lado sempre diz, também?

Archer riu novamente. — É verdade, delegado. É verdade.

Littlefield percorreu novamente a igreja, seguido por Archer. — Eu costumava frequentar essa igreja quando era pequeno — disse o delegado. — Na época em que ela era a Igreja Batista de Potter's Mill.

— Ah, é mesmo? Estar dentro dela deve trazer muitas memórias.

Littlefield não respondeu. Ele parou no saguão para olhar para cima, para o buraco quadrado no teto. — Vai botar uma nova corda?

— Mais cedo ou mais tarde. E espero que ninguém da congregação tenha a ideia maluca de enforcar o pregador.

— Deus parou a faca de Abraão. — Lester e a mulher Day estavam parados na entrada. Eles recuaram quando ele voltou para a luz do sol. — Obrigado por seu tempo. É melhor eu ir até a casa de Zeb.

Quando Littlefield se encaminhava para o Trooper, Archer o chamou dos degraus: — Diga-me, delegado. Por que não vem para um serviço algum dia?

— Quando?

— O primeiro será hoje, à meia-noite.

Meia-noite. É claro. Nada podia ser comum sobre essa igreja.

Talvez ele *viesse* para um serviço, Littlefield pensou ao partir. Parecia loucura, mas talvez ele viesse.

***

Aquela coisa com asas, garras e fígado nos olhos batia ossos afiados contra a janela de Ronnie. *Pode ouvi-lo batendo?*

Ronnie estava preso pelo peso das cobertas, suando paralisado, enrolado em torno do fogo em sua barriga. *Feche os olhos e ele vai embora. Feche os olhos—*

Seus olhos já estavam fechados. Ele os abriu.

A luz do sol entrando pela janela fez sua cabeça doer. Ele havia dormido por tanto tempo que levou quase um minuto para se lembrar de onde estava. Além disso, ele tivera sonhos muito esquisitos sobre a igreja vermelha e uma coisa sangrenta caminhando e alguma coisa a ver com a Mamãe.

— Mamãe? — ele chamou, a garganta seca.

Seu nariz não doía tanto hoje, mas parecia que alguém tinha pego uma bomba de ar e soprado com toda força em seu rosto. Ele passou a língua pelos lábios grossos. — Mamãe?

Tim entrou no quarto, ainda vestindo o pijama. E ele estava comendo biscoitos de chocolate. Mamãe iria matar o pequeno idiota se o pegasse comendo biscoitos tão cedo. Entretanto, depois dos sonhos assustadores, Ronnie estava um tanto feliz de ver o irmão, mas ele nunca admitiria isso.

— Cadê a Mamãe? — Ronnie perguntou.

Tim deu de ombros. Abaixo do pano da camisa do pijama, seu umbigo estava aparecendo. — Não vi a Mamãe hoje de manhã.

— Que horas são? — Ronnie gemeu quando tentou se sentar e se jogou de volta sobre os travesseiros.

— Quase onze.

— *Onze?* — Isso significava que a Mamãe não tinha ido à igreja de novo. Era a primeira vez que ela não ia à igreja duas semanas seguidas desde que Tim era um bebê. Não que Ronnie se importasse, porque seu professor da escola dominical, o Pregador Staymore, normalmente dizia que ele precisava ser salvo e o fazia esperar depois da aula enquanto todos os outros iam para o santuário principal para a missa.

O Pregador Staymore sentava ao lado de Ronnie e pedia que o espírito de Jesus entrasse no coração de Ronnie para que a criança pudesse ser salva. E apesar de Jesus amar aquela criança, só havia um caminho para a salvação, que era através do sangue do Senhor. E o Pregador Staymore tremia, colocava a mão na cabeça de Ronnie e invocava a misericórdia, o poder e a bondade, perguntando a Ronnie se ele conseguia ouvir o Senhor batendo na porta. E o tempo todo Ronnie pensava em como o hálito do Pregador Staymore tinha o cheiro de uma cesta de frutas podres.

— Consegue ouvi-Lo batendo? — o pregador dizia, os olhos brilhando. — Ele quer entrar. E tudo o que você precisa fazer é dizer: 'Entre, Jesus. Entre nesse meu pobre coração pecador e limpe-o.' Se não fizer isso, então

não vá chorando até o Senhor quando o demônio vier para arrastar você para o inferno.

E Ronnie sempre sentia medo. Aquela mensagem, junto com o hálito pungente do pregador, sempre o faziam concordar rapidamente em ser salvo, em deixar o Senhor lançar Sua luz eterna na escuridão do coração de Ronnie, em abrir bem a porta e dizer: 'Entre, entre, entre'.

Ser salvo sempre o enchia com uma espécie de calor, como se alguma coisa realmente *tivesse* entrado em seu coração. Mas o sentimento sempre sumia e ele voltava ao seu comportamento pecador. O Pregador Staymore dizia que havia dois tipos de pecados: o pecado da carne e o pecado do espírito. Ronnie suspeitava que os pecados da carne tinham alguma coisa a ver com as mulheres nuas, como aquelas da revista de Boonie, mas seus próprios pecados eram do espírito. Ainda assim, qualquer tipo de pecado fazia seu coração bater mais rápido, e talvez isso afastasse o Senhor, com todo o barulho e a comoção dentro de seu peito.

Então, de vez em quando, o Pregador Staymore sentia que Ronnie precisava de mais uma salvação. Ronnie tinha medo suficiente do fogo do inferno para não se arriscar, mas de vez em quando ficava pensando. Se Deus era misericordioso, por que Ele mandava as pessoas para um lugar tão quente e mau? E se os pecadores iam para o inferno, de que adiantava Jesus ter morrido por eles? E se o Senhor era todo poderoso, por que Ele simplesmente não fazia com que as pessoas não pecassem? E se Ele já sabia o que tinha acontecido dentro do coração das pessoas, por que teria um Dia do Julgamento Final, quando todos os pecados seriam revelados?

Mas aqueles pensamentos eram pecados do espírito, e traziam uma nova necessidade de ser salvo. Ronnie não queria pensar nisso agora. Ele tinha problemas suficientes, como um nariz quebrado, pais separados, uma igreja vermelha assustadora e pesadelos.

— Você viu a Mamãe? — ele perguntou a Tim.

Tim mordeu um pedaço do biscoito e sacudiu a cabeça. — Não desde ontem à noite — disse ele, espalhando farelos de biscoito no chão enquanto falava.

— Droga.

— A polícia está na rua de novo.

Ronnie se sentou. — *Aqui?*

— Não. Eles estão na casa do Sr. Potter.

— Sr. Potter? Vai ver que o delegado queria fazer algumas perguntas a ele.

Tim balançou a cabeça. Seu corte de cabelo redondo fazia com que parecesse uma tartaruga. — Acho que não. As luzes azuis estavam piscando quando eles passaram. E eu vi a ambulância perto do celeiro.

— É mentira.

Os olhos de Tim se arregalaram por trás dos óculos. — Não estou. Pode olhar.

Ronnie saiu da cama com um gemido. Ele se apoiou contra o encosto da cama, tonto depois de passar quase dois dias de cama. Pela janela, ele podia ver dois carros de polícia na fazenda dos Potter. O carro do delegado estava estacionado em frente à casa. Um dos policiais caminhou em direção ao celeiro, o sol refletindo nas algemas e nos sapatos pretos.

— Você acha... — Ronnie disse.

— Que o que pegou Boonie Houck também pegou o Sr. Potter? — Tim parecia quase contente com a ideia. — Isso seria legal. Como um daqueles filmes que a Mamãe não deixa a gente assistir.

Ronnie lembrou-se do sonho. Talvez fosse somente sua imaginação fértil novamente. — Você ouviu alguma coisa ontem à noite? — ele perguntou, tentando soar como se não se importasse com a resposta.

— Acho que não. Ouvi uns sinos tocando. Não sei a que horas, mas sei que estava escuro.

— Espero que a Mamãe esteja bem. — Claro, Mamãe estaria bem. Nada a pegaria.

Nem mesmo a coisa com asas, garras e fígado nos olhos.

Ronnie lembrou das palavras do Pregador Staymore: *Pode ouvi-Lo batendo? Ele quer entrar.*

De jeito nenhum que Ronnie deixaria *aquela* coisa entrar.

Ele estremeceu sob o sol.

CAPÍTULO 9

Domingo. Um dia santo, pelo menos para os protestantes, os católicos e os mórmons. Todos tolos. Mas Mama Bet achou conforto no conhecimento de que eles queimariam na luz no devido tempo.

Era quase como se Deus tivesse isolado uma pequena seção de Blue Ridge e guardado para os Potter, os Absher, os McFall e o resto. As famílias originais vieram da Escócia e da Inglaterra, brancas como neve, mas com corações negros, sem Jesus, como o coração de qualquer um de seus ancestrais. E, de alguma forma, essas famílias tinham conseguido proteger esse pedaço do vale, ao pé da montanha Buckhorn, contra invasores e estrangeiros. Eles o mantiveram puro, exceto pela mácula original que haviam trazido com eles quando se assentaram em torno de 1780.

Não tem como remover o sangue.

Ela estava sentada na cadeira de balanço, na varanda da frente, observando as montanhas que amava tanto. O céu devia ser assim. Uma brisa fresca de primavera subiu pela colina, balançando os pinheiros, os arbustos e os álamos. O céu estava claro o suficiente para que ela pudesse ver a face cinzenta da Vó Montanha, a sessenta quilômetros de distância. Mesmo com a catarata, ela podia discernir as feições, que pareciam uma sobrancelha, um nariz e uma longa barba de granito.

A cabra berrou abaixo da varanda. Ela também tinha algumas galinhas, mas estavam vagando pela floresta. Ela estava ficando velha demais para procurar os ovos, e tirar as penas era uma tarefa muito árdua para seus dedos. E por falar nisso, ela também não sabia por que se incomodava em ter uma cabra. Ela detestava o gosto do leite e não saberia como cozinhar o animal mesmo se tivesse coragem de matá-lo.

— No que está pensando, Mãe? — perguntou Archer. Ele estava sentado no balanço da varanda, desconfortável, o rosto rígido, como se manter essa carne terrena consumisse toda sua concentração. Ele era um garoto lindo, com o rosto bem barbeado, e com o mundo inteiro à sua frente. Tudo o que uma mãe queria para o filho.

Ela sentiu uma pontada no coração, ou talvez fosse um feitiço dos murmúrios. Os murmúrios vinham com mais frequência ultimamente. Deus a estava preparando para uma viagem ao reino, lançando nela todas as pequenas doenças que se somavam ao sofrimento da idade. Deus podia ser absolutamente cruel quando queria. Mas Ele também permitia que coisas boas acontecessem. Como Archer.

— Só estava me lembrando — disse ela. — Quando você era pequeno, costumava ir até o bosque e colher frutinhas. Você as comia até ficar verde e vomitar. E eu colocava você na cama, ajeitava as cobertas e fazia uma xícara de chá de menta.

— E me contava histórias — disse Archer. Sua voz era diferente daquela que ele usara na televisão. Ela era mais macia, mais caseira, um pouco do sotaque da Carolina se entremeando nas palavras.

— É mesmo. Provavelmente você nem se lembra daquelas histórias bobas.

Archer se inclinou para a frente, farejou o ar. — Eu lembro de todas elas.

— Todas elas?

— Sim. O Velho Testamento. As histórias de Jack. As histórias de fantasmas. E a história verdadeira de Jesus. Exceto aquela que sempre me dava pesadelos.

— Espero que eu tenha me saído bem. Não foi fácil criar você sozinha. Eu sei que cometi alguns erros no caminho, mas sempre agi com amor.

Archer saiu do balanço e se ajoelhou diante da cadeira dela. Ele tomou as mãos dela e olhou para cima, os olhos castanhos brilhando com a mesma profundidade radiante que tinham quando ele era um bebê. Quando ele cresceu, aqueles olhos viraram um problema. Eles deixavam os outros garotos desconfiados e os adultos desconfortáveis. Aqueles olhos, além do fato de ele ser um McFall, fizeram com que ele fosse perseguido. Muitas vezes ele voltou para casa da escola com um olho roxo, o joelho ralado ou com os ombros tremendo do choro.

Tudo o que ela podia dizer era que o cordeiro deve caminhar entre lobos. Ele pareceu aceitar que seria perseguido, que o ódio humano era parte do plano de Deus. Ele viera com "Haverá grandes provações" por si só. Que força de vontade ele deve ter tido para se controlar, que paciência e entendimento Archer tivera desde pequeno. É claro, ele sempre soubera que

ele era o Segundo Filho. Ela fora honesta sobre isso desde o momento em que ele aprendeu a falar.

— Você fez tudo perfeitamente — Archer disse. — Deus deve estar orgulhoso.

— Não tenho tanta certeza disso. Se eu tivesse sido tão perfeita, talvez estivesse fora desse lugar.

— Por que não me deixa comprar um daqueles chalés na Ski Village para você?

Mama Bet olhou para a cicatriz que subia a Montanha Wellborn. Os cabos de aço do teleférico subiam a encosta vazia. A neve derretera há algumas semanas, deixando nada além de um caminho de lama. Ela desprezava aqueles esquiadores. — Não. As pessoas têm que ficar com os seus semelhantes. Além disso, acho que Deus nos colocou aqui por um motivo.

E aquele motivo PODE ter alguma coisa a ver com aquele buraco do inferno na parte de trás do porão, aquele que eu mantive fechado com orações. Mas não vou preocupar VOCÊ com aquilo.

Alguma coisa fez um bipe no bolso de Archer. Mama Bet olhou para ele desconfiada.

Ele sorriu. — Telefone celular. Você tem que me deixar comprar um para você, Mamãe.

— É a ferramenta do demônio — disse ela com uma careta. — E eu nem confio em palavras que vêm por fios. Quando é invisível, não tem como saber de onde as mensagens vêm.

Archer pegou o telefone do bolso do casaco e o abriu. Ele o colocou na orelha. — Archer McFall.

Ele ouviu por um momento e colocou a mão sobre o telefone. — Com licença, Mamãe. É do escritório da fundação na Califórnia.

Mama Bet assentiu. Ela tinha sido contra o êxodo dele para a Califórnia desde o início. Nada lá além de pagãos, hippies e todo o tipo de rituais estranhos. Archer não tinha nada que estar entre eles.

Mas as crianças tinham que aprender por si mesmas, certo? Tudo o que você podia fazer era cobri-las de amor e deixar que seguissem seu caminho. Você não podia martelar a fé dentro delas. Você não podia enfiar o sagrado e a graça neles, como pregos. Você não podia *fazer* com que acreditassem

nas coisas que Deus queria que eles acreditassem. Eles tinham que buscar em seus próprios corações e, se Deus quisesse, encontrar a verdade.

Ela o observou enquanto ele continuava a conversa, alguma coisa sobre divisão de ações, portfólios e alienação. Ela não entendia por que Deus mantinha Archer em tais questões. Mas, também, havia muita coisa que ela não entendia sobre Deus. E ela tinha que admitir, aquela Mercedes preta era linda, toda brilhante e limpa na entrada da casa.

Ela levantou da cadeira de balanço e se encaminhou para a porta. Archer olhou interrogativo, mas ela acenou para que ele continuasse com a conversa ao telefone. Ela entrou na casa, caminhando sobre as mesmas tábuas que os McFall tinham pisado por mais de duzentos anos. A sala principal era a cabana original, troncos preparados de forma artesanal e unidas com cimento amarelo. A sala não mudara muito desde que seus tatara-tataravós, Robert e Hepzibah McFall, tinham abençoado essas paredes com amor e devoção.

A velha lareira de pedra estava preta, depois de ter sido acendida dez mil vezes. A sala estava escura, com as pequenas janelas de madeira fechadas com pregos. Três lados da cabana eram parcialmente subterrâneos, construídos daquela forma para cortar o vento que entrava pelas rachaduras. Mas a sala ficava sempre fria, como o coração de um cristão. A água vinha em canos de uma fonte no topo da colina, e havia uma goteira eterna na pia de cerâmica no canto.

Algumas peças tinham sido adicionadas no lado sul da cabana e tinham janelas de vidro. O sol entrava por elas, a luz pura de Deus, mas quase não chegava ao que antes havia sido a cozinha, o quarto e a sala de estar combinados. Quando a eletricidade chegou àquelas partes, na década de 1950, Mama Bet não deixou que mexessem na parte original da casa. Era preciso manter algumas coisas sagradas, intocadas pelo progresso que marcava a disseminação da influência do demônio.

Mama Bet passou pela mesa rústica em que Wendell McFall comera suas refeições. Ela empurrou a cortina que separava a despensa, pegou uma vela do balcão e a acendeu, conferindo para ver se Archer ainda estava lá fora. Ela entrou, caminhando por entre as prateleiras de jarros, latas, sementes secas e sacos de farinha de milho. O frio do fundo da despensa penetrou em seu corpo como uma coisa viva, uma sombra gigante, um amante gelado invisível.

Ela empurrou para o lado as tábuas podres que cobriam a parte de trás da despensa. Um cheiro de fungos e terra encheu suas narinas. Ela levantou a vela até o teto do porão, observando as fileiras de batatas e maçãs vermelhas na escuridão. A vela diminuiu de intensidade por causa do ar parado, sua luz engolida pelas paredes de terra.

— Deus, estou ficando muito velha para isso — ela sussurrou em uma prece silenciosa. Deus não disse nada, mas ela sabia que Ele estava lá em cima, observando, mordendo a língua para não rir. Ela enfiou a base da vela na argila vermelha até que ficasse em pé sem apoio. Ela conseguia ver a pedra que bloqueava o túnel estreito, um túnel que descia e descia, fundo na terra.

Esse era o único segredo que ela escondera de Archer, um que havia sido passado por oito gerações dos McFall. As Apalaches eram as montanhas mais antigas do mundo, tinham surgido do magma quente quando Deus criou o mundo. E ela sabia exatamente por que Deus havia criado a terra. Ele havia prendido o demônio dentro dela, com a besta envolvida em bilhões de toneladas de pedras, terra e lava derretido. E, ah, como o demônio devia ter chutado e lutado para se libertar, empurrando montanhas para cima e causando as fendas que se tornaram os oceanos.

Ela sabia disso com tanta certeza como sabia que Archer era um salvador. Você não questionava as verdades universais. Você as aceitava com fé. Você as guardava no coração e tirava o melhor proveito delas. Você lutava por elas. Você fazia os sacrifícios que mantinham aquelas verdades vivas.

Quem sabia quando o demônio tinha conseguido finalmente chegar à superfície do mundo pela primeira vez? Poderia ter sido há dezenas de milhares de anos, ou há algumas centenas de anos. O que importava agora era que o demônio estava à solta na face da terra e Archer tinha que derrotá-lo.

Tinha que ser por isso que Archer havia retornado a Whispering Pines, por isso que Deus chamara seu filho de volta para casa. O demônio ainda estava aqui, preso a essa boca do inferno, vivendo entre aquelas famílias originais. O demônio havia se escondido atrás dos rostos dos Littlefield, vestido a máscara dos Houck, entrado no sangue e na carne dos Matheson.

Archer teria que fazer a limpeza. E ela teria que ajudar. Mesmo estando tão gasta quanto essas montanhas, erodida pelo tempo e pelas marés, pelas

forças da punição incansável de Deus. Mesmo que ela fosse apenas uma mortal.

Ela se arrastou até a parte de trás do porão e rolou a pedra plana para o lado. Na luz fraca, ela podia ver a pequena cruz deformada que havia sido esculpida na superfície e aproximou o rosto da abertura negra. Ela nunca entendera por que o caminho para o inferno era tão gelado. Ele devia ser absurdamente quente, com cheiro de enxofre e fumaça, em vez de terra. Mas Deus trabalhava por vias misteriosas, e o demônio também.

Ela lançou suas preces no buraco. Ela conseguia manter as hordas afastadas. Com sua fé, ela podia vencer a batalha lá embaixo. Deixe Deus e Archer cuidar do demônio aqui em cima.

Mama Bet terminou suas preces, as mesmas que os McFall diziam há mais de duzentos anos. Ela recolocou a pedra, suando com o esforço, mesmo com os dedos enrijecidos de frio. Com os joelhos doloridos, ela voltou à despensa, pegou a vela e recolocou as tábuas na parede traseira. Ela limpou a sujeira das mãos e xingou Deus por sobrecarregá-la com esse trabalho sagrado. Como se colocar um messias dentro dela não fosse ruim o suficiente. Não, Ele a fazia rastejar sobre a barriga, como uma serpente.

Ela soprou a vela e olhou pelas cortinas. Archer ainda estava lá fora. Ela podia escutá-lo tratando de negócios no telefone, agindo para o mundo inteiro como uma pessoa comum. Bem, Jesus trabalhara como carpinteiro antes de começar sua carreira como mentiroso. Archer podia ter um pregador rico tão bom quanto um pobre.

Ela abriu a torneira na pia e colocou as mãos sob a água da fonte gélida. A sujeira correu vermelha pelo ralo. Ela guardou a vela e secou as mãos em uma toalha. O vestido estava sujo nos joelhos, mas ela não gostava de trocar de roupa no meio do dia. Era um desperdício, o tipo de coisa que um cristão faria.

Ela ouviu vozes do lado de fora. *Eles não devem se reunir aqui, não com Archer por perto. A igreja estará pronta em breve.*

Ela se apressou até a varanda. Archer fechou o telefone e o guardou. Na beira do quintal, sob a sombra das árvores, estavam alguns membros da congregação: Stepford Matheson, Sonny Absher, Donna Gregg e Rudy Buchanan. Rudy carregava uma espingarda e uma Bíblia.

Eles começaram a se aproximar, o rosto largo de Rudy com um sorriso, Sonny e Stepford com os rostos vermelhos da bebida. Donna Gregg ficou

para trás, puxando a manga de Sonny. Ele a empurrou com um olhar furioso.

— O que vocês querem? — perguntou Mama Bet, colocando a mão sobre os olhos para que pudesse vê-los melhor. Archer estava a seu lado, olhando para eles.

— Estivemos pensando — disse Rudy, aparentemente o líder daquela corja.

— Bem, há uma primeira vez para tudo.

Os lábios grossos de Rudy se apertaram. Mama Bet quase podia ouvir as engrenagens enferrujadas girando dentro da cabeça dele enquanto ele pensava em uma resposta à altura. Logo ele desistiu, e se contentou em levantar a espingarda até que ela apontasse para o céu.

— Ouvimos um monte de coisas sobre a igreja vermelha, e o dia do juízo final, e toda essa besteira de 'grandes provações' — disse Rudy. — E agora, subitamente, você está nos dizendo que Archer é o Segundo Filho de Deus. E que, de alguma forma, somos parte disso, por causa do que nossos parentes fizeram há muito tempo. — Ele olhou para Stepford e Sonny.

Stepford cambaleou um pouco e Rudy pressionou a Bíblia contra ele até que recuperasse o equilíbrio.

— Isso — disse Stepford. — Você está nos dizendo que *isso* — ele apontou para Archer — é a face terrena de Deus? Então Deus deve ser um grande gozador, eu diria.

Mama Bet começou a falar, mas Archer levantou a mão. — Não o culpo por duvidar — ele disse. — Eu sei que alguns de vocês foram criados como cristãos. Mas as pessoas usam Deus para sua própria finalidade, elas torcem os caminhos Dele para se beneficiarem. As pessoas criam os ídolos que são fáceis de aceitar. E eles sempre destroem o que não podem entender.

Sonny cuspiu. Seus olhos estavam injetados de sangue e brilhantes. — Nós não enforcamos Wendell McFall.

— Você não acha justo ter que sofrer pelos pecados de seus ancestrais. Mas pecados de sangue exigem pagamento em sangue. E o sacrifício agora protegerá seu sangue até a quarta geração.

Rudy cutucou Stepford com o cotovelo. — Diga a ele.

Stepford aproximou-se relutante, até chegar ao início da escada da varanda. A cabra de Mama Bet, que estava amarrada ao corrimão da varanda, se aproximou e cheirou seu jeans sujo. Stepford enxotou a cabra e

olhou para Archer. — Nós decidimos que não temos tanta certeza de que você seja um messias.

Rudy assentiu, sua coragem aumentada pela espingarda. — Sim. Só o que ouvimos é papo furado. Claro, Boonie Houck e Zeb Potter foram mortos. Mas como sabemos se isso tem a ver com essas 'grandes provações' das quais ouvimos falar?

— Ser morto não é sacrifício — disse Stepford. — Não é como se estivessem pedindo para morrer, ou coisa parecida.

Donna Gregg se encostou em Sonny por trás, seu peito contra as costas dele.

Pecadores imundos, pensou Mama Bet. *É um mistério que Deus e Archer não acabem com eles ali mesmo. E Sonny havia até se casado. É claro, sua esposa havia fugido para Raleigh depois de se cansar de tanto apanhar sempre que ele bebia. Mal posso esperar para ver esses adúlteros sendo limpos.*

— Isso *é* sacrifício — disse Archer, com a voz se erguendo, ressoando com o poder da fé. O coração de Mama Bet se encheu de orgulho.

— Mais papo furado — disse Sonny. — Mas não vimos sinais.

— É — disse Rudy. — Por que não nos mostra um milagre? Talvez nos acertar com alguns pães e peixes?

— Ao diabo com isso — zombou Sonny. — Faça algo que valha a pena, como transformar água em vinho.

O trio de bêbados riu, e Donna sorriu meio incerta atrás deles.

— A verdadeira fé não requer provas — disse Archer.

— Exatamente o que estou dizendo — disse Rudy. — Não posso dizer que minha fé é 'verdadeira'. É mais como se tivesse sido enfiada goela abaixo. E não me agrada o gosto dela.

Mama Bet viu que Sonny e Stepford tinham expressões similares de rebelião.

O demônio está tão fundo neles que não conseguem separá-los de si mesmos. Será que não podem simplesmente aceitar que o momento da limpeza chegou, que Deus voltou e está pronto para fazer as coisas certas dessa vez?

— Archer? — disse Mama Bet. Seu filho estava segurando a cabeça com as mãos, as juntas esbranquiçadas da pressão. Ele se inclinou para a frente,

meio instável, e quase caiu contra o corrimão da varanda. Mama Bet se apressou para apoiá-lo.

Meu pobre bebê.

Gemidos abafados de agonia vinham detrás de suas mãos. Suas pernas e ombros tremiam. Ela o tocou e seus dedos pareciam eletrificados. Subitamente, os gemidos se transformaram em gritos e Archer abriu os braços.

O céu escureceu como se uma grande nuvem tivesse passado por sobre o sol.

Donna gritou e Sonny a acompanhou. Rudy deixou a espingarda cair e segurou a Bíblia contra o peito. Stepford desmaiou, as pernas se dobrando como cordas molhadas e seus olhos girando para olhar para o interior do crânio.

Mama Bet olhou para o filho com amor. Archer sorria, só asas, garras e fígado nos olhos.

***

A detetive Storie ajoelhou-se no celeiro dos Potter. A marreta estava sobre as tábuas deformadas do chão, seu cabo escorregadio de sangue, a cabeça de 4 quilos cheia de pedaços de cérebro. Alguns tufos de cabelo grisalho estavam presos na matéria esmagada que um dia esteve dentro da casca delicada do crânio de Zebulon Potter.

O rosto do delegado ficou cinzento ao olhar para o corpo. — Zeb era amigo de meus pais — disse ele, olhando para fora da janela como se os cumes da montanha fossem uma tela e o passado estivesse sendo projetado nela. — Eu costumava ajudá-lo a colher feno durante o verão. Ele me deu um filhote de cachorro há muito tempo. Na época em que Samuel ainda estava vivo.

Storie não gostou do olhar ausente no rosto do delegado. Ela havia visto aquele olhar uma vez. Durante o transporte de um criminoso, em sua primeira semana na equipe Charlotte Metro, ela havia conhecido o mal, se tal coisa pudesse ser personificada. Ela era uma novata na época, que achava que os policiais podiam fazer a diferença simplesmente se importando.

O suspeito de meia idade na traseira do carro havia supostamente violentado uma garota de oito anos. Ele se gabou do fato durante o percurso até o presídio do Condado de Mecklenburg, seu rosto com a barba por fazer rasgado por um sorriso satisfeito, seus olhos brilhando com alguma loucura secreta. Storie carregava uma espingarda, e estava furiosa e impotente. *Inocentes até prova em contrário, mesmo que sejam culpados.* Era isso que ensinavam na academia policial.

— O nome do filhote era Roscoe — disse Littlefield, passando a mão na cabeça. — Foi atropelado antes mesmo que fosse grande o suficiente para latir.

Perry Hoyle se ajoelhou e examinou a cavidade aberta no crânio da vítima. Storie tirou outra fotografia e o flash da câmera brilhou na careca de Hoyle. Ela puxou uma trena de metal do bolso da jaqueta. — Você se importa de segurar aquela ponta? — perguntou ao delegado.

Ele se assustou, como se tivesse saído de um sonho, e pegou a ponta da trena. Ela apontou para a marreta. O delegado segurou a trena perto do cabo e Storie deixou a trena desenrolar até que estivesse esticada próxima ao corpo.

— Cinco metros e vinte — disse ela, apesar de duvidar que o delegado estivesse ouvindo. Era tão difícil entendê-lo, algumas vezes amigável, outras frio e distante. Mas ela não precisava de amigos, e não precisava desperdiçar pensamentos com Frank Littlefield. Ela escreveu a medida na caderneta.

Há muito tempo, o estuprador de crianças tinha colocado o rosto perto da tela de arame que separava o banco da frente do banco de trás. Seu hálito cheirava a sardinha e gasolina. — Ei, gostosona, o que vai fazer depois do trabalho? — dissera ele.

Storie cerrara os punhos, lutando contra a vontade de pegar o cassetete do cinto e enfiá-lo na cara do estuprador. Mas não, ele era um suspeito e tinha direitos. Não importava que ele já tivesse cumprido três anos por dois episódios de atentado ao pudor. Não importava que ele tivesse ficado solto por dois anos. Não importava nada além do fato de que o mundo era insano, de forma absoluta e sem esperança. Deus tinha feito um bom trabalho e depois havia estragado tudo misturando humanos e dando a eles livre arbítrio e cérebros.

Cérebros. O cérebro de Zeb Potter era tão cinzento quanto as velhas tábuas de carvalho que cobriam as paredes do celeiro.

— Eu termino aqui, delegado — disse ela. Ele assentiu meio ausente e se aproximou da bancada. O policial Wade Wellborn ajudou Hoyle a colocar o corpo em uma maca. O corpo fez um ruído estranho ao ser erguido da poça de sangue.

— Acho que não estou ajudando muito — disse Littlefield com a voz abafada. Storie não queria expô-lo na frente dos outros. Ela entendia aquele olhar ausente. Porque ela o conhecia muito bem.

Ela o havia visto em si mesma, em seus próprios olhos, no espelho de um carro de polícia de Charlotte Metro. Enquanto ela transportava um suspeito de estupro, com um rosto familiar e olhos insanos secretos. Era o mesmo suspeito que ela havia prendido alguns meses antes. O mais puro mal em carne e osso. Dessa vez, ele havia pego uma garotinha de seis anos. A garota havia morrido a caminho do hospital.

O estuprador reconheceu Storie. — Ei, gostosa, você pode me prender, mas eu vou voltar. Um dia desses, talvez eu até vá para a *sua* parte da cidade.

Storie quase havia parado o carro para enfiar uma bala na cabeça do maldito. Mas ela fez o seu trabalho e o levou para a delegacia, o entregou para um sistema judicial que era justo, mas sobrecarregado.

Foi quando Storie tomou duas decisões: ela deixaria a polícia de Metro e conseguiria um emprego em algum departamento rural. E ela tentaria o seu máximo para fazer uma pequena diferença, mesmo que o mundo fosse absolutamente insano e sem esperanças. Mesmo que Deus fosse insano.

Ou seria Deus, como o estuprador, também inocente até prova em contrário?

Ela observou Littlefield enquanto ele seguia Hoyle, Wellborn e o corpo frio de Zeb Potter descendo a escada. Lá fora, uma leve brisa corria por entre as árvores, com o som que ela imaginava que dera a Whispering Pine seu nome. Em algum lugar lá fora, um assassino tinha uma loucura secreta nos olhos. Storie não gostava de segredos.

CAPÍTULO 10

David Day observava das colinas à medida que o pôr do sol lançava faixas laranjas nas linhas escuras do horizonte. O ar estava úmido e cheirava a folhas mortas. Normalmente, estar sozinho entre as árvores dava a ele um sentimento de paz. Mas sob essas árvores, onde ele tinha passado as horas mais felizes de sua vida, ele se sentia como um intruso. Porque agora a floresta tinha outro dono.

Abaixo dele, a velha fazenda dos Gregg se espalhava como um carpete verde amassado. Ele ainda pensava nela como sua casa, mesmo que não tivesse passado uma noite lá há semanas. Mas todas as coisas que tornavam aquele lugar um lar ainda estavam por detrás daquelas paredes brancas da casa: os garotos, a cama, o armário de armas, as cabeças de troféus na parede. Tudo, exceto ela.

Ele odiava que os garotos ficassem sós. Mas eles estavam mais seguros na casa do que com Linda na igreja. Ela os daria a Archer, mais cedo ou mais tarde, a não ser que David encontrasse uma forma de deter Archer novamente. Mas desta vez seria mais difícil.

A igreja vermelha se encolhia em uma pequena inclinação à esquerda, acima da rua e na curva do rio. Seis ou oito carros estavam estacionados em frente ao velho prédio. As pessoas passeavam pelo cemitério, entrando e saindo da igreja. Elas se moviam como formigas em uma usina de açúcar, as cabeças encostadas, parecendo se comunicar silenciosamente àquela distância. Uma daquelas formigas era Linda.

A polícia tinha finalmente terminado seu trabalho na fazenda dos Potter. David vira quando carregaram uma maca do celeiro. Pelo jeito como as costas dos policiais se arqueavam, a carga devia ser pesada. A carga coberta por um pano estava manchada com uma marca escura. Eles tinham colocado a carga na caminhonete de Perry Hoyle. Depois disso, os veículos tinham ido embora, incluindo o Trooper do delegado. O veículo dirigido por aquela policial tinha sido o último a partir, há cerca de uma hora.

Coitado do velho Zeb. E Boonie antes dele. Na Califórnia, a matança não tinha parecido tão brutal, tão casual. Mas David não conhecia nenhuma daquelas vítimas. Boonie e Zeb eram caras da montanha. Era o povo *dele* que estava morrendo dessa vez, não cabeludos e andarilhos sem nome.

Archer estava juntando um rebanho, como havia feito na Califórnia. E David aprendera que havia somente dois tipos de pessoas que seguiam Archer McFall: os mortos e os prestes a morrer.

David ergueu seu rifle e olhou pela mira, o odor do óleo da arma confortantemente forte. Pela lente de aumento, ele viu Lester na porta da igreja. A mira estava bem no centro do rosto vermelho do homem. David deslocou a mira e viu Becca Faye Greene, seu sorriso cheio de batom. Outro deslocamento e o rosto de Linda encheu o pequeno círculo da mira.

Linda.

Eles haviam se conhecido na nona série, um garoto da montanha Buckhorn e uma garota da fazenda. A maioria das famílias, incluindo os Day, que viviam nas encostas da montanha Buckhorn, eram descendentes dos simpatizantes da união. Algumas pessoas dessa área ainda tinham ressentimentos, aqueles que tinham placas de licença com a bandeira dos rebeldes e que consideravam os turistas de verão como invasores. Em cada canto do condado, a Guerra Civil era renovada em todas as noites de sexta-feira.

Mas, Day ou não, Linda o havia deixado juntar os livros dela quando ela os deixara cair na lama ao descer do ônibus escolar. Os livros dela eram grossos, matemática e estudos sociais. Tudo o que David tinha era um manual de conserto e um conjunto de diagramas para uma mesa de madeira.

Ela havia empurrado o cabelo para trás e realmente olhado para o rosto dele. Seus olhos eram profundos e azuis, e pareciam penetrar na pele dele, vendo tudo o que ele mantinha escondido. Ele olhou de volta e sorriu como uma mula doente. As mãos dele pareciam feitas de madeira ao limpar os livros na perna da calça.

— Obrigada — disse ela sorrindo. Os dentes dela eram só um pouco tortos, o suficiente para que David não se importasse tanto com os dele. Ele entregou os livros a ela. Ela se afastou, seu corpo movendo-se de forma atraente dentro do vestido com saia até os joelhos.

Ele havia solucionado o mistério daquelas curvas, depois de anos. Mas a espera não tinha sido um desperdício. David sabia que ela gostava mais de

nozes do que de amêndoas, e ela não tinha rido do sonho dele de ter uma serralheria. Ela gostava de Bob Seger, e David gostava um pouco dele. Ela chorara sempre que uma vaca era abatida. Ele chorara a cada vez que um dos meninos nascia.

Na mira, seus olhos azuis pareciam úmidos e brilhantes. Mas a profundeza deles havia sido substituída por um olhar distante, suas pupilas dilatadas. Ela estava com medo, excitada ou empolgada. Ou talvez todos os três. Exatamente do mesmo jeito como parecera na Califórnia.

David deslocou o cano da arma um pouco para a direita. Archer sorriu dentro do alvo da mira. O pregador estava olhando pelas lentes para David, o processo de aumento de alguma forma invertido, com David sendo a presa e Archer o caçador. David estremeceu e piscou, e a ilusão desapareceu.

Ele não conseguia segurar o rifle firmemente. Dessa distância, o tiro de .30-06 desviaria apenas algumas polegadas na trajetória. A bala quente atravessaria o peito de Archer, mastigaria seu coração e despedaçaria suas costelas. E depois disso?

Ele viu Linda, gritando, manchada com o sangue do messias dela. Ela se ajoelharia ao lado de Archer, com os outros discípulos se aglomerando enquanto os tremores da morte passavam e o sangue esfriava. Depois, seus lamentos aumentariam e encheriam o céu escuro, a lua gemeria, a igreja vermelha uivaria em angústia. Exatamente como a lenda dizia que acontecera da última vez que um dos pregadores McFall tinha sido morto. E aqueles enterrados no cemitério...

David fechou os olhos e deixou o cano da arma abaixar lentamente até o chão. O suor ardia em seus olhos e o cheiro metálico do medo sobrepujou os aromas verdes da floresta.

Perdoe-me, Senhor, pois sou fraco.

Ele se encostou contra uma nogueira e esperou chegar a meia-noite.

***

— Estará escuro em breve — disse o delegado Littlefield, dando as costas para a janela no escritório apertado de Storie. Havia papéis empilhados no sofá, relatórios de crimes, folhetos sobre o combate a drogas e revistas sobre armas. Ele não tinha onde sentar. De qualquer forma, ele

não se sentiria confortável perto de Sheila, mesmo se estivesse em uma cama de penas. — Você vai também?

— Acho que não. — Ela não levantou o olhar da mesa entulhada. — Acho melhor conferir esses relatórios mais uma vez.

Littlefield se encostou contra a parede, os anos pesando, e os últimos dois dias pesando ainda mais. — Acho que você nunca imaginou que teria um assassino em série aqui.

Ela olhou para cima. — Acho que você também não.

Ela não havia mencionado a confissão de Littlefield, a forma como ele havia desmoronado em sua frente ao falar sobre Samuel. Não importava se era bondade ou vergonha que a mantinha fora do assunto, ele só esperava que continuasse assim. — Vamos chamar o SBI.

Os lábios de Storie se apertaram. — Eu quero este cretino.

Littlefield contemplou a mancha preta no bule de café. — Nenhuma testemunha. Nenhuma impressão. Nenhum suspeito. Nenhum motivo. Provavelmente nenhuma prova com DNA.

— Vamos esperar até que o laboratório estadual tenha dado uma olhada. Ou eu esqueci que fantasmas não têm DNA?

Littlefield esmurrou a parede. A cópia emoldurada de um artigo do jornal que Storie tinha tremeu com o golpe.

— Olhe, esqueça o que eu disse sobre os fantasmas. Eu não esperava que você entendesse mesmo. Você não é daqui.

Storie levantou-se e as rodas da cadeira rangeram. Ela imitou um acento caipira. — 'Só purque não sô das montanha, não sei de nada'. Bem, delegado, eu não acreditaria em fantasmas, no bicho-papão nem em igrejas assombradas mesmo se morasse na Transilvânia. Sinto muito sobre seu irmão, e eu sei que a morte dele deve tê-lo... deixado muito *triste*. Mas estamos no século vinte e um, mesmo nas montanhas Apalache.

Eles se encararam. Littlefield finalmente desviou o rosto, e olhou pela pequena janela para as luzes da cidade. — Faça de seu jeito. Eu vou solucionar o caso do meu jeito.

Storie ergueu alguns papéis. — A resposta está aqui, em algum lugar. E receberemos o relatório do médico-legista em alguns dias.

— Alguns dias, e poderá ser tarde demais.

— Você acha que haverá outro? — Ela se sentou, a raiva murchando.

— Talvez mais.

— Você realmente *acha* que a igreja tem algo a ver com isso tudo, não é?

— Não existem coincidências.

— Qual é o histórico desse Archer McFall? Você acha que deveríamos intimá-lo?

Storie foi interrompida pela voz da recepcionista no comunicador. — Delegado, há uma ligação na linha dois.

— Quem é?

— A estação de rádio. Querem saber sobre relatos de assassinatos no condado.

— Era só o que faltava, todo mundo alvoroçado — disse ele para Storie e, levantando a voz, disse para a despachante — Diga a eles que faremos um comunicado à imprensa na semana que vem. Nesse meio tempo, eles podem olhar os obituários.

— Sim, delegado. — O barulho de estática cessou.

— Vou até a igreja. Vai começar à meia-noite — disse ele.

Storie o chamou quando ele chegou na porta. — Delegado...

Seu rosto parecia severo, mas seus olhos eram suaves. — Desculpe, perdi a cabeça — disse ela.

— Todos queremos solucionar esse caso. E espero estar errado sobre a igreja. Deus sabe o quanto quero estar errado.

— Que tipo de maluco faz uma missa à meia-noite?

— O tipo que se chama Archer McFall.

— Bem, tenha cuidado.

— Eu vou à igreja. O que poderia me acontecer?

Littlefield ficou aliviado por ela não esperar uma resposta.

***

— Preciso ir — disse Ronnie.

— Você é doido. — Tim ainda estava de pijama, assistindo à televisão com as luzes da sala de estar desligadas. Um saco meio vazio de biscoitos e uma lata de Pepsi estavam a seu lado no sofá. O piscar da tela e a luz que ela projetava sobre ele fazia com que seus movimentos parecessem estranhos. Reflexos gêmeos da ação na tela apareciam em seus óculos, bem como nos olhos falsos das cabeças de veado penduradas nas paredes.

— Você pode ficar aqui sozinho ou ir comigo. — A tontura de Ronnie havia passado e ele tomara um daqueles comprimidos que faziam o nariz parar de doer. Mas o comprimido também fazia parecer que haviam travesseiros sob os pés dele.

— E se Mamãe voltar?

— Mamãe não vai voltar. Só amanhã de manhã.

— Como você sabe?

— Eu sei, seu babaca.

— Estou com medo.

— O luar está forte e podemos levar uma lanterna. — Ronnie não sabia por que ele queria ir à igreja vermelha. Especialmente à noite. Mas talvez ele não quisesse. Talvez alguma coisa o estava forçando a ir.

Como a coisa com asas, garras e fígado nos olhos.

Ele engoliu, sentindo agulhas invisíveis na garganta. Tim estava olhando para ele, esperando. Talvez fosse melhor se Tim ficasse aqui. Mas aí a coisa poderia pegá-lo. Não, era melhor ficarem juntos.

Ronnie caminhou até o armário perto da porta da frente. Tim o seguiu, com relutância. — Melhor levar um casaco — disse Ronnie.

Ele procurou uma lanterna dentro do armário. Seu coração parou por um segundo quando ele viu a vara de pescar de Papai, fina e solitária em um canto. Um par de botas estava encostado contra a parede.

Se pelo menos o Papai estivesse aqui...

Mas Papai não estava aqui, por algum motivo misterioso que fazia com que as pessoas ficassem furiosas umas com as outras. Furiosas o suficiente para sentirem ódio. Talvez Jesus estivesse punindo Ronnie por todos aqueles pecados do espírito, todas aquelas perguntas que ele se fazia e que o Pregador Staymore dizia que levariam à danação eterna.

— A resposta é Jesus — dizia o Pregador Staymore todas as vezes em que Ronnie estava sendo salvo e fazia uma dessas perguntas. Mas Jesus era a pergunta. Como Ele podia ser a resposta para Sua própria pergunta? Mas Papai dizia que os batistas tinham a verdadeira religião, e Papai era inteligente o suficiente para pegar uma truta em dez centímetros de água.

Ronnie encontrou a lanterna, vestiu um casaco e eles saíram pela porta. A estradinha de terra e a estrada pareciam pálidas sob a lua enorme, como rios brancos na noite. Mas as colinas com bosques se erguiam escuras em torno delas, cheias da conversa de milhões de insetos inquietos. Além dos

prados, a fazenda dos Potter estava escura e silenciosa. As estrelas estavam longes e frias, com grandes espaços entre elas. Ronnie queria muito que houvesse um Jesus atrás das estrelas.

— Estou com medo — sussurrou Tim.

— Shh. Está tudo bem. Eu estou aqui.

— Eu quero o Papai.

— Eu também. Mas o Papai não está aqui.

— Até a Mamãe.

— Nós vamos encontrar a Mamãe.

— Você está com medo?

— Não — mentiu Ronnie.

— Então por que está sussurrando?

Ronnie olhou para a sombra espessa do celeiro e para o riacho. A coisa com asas, garras e fígado nos olhos não estava por perto ou, se estava, conseguia se esconder muito bem.

— Não estou sussurrando — disse ele em voz alta. Ele esperava que Tim não tivesse notado o tremor em sua voz. — Agora vamos — disse ele, caminhando para fora da varanda.

— Onde vamos?

— Você sabe.

— E *temos* que ir?

— Sim.

— Por quê?

— Porque temos, só isso. Lembre-se do que o Papai disse: 'Existem algumas coisas que uma pessoa simplesmente tem que fazer'. — Ronnie não queria lembrar que Papai podia fazer qualquer coisa, não tinha medo de nada e era um adulto, enquanto que eles eram apenas garotos.

Eles caminharam pela estradinha de terra, Tim andando perto demais, mas Ronnie não se importou. Quando eles chegaram à estrada, Ronnie olhou para a casa, com seus quadrados de luz amarela. Por um momento a luz o chamou, prometendo segurança, conforto e a possibilidade de amor. Mas não havia amor por trás das paredes. Ele estava em Mamãe, em Papai e em Jesus.

Ele ligou a lanterna quando chegaram à estrada. Ela fez um círculo laranja no cascalho cinza. Ronnie movia a cabeça de um lado para o outro,

estudando as plantas ao longo da estrada em busca de movimento. Os sons da floresta eram abafados pelo som dos pés batendo nos cascalhos.

— Achei que você não gostasse da igreja — disse Tim.

— Eu não gosto. Mas temos que ir mesmo assim.

— Você acha que o que matou Boonie Houck e o Sr. Potter — ?

— Não — disse Ronnie, rápido demais. — Não há nada aqui agora. Aquilo...

Aquilo O QUÊ? Comeu até encher e voou de volta para o campanário?

— Estaremos bem — disse Ronnie.

— Você acha que foi a coisa que vive na torre da igreja?

— Que coisa?

— Você sabe. O que Whizzer diz. A coisa com asas, garras e fígado nos olhos.

— Whizzer é um babaca.

Eles fizeram uma curva e a casa saiu do campo de visão. Ronnie não conseguia sentir o cheiro do rio, mas podia sentir a umidade no rosto. Eles passaram pelo último pasto de Zeb Potter. A cerca de arame farpado corria para dentro da floresta e as árvores se inclinavam sobre eles, de ambos os lados da estrada. A lua se esgueirava por uma abertura estreita entre as copas das árvores.

— Por que Mamãe está na igreja tão tarde assim? — Tim perguntou. Havia um tom de reclamação em sua voz.

— O que acha que sou, Einstein ou coisa parecida? E por que você tem que fazer tantas perguntas idiotas?

— Falar me deixa menos assustado.

Eles se apressaram, o esforço eliminando o frio úmido da noite de primavera, chegaram a uma inclinação e reduziram o passo. Um lado da estrada estava na escuridão. O rio murmurava sobre as rochas lá embaixo, a água imitando o barulho de uma vítima sendo estrangulada e tentando respirar.

Eles passaram por mais uma curva e a igreja vermelha estava lá, em uma colina, negra sob o luar. A lua brilhava nos para-brisas dos carros que estavam estacionados ao redor da igreja. Atrás dos carros, as lápides pálidas dos túmulos pareciam soldados. O álamo parecia feito de ossos negros, com dedos longos e mãos de madeira.

A porta da frente da igreja estava aberta, um retângulo cinza contra a escuridão da estrutura da igreja. Uma luz amarela brilhava nas janelas da igreja, pequenos reflexos que brilhavam e depois desapareciam. *Velas*, pensou Ronnie. A igreja nunca recebera fiação para eletricidade.

Eles podiam ouvir música vindo da igreja, um coro de várias dezenas de vozes. A música não era nada parecida com as músicas que eles cantavam na Primeira Igreja Batista. Essa música era soturna e assustadora, como se metade das pessoas estivessem cantando de propósito em um tom errado. Mas se eles estivessem cantando sobre Jesus e sobre o amor, a misericórdia e a salvação de Deus, isso faria com que a música não fosse tão assustadora. Ronnie escutou, mas não conseguiu discernir as palavras.

— Aquela música é assustadora — disse Tim.

— Shh. — Ronnie segurou a manga do casaco de Tim e o levou em direção à beira do bosque, onde os carros mais próximos estavam estacionados. Ele queria ficar o mais longe possível da parede escura da floresta, mas também estava relutante em se aproximar do cemitério. Ele puxou Tim para o chão e eles engatinharam entre os carros até que pudessem enxergar dentro da igreja. A música parou.

— Você consegue ver a Mamãe? — sussurrou Tim. Ronnie deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

A voz de um homem ressoou dentro da igreja e se espalhou pela noite.

— Meus caros adoradores — soou a voz. Durante a pausa, alguém tossiu. A voz continuou. — Estamos reunidos aqui essa noite para honrar o verdadeiro Deus. Pois Ele é um Deus ciumento, e muitas são as mentiras que caem em nossos ouvidos. Muitas são as promessas feitas a nós por aqueles que usam as faces do mal. Muitos são os caminhos que nos afastam do verdadeiro Caminho.

Ronnie espiou por sobre o capô do carro atrás do qual haviam se escondido. O motor ainda estava morno. Ele viu a luz redonda no painel. Era o Trooper do delegado.

Ronnie se sentiu um pouco melhor. Nada de mal poderia acontecer se o delegado estava aqui. Ronnie sabia que os policiais nos programas de TV eram falsos, mas o delegado parecera um cara legal quando perguntou a Ronnie sobre ter encontrado Boonie. Então, se o delegado e a Mamãe estavam aqui...

—... e o Primeiro Filho era um carpinteiro — disse a voz. — O Primeiro Filho andou entre as pessoas, entre os doentes, os renegados e os pobres. O Primeiro Filho ensinou sobre o amor, a paz e a salvação.

Salvação. Então o homem era um pregador comum, afinal de contas. Apesar de ele falar mais como um ator do que qualquer um dos pregadores que Ronnie já havia ouvido, a voz do homem deixou Ronnie menos assustado.

— E Deus chamou o Primeiro Filho de volta ao céu, deixou-O morrer na cruz para que pudéssemos encontrar a graça — disse o pregador, sua voz se elevando. — Mas Deus sempre prometeu que o Filho retornaria. E o Filho retornou. O Filho caminha entre nós. Mas não foi o Primeiro Filho que Deus enviou. Deus deu a Jesus uma chance de salvar o mundo e Jesus falhou. Jesus, com seus falsos milagres e suas mentiras. Agora, a tarefa cabe ao Segundo Filho.

— Segundo Filho — murmuraram alguns no público.

Segundo Filho. Aquilo não parecia algo que um pregador batista diria. Mas agora que ele pensou sobre o assunto, fazia um pouco de sentido. Por que Jesus seria filho único, se Deus podia gerar quantos filhos Ele quisesse? Jesus certamente não havia tornado o mundo um lugar perfeito e sem pecados.

E a igreja vermelha não parecia mais tão assustadora. De fato, Ronnie sentiu uma espécie de conforto irradiando da estrutura. Como ele havia sido tolo e bobo, achando que a igreja era um lugar ruim. A igreja era um lugar *bom*.

O pregador aumentou o ritmo. — O Segundo Filho não recusa Seu amor a ninguém. Ele não precisa de dinheiro, ele não pede servidão, ele não exige tributos. O Filho encontrou o caminho, e o caminho passa pelo coração das pessoas. O Filho quer nos levar todos para casa. Mas cada jornada começa com um único passo. Essa noite, nessa casa do Senhor, começaremos.

— Começaremos — ecoaram umas vinte vozes.

— Começaremos — sussurrou Ronnie.

— Por que está dizendo isso? — disse Tim, ainda agachado atrás do Trooper.

— Você não ouviu?

— Ouviu *o quê*?

— O Segundo Filho.

— O que tem ele?

Tim não entenderia. Ele só se importava com desenhos animados, gibis, bonecos e doces. O Pregador Staymore ainda não havia conseguido salvar Tim. Tim não conhecia o sentimento agradável de algo entrando em seu coração. E esse calor, passando da voz do pregador diretamente para o sangue de Ronnie, era melhor do qualquer outra coisa que ele já conhecera. Dessa vez, ele estava realmente salvo.

Ronnie sentiu-se leve, como se fosse feito de algodão doce. Até mesmo seu nariz quebrado, que latejara com cada batida de seu coração, havia sido esquecido naquela onda do amor mais puro. E amor era o que estava nas palavras do pregador, amor era o que preenchia a cavidade de madeira da igreja, amor era o que emanava como uma névoa acolhedora da igreja vermelha e que se espalhava pelas colinas de Whispering Pines. O amor era mais eficiente contra a dor do que os analgésicos.

— Vamos entrar — disse Ronnie.

— Você está maluco?

— Ela precisa de nós. — Ronnie se moveu em direção à frente do Trooper. Tim segurou sua camisa por trás e o puxou com força. Eles caíram no chão e a mão de Tim bateu no nariz de Ronnie. A dor explodiu por trás dos olhos de Ronnie, em ondas roxas brilhantes e choques elétricos verdes. Ele gritou em agonia.

— Seu idiota — rosnou ele para Tim entre os dentes cerrados. Ele empurrou Tim para longe e se ajoelhou. Ele colocou a mão sobre o nariz e sentiu algo morno e molhado.

As pessoas dentro da igreja haviam começado a cantar novamente, mas Ronnie mal ouvia. Ele tremia e se deu conta de que a noite estava fria. O calor do amor o havia deixado, como se ele estivesse adormecido e alguém houvesse arrancado as cobertas de inverno que o cobriam. Uma dor vazia enchia seu peito. Alguma coisa havia sido retirada, e ele não conseguia lembrar o que era.

— Você não vai entrar lá — disse Tim, com os olhos arregalados por detrás dos óculos. A lua dava aos olhos de Tim uma aparência feroz.

— E por que diabos eu iria querer entrar lá?

— Você estava com um olhar estranho.

— Shh. Escute—

A música parou. O silêncio recaiu sobre as montanhas. O vento aguardava no topo das árvores. Nem um inseto fazia barulho. Até mesmo o rio parecia ter parado em seu leito sinuoso.

E então, um som suave.

Um som farfalhante.

Não dentro da igreja.

Acima.

Na torre do campanário.

Uma sombra se moveu, um cinza mais claro contra o sino da igreja.

— Minha nossa — gemeu Tim.

Ronnie engoliu em seco e parte do sangue do nariz escorreu pela garganta.

Ela sente o cheiro do sangue. A coisa com asas, garras e fígado nos olhos...

— Corra! — ele gritou para Tim, mas seu irmãozinho já estava um passo à frente dele. Eles correram por entre os carros e chegaram na estrada de terra, as pedras voando enquanto eles se afastavam da igreja vermelha. Eles estavam expostos e vulneráveis em campo aberto, mas Ronnie não tinha coragem de entrar na floresta. O trovejar nos ouvidos de Ronnie quase parecia uma risada, mas ele não parou para ouvir.

Em vez disso, ele correu pela noite, curvando os ombros contra o monstro que desceu voando na escuridão.

CAPÍTULO 11

Ronnie corria abaixado, sentindo a sombra fria que se aproximava sobre ele e bloqueava o luar. À sua frente, Tim tropeçou no cascalho e virou em direção à vala que corria ao longo da beira da estrada. Tim olhou para trás para seu irmão mais velho, sua boca um poço redondo de medo. Ronnie viu uma forma esvoaçante refletida nos óculos de Tim.

E então, Tim pulou por sobre a vala e correu em direção às árvores.

Não, não, não, a floresta NÃO, Ronnie gritou silenciosamente.

Mas Tim já estava fora de suas vistas, perdido entre os galhos. Ronnie o seguiu, medindo os espaços escuros entre as árvores, cada um deles como uma porta para lugar nenhum. Alguma coisa encostou em seu ombro e ele engoliu um grito. Seu corpo estava eletrificado, o suor corria por suas canelas e braços, rastejando por sua espinha.

O monstro vai me pegar.

Ronnie pensou em Boonie Houck, sem olhos, mutilado e tentando agarrar alguma coisa para se arrastar de volta para o mundo comum e são.

Vai me pegar me pegar me pegar.

Ele prendeu a respiração e pulou por sobre a vala escura. O galho de um pinheiro chicoteou seu rosto. Ele gritou de dor e caiu de joelhos. Havia sangue escorrendo de seu nariz. Ele criava um fio quente em seu queixo.

Os galhos das árvores estalavam acima e atrás dele no escuro.

As árvores tinham braços, que iam abraçá-lo e segurá-lo. As árvores eram parte do pesadelo.

Ele levantou-se cambaleando, jogando folhas úmidas e terra em volta ao recobrar o equilíbrio. Ele correu dez passos, vinte passos, cedo, o braço levantado em frente ao rosto para desviar dos galhos. Seu coração pulava como um animal aprisionado no peito.

Ronnie não sabia onde estava a estrada e não conseguia ouvir Tim acima do barulho de seus próprios passos. Ele cambaleou entre as árvores, sem ver por onde pisava.

Corra, seu idiotinha.

Talvez, se o Monstro do Sino me seguir, você consiga escapar. Se a coisa não estiver com muita fome, talvez um garoto só seja suficiente.

Raios do luar cortavam a copa das árvores em alguns lugares, criando uma sensação estroboscópica enquanto ele corria da escuridão para a luz, escuridão e luz. Depois, tudo ficou escuro quando ele ficou sob a copa mais densa de velhos carvalhos, os galhos eram mais altos e não o surravam mais.

Ele estava descendo a colina agora, deslizando no barro, pisou em uma rocha plana e caiu sentado, deslizando e levantando novamente.

Um frio úmido superou seu suor e ele sabia que estava próximo ao rio. Apesar de estar com o nariz bloqueado, ele carregava o odor de peixe e barro do rio na memória. A água apressada soou em seus ouvidos.

Siga-me, mas não perto DEMAIS, Ronnie chamou o Monstro do Sino.

As árvores se abriram e ele chegou ao rio. O luar brilhava na água escura. A espuma das quedas d'água brilhava como dez milhões de olhos. O ar estava mais frio aqui, fresco e pesado nos pulmões ofegantes de Ronnie. A água vibrava sob os pés dele à medida que ele passava por entre as pedras cinzentas ao longo do leito do rio.

Ele se escondeu em um espaço entre duas pedras grandes, olhando para a colina. As copas das árvores se moveram, enormes criaturas negras, coisas vivas, hostis e zangadas, parte da gangue do Monstro do Sino.

Ronnie não sabia por quanto tempo ele correra, mas parecia anos. Ele respirava pela boca, a garganta ardendo. O nariz havia parado de sangrar. Ele limpou o queixo com a mão.

Se a coisa sente o cheiro de sangue...

Ronnie se arrastou pelas pedras até chegar à água. Ele colocou a mão na corrente e um choque gelado subiu pelo braço. Mas ele pegou um pouco de água na mão e a levou até o rosto para limpá-lo, repetindo o processo até que achou que o rosto estava limpo.

A parte da frente do casaco estava molhada. Ele se encolheu e esperou que o Monstro do Sino o encontrasse.

Esperou.

Esperou.

O rio continuava a rugir, correndo a seu lado, além da igreja vermelha e por sob a ponte no vale.

Umas poucas nuvens finas passeavam no céu, prateadas pelo luar.

Será que Tim conseguiu? Ou o Monstro do Sino perdeu meu rastro e foi atrás dele?

Ronnie subitamente sentiu-se envergonhado, lembrando-se de como ele fugira quando eles encontraram Boonie Houck. Ele havia deixado Tim para trás, para enfrentar o horror vermelho sozinho. E agora ele estava abandonando Tim novamente.

Irmãos mais velhos deviam tomar conta dos irmãos mais novos. Mesmo se os irmãos mais novos fossem idiotas.

Papai fora embora e Mamãe estava naquela reunião esquisita na igreja vermelha. Tim não tinha ninguém para ajudá-lo. Exceto Ronnie.

— Essas pedras malditas estão ficando frias mesmo — sussurrou ele para si mesmo. Ele levantou-se com as pernas trêmulas, os ossos doloridos. As árvores à sua volta estavam paradas, as folhas molhadas e pesadas.

Ele saiu de trás das pedras, com as costas voltadas para o rio. Se ele subisse o rio, ocasionalmente chegaria à Montanha Buckhorn, onde uma série de riachos corriam juntos. Se ele descesse o rio, chegaria à ponte perto da igreja vermelha. Se ele voltasse para a floresta, teria que subir uma colina para ver onde estava.

O rio não era muito profundo, chegava no máximo à linha da cintura na maioria dos lugares, mas ele já estava quase congelado. Além disso, Tim não teria coragem de cruzar o rio. Tim havia caído no rio uma vez e tinha medo de águas profundas desde então.

Ronnie andou abaixado para o lado de onde achou que viera. Seu nariz não estava doendo muito mas, como o rio, pulsava constantemente sob o curativo. Ele se moveu silenciosamente por entre as árvores, como quando brincava de índio. Ele mantinha as mãos para cima para proteger o rosto dos galhos.

Depois de se afastar do rio, ele encontrou uma velha trilha de caça. Um pouco do luar se espalhou na clareira e ele parou para ver se escutava Tim. O Monstro do Sino provavelmente ainda não havia encontrado Tim, ou os gritos estariam quebrando o silêncio da noite.

Ronnie engoliu em seco ao pensar nisso. E se a coisa tivesse pego Tim enquanto Ronnie se escondia perto da água? E se o Monstro do Sino tinha ido bater nas costelas de Tim? E se a coisa com asas, garras e fígado nos olhos estivesse agora mesmo retirando as entranhas de Tim e fazendo um lanche no meio da noite?

Não. Pense em coisas alegres.

Quando você acorda de um daqueles pesadelos horríveis, quando pensa em coisas ruins no escuro e não consegue dormir, tem que pensar em coisas alegres. Cachorros de desenhos animados, palhaços gordos, coisas assim. Exceto que, algumas vezes, os cachorros de desenhos animados mordem e os palhaços gordos abrem sorrisos medonhos.

Pensamentos alegres.

Ronnie continuou a caminhar, usando aquelas palavras como um mantra, acompanhando o ritmo.

Pense em coisas alegres, pense em coisas alegres, pense em coisas alegres...

Ele tentou imaginar uma daquelas caras amarelas sorridentes idiotas, mas elas continuaram a se transformar no Pregador Staymore da Escola Dominical, com os lábios apertados e perguntando, *Você consegue ouvi-Lo batendo?*

Ronnie prosseguiu, tropeçando em raízes e pedras, mentalmente repetindo seu mantra de pensamentos alegres.

Ele estava perto da centésima repetição quando ouviu gravetos estalando.

Ele parou.

Seja lá o que for que o estava seguindo farfalhou alguns arbustos à esquerda.

Um sussurrar de asas.

Um clicar suave, como garras batendo umas contra as outras em antecipação.

Um farfalhar úmido, como os olhos abrindo e fechando.

Os braços e as pernas de Ronnie viraram madeira, seus pés criaram raízes, ele era parte do solo escuro onde morreria. Quando os arbustos explodiram com movimento, o último pensamento de Ronnie foi de que talvez Tim tivesse escapado.

E então o monstro o pegou, em uma fúria de dentes, asas e navalhas.

O monstro havia sentido o cheiro do sangue no escuro.

O monstro o abraçou, faminto e com dedos finos.

O monstro—

Ronnie chutou e gritou, dando cotoveladas. Ele fechou bem os olhos, não querendo ver a coisa abrir seu peito e arrancar seu coração

ensanguentado.

Ronnie esmurrou com os punhos.

A criatura rugiu em seu ouvido.

— Ronnie, sou *eu*.

Papai?

Sim, era ele. Ronnie imaginou o cheiro do Papai, loção pós-barba, serragem e couro das botas.

Ele relaxou nos braços fortes do pai, finalmente abrindo os olhos. O rosto de Papai estava pálido sob o luar fraco.

— A... a coisa — disse Ronnie, lutando contra as lágrimas.

— Shh — disse Papai. — Está tudo bem agora. Nada vai pegar você.

Ronnie estremeceu contra o Papai, encostando-se nele em busca de calor. Ronnie ficou aliviado ao ver que Papai tinha uma arma. Subitamente, ele se afastou. — Tim. Onde está Tim?

— Bem aqui. — Tim saiu das sombras das árvores.

— Você viu?

Os óculos de Tim refletiram o luar quando ele assentiu.

— O que *é* aquilo, Papai? — perguntou Ronnie.

— Eu lhe digo mais tarde. Agora, vamos para casa. — Papai colocou um braço em torno de cada um dos garotos e os levou colina acima.

— Mamãe vai ficar bem?

— Espero que sim, filho. Espero que sim.

Eles caminharam até depois da meia-noite, até um lugar seguro.

***

Meia-noite.

Linda foi erguida por braços amorosos invisíveis. A música, o sermão, o amor puro de seus companheiros adoradores, tudo fluía por ela como o fluido carregado de seu sangue. Cada célula de seu corpo brilhava com o calor da glória de Archer. Sua boca estava cheia da doçura da comunhão que haviam recebido.

Ela se sentia como se estivesse acordando de um longo sono. Mas *havia* sido um longo sono, anos e anos de tirania religiosa, beijando os pés pregados do Jesus tolo de David. Mas agora Archer estava de volta e tudo seria como era antes.

Ela seria parte novamente.

Ela olhou para a direita, para o dono da mão que estava segurando. Delegado Littlefield. É claro. Os Littlefield eram uma das antigas famílias. Eles, como os Gregg, os Matheson, os Potter e outros tinham frequentado a igreja nos tempos de Wendell McFall. Agora as famílias estavam se reunindo, atendendo a um chamado que era mais profundo que a carne e o sangue.

Archer McFall inclinou-se sobre o atril, cansado após seu sermão vigoroso. Suas pálpebras tremeram e os músculos em seus ombros se contraíram. Ele levantou a cabeça e sorriu. O suor em seu rosto brilhava à luz das velas. Ele esticou uma mão trêmula e acariciou a cruz de madeira quebrada no topo do atril.

— Ele acha que somos dignos — disse Archer, com uma voz cansada que não tinha nada do trovejar anterior.

— Amém — ecoaram os paroquianos.

Linda virou-se no banco da primeira fila e olhou para os outros. Lester Matheson sorriu para ela, com os dentes amarelos. A esposa dele, Vivian, balançava no ritmo de um hino inaudível, com os olhos fechados. A velha mãe Pickett estava ao lado de Vivian, com as mãos enrugadas e manchadas cuidadosamente dobradas sobre a cintura da blusa.

Nell e Haywood Absher sentavam-se eretos na fila de trás, Nell usando um chapéu azul com rede diáfana. Sua filha Noreen tinha uma expressão enlevada e distante. Outras pessoas enchiam a igreja, com os olhos brilhando de alegria. Mama Bet estava sentada na última fila, a boca enrugada apertada em alegria solene.

Absher. Matheson. Gregg. Pickett. McFall. Só faltava uma família. Não, duas. Os Potter e os Houck.

O delegado havia dito que o velho Potter morrera. E Boonie Houck tinha perdido os olhos, a língua e o pênis pecadores. Linda não conseguia sentir falta deles. Eles tinham encontrado seu próprio caminho para a glória eterna da qual Archer falara. Eles tinham pago com sangue para que as outras famílias pudessem viver até a quarta geração.

Ninguém consegue nada sem um pouco de sacrifício. Archer precisava deles. Ele só os havia mandado para casa antes do resto de nós, só isso.

Archer ergueu a cabeça, os olhos castanhos intensos como faróis de um caminhão. Linda parou de pensar. Ele estava prestes a falar.

— Fizemos o trabalho de Deus — disse Archer, virando a cabeça para indicar o interior reformado da igreja.

— Nós o deixamos orgulhoso — gritou Lester.

— Amém — disse Vivian, sem abrir os olhos. Um clamor de aprovação se espalhou pela igreja. Linda olhou para o mundo escuro do lado de fora das janelas, momentaneamente lamentando por todos os tolos cegos e desorientados que tinham sido conduzidos erroneamente por aquele demônio, Jesus. Até mesmo os filhos dela tinham sido convencidos pelos truques do demônio.

Seus olhos se encheram de lágrimas, que correram pelo rosto.

Eu os trarei. Eles devem saber sobre o verdadeiro caminho antes que seja tarde demais.

Ela olhou novamente para Archer, profundamente agradecida por ele a ter resgatado das chamas do cristianismo. Ela deslizou do banco duro e se ajoelhou, abaixando a cabeça para Archer. Seu coração era uma mistura torturada de amor e arrependimento. Ela havia encontrado Archer, depois o havia perdido e agora o havia encontrado novamente.

Archer diz que a verdade sempre vencerá. A fé destruirá Satã e Jesus.

Ela se inclinou um pouco mais, a cabeça próxima do chão que ela passara horas limpando.

Fé é sacrifício. E sacrifício é a moeda de Deus.

Ela beijou o chão, sentiu o gosto da igreja vermelha. E ela sabia — *sabia* — que Archer precisaria de seus filhos.

Ronnie e Tim.

Mas quais eram os pecados deles?

Uma voz soou em sua cabeça: *Eles não pagam por seus próprios pecados. Eles pagam pelos SEUS, Linda.*

Ela olhou para cima de onde estava ajoelhada no chão. Archer sorriu para ela, com os olhos úmidos e os braços abertos em suplício.

Lembra-se de Abraão do Velho Testamento? Quando Deus pediu a ele que matasse seu adorado filho Isaac? Você acha que Isaac era quem tinha pecados a pagar? É claro que não. Abraão era quem precisava sofrer um pouco, era quem precisava provar sua fé.

À volta dela, os paroquianos levantaram-se e começaram a se retirar, conversando baixinho entre si. Suas palavras agora não tinham alegria, eram silenciosas, como se eles tivessem entregue todas as emoções às

paredes da igreja. Eles saíram, arrastando sacos de pele, fluidos e órgãos, enquanto lá dentro a madeira parecia vibrante, cheia de luz, energia e dos fantasmas de oradores.

Archer desceu da plataforma e caminhou até Linda. Ele ofereceu as mãos a ela. Por um momento, ela achou ter visto stigmata, pequenas manchas vermelhas nas palmas brancas. *A marca de Jesus.* Ela se encolheu de terror enquanto a imagem desaparecia.

— Qual o problema, criança? — perguntou Archer. Ele era o Archer velho, envelhecido e sem idade, sábio e inocente, os olhos brilhando com amor e ódio.

— Eu... eu — gaguejou ela, olhando novamente para o chão. Ela não conseguia olhar para os olhos dele, não podia encarar os infernos quentes dentro deles, não suportava sua crueldade graciosa. Pois ela sabia que veria a ameaça neles, a fome, a necessidade por seus filhos.

Mas, afinal, Archer era uma encarnação divina, a carne de Deus, enviado para estar entre os mortais com uma missão a realizar. O que eram as necessidades dela perto das necessidades de Archer?

Ela sentiu os braços fortes de Archer puxando-a para que se levantasse.

— Você duvida? — perguntou ele de maneira simples. Não havia raiva na voz dele, não havia acusação.

Linda sacudiu a cabeça. Ela podia ouvir os outros conversando do lado de fora, parecendo reanimados pela noite fresca de primavera. Alguns carros foram ligados e partiram, fazendo barulho nas pedras da estrada.

Archer segurou o queixo dela e levantou sua cabeça até que seus olhos se encontraram. — Você está tão adorável como estava na Califórnia.

Linda pensou por um momento que ele iria beijá-la. *Se...*

Mas ela era mortal e ele era o Segundo Filho. Ele não precisava de amor da forma como os outros precisavam, da forma como David precisava. Para Archer, o amor era um combustível, um fluido humano que impeliria o mundo até o céu. O amor não era para a alma, não era um contrato entre duas pessoas para desafiar a morte; não, para Archer, o amor era para a *Alma*, para o coletivo, para a glória. Nem um grama dele podia ser destinado a desejos carnais.

Ah, ela o amava. Archer, com seus cabelos longos e seu ônibus Volkswagen, com sinais de paz pintados nas laterais e na parte traseira. Archer, que nunca pertenceria à vida de uma pequena cidade nas

montanhas. Archer, que tinha sonhos, que tinha visões, que aceitava as provocações e os insultos com serenidade.

Foi logo depois que ela terminou o segundo grau, quando ela e David estavam ocupados planejando o casamento, suas carreiras e o futuro juntos. E foi então que Linda reconheceu, pela primeira vez, as paredes de vidro que a envolviam e que a manteriam para sempre engaiolada nas montanhas. Ah, ela podia partir, ela podia ir até Charlotte ou Outer Banks, mas somente por alguns dias de cada vez. Sua vida era aqui, tão ligada às montanhas como as fundações de granito à terra. Naquele verão, há muito tempo, ela carregava a certeza disso como uma pedra no peito.

Ela atendia às mesas no restaurante Mountaineer quando Archer entrou. Ela havia notado Archer na escola, mas ele era retraído, algumas vezes carregando uma Bíblia ou livros grossos que não era preciso ler. Aquilo, por si só, era suficiente para marcá-lo como um renegado. Mas junto com o fato de que ele era o tataraneto do Pregador Enforcado, praticamente colocava em suas costas um grande sinal que dizia *Chute-me*.

Ele sentara em uma mesa do canto naquele dia, sob o falso cartaz antigo da Pepsi-Cola. Linda olhou em volta, esperando que Sue Ann, a outra garçonete, atendesse o "esquisito". Mas Sue Ann estava inclinada sobre o balcão, exibindo seu decote para um caminhoneiro qualquer. Então, Linda pegou seu bloco de pedidos e se encaminhou até a mesa.

— O que deseja? — disse ela, definindo-o como um cara que não daria uma gorjeta decente, além de ser um maluco cabeludo. Ele brincou com o menu e raspou um pouco de molho dele com o dedão.

— Café — disse ele.

— Só isso? — Ela estava irritada com a forma como ele a olhava, como se ela fosse uma fatia de bolo de chocolate.

Ele assentiu. Ela se voltou para voltar à cozinha.

— Seu nome é Linda, não é? — disse ele.

Talvez, no fim das contas, ele desse uma gorjeta. — Sim — disse ela, dando a ele um sorriso de dois dólares.

— Meu nome é Archer.

— Eu sei. Você estuda no Pickett High, não é?

— Estudava. Já me formei.

Linda não se lembrava dele na cerimônia. É claro, ela e David tinham bebido um tanto de Jim Beam antes de cruzar o palco. Subitamente, ela se

sentiu culpada, como se o olhar dele enxergasse através dela, dentro dela. E logo ela ficou furiosa consigo mesma por se sentir culpada. Quem se preocupava com o que um maluco cabeludo pensava?

Os olhos dele eram castanhos, vibrantes e, ao mesmo tempo, distantes. Ela sentiu-se tonta ao olhar dentro deles.

— Uh... café, já trago.

Ela trouxe o café, mas ele não o bebeu. — O corpo é um templo — disse ele. — E sacrifício é a moeda de Deus. Pois Ele é um Deus ciumento e Ele pune as crianças pelos pecados dos pais.

Que cara esquisito, pensou ela, mas, quinze minutos depois, ela havia feito uma pausa e sentado à frente dele na mesa, na borda do banco barato de vinil. Ele falava de forma casual, mas é claro que sabia exatamente sobre o que estava falando.

— Você está cansada desse lugar — disse Archer. — Você está cansada destas pessoas e toda essa discussão sobre se um Chevy é melhor que um Ford, ou sobre que calibre de munição derruba um veado mais rápido. Você está prestes a se casar, uma união abençoada por Deus, acha que é um sonho que vai se transformar em realidade e que será feliz para sempre. Mas sob a superfície — ele se inclinou para a frente ao dizer isso, seus rostos a alguns centímetros de distância — você está morrendo de medo de que é *isso*, que a vida é só isso.

Ela tentou protestar, tentou não mostrar que ele havia descascado completamente as camadas de sua alma, como uma cebola. Mas ela já estava envolvida, já estava encantada, já estava hipnotizada pelo ritmo do discurso dele. E quando Sue Ann chamou Linda de volta ao trabalho, ela já havia concordado em jantar com Archer.

Ela teve que mentir para David, mas pecar era muito mais fácil naquela época. Ela e Archer jantaram no Chick'n Shack, passando a fronteira com o Tennessee. Ela não resistiu quando Archer a seduziu atrás da velha igreja vermelha após o jantar. Eles voltaram, atravessando a cidade na van dele, ela com a cabeça baixa, esperando que ninguém a visse. Ao mesmo tempo, ela pensava que era isso mesmo, ela ia fazê-lo, ela trairia David e danem-se as consequências. Finalmente, estava na hora de começar a se arriscar.

Mas Archer só queria conversar. Primeiramente, ela achou que fosse só uma conversa para atraí-la. Ele não era realmente o tipo dela. Ela não tinha mais certeza de qual *era* o seu tipo, mesmo que sempre tivesse achado que

fosse David. Então eles se sentaram no escuro e Archer falou. Mesmo com o desejo por ele quase provocando uma dor física, e o fogo em sua carne a levaria direto ao fogo do inferno, por algum motivo ela não conseguia reunir a coragem para tocá-lo.

Archer falou sobre coisas estranhas. Ele a fez olhar para as estrelas. Ele apontou para o sino da igreja e para o álamo e contou a história do Pregador Enforcado. No começo, Linda achou que ele estava tentando assustá-la para que ela sentasse mais perto dele e ele colocasse seu braço à volta dela. Mas ele contou a história errada.

Na versão de Archer, o Pregador Enforcado havia sido vítima de perseguição. — Foi tudo uma conspiração de Jesus — disse ele. Seus olhos pareciam capturar os fragmentos de luz e brilharam como óleo. — Jesus entrou na cabeça de todas aquelas pessoas e fez com que matassem meu tataravô. E Jesus não tivera nenhum preço a pagar por seus pecados. Pois Deus amava Jesus mais do que Ele ama o mundo inteiro.

Linda sabia que ela devia dar o fora da van, que ele era louco, mas ele falava de forma tão convincente, mantendo a voz sempre no mesmo tom. Então, ela ouviu o resto da história, como Jesus odiava os McFall porque eles gerariam a criança sagrada. E aquela criança surgiria para revelar Jesus como o anjo caído que ele era. Pela manhã, quando os primeiros raios tímidos do sol apareceram por sobre as colinas, ela estava muito mais do que apaixonada, ela havia se entregado.

Ela viveu aquele verão de uma forma dupla, encontrando-se com David durante a semana, mas guardando as noites de sábado para Archer e seus sermões particulares. Quando ela descobriu que Archer tinha outras, como Mandy Potter e Esther Matheson, ela ficou com ciúmes. Mas Archer explicou que cada uma delas tinha um papel no Plano Divino e que Linda sempre teria um lugar especial no coração dele.

Eles se mudaram para a Califórnia no final do verão. Linda escreveu uma carta de adeus para David, três páginas. No final, ela escrevera: *Espero que você entenda, mas há uma missão maior da qual preciso cuidar. Eu amo você.* Archer a ajudara a escrever aquela última parte, e ela chorara até que Archer a fizera parar.

Eles foram para o oeste na van, com Archer dirigindo e as sete garotas se revezando entre dormir e cantar músicas bobas dos Eagles e dos Beach Boys, até que Archer comentou sobre os subtextos pecadores nas letras.

Depois disso, eles passaram o tempo imaginando em voz alta como seria a Califórnia.

— O que faremos lá? — perguntou Linda, sentada no banco da frente. Eles tinham percorrido a metade do Tennessee e as colinas eram arredondadas e verdes. Archer estava inclinado sobre o volante, com um leve sorriso pacífico.

— Nós nos entregaremos — dissera ele.

Agora, com o rosto dele a poucos centímetros do dela, Linda queria muito que Archer a entregasse, de uma vez por todas.

CAPÍTULO 12

O delegado Littlefield olhou em volta do cemitério, para as árvores. A lua banhava a colina aberta com luz e as lápides pareciam sentinelas prateadas, mudas e zombeteiras. Littlefield respirou fundo o ar gelado, tentando clarear a mente. Sua língua tinha um gosto desagradável. Ele se sentia como se tivesse acabado de atravessar o longo túnel de um sonho.

Ele viera à igreja para ver se conseguia descobrir mais sobre Archer McFall. Seu plano havia sido manter um sorriso educado no rosto e permanecer silenciosamente sentado durante o serviço. Ele cumprimentaria as pessoas, se necessário, e abaixaria a cabeça para rezar no momento certo. Mas seus olhos sempre estariam ligeiramente aberto.

Seu plano havia falhado. O visor digital verde de seu relógio mostrava 01:57. De alguma forma, ele havia perdido quase duas horas. Ele se encostou na parte dianteira do Trooper e tentou se lembrar do que o havia trazido à igreja vermelha.

Os outros já haviam partido, apertando as mãos uns dos outros e dizendo "Deus o abençoe", e dirigindo de volta para suas fazendas escuras. Linda Day e o pregador estavam dentro da igreja. Ele podia ouvi-los conversando.

O delegado sentiu uma onda súbita de náusea que quase o fez cair de joelhos. A luz de velas dançando pela porta aberta da igreja embaçou sua visão. O grande álamo retorcido balançou, como se estivesse movendo com uma música invisível. Sua cabeça quase explodiu com o primeiro ressoar arrepiante do sino da igreja.

Ele cobriu os ouvidos e olhou para a torre do sino, sua mente estraçalhada pelo barulho.

Não tem corda. NÃO pode estar tocando.

O ferro fundido do sino cintilava sob a lua. Quando uma nota atravessou Littlefield, fazendo com que cada nervo de seu corpo vibrasse, ele lutou para impedir que seus olhos se fechassem em agonia. O sino não havia se movido nem um centímetro.

Archer estava agora na boca da igreja, com os braços abertos em direção ao céu. O pregador era uma forma escura tremulando por trás das lágrimas de Littlefield. Atrás de Archer, Linda estava curvada em referência, ou talvez encolhida em uma agonia que fazia eco com a de Littlefield.

Com o segundo ressoar do sino, Littlefield sabia que a ressonância profunda o havia deixado insano. Pois a noite *caminhava*.

Uma forma voou da floresta e pousou no campanário, uma coisa preta rasgada, um insulto à beleza das estrelas. A igreja vermelha começou a brilhar, como se estivesse sendo consumida por um fogo claro. Uma corda estava pendurada de um galho alto e forte do álamo. Puxando a corda, estava um corpo, inteiro, pesado e imóvel.

É ELE.

O pensamento veio a Littlefield, junto com uma inundação de outros fragmentos de pensamentos e imagens. O solo do cemitério curvou-se e inchou, e a grama sob as lápides ondulou como água fervente. Archer cresceu na visão de Littlefield — *cresceu* — até que encheu a porta da igreja, e as beiradas do corpo de Archer ficaram mais nítidas. As árvores próximas se inclinaram para a frente como se para observar amorosamente a aparição irreal diante delas.

Littlefield se rendeu à gravidade e caiu sobre as mãos e os joelhos. Com esforço, ele levantou a cabeça, transfixado pela forma imóvel do Pregador Enforcado que brilhava a alguns metros. O rosto do homem estava branco, e a pele lembrava a Littlefield a forma como Freeman Harper parecera depois de boiar morto no rio por duas semanas. A língua projetava-se como a cabeça de uma cobra negra. Os olhos inchados, brilhando de forma maníaca como se refletisse sóis estranhos.

O Pregador Enforcado usava um terno de algodão mal feito que estava pendurado em torno do corpo como um saco, os botões de marfim parecendo dentes. Os sapatos de couro escuro, com bico quadrado, pendiam a alguns centímetros acima do chão. Uma folha pairou entre os pés e Littlefield observou sua sombra se movendo sobre a grama, levada pela brisa. Ele traçou com os olhos a sombra da árvore, sua longa projeção sobre a colina causada pela luz das velas que vinha da igreja. Mas o Pregador Enforcado não lançava nenhuma sombra.

Littlefield encarou a ilusão diretamente no rosto. Mas ele sabia que o Pregador Enforcado não era uma ilusão. Ele quase havia conseguido se

convencer de que a primeira vez havia sido um truque da mente, na noite em que Samuel morreu. Agora o fantasma estava lá novamente, pendurado como um fiapo de luz perdida, de volta para provar que aquele halloween, há muito tempo, havia sido tão terrível quanto Littlefield se recordava.

Mas em alguma pequena parte de si mesmo, ele sabia que tais coisas eram impossíveis, irracionais. *Pessoas mortas não voltam.* Samuel havia morrido, e continuava tão morto quanto jamais estivera, ou talvez até mais. Essa visão medonha pendurada à sua frente não tinha direito de estar lá. Pessoas mortas pertenciam à terra.

Ele focalizou o rosto inchado e pálido do Pregador Enforcado.

Vê? Não pode ser real. Você o deixou invadir sua mente, dando formato à sua culpa pelo que aconteceu com Samuel. Você ouviu histórias demais, só isso.

E as histórias estão erradas. Porque, nas histórias, logo depois que o Pregador Enforcado volta, a congregação se reúne em torno dele—

O sino soou uma terceira vez, mais alto e mais penetrante do que antes, e o Pregador Enforcado piscou e sorriu.

A língua preta deslizou para dentro da cabeça inchada. Os braços mortos tremeram e se ergueram, como se estivessem testando a gravidade de uma nova realidade. O Pregador Enforcado abriu os lábios inchados de sangue e riu. Era a risada do halloween, o som terrível e inesquecível da infância de Littlefield. Todo o medo voltou novamente, todas as memórias, mas dessa vez ele não podia fugir.

Em volta e atrás de Littiefield, o cemitério criou vida.

Seus gritos romperam o silêncio úmido da noite.

***

— Você sentiu esse cheiro? — disse Tim.

David Day *havia* sentido o cheiro. Ele conhecia o cheiro intimamente. Ele era um caçador. A morte tinha sua própria essência, uma qualidade espessa que ia além do sentido do olfato. A morte penetrava em você como uma névoa.

— Que cheiro? — disse Ronnie, sua voz anasalada por causa dos curativos. David olhou para baixo, para os olhos arregalados de seu filho mais velho. Ronnie tinha sorte de não conseguir sentir o cheiro. O cheiro de

cobre do sangue e um aroma adocicado de decomposição misturavam-se no ar noturno, com um traço de uma pungência subjacente.

David olhou para a estrada de terra e de volta para a floresta. Ele não sabia o que era mais seguro, estar em campo aberto na estrada iluminada pelo luar ou esconder-se na floresta escura. A casa deles ainda estava a quase um quilômetro de distância e as únicas casas próximas, dos Potter e dos Matheson, estavam escuras. Ele segurou a arma mais firmemente. A arma provavelmente não adiantaria de nada, mas fez com que ele se sentisse melhor.

Tim continuava tentando correr à frente do pequeno grupo. Ele não parecia mais assustado, só agitado, como se tivesse fugido depois da hora de dormir para brincar de pega-ladrão. David tentou guardar o medo para si mesmo, mas Ronnie era esperto. Ronnie sabia que alguma coisa ruim viera para Whispering Pines.

— Ei, olha só — disse Tim, puxando a mão que David segurava. Ele apontou para a grama alta ao longo da estrada à frente. — Há alguém lá.

Podia muito bem ser um saco de grãos ou uma pilha de trapos, exceto pela mão pálida que se estendia da grama para a beira da estrada. Mesmo no escuro, não havia como negar o fato de que era uma mão humana, os dedos curvados para cima em uma súplica imóvel. A mão era fina, feminina.

— Fique aqui — sussurrou David, olhando à volta rapidamente. A brisa, que antes aumentara e diminuíra constantemente, havia parado. A calmaria era quase mais insuportável do que o barulho das folhas e o gemido das árvores se dobrando ao vento. Ele caminhou em direção ao corpo, com o rifle inclinado à frente.

David lutou contra o vômito que tentava pular de seu estômago. Ele reconheceu a blusa da mulher. Primeiramente, ele achou que a blusa dela estava desabotoada e que ela vestia uma camiseta amassada por baixo. Mas, agora, ele viu que o peito dela estava aberto, não a blusa, e que alguém ou alguma coisa havia aberto seu peito. O sangue estava empoçado na cavidade, um leve vapor subindo em direção à lua.

O coração dela havia desaparecido.

David olhou para o rosto da mulher. Os olhos estavam abertos, a boca escancarada em um grito silencioso e sem fim. Era Donna. A prima de Linda.

Linda havia dado aquela blusa a Donna no Natal, há dois anos. David não gostava de Donna porque ele sempre tivera a sensação de que ela não aprovava o casamento de Linda com um caipira. Mas ninguém merecia morrer daquele jeito, ser rasgada como uma vaca em um abatedouro. O peito de David se encheu de horror, pena e medo, lutando entre si pelo espaço lá dentro, até que se acalmaram em uma mistura miserável.

— O que é, Papai? — perguntou Ronnie.

— Alguém... — Ele lutou para manter a voz calma. — Alguém sofreu um acidente.

— E morreu? — perguntou Tim.

David se ajoelhou na grama e olhou para os garotos, aguardando a uns 10 metros atrás dele. Eles teriam que passar pelo corpo e ele não queria que soubessem que era Donna. Ele colocou os dedos sobre as pálpebras dela e as fechou, da forma como havia visto os soldados fazendo em filmes de guerra. Ele tentou fechar a boca dela, mas os músculos da mandíbula estavam presos em um grito eterno.

Ele fechou a blusa sobre o ferimento, tomando cuidado para não sujar as mãos com sangue. Ele tirou o casaco, apesar de a noite estar fria. A seguir, ele sussurrou uma rápida prece.

— Meu Deus, eu sei que ela O tomou em seu coração. E eu sei que ela estava envolvida com aquela igreja horrível. Mas, por favor, não a culpe por isso. O demônio é poderoso e não acho justo que ela tenha sido enganada e saído do caminho da salvação. Julgue-a pelo que ela era *antes* que Archer a pegasse. Se for de Sua vontade, afaste-a dele e leve-a para o céu, onde é o seu lugar. Amém.

David olhou para o rosto da mulher. Supostamente, a morte era pacífica. Mas não havia paz naquelas feições rígidas. E o pior de tudo, o nariz fino, as bochechas ressaltadas e as sobrancelhas arredondadas eram características da família Gregg. Exatamente como as feições de Linda. Ele colocou o casaco sobre o rosto de Donna.

— E morreu? — repetiu Tim, avançando apesar da ordem de David para não se mover. Ronnie seguiu hesitante.

— Parece que sim, filho — disse David levantando-se. — Vamos para casa e ligar para o delegado.

— O delegado? — disse Ronnie. — Vimos a caminhonete dele lá na igreja.

Tim tentou espiar o corpo. David colocou o braço em torno de Tim e o levou para o outro lado da estrada. — Vamos. Vamos para casa.

Eles caminharam em silêncio, passando pela floresta e chegando ao terreno aberto dos pastos e campos. A fazenda dos Potter se estendia, escura e vazia, no pé das montanhas. A casa e os celeiros pareciam pequenos barcos em um mar revolto. Ninguém deixava as luzes acesas a noite inteira em Whispering Pines. Era caro e era um desperdício. Mas, de alguma forma, a escuridão nas janelas de Zeb parecia mais desolada e final do que se o ocupante estivesse simplesmente dormindo.

Boonie, Zeb e agora Donna. Está começando de novo, ficando mais rápido. Exatamente como Archer fizera na Califórnia. Exceto que, dessa vez, não sei se consigo fazê-lo recuar, quanto mais detê-lo.

— Por que as pessoas estão morrendo, Papai? — perguntou Tim.

David pensou sobre como responder.

O demônio está montando um acampamento em Whispering Pines? Um pregador foi enforcado há mais de cem anos e está furioso desde então? Coletamos todos os pecados e agora é hora de receber o troco?

— Não sei dizer, filho — disse ele finalmente. — Só sei que vai ficar tudo bem.

Mentir, assim como atirar e plantar tomates, ficava mais fácil com a prática.

Ele podia ver a casa deles à frente, a caixa de correio brilhando sob o luar. De alguma forma, ele se sentiu mais seguro, mesmo sabendo que simples paredes não manteriam o Monstro do Sino à distância. As luzes também estavam desligadas na casa deles.

— Mamãe está em casa? — perguntou Tim.

— Acho que não — disse David, esperando que conseguisse manter sua preocupação escondida.

— E por que ela estava na igreja? — perguntou Ronnie. — Sempre vamos à igreja nas manhãs de domingo, não tarde da noite.

— Bem, ela só estava sendo prestativa, ajudando — mentiu David pela terceira vez. Bom, não era uma mentira completa. Ela estava ajudando, é claro, mas não o tipo de ajuda que uma pessoa normalmente oferecia à igreja. Seus serviços iam muito além de quermesses, vendas de cartões e arranjos de flores.

Ela estaria com Archer, tomando parte em algum ritual maluco que o cara tivesse inventado. Ela o estava ajudando a trazer a morte, o medo e a loucura do inferno ao pequeno vale. Seu peito se encolheu, dessa vez apertado pela frustração.

Ele havia resgatado Linda uma vez, a levara de volta para o seio dos batistas, para o amor e a luz do Senhor. Mas talvez isso não fosse bom o suficiente para ela, pois ela havia provado pela segunda vez a tentação do demônio e a achado mais doce do que o sangue redentor de Cristo.

Ele apertou as mãos em torno do rifle e tentou rezar, pedir a Deus que lhe desse forças, mas não tinha mais palavras. Ele olhou para o céu escuro, cheio de estrelas e indo do topo de uma montanha ao topo de outra.

Quem exatamente é o dono desse mundo maldito?

David estremeceu com o enfraquecimento de sua fé.

Ele levou os garotos até o caminho em frente à casa e para dentro dela. Momentaneamente, ele temeu que, mesmo se conseguisse rezar, as palavras caíssem em ouvidos surdos. Ou pior, ouvidos que escutavam, mas que simplesmente não se importavam.

***

Quando o sino tocou, Linda não cobriu os ouvidos, mesmo quando a igreja tremeu com as vibrações.

Era parte do ritual, dissera Archer. O sino devia tocar para afastar aquele Jesus louco e todos os outros demônios que enchiam a mente das pessoas. O sino precisava dobrar como um lembrete dos pecados de ancestrais assassinos.

Então ela acolheu o som, e cada ressonância rica lavou seu corpo como uma onda purificadora de água benta. Archer juntou as mãos e inclinou a cabeça.

— Mais forte — sussurrou ele depois do terceiro toque do sino. — Está ficando mais forte.

O que está ficando mais forte? — pensou Linda. Mas ela não ousou quebrar o devaneio dele para perguntar. Ela inclinou a cabeça para olhar para fora da igreja. Foi então que o delegado gritou.

Archer desceu correndo os degraus da igreja e parou em frente ao corpo prostrado de Littlefield. Linda seguiu lentamente, esperando um sinal de

Archer. O delegado estivera olhando para a árvore. Linda ficou imaginando o que ele vira que fora tão assustador. O pátio da igreja era um local de paz e beleza, não um local de medo. Talvez o delegado fosse infiel, fraco, indigno.

Archer se ajoelhou ao lado do delegado e levantou o rosto para o céu.

—Oh Pai — ele entoou naquela voz de pregador que enviava arrepios pela espinha de Linda. — Veja que estou aceitando esse pecador em minha igreja. Ele se uniu a nós em comunhão e tomou a hóstia. Oh Pai, observe-o juntar-se a nós na batalha contra a injustiça e o mal que se mascaram como salvação, para que ele possa caminhar na luz para sempre, amém.

— Amém — ecoou Linda automaticamente. Ela sentiu um pedaço da comunhão entre os dentes. Ela o soltou com a língua e engoliu a carne macia que Archer havia consagrado e ministrado. A sensação de bem-estar se espalhou por seu peito, expandiu sua cabeça e a deixou leve com tanto amor.

E então ela *viu*.

O Pregador Enforcado rolou os olhos na direção dela, examinando-a apreciativamente. E depois a aparição virou o rosto de volta para Archer.

Os lábios pretos do Pregador Enforcado se separaram e coisas insubstanciais se contorceram dentro da boca dele. — Mais — disse ele, movendo os lábios novamente, mas, na segunda vez, ele não emitiu som algum.

Uma visão, disse Linda a si mesma. *Juro por Deus, uma VISÃO. Como Archer sempre prometera.*

Os batistas tinham discutido enfurecidamente sobre Moisés e o arbusto em chamas, sobre como tal e tal tinham sido revelados ao escolhido de Deus, mas ninguém na Primeira Igreja Batista nunca tivera uma visão. Bem, Boonie Houck alegara que tivera algumas, mas suas revelações nunca pareceram ter natureza religiosa, especialmente porque elas ocorriam depois de uma semana de tremores. Mas isso... *isso*...

O Pregador Enforcado balançava em toda a glória à frente dela. E mesmo agora ele estava brilhando, esvaindo-se de volta a seu reino sagrado além dessa terra. Linda sentiu o coração pular com uma perda incerta.

Archer juntou as mãos e se encaminhou de joelhos para o álamo. — Não se vá, ó doce profeta — suplicou ele, com a voz quase infantil.

O Pregador Enforcado formou a palavra *mais* com os lábios mais uma vez, a face morta contorcida em fúria. Os braços caíram sem vida e ele sumiu na invisibilidade.

Archer levantou-se e correu para o local sob a árvore. Ele esticou os braços e abraçou o ar vazio contra o peito. — Volte — disse ele suavemente. Ele tinha um olhar perdido no rosto.

Linda nunca vira Archer exibir qualquer forma de vulnerabilidade. Isso fez com que o coração dela saltasse em alegria. Ela podia ser útil para ele. Ele *tinha* necessidades. Ele precisava *dela*.

Archer dera tanto a ela, abrira os olhos dela para as loucuras do Cristianismo, salvara sua alma. O mínimo que ela podia fazer era confortá-lo nesse momento difícil. Pelo menos, ela tinha algo a oferecer. Ela tocou o ombro dele. O casaco dele estava tão quente que quase queimou os dedos dela.

Ele se virou. Linda recuou, a mão cobrindo a boca em choque.

O rosto de Archer estava contorcido, como se os ossos do crânio tivessem se quebrado e os fragmentos estivessem tentando sair pela pele. A testa estava achatada e alongada, a parte inferior do rosto afunilada, o nariz esticado sobre a boca. Os olhos estavam arregalados e havia um anel dourado ardente em torno das pupilas negras. Os olhos de Archer brilhavam, capturando o luar e transformando-o em diamantes verdes e amarelos.

Um rugido animal baixo saiu da garganta dele e orelhas triangulares saltaram no topo da cabeça. Bigodes que pareciam feitos de arame prateado saíam dos lados da boca, que tinha gengivas negras. Os olhos se estreitaram, parecendo com os de um felino, e Archer caiu sobre as mãos.

Não, não as mãos. PATAS.

A roupa de Archer se rasgou e um pelo marrom avermelhado se espalhou pela carne do pregador. A criatura deu um passo à frente, saindo de cima dos sapatos de Archer, suas garras grossas curvadas se enterrando no chão através das meias.

Um leão-da-montanha.

David contara histórias sobre eles, o pai dela os havia caçado e os colonos do Apalache os temiam de tal forma que eles se tornaram o assunto das histórias de terror ao pé da lareira. Mas todos os leões-da-montanha estavam mortos.

Ela nunca duvidara que Archer pudesse fazer milagres. Agora, com essa prova inegável, ela se entregou totalmente a ele. Ela se jogou diante do grande felino e abaixou a cabeça, tremendo, aguardando a mordida poderosa de seus dentes ou o golpe rápido de suas garras, o método que Archer considerasse mais adequado. A salvação vinha somente de sacrifício, Archer dissera, e ela estava pronta para fazer o maior deles.

Jesus dividia pães e peixes, e caminhava sobre a água. Nada demais. Jesus nunca fora nada além de Jesus. Isso provava que Archer era melhor, o verdadeiro salvador, o verdadeiro Filho de Deus. Isso provara que Archer era o mestre dos átomos e das células, e de todas as outras coisas invisíveis que tornavam as coisas o que elas eram.

O animal rugiu novamente, um som baixo e trovejante em seu peito. Ele avançou e farejou Linda. Sem conseguir se controlar, ela estremeceu quando o hálito quente e úmido passou por sua nuca.

Por favor, não deixe doer, Archer.

O leão-da-montanha esperou. O céu estava ligeiramente mais claro agora, um azul profundo no leste empurrando a escuridão. A floresta estava quieta, no silêncio daquele momento logo antes da alvorada, quando os animais diurnos e noturnos trocavam de turno. A respiração suave do grande felino era o único som além do coração de Linda que martelava no peito.

O felino se afastou em direção ao delegado ainda inconsciente. Linda sentiu uma breve pontada de decepção, mas também uma onda de alívio.

Então vou ser poupada. Prometo que terei uma finalidade se me deixar viver, Deus. Você precisa de mim aqui para servir a Archer, para ajudá-lo a fazer o que quer que ele precisa fazer para salvar o mundo. Para derrotar Jesus e Satã para sempre.

Ela observou enquanto o felino abaixava a cabeça na direção do pescoço do delegado.

CAPÍTULO 13

A casa estava escura quando Linda parou o carro. Isso significava que os garotos estavam dormindo. Ela odiava negligenciá-los da forma como vinha fazendo, mas Archer precisava dela mais do que os garotos. Um servo só devia ter um único mestre, Archer sempre dizia. E Deus era um Deus ciumento.

Ela passara pelo corpo que estava estendido ao lado da estrada. Alguns dos outros paroquianos provavelmente também tinham passado por ele, e deviam ter murmurado: "Deve haver grandes sacrifícios". Linda reconheceu o casaco de David estendido sobre o corpo. Então, o marido dela estivera bisbilhotando.

Ela esperava que ele ficasse fora do caminho. Se David a deixasse em paz, talvez Archer o poupasse. David era parte da família Gregg pelo casamento, não por causa de seu sangue. Os Day não eram uma das antigas famílias, portanto não deviam tributo à igreja vermelha e não tinham pecados a pagar.

Ela saiu do carro e respirou fundo o ar fresco. Os aromas da fazenda, do solo recém-arado, do feno e de cocô de galinha sempre a confortavam. Essa era uma das ironias de sua vida: ela sempre tivera medo de ficar presa em Whispering Pines, mas nunca se sentira realmente confortável em qualquer outro lugar, especialmente na Califórnia. Nem mesmo a presença maravilhosa de Archer lá conseguira acabar totalmente com a saudade que ela sentia de casa.

A lua estava baixa no céu, três quartos cheia, sobre as bordas irregulares da montanha. O azul profundo da noite e o faiscar das estrelas espalhadas eram lindos. Ela iria sentir falta desse mundo. Era difícil acreditar que existia um mundo melhor, mas Archer dissera que ele tinha um lugar esperando por ela no céu. O *verdadeiro* céu, não aquela ilusão pobre que os cristãos mendigavam.

Harpas e roupas brancas. Que piada.

Ela entrou na casa, tendo o cuidado de não fazer qualquer barulho. Ela entraria e daria um beijo de boa noite nos garotos, conferindo que eles estavam bem aconchegados nos cobertores. Sua mão tateou a parede até encontrar o interruptor e ela ligou a luz.

— Ora, ora, ora... — David disse. Ela saltou para trás, contra a porta.

— ... se não é a puta da Babilônia — terminou ele. Ele estava sentado no sofá, ainda vestindo as roupas de trabalho, com os olhos alertas. O rifle estava sobre o colo.

— O que você acha que está fazendo aqui? — sussurrou ela, o mais alto que achou que podia sem acordar os garotos.

— Cuidando dos meus filhos. — Os olhos dele se estreitaram ao tamborilar os dedos sobre o cano da arma. — Alguém precisa fazê-lo.

— Saia.

— Não enquanto aquele... aquele canalha do McFall estiver à solta.

— Deixe Archer fora disso.

— Bem que eu queria.

— Você acha que isso é sobre você? Isso não tem nada a ver com você, então cuide de sua própria vida.

David a observou enquanto ela se afastou da porta aberta e se encaminhou para a cozinha. Somente seus olhos se moveram. O resto do corpo permaneceu rígido. — O que está acontecendo na igreja, Linda?

— Nada. Só os serviços que recomeçaram. — Linda desviou o rosto para escapar do olhar dele. — Como estão os garotos?

— Ah, eles estão bem. Nada como estar morrendo de medo e ver a mãe reunida com um bando alucinado de adoradores da meia-noite.

— Eles são boas pessoas. Você conhece a maioria deles. São nossos vizinhos.

Sim, pelo menos aqueles que ainda estão vivos.

— Você a viu?

— Sim.

Os olhos de Linda encheram-se de lágrimas. Ela não havia se permitido lamentar por Donna. Mas agora que David a havia mencionado, ela não pôde lutar contra a fraqueza mortal das lágrimas.

— Os garotos também a viram. — A voz de David estava mais afiada agora que ele vira que podia cortá-la com as palavras. — Por sorte, eles não descobriram quem era.

Linda encostou-se contra o batente da porta que levava ao corredor. Os culpados tinham que morrer. Mas por que tivera que ser Donna? Sua prima nunca fizera nada de realmente errado, exceto, talvez, cometer um pequeno adultério. O coração de Donna fora realmente tão maculado, só porque ela gostava de fazer amor com os maridos de outras mulheres?

— Já são três — disse David. — Um a cada noite. Exatamente como na Califórnia.

Linda bateu o punho contra a parede barata e as cabeças de troféus balançaram na parede. — Por que você não me deixou ficar na Califórnia? — disse ela, mais alto do que desejara.

— Você vai acordar os garotos.

Ela cruzou a sala e parou em frente a ele. — Por que você não me deixou lá? Eu era feliz. Talvez pela primeira vez na vida.

David retirou as mãos de sobre o rifle e colocou-as sobre os joelhos. — Porque você deu as costas para o Senhor. E para mim. Eu não podia deixar que Archer McFall e aquele bando apodrecessem sua alma.

Ela fungou, o nariz vermelho do choro. — Alma? O que você sabe sobre ter uma alma?

— Eu sei o que é certo. E Archer não é certo. Ele é o diabo. Ele é pior do que o diabo. Pelo menos o diabo joga com as regras de Deus e sabe diferenciar entre o bem e o mal. Seu pregador precioso parece que mistura os dois um pouco.

— Você é louco, David.

— Não sou eu que estou rezando para um monstro assassino.

— Archer não tem nada a ver com as mortes.

— É claro que não. É uma enorme de uma coincidência, não acha? Archer vai para a Califórnia, pessoas morrem brutalmente. Archer volta para Whispering Pines, pessoas morrem brutalmente.

— Algumas vezes, os inocentes devem morrer—

— Tenho uma novidade para você. Nenhum de nós é inocente.

Linda sacudiu a cabeça. — Você não entende, não é? Eu tenho rezado muito, pedindo a Deus que lance alguma luz sobre você para que veja que Archer é o verdadeiro salvador. Mas acho que um Jesus de dez tostões por semana é tudo o que o seu cérebro aguenta. É bem feito que tenha que segui-lo até o inferno.

David levantou-se subitamente, o rifle caindo no chão com um ruído surdo. Ele encarou-a nos olhos, mas Linda não sentiu medo. *Haverá grandes provações*, dissera Archer. Ela seria forte. Sua fé não se abalaria.

— Você pode seguir aquele tolo — disse David entre dentes cerrados. — Mas só vai levar os garotos com você por cima do meu cadáver.

— Pois é isso mesmo. Pode marcar o enterro — disse ela, furiosa agora porque David queria tirar suas melhores posses, o maior dízimo que ela podia dar a Archer. Os garotos eram o seu ingresso para o coração de Archer, para o reino de Deus.

David se inclinou e pegou o rifle, segurando-o sobre o peito como uma barreira entre eles. — Então deixe que o filho da puta venha buscá-los. Mas ele terá que passar por *mim* primeiro.

Os olhos de David estavam duros. Ela sabia o quanto ele podia ser teimoso. Aquela mesma expressão estivera no rosto dele na Califórnia, quando ele entrou no templo depois que Archer desaparecera. Ele a havia carregado para a caminhonete, dirigido de volta para as montanhas, parando somente para abastecer e comprar comida, ou quando a exaustão o forçara a descansar por algumas horas. Nesse momento, como ocorrera na Califórnia, Linda se deu conta do tanto que o amava. Mas o amor era um truque, uma tática de pânico que levava ao desespero. Archer dissera que o amor terreno era somente mais uma vaidade, certo?

O amor dessa forma era um falso ídolo. O amor era tão oco quanto um novilho de ouro — brilhante por fora, com nada além de ar pútrido na escuridão do lado de dentro. O amor não dava nada, mas tirava absolutamente tudo o que você tinha.

O amor humano era um altar para o qual você rastejava e pedia para ser sacrificado.

O amor era a maior mentira de Jesus.

Ela seria forte.

— Eu odeio você — disse ela, com o peito frio, o coração envolto na vontade férrea que Archer havia instilado.

David levantou a mão, olhou para a porta da frente e depois para a janela. — Você ouviu aquilo?

— Ouviu o quê?

David destravou a segurança do rifle e inclinou a cabeça para ouvir melhor. — Shh.

— Não vai entrar aqui — sussurrou Linda, tentando tranquilizar a si mesma. Archer enviaria seu agente celeste para pegar os garotos. Mas ele prometera aguardar até que eles fossem parte da congregação. Isso garantia o lugar deles na glória eterna de Archer e o lugar dela ao lado de Archer.

Alguma coisa arranhou a porta da frente.

Não pode ser. O sacrifício dessa noite já foi feito.

No silêncio, o tique-taque do relógio parecia gotas de chuva sobre um caixão.

David encostou a coronha do rifle no rosto e aguardou até que seja lá o que estivesse lá fora resolvesse entrar.

***

Pode ouvi-Lo batendo?

Ronnie puxou a coberta por sobre a cabeça, mas a escuridão sufocante fez com que o medo crescesse, em vez de desaparecer. Mamãe e Papai tinham parado de discutir, então talvez eles também tivessem escutado o barulho. Tim estava roncando, mas Ronnie não conseguira fechar os olhos desde que tinham chegado em casa. Ele temia que, se dormisse, sonharia com a forma preta que voara pelo céu como uma pipa esfarrapada.

E agora ele estava aqui, o Monstro do Sino, a coisa assustadora da igreja que tinha asas e garras e fígado nos olhos. Ela os havia seguido até em casa, e Ronnie sabia — *sabia* — que ela tinha vindo atrás dele. Porque ele havia pecado no coração e o demônio havia enviado uma criatura das profundezas, exatamente como o Pregador Staymore havia ameaçado na Escola Dominical.

As garras bateram levemente contra o vidro. Ronnie mastigou nervosamente o cobertor e uma fibra entrou em sua garganta, fazendo com que tivesse um acesso de tosse. O clicar no vidro parou. O monstro o escutara. No silêncio, Ronnie tentou ouvir a névoa úmida de sua respiração à espera.

Ronnie tentou rezar. O pregador dissera que o Senhor perdoava todos os pecados e protegia as crianças. Se Deus tinha controle sobre os céus e a terra, então com certeza Ele também controlava os demônios.

Querido Jesus, por favor, perdoe meus pecados do coração. Eu sei que tive pensamentos ruins, e não fui salvo nas últimas três semanas. Mas eu

quero VOCÊ no meu coração e não aquela coisa com fígado nos olhos. Por favor, por favor, me tire dessa e prometo que vou ser salvo toda semana a partir de agora, mesmo que o bafo do Pregador Staymore tenha cheiro de fruta podre. Amém.

Ronnie abriu os olhos sob o cobertor. Estava funcionando. Os ruídos molhados foram embora. A oração tinha enviado a criatura de volta ao inferno, ou talvez de volta à igreja vermelha.

Obrigado obrigado obrigado, Jesus—

O clicar começou novamente, e Ronnie sentiu como se a porta de seu coração tivesse se fechado com um estrondo. Do outro lado do quarto, Tim se virou em seu sono. Se o Monstro do Sino entrasse pela janela, ele poderia pegar Tim.

E, talvez, se ele pegar Tim, me deixe em paz.

Assim que ele pensou isso, seu rosto ficou quente de vergonha. Jesus não disse que ele devia amar seu irmão? Ou isso estava em um dos Dez Mandamentos? De qualquer forma, ele cometera outro pecado do coração e Jesus o puniria ainda mais.

A coisa corajosa a fazer era sair e enfrentar o monstro. Deixar que a coisa o rasgasse e consumisse seu coração pecador, da mesma forma como rasgara Boonie Houck e provavelmente Zeb Potter, e aquela pessoa do lado da estrada.

Mamãe dissera que Archer McFall disse que o sacrifício era o caminho para o céu. Se Ronnie se sacrificasse, talvez Jesus o levasse em vez de deixar que o diabo o arrastasse para o inferno quente. Mas Archer McFall era mais esquisito que qualquer outro pregador que Ronnie conhecera. Quem mais faria serviços em uma igreja assombrada? E a memória daqueles hinos estranhos que Mamãe e os outros cantaram fizeram com que ele estremecesse com um prazer estranho e doentio.

As garras estavam agora no parapeito, explorando a abertura na base na janela. Ronnie não conseguia se lembrar se a janela estava trancada. Mamãe havia levantado a janela ontem para entrar um pouco de ar fresco e, logo depois que ela saiu, Ronnie a havia fechado e trancado novamente. Mas talvez ela a tivesse destrancado de novo enquanto ele dormia.

Ele ouviu passos no corredor, passos pesados. As botas do Papai. Ronnie tirou a coberta de cima da cabeça e se sentou, sentindo-se mais corajoso

agora que Papai estava vindo para resgatá-lo. Ele não podia evitar, tinha que olhar para a janela.

Através das cortinas, Ronnie viu o Monstro do Sino pressionado contra o vidro. Era uma forma úmida, que mudava de forma enquanto ele estava olhando, o cinza mais claro da boca aberta em algum tipo de fúria ou ânsia.

E ele viu os olhos.

Fígados.

Úmidos, pingando, gordurosos e vermelhos.

Olhos que olhavam diretamente dentro dos olhos de Ronnie, que pareciam rastejar por suas órbitas e para dentro de seu cérebro, pulando do cérebro para o coração como se dissesse: *Agora você é meu, você sempre foi meu, pode me ouvir batendo?*

E então, a porta do quarto se abriu violentamente e a luz do corredor brilhou, com a sombra do Papai preenchendo a silhueta da porta.

— Abaixe-se — gritou Papai, e Ronnie se jogou contra os travesseiros quando o primeiro tiro explodiu do rifle de Papai.

O vidro se estilhaçou enquanto o tiro ressoava pelas paredes.

Papai recarregou o rifle e atirou de novo.

A fumaça da arma encheu os pulmões de Ronnie e, apesar de não conseguir sentir o cheiro, ele conseguia sentir o gosto na língua, acre como o escapamento de um carro.

Tim acordou gritando. Mamãe correu para dentro do quarto e o abraçou, parando um momento para olhar para a janela.

Papai atravessou o quarto correndo e olhou pela janela quebrada. Os cacos de vidro o emolduravam, brilhando ao luar como dentes afiados.

— Ele foi embora? — perguntou Mamãe. Tim chorava contra o peito dela, seus soluços estremecendo a ambos.

— Não o vejo — disse Papai, com o rifle no ombro.

— Você o matou? — perguntou ela.

— E eu que vou saber?

— Ele vai voltar?

Papai ficou de costas para a janela e olhou friamente para ela. — Você que deve saber. Não é você a profeta?

Profeta? pensou Ronnie. *Como Ezequiel e Abraão e todos aqueles? Papai estava cometendo um pecado do coração?*

Papai se inclinou sobre a cama de Ronnie. — Você está bem?

Ronnie assentiu.

Sim, estou tão bem como nunca, considerando que a coisa com fígado nos olhos está atrás de mim porque eu pequei no coração, e agora ela também está atrás de VOCÊ. E meu nariz dói e Mamãe está brigando de novo e eu não vou chorar, eu não vou chorar—

Papai sentou na cama e limpou as lágrimas de Ronnie. — Ele foi embora. Você está seguro agora. Não vou deixar aquela coisa pegar você.

— P—promete?

— Sim.

— Você vai ficar aqui?

Papai ficou tenso e olhou para Mamãe. Ronnie sentiu o ódio no ar, uma eletricidade negra, tão má quanto o Monstro do Sino e quase tão assustadora.

Tim parou de chorar e agora só choramingava contra a blusa da Mamãe. Ronnie sabia que seu irmão menor estava esperando pelo que viria a seguir. Ambos sabiam o que estava em jogo. Se Papai partisse novamente, eles estariam indefesos contra o Monstro do Sino. E, apesar das promessas, Papai podia estar bravo o suficiente para deixá-los, ir embora em sua caminhonete para tomar cerveja e fazer outras coisas que ele nunca fizera antes.

Essa era uma daquelas encruzilhadas, como quando Deus batia na porta e você podia ou não abri-la. Onde tudo mudava, para melhor ou para pior. Não havia como voltar para a semana passada, quando a vida era quase normal, e tudo com o que Ronnie precisava se preocupar era o dever de casa e Melanie Ward. Todas as fichas estavam na mesa.

Papai olhou novamente para Mamãe, depois para Tim e para a janela quebrada. O céu havia estabilizado naquele azul profundo da alvorada, e mesmo os grilos tinham silenciado. Em algum lugar nas colinas, um cachorro uivou, um som perdido e solitário no silêncio que precede a alvorada.

— Eu vou ficar — disse Papai, olhando pela janela para as colinas escuras das montanhas.

Ronnie admirou os músculos na mandíbula de seu pai, a forma como Papai mantinha a cabeça no alto, orgulhosamente, sem nada do que se envergonhar. Papai dizia que um homem devia obter sua força do Senhor, que ninguém que confiasse Nele precisava ter medo. E Papai era um grande

exemplo: por que você teria medo de morrer se a morte só o levaria à presença da glória eterna?

Quando Ronnie pensava sobre o céu, ele sempre imaginava aquele desenho da bíblia do Papai, logo antes do Novo Testamento. A figura mostrava Jesus no topo de uma escada dourada que surgia das nuvens. Jesus tinha cabelos compridos, uma barba castanha e os olhos mais tristes que Ronnie já vira. Seus braços estavam estendidos, com as palmas para cima, acolhedoras, mas não havia ninguém na escada. O céu parecia um lugar solitário.

Além disso, não importava o quanto o céu era maravilhoso, coisas novas eram sempre assustadoras. Como o primeiro dia na escola, o momento em que ele dera aquele poema para Melanie, a primeira vez em que ele entrara na igreja vermelha, essa história de Mamãe e Papai estarem bravos um com o outro. Então, ele preferia ficar bem aqui, na cama, com o Papai do lado dele, e Mamãe e Tim debaixo do mesmo teto. Ele preferia só continuar vivendo, muito obrigado.

Mesmo com o nariz quebrado, e um monstro atrás dele, e o dever de casa, e Mamãe saindo com aquele pregador estranho.

Mesmo com tudo isso.

Ele fechou os olhos e esperou pelo raiar do sol.

***

Archer se encolheu na floresta, perto da igreja. Ele arrastou o delegado sob as árvores depois de mandar Linda embora. Ela não entenderia por que o delegado devia ser condenado a viver. Ela era uma boa discípula e se sacrificaria de boa vontade, mas ela não estava preparada para a verdade. Nenhum deles estava.

Archer observou a paisagem, seus grandes olhos felinos penetrando na escuridão. Deus governava o reino dos céus, mas Ele dera a Archer o reino da Terra, juntamente com o domínio sobre todas as suas criaturas. O irmão de Archer, Jesus, havia usado aquele poder indevidamente, havia caminhado entre os humanos e os havia confundido com mensagens de amor e esperança. Antes da ascensão do cristianismo, só se podia chegar ao céu por meio da dor, das privações e do sacrifício. Depois que a blasfêmia

de Jesus fosse varrida da terra, as pessoas se voltariam novamente para aqueles verdadeiros testes de fé.

De todas as ridículas crenças cristãs, a mais risível delas era que ser perdoado daria ao pecador um ingresso para o céu. E isso era tão humano. Por que se preocupar em viver do jeito certo e suportar os rigores da verdadeira fé quando tudo o que você precisava era dizer "Entre em meu coração", e Jesus lá estaria, enganando-o com as mentiras dele?

Archer também concederia o perdão. Mas o dele seria entregue depois que o pecador se ajoelhasse e suplicasse, suplicasse, mesmo enquanto as garras negras da justiça fizessem a purificação. A concessão tinha que ser paga com sangue. A redenção devia ser obtida da forma mais difícil.

E o Senhor queimaria de ciúmes quando Archer fosse bem-sucedido onde Jesus falhara.

Archer sentiu uma breve pontada. As balas traspassaram o espírito manifesto que espreitava a casa dos Day, há uns cinco quilômetros de distância. Archer lançou a cabeça para trás, rugindo uma risada para a lua, e enviou a manifestação de volta a seu lar no campanário. Deixe-a devorar as sombras até o trabalho da próxima noite.

A alvorada estava bem próxima. A floresta estava prendendo o fôlego durante a troca de turno, com os animais noturnos retornando a seus ninhos e tocas, e os pássaros da manhã sacudindo o sono de suas penas. Que mundo lindo Deus havia criado. Exceto pela praga dos corações humanos, a praga nascida da insegurança de Deus, a terra quase se parecia com o céu em sua glória.

Mas Archer estava ali para acabar com aquela praga. Todos os pecadores deviam ser destruídos para que um novo mundo puro pudesse emergir. E todos na Terra tinham pecado, até mesmo Jesus. Especialmente Jesus. Todos, exceto o Segundo Filho.

Archer lambeu seu pelo, paciente com o conhecimento de que seu tempo era infinito. Por enquanto, ele continuaria com a limpeza bem aqui, no local de seu nascimento mortal. Aqui onde a alma de Wendell McFall havia sido aprisionada, onde o próprio Archer havia sofrido com os insultos e os abusos dos indignos. Aqui onde os puros poderiam avançar em um êxodo de blasfêmia e indignidade.

Archer aproximou os dentes do colarinho do delegado e gentilmente fechou a boca em torno do tecido. As pálpebras do delegado tremularam

quando o hálito morno de Archer tocou seu pescoço, mas ele não acordou. O cheiro do pecado do homem, e dos pecados de todas as gerações dos Littlefield, inundou o nariz sensível de Archer.

Antes que Littlefield pagasse por seus pecados, o delegado tinha que sofrer pelos pecados de seus antepassados. Archer arrastou Littlefield pelo pátio da igreja, para um local especial de punição. Littlefield achava que a morte de seu irmão menor havia sido suficiente para expiar o enforcamento de Wendell McFall. Mas logo ele veria que sacrifício era a moeda de um Deus ciumento, e de seus filhos ciumentos.

Havia alegria em ser um messias.

CAPÍTULO 14

A detetive Sheila Storie olhou para o relógio sobre a porta do escritório. Era um daqueles velhos relógios redondos, do tipo que se encontra em escolas fundamentais, com uma caixa preta e simples, e com números grandes demais. O segundo ponteiro não se movia suavemente. Ele ficava preso em cada pequena marca, e pulava para a próxima. Ela observou vinte e três segundos espasmódicos antes que virasse os olhos.

Ela passara a noite no escritório, dormindo algumas poucas horas na cadeira. Agora suas costas estavam doendo. Ela se levantou, espreguiçou-se e fez mais uma xícara de café, apesar de seu estômago doer por causa do excesso de cafeína e salgadinhos da noite anterior. Logo antes da troca de turno da meia-noite, o policial Wellborn havia ligado para informar que os cachorros não tinham encontrado nada.

Por algum motivo, ela não estava surpresa com o relatório negativo. Cachorros podiam servir para perseguir condenados em fuga, mas estávamos no século XXI. Examinar provas forenses e vasculhar bancos de dados de criminosos eram as formas de solucionar crimes, e não farejar a floresta. Mas ela tinha que admitir que uma noite em frente à mesa com seus relatórios a deixara mais perto de solucionar os dois assassinatos.

Qual era o motivo?

Essa era uma das primeiras lições da investigação de homicídios: encontre o motivo e você encontrará o assassino. Mas ela tinha um bêbado praticamente falido no pátio de uma igreja e um fazendeiro com a cabeça esmigalhada por uma marreta. Até onde era possível determinar, roubo não era motivo para nenhum dos dois crimes. De fato, a única conexão entre as duas vítimas era que ambas moravam na área de Whispering Pines.

Não, não era a única conexão. Havia mais do que ela chamava de GC — grandes coincidências. E a maioria das coincidências pareciam se centralizar na velha igreja.

McFall a comprara. Frank se desmantelando sobre a tragédia infantil que enfrentara lá. Até mesmo as histórias de fantasmas pareciam sinalizar de

alguma forma, apesar de ela nunca admitir ter dado qualquer crédito a elas.

Storie olhou pela janela. O céu estava ficando cor-de-rosa atrás de Barkersville. Os dois quarteirões da rua principal estavam nas sombras, os prédios de tijolos frios e vazios nas garras da alvorada. Uns poucos veículos estavam na rua, a maioria deles caminhões de coleta com ferramentas na parte de trás. As pessoas estavam indo para o trabalho, mais uma semana a enfrentar antes do pagamento, e depois mais dois dias para esquecer que teriam que enfrentar tudo de novo na segunda-feira seguinte.

A Câmara do Comércio enviara pelo correio folhetos brilhantes que diziam: *Aqui, a vida se move com uma velocidade diferente*. A ideia era atrair turistas ricos com a promessa de cadeiras de balanço na varanda e brisas preguiçosas do rio. É claro, depois que eles vinham, ficavam terrivelmente entediados depois de dois dias e despejavam alguns milhares de dólares nas lojas e restaurantes locais. Velocidade diferente que nada.

Então por que você está aqui?

Ela mastigou o lápis. Por que diabos ela *estava* aqui? Fugindo da polícia de Metro e dos crimes da cidade grande, ela quisera a vida mais rural que pudesse encontrar. Talvez ela tivesse achado que fosse um lugar fácil para amadurecer, subir um pouco na carreira e talvez concorrer a delegada.

Ela sempre quisera um departamento que fosse dela. Storie queria isso da mesma maneira que outras pessoas queriam sexo, fama ou uma família. Solucionar casos importantes eram somente os meios para aquele fim. Mas ela também havia desenvolvido essa necessidade assustadora de entender Frank Littlefield, de enxergar sob a superfície profissional e daquele jeito bonachão, e descobrir exatamente como ele era.

Ela não sabia muito sobre ele, e também não sabia muito sobre a igreja vermelha nem sobre Archer McFall. Era hora de mudar isso. Ela pegou as chaves da mesa e serviu uma última xícara de café.

Ela pressionou um botão no intercomunicador. — A Unidade Dois vai entrar em serviço.

— Dez-quatro — respondeu a voz do despachante do terceiro turno.

Ela prendeu o coldre no ombro antes de colocar o blazer. O revólver .38 era confortante contra suas costelas. Quando ela saiu, foi atingida pelo aroma úmido da vida: lírios saindo de seus pijamas noturnos, a cerejeira em frente à biblioteca toda branca por causa dos brotos, os passarinhos

conversando nos galhos e nos postes de iluminação. Ela respirou fundo e olhou para as montanhas.

Naquelas colinas havia casas cheias de pessoas que tinham raízes tão profundas quanto os velhos carvalhos. Havia fumaça subindo de algumas chaminés, apesar do calor da manhã. Essas pessoas não eram diferentes daquelas com quem ela havia crescido. Elas dormiam e sonhavam, e os sonhos desapareciam ao acordar. O tempo passava para elas na mesma velocidade com que passava para todos.

É, velocidade diferente que nada.

Ela entrou no carro e foi para Whispering Pines, mantendo-se dentro do limite de velocidade o caminho inteiro.

***

Frank.

Levante-se.

Frank não queria se levantar. Ele estava deitado sob o feno e o sol entrava pela porta, aquecendo seus ossos até que se parecessem com macarrão cozido.

— Levante-se, Frankie.

Frank abriu os olhos. O mundo estava amarelo, cheio de luz do sol e poeira de palha. As cintas do macacão apertavam seu pescoço, provocando coceira. Mas isso era um problema pequeno. Ele podia aguentar a coceira e podia ignorar Samuel. Samuel era um problema tão pequeno quanto um irmão menor o podia ser.

— Vamos, vamos pescar.

— Vá embora — murmurou Frank. Se o Vovô ou o Papai o encontrassem sem fazer nada, ele ia apanhar muito. Ele podia ouvir a voz rouca do Vovô agora: *Milho para colher, porcos para guardar e a danada da galinha do jantar ainda está com todas as penas.* A serra zumbia como uma abelha bêbada onde dois homens estavam cortando lenha em uma das colinas.

Alguma coisa cutucou Frank. Relutantemente, ele rolou sobre si mesmo e viu Samuel com um caniço nas mãos, pés descalços e um boné do Atlanta Braves enfiado na cabeça. Um sorriso cheio de dentes tortos ameaçava rasgar o rosto sardento de Samuel ao meio. — Vamos até o rio, Frankie.

Frank se sentou, ofuscado pelo sol. Do lado de fora, os campos tinham um tom brilhante de verde. As montanhas estavam nitidamente em foco, como se cada árvore e pedra tivesse sido cuidadosamente esculpida em papel fino. O céu estava tão vividamente azul que ele esfregou os olhos, pois o ar parecia água, espesso com correntes e com uma frescura langorosa. Ele levantou-se com as pernas trêmulas.

— Pegue seu caniço também — disse Samuel. Ele estendeu outro caniço de bambu. Uma boia redonda vermelha e branca e um pequeno anzol prateado estavam pendurados na linha. Frank pegou o caniço sem uma palavra e seguiu Samuel pelo celeiro. Parecia que seus pés estavam envoltos em nuvens gordas e pareciam quase não tocar o chão. Eles desceram a escada, saíram do celeiro e cruzaram um longo prado. A grama estava viva, como se fosse o cabelo eriçado da terra.

A serra parou, seu eco caiu sobre o vale como fumaça e desapareceu. No silêncio súbito, um pássaro gritou nas árvores próximas do rio. Samuel liderou o caminho através do prado, abaixo do jardim com pés de tomate, repolhos e pés de milho com brotos dourados. Ele se sentiu como se estivesse preso a uma linha invisível, sendo puxado em direção a uma praia desconhecida.

Samuel cantarolava um hino da igreja, que era sério demais para um dia de verão tão ensolarado. E Samuel deveria estar pulando, rindo, batendo nos arbustos com seu caniço. Ele devia estar correndo à frente de Frank para encontrar um esconderijo sob os choupos. Em vez disso, seu irmãozinho caminhava solenemente, olhando para os pés.

O céu pareceu descer e Frank nadou contra ele. Eles estavam no rio agora e seus pequenos olhos prateados e brilhantes os observavam.

— Vamos pegar um grandão — disse Samuel, parando na areia e soltando a linha. Ele olhou de relance para Frank e colocou a mão na boca. Em seguida, estendeu a palma para Frank, mostrando uma massa espessa de vermes brilhantes que se contorciam. Frank pegou um deles e prendeu-o no anzol. Samuel pegou um para si e devolveu o resto das minhocas à boca. O estômago de Frank se revirou nauseado.

Os garotos jogaram os anzóis na água quase ao mesmo tempo. Libélulas voavam na beira do rio, as asas verdes batendo contra o ar. A água batia nas pedras, produzindo um som que parecia um riso suave.

— Quase parece que é domingo — disse Samuel.

— Sim. E nós estamos aqui, dois preguiçosos, quando há tarefas a fazer. Papai vai ficar uma fera se descobrir que estamos pescando. — Frank se moveu um pouco mais para baixo na areia, para que o sol não refletisse na água e batesse em seus olhos.

— Domingo de preguiça. Dá vontade de ir à igreja, não dá?

— Igreja?

Samuel sorriu e sua cabeça caiu para um lado. — Lugar divertido de ficar, sabe o que quero dizer?

— Não temos tempo para isso — disse Frank, com as mãos suando e o coração batendo forte.

— Eu tenho todo o tempo do mundo — disse Samuel, enquanto uma minhoca gorda saía da boca. A ponta marrom da minhoca se esticou como se estivesse farejando o ar e rastejou para o queixo de Samuel.

— Eu não vou mais à igreja — disse Frank. — Não desde...

— Desde *o quê*, mano?

A boia de Samuel afundou uma vez, duas vezes. Ele puxou o caniço e ele quase dobrou ao meio. — Peguei um, peguei um. Ele riu contente.

Frank largou o caniço e deitou sobre a barriga para que pudesse colocar a mão na água e segurar o peixe. Na água calma perto da praia, ele viu o reflexo do céu e as nuvens brancas lá no alto. Sua própria face estava escura na água, sem rugas, despreocupada. Jovem.

— Puxe-o — disse Samuel. Frank esticou o braço e segurou a linha esticada. Quando ele puxou a linha, o rio se transformou em uma avalanche prateada.

O Pregador Enforcado emergiu da água.

A linha de pescar era uma corda, o anzol um laço enrolado no pescoço do pregador. A figura pálida enterrou as unhas na praia e a pele estava roxa no lugar em que a corda se enterrava na carne.

A boca do Pregador Enforcado se abriu em um grito sufocado, exceto — não, não era o rio, era o *pregador* — ele estava rindo, gargalhando, uma fonte de alegria mórbida.

O grito de Frank era um punho fechado na garganta, uma pedra cheia de limo, um peixe gelado. Ele tentou subir pela praia, mas uma mão em seu braço o segurou no lugar.

— Hora do batismo, Frankie — ele ouviu a voz de Samuel, só que não era a voz de uma criança. Era uma voz baixa de além-túmulo, uma exalação

pútrida de ódio, as palavras se arrastando como cobras em uma catacumba.

Frank olhou para o irmão morto, nos olhos que um dia tinham sido misericordiosamente costurados pela agência funerária, olhos que agora o encaravam acusadoramente, cheios de uma fome quente de vingança atrasada. Os dentes tortos de Samuel eram afiados, os espaços entre eles cheios de uma escuridão rápida.

Samuel estava agora dentro do rio, com água até os joelhos, a mão segurando o braço de Frank com força, arrastando-o pela lama e pelas raízes enlameadas para a língua mordaz do rio. O Pregador Enforcado juntou as mãos em prece e sua cabeça inclinada estava sorrindo, sorrindo.

Samuel puxou e Frank estava dentro do rio, seu irmãozinho morto empurrando sua cabeça para baixo, submergindo-o, e a água tinha gosto de morte, a água parecia o ar de uma cripta, que enchia seus pulmões enquanto ele lutava para voltar à superfície que estava tão longe. Ele lutou, mesmo sabendo que merecia morrer pelo que havia feito com Samuel.

As mãos puxavam e puxavam. Ele sentiu-se afundando, mais fundo—

— Delegado, acorde.

Littlefield chutou e lutou, gemendo.

— Acorde, você está tendo um pesadelo.

Littlefield ficou tenso, os músculos com espasmos por causa do esforço.
— Sh—Sheila?

— Sim, delegado. Você está bem?

Ele abriu os olhos. O sol da manhã era doloroso. Ele piscou e olhou para o rosto da detetive Storie. Ela estava tão perto que ele pôde sentir o aroma do café no hálito dela. O cabelo dela caía suavemente sobre as bochechas, mas a boca estava apertada em preocupação.

Que visão maravilhosa de ter ao acordar.

Parecia que o assassino de Zeb Potter havia usado a marreta novamente, dessa vez na cabeça de Littlefield. A boca dele tinha um gosto horrível. Ele podia sentir o odor de seu próprio corpo.

Storie o ajudou a levantar. O uniforme dele estava úmido com suor e orvalho. Ou talvez água batismal...

— O que aconteceu? — perguntou Storie.

— Eu não sei — disse o delegado, sacudindo a cabeça. — A última coisa de que me lembro...

Ele olhou para o pátio da igreja. O Trooper estava lá onde ele o havia estacionado na noite anterior, mas essa era a última memória que ele tinha. Ele estivera dentro da igreja?

Os túmulos o rodeavam, o mármore e o granito brilhando ao sol. Ele conhecia essa área do cemitério. Ele trouxera flores aqui muitas vezes. Ele se virou e olhou para a lápide onde sua cabeça repousara.

Um pequeno cordeiro estava esculpido na parte superior da lápide. Os símbolos gravados sobre a imagem partiram seu coração, como sempre acontecera:

AQUI JAZ
SAMUEL RILEY LITTLEFIELD
1968-1979
Que Deus o proteja e o guarde.

Que Deus o proteja. Por que com certeza Frank Littlefield não o fizera. Frank havia praticamente selado o caixão de Samuel com sua estupidez e indiferença. Um irmão maior que deveria ter cuidado do irmão menor.

O sonho.

— Olhe — disse Storie, arrancando Littlefield de seu devaneio. Ela apontou para um caminho achatado na grama que vinha da floresta.

— Alguma coisa me arrastou até aqui.

— Alguma coisa?

Claro. O Pregador Enforcado, o Monstro do Sino, a Fada dos Dentes. Talvez até mesmo a Noiva de Frankenstein. Pode escolher. Ela acreditará em qualquer um deles, certo?

— A parte de trás de sua camisa está suja — disse ela. — E o colarinho está rasgado. Parece que você passou a noite inteira enchendo a cara.

— Nossa, obrigado. É assim que eu me sinto.

— Nem consigo imaginar como foi o serviço da igreja. O que eles fizeram, obrigaram você a tomar mais e mais doses de vinho até que desmaiou?

Comunhão. Imagens vagas flutuaram em sua cabeça, imagens de estar recebendo algo em sua boca dos dedos de Archer McFall. Ele engoliu em seco e sentiu a boca com uma língua espessa. Ele queria cuspir, mas não conseguia juntar saliva suficiente.

A igreja vermelha estava silenciosa no topo da colina. O campanário estava escuro nas sombras. Ele observou por um momento, mas as sombras não se moveram. Seus dedos exploraram o tecido rasgado do colarinho. Seja o que for que o havia rasgado, parara a poucos centímetros do pescoço dele. Ele havia sido poupado, mas por quê?

Ele não tinha certeza se queria saber.

***

— Olhe — disse Tim. — Lá está o delegado e aquela policial. Lá no cemitério.

Ronnie olhou além de seu pai para os dois policiais. O delegado estava sentado em frente de um túmulo, com o cabelo todo desgrenhado. A mulher abanou para eles. Ele começou a abanar de volta, mas então lembrou-se do que Papai havia dito.

Papai olhou para o cemitério e de volta para a estrada de terra. Ele manteve as mãos apertadas em torno da direção. Ronnie sabia que, quando Papai cerrava a mandíbula daquele jeito, ele não queria ser perturbado.

— A gente não devia contar a eles sobre a pessoa morta que vimos ontem à noite? E o monstro?

David olhou pelo espelho retrovisor e congelou Tim com um olhar duro. — É melhor não falar sobre essas coisas.

— É porque o delegado estava na igreja com a Mamãe? Ele é uma das pessoas ruins? — Tim não sabia quando calar a boca.

— Deixe o Senhor resolver isso — disse Papai. — Nosso trabalho é manter os olhos em nossos próprios caminhos.

Eles fizeram a curva e a igreja saiu da linha de visão. Abaixo da estrada, o rio apostava corrida com eles, perdendo de longe. A água estava baixa, pois não chovia há semanas. Ronnie procurou locais que poderiam ser bons para nadar. Qualquer coisa para evitar de pensar sobre você-sabe-o-quê.

— Por que temos que ir à escola, Papai? — O motor da boca de Tim não conseguia ficar desligado por muito tempo.

— A melhor coisa a fazer é manter tudo o mais normal possível.

— É por isso que não podemos contar a ninguém o que aconteceu?

— Sim. Então vocês dois vão para a escola e eu vou trabalhar.

— E a Mamãe?

Oops, pensou Ronnie. *Que idiota.*

— Sua mãe ficará bem — disse Papai. — Só deu um passo em falso. Todos fazemos isso de vez em quando. Agora vamos falar sobre alguma outra coisa.

Ronnie olhou pela janela. Ele não se importava de ir para a escola, mesmo que o nariz ainda doesse um pouco. O inchaço havia sumido e o único problema era que o curativo no nariz prejudicava um pouco a fala. Os garotos iriam rir dele. Mas na escola, pelo menos, o Monstro do Sino tinha um monte de vítimas para escolher, se resolvesse bater. Ronnie não se importaria de ver dois ou três de seus colegas frente à frente com seja lá o que fosse aquela coisa. Mas aquele desejo soava como um pecado do coração e Ronnie não podia arriscar mais nenhum deles.

— Pegou seu remédio? — perguntou Papai. Ronnie assentiu.

Sim. Um bom e velho analgésico. Ele passaria o dia inteiro com o cérebro confuso, isso era óbvio, e ficou imaginando se era por isso que Whizzer Buchanan fumava aqueles cigarros fedorentos que ele levava para a escola. Se fosse, talvez Whizzer não fosse tão maluco quanto Ronnie pensava.

Porque tinha algumas vantagens passar pela vida em uma névoa. Na névoa, você não podia ver os monstros chegando. Na névoa, eles o pegavam antes que você soubesse o que o atingiu.

Eles chegaram na Escola Fundamental de Barkersville quase meia hora atrasados. Papai disse que os pegaria à tarde. Ronnie ficou aliviado de saber que não precisaria se preocupar o dia inteiro sobre ter que passar caminhando pela igreja vermelha. Ele e Tim pegaram uma autorização no escritório do diretor e foram para o corredor.

— Até depois, Tim — disse Ronnie.

— Você vai contar a alguém?

— Contar o quê?

Tim simplesmente não entendia. Quando Papai dizia para você fazer alguma coisa, você fazia. Papai tinha seus motivos.

— Você sabe. O monstro.

— Guarde isso e jogue a chave fora — disse Ronnie, imitando o girar de uma chave contra os lábios fechados e jogando a chave invisível por sobre o ombro.

— Mesmo sobre ter encontrado Boonie Houck?

— Se alguém perguntar, basta dizer que a polícia disse que você não podia falar sobre isso.

— Legal — disse Tim, os olhos se arregalando por trás do óculos. — Nós somos meio que heróis.

— É, claro. Heróis. — Muito corajoso, esse era Ronnie, claro. Correra de Boonie Houck e arrebentara o nariz. Deixara que Tim se virasse quando o monstro os havia perseguido. Morrera de medo quando alguma coisa começou a arranhar a janela do quarto.

Pelo menos, aqui na escola o maior horror era a aula de álgebra da Sra. Rathbone.

— Encontre-me lá na frente depois da escola — disse Ronnie. Ele se virou em direção à ala das séries mais altas e havia dado uns seis passos quando Tim o chamou.

— Ronnie? — a palavra ecoou nas paredes. Ronnie olhou em volta, torcendo para que nenhum dos professores saísse para o corredor para mandá-los ficarem quietos.

— O que é?

— Vai ficar tudo bem?

— É claro que sim.

— Com Mamãe e Papai? E tudo o mais?

Ronnie caminhou de volta, conferiu para ver se não havia ninguém no corredor, e deu um abraço rápido em Tim. — Claro. Seu irmão mais velho está aqui. Vou cuidar para que nada aconteça conosco.

Tim parecia quase convencido.

— Agora, vá para a sala de aula, seu esquilo — disse Ronnie. Tim correu pelo corredor. Ronnie pegou os livros no armário e foi para a sala de aula da Sra. Rathbone. Ele abaixou a cabeça ao caminhar para sua carteira, na parte de trás da sala.

— Ora, Sr. Day, temos sorte de ter nos agraciado com sua presença hoje — disse a Sra. Rathbone, dobrando os braços, esticando o casaco sempre presente sobre os ombros ossudos.

Ronnie engoliu um rosnar e olhou para Melanie na outra fila. Ele sentou na carteira e disse: — Sinto muito, Sra. Rathbone. Nós... tivemos um acidente em casa.

— Entendo — disse ela, tocando o nariz em escárnio. Ela imitou seu tom anasalado enquanto a sala ria. — Mas, mesmo assim, acredito que tenha

feito o dever de casa?

— Uh, sim, claro. — Ele procurou entre os papéis. Ele não havia feito o dever de casa. Quem mais além da doida da Sra. Rathbone passava dever de casa para o fim de semana?

— Então, você poderia compartilhar conosco a resposta do problema número dezessete?

Ronnie engoliu em seco e fez de conta que procurava em um pedaço de papel. A Sra. Rathbone era quase tão assustadora quanto o Monstro do Sino. O suor começou a brotar em sua testa. Ele estava prestes a resmungar uma resposta aleatória quando, com o canto do olho, ele viu Melanie balançando os dedos. Ele virou os olhos para ela enquanto segurava um papel para esconder o rosto. Melanie havia rabiscado alguma coisa e inclinou o papel na direção dele, sem que a Sra. Rathbone conseguisse ver.

X = 7.

Ele olhou para a Sra. Rathbone por sobre o papel. — X é igual a sete?

A professora franziu o rosto. — Muito bem — disse ela, sem conseguir esconder o desapontamento amargo da voz. Ela virou a atenção para a próxima vítima.

Depois da aula, Ronnie alcançou Melanie no armário dela. Com o coração batendo forte, ele disse: — Obrigado.

— Não foi nada. — Ela sorriu. Ronnie flutuou uns 50 centímetros e se sentiu como se já tivesse tomado o remédio. — Além do mais, você me ajudou algumas vezes.

Ele assentiu, sem conseguir pensar no que dizer a seguir.

— O que aconteceu com o seu nariz? — perguntou ela.

— Quebrei.

— Ai. Dói?

— Sim.

Em torno deles, os garotos batiam as portas dos armários e o comunicador chamava alguém do escritório. Ronnie olhou para o relógio na parede. Era melhor se apressar para a próxima aula antes que tivesse que pensar em algo para dizer.

— Como você o quebrou? — perguntou ela, os olhos azuis e claros, os lábios bonitos separados, aguardando.

Ele engoliu em seco. Era melhor encarar a Sra. Rathbone do que ficar cara a cara com Melanie. Mas ela estava olhando para ele como se o que ele

tinha a dizer fosse realmente importante.

Era agora ou nunca, uma daquelas curvas idiotas novamente. Será que tudo exigia bravura?

Nós somos meio que heróis.

Bem, talvez.

Ele abaixou a voz, meio conspiratória, seu coração dançando quando ela se inclinou mais perto para ouvir. Ele desejou que seu nariz funcionasse para sentir o cheiro do cabelo dela. — Já ouviu falar de Boonie Houck?

Ela negou com a cabeça. O sinal soou.

— Preciso ir — disse ele.

Ela colocou a mão no braço dele. — Sente-se comigo no almoço e me conte — disse ela, e depois desapareceu no mar de alunos.

Ronnie flutuou até a próxima sala de aula. Ele acabara de descobrir que as névoas podiam ser diferentes.

CAPÍTULO 15

Sheila parou nos degraus e olhou para a igreja.

Só um prédio. Madeira, pregos, pedra e vidro. Um pouco mal cuidada, o teto meio abaulado no centro por causa da idade. Paredes que rangem um pouco quando sopra o vento, e provavelmente com ratos que corriam sob a fundação. Nada além de um prédio.

Então por que todas as histórias de fantasmas? É claro, os pioneiros escoceses, ingleses e irlandeses trouxeram suas lendas locais para as montanhas, algo para assustar as crianças ao se reunirem em torno da fogueira de inverno. Talvez os pregadores sempre tivessem sido um alvo preferido dos fofoqueiros e as fofocas se transformassem em lendas sussurradas. Se Frank conseguia acreditar naquela bobagem de "Pregador Enforcado", isso era um testamento do poder de uma fofoca.

Mesmo nas cidades grandes, sempre havia uma ou duas casas mal-assombradas. Havia uma em Charlotte, uma velha casa de tijolos a alguns quarteirões de onde ela havia crescido. Ela pedalara sua bicicleta em frente a ela várias vezes, procurando movimento na escuridão das janelas quebradas.

Em uma manhã clara de outono, Sheila vira algo se mover no espaço morto atrás de uma cortina. Ela parara a bicicleta e olhara para cima da beira do jardim cheio de mato. Alguma coisa ou alguém a estava observando. Sheila estremecera e fora embora, pedalando furiosamente. Ela não acreditava que o lugar era assombrado, mas nunca aceitara os desafios de halloween de seus amigos para entrar nele.

Agora, depois de todo o desdém pelas histórias de Frank, ela hesitou na porta da igreja. É claro que esse lugar tinha horrores para Frank. O irmão dele havia morrido aqui enquanto Frank assistia. Uma memória daquelas assombraria qualquer pessoa. Mas isso explicava por que os pelos de seu braço se arrepiaram quando ela tocou na maçaneta?

Sheila olhou em torno do pátio da igreja. Frank estava na beira da floresta, analisando o chão. Além do ruído dos movimentos dele nas

folhagens, a colina estava quieta. Apesar do sol estar quente, ela sentia frio por causa da sombra do velho e enorme álamo. Seus galhos pairavam sobre ela, longos dedos finos, tentando alcançá-la...

Besteira. Você só está pegando a loucura que está infectando todos os outros em Whispering Pines. Você lida com fatos e não deve se esquecer disso.

Ela entrou. O saguão estava escuro, pois não tinha janelas. Ela piscou e entrou no santuário. Os bancos feitos à mão estavam bem alinhados em ambos os lados, apesar de suas alturas variarem ligeiramente. Storie admirou o trabalho da madeira das vigas e do corrimão entalhado que delimitava a plataforma. Em algum tempo distante, alguém tinha colocado muito amor nessa igreja.

A igreja cheirava a feno e seu nariz coçou por causa da poeira. Ela havia sido usada como celeiro, Frank dissera. E passara por um enorme trabalho de limpeza desde o assassinato de Houck. Ela ficou imaginando se a intenção fora esconder provas e se arrependeu de não ter pedido o isolamento da igreja com a fita amarela de cena do crime. Mas Frank dissera que ele verificara cuidadosamente a igreja.

Ela se aproximou do púlpito, consciente dos passos e do bater do coração que invadiam a quietude da igreja. Ela não era religiosa, mas tinha respeito pelas casas de Deus. Ainda assim, o Deus cristão pregava a verdade, certo? Então, talvez Jesus não se importasse se ela desse uma olhada em volta.

Nada parecia estar faltando no santuário e uma olhada rápida na sacristia revelou apenas teias de aranha e cantos escuros. Ela cruzou a plataforma e parou no atril, olhando para os bancos e imaginando como seria ter uma congregação para quem discursar. Se ela queria entender os motivos de Archer McFall, precisava se colocar no lugar dele. Todos os assassinos tinham um motivo, não importa o quanto não faziam sentido aos olhos de pessoas sãs.

Um pregador como principal suspeito? Isso é tão inacreditável quanto um fantasma assassino.

Ela colocou as mãos no atril e se deu conta de que as palmas estavam suadas. Era esse o poder que havia atraído McFall lá da Califórnia, para deixar uma vida de sol e dinheiro e pregar nessas montanhas frias? McFall tinha um complexo de messias ou algo parecido? Não, isso era dar crédito

demais a ele. O único motivo que fazia dele um suspeito era que ela não conseguia pensar em nada melhor.

Ela verificou a plataforma uma vez mais e, na segunda passagem, viu a mancha. Ela era velha e marrom, esmaecida contra as tábuas de carvalho do chão. Parecia uma mancha de sangue, embora antiga demais para ser da morte de Boonie Houck. Ela se ajoelhou e contornou a mancha com o dedo.

A mancha tinha um padrão. Ela se levantou e estudou a mancha. Se você olhasse bem, poderia imaginar que era um anjo, com asas e...

Ela sorriu para si mesma. Sim, ela havia falhado em seu próprio teste Rorschach. Aquelas aulas de psicologia criminal não tinham adiantado de nada. Era hora de ver se Frank havia encontrado alguma coisa.

Ela encostou no corrimão ao descer da plataforma, e alguma coisa grudou em sua mão. Ela achou que era poeira, mas levantou a mão para a luz que entrava pela janela. Flocos da cor de ferrugem brilharam contra a pele. Sangue seco.

Sheila se inclinou e olhou para o corrimão, desejando que tivesse trazido uma lanterna. Alguns flocos de sangue seco estavam espalhados pela madeira. Como Frank havia deixado de vê-los? Ela pensou que talvez fosse melhor ser mais crítica sobre as coisas que Frank dizia. Afinal, ele acreditava em fantasmas.

Finalmente ela tinha uma prova sólida, algo com o qual os laboratórios podiam trabalhar. Pelo menos eles podiam determinar se o sangue era de Houck ou, se ela tivesse sorte, do assassino. Ela ficou imaginando quantas impressões digitais estavam espalhadas pela igreja. Mesmo que fossem de cinquenta mãos diferentes, pelo menos ela teria um grupo de suspeitos.

Sheila voltou pela nave, procurando mais manchas de sangue no chão. Sem sorte.

Ela passou pelo saguão, podendo ver melhor dessa vez, pois seus olhos tinham se ajustado à penumbra. Havia um cabide para casacos preso em uma das paredes, com os ganchos de madeira em ângulos como chifres de veado. Ela bateu contra a corda do sino que balançou contra seu blazer com um som sussurrante. A corda subia até o campanário.

Espere um segundo. Frank disse que não existia a corda do sino. Por que ele mentiria sobre algo assim? E sobre o QUE MAIS ele havia mentido?

Pelo menos isso explicava por que aquelas testemunhas tinham relatado ter ouvido sinos nas noites dos assassinatos. Provavelmente alguns garotos fazendo bagunça aqui.

Ela se apressou para fora da igreja para compartilhar as notícias com Frank. Ela queria ver o rosto dele quando fosse confrontado com as mentiras. — Ei, delegado — chamou ela.

Ele saiu de um grupo de arbustos e parecia um pouco melhor agora, apesar de ter os olhos vermelhos e o cabelo desgrenhado. — Não encontrei nada — disse ele, dando de ombros.

Grande surpresa.

— Bem, eu encontrei. Manchas de sangue.

— Manchas de sangue?

— Dentro da igreja.

Frank ergueu as sobrancelhas. — Ora, veja só.

— Não é? E outra coisa. Sabe o tocar do sino sobre o qual vive falando?

— Sim?

— Bem, tenho uma explicação simples para isto.

— Como assim, simples?

— Siga-me.

Ela correu até os degraus da igreja e esperou Frank. — Aqui dentro. Achei que você tinha dito que não existia a corda do sino, por causa —

— Certo. O sino não tem corda há mais de cento e trinta anos. Porque as pessoas queriam esquecer o que aconteceu com o Pregador Enforcado.

Claro. É por isso que a lenda continua viva hoje, certo? Porque eles fizeram um excelente trabalho em esquecer?

Ela sorriu para si mesma ao seguir Frank. *ISTO mostrará a ele.*

Ela piscou. A corda havia desaparecido.

Ela olhou para cima pelo pequeno buraco que levava ao campanário. Nada. Alguém a havia puxado para cima? Se sim, seja lá quem for ainda estaria lá em cima. Eles teriam visto se alguém tivesse saído correndo da igreja.

Frank estava com as mãos na cintura, olhando para ela.

— Eu juro. Havia uma corda aqui.

— Ha, ha. Muito engraçado.

— É sério. Ajude-me a subir naquele buraco.

O delegado balançou a cabeça. — Nem pensar, Sheila. Da última vez que fiz isso, perdi um irmão. E não vou perder você.

Ela cerrou os punhos. — Mas que droga, eu vi uma corda. Vai me dizer que um de seus fantasmas a amarrou no sino?

— Não há corda.

— Você acha que eu imaginei? Que peguei essa loucura que parece estar se espalhando pelos arredores?

O delegado suspirou. — Olhe, talvez eu tenha sido um tolo. Esqueça essa besteira toda sobre os fantasmas. Se eu realmente acreditasse em fantasmas, por que me incomodaria em investigar o caso?

— Porque você é o delegado. Você *tem* que agir como se soubesse o que está fazendo.

— Você não vai subir no campanário.

— *Você* não vai caber naquele buraco. Um de nós precisa olhar. Não podemos simplesmente ficar parados enquanto as pessoas continuam a ser assassinadas.

Sheila segurou dois dos cabides, puxou-se para cima e colocou um dos pés contra a maçaneta da porta. Se o assassino era tolo o suficiente para fazer truques idiotas, ele estava pedindo para ser pego. Ela ponderou se devia sacar o revólver, mas as mãos estavam ocupadas. Se o assassino estivesse esperando com uma arma...

Ela levantou a cabeça para dentro do campanário, a raiva lhe dando forças apesar de estar se segurando precariamente na madeira.

Nada.

Nada no campanário além de um sino fundido em ferro, frio e enferrujado. Algumas folhas voaram com a brisa, presas nos cantos desde o último outono. E mais nada.

Depois de um momento, ela pulou para baixo, o impacto fazendo com que os joelhos se dobrassem. Frank a segurou e ajudou-a a recuperar o equilíbrio. Seus olhos se encontraram no momento do contato e ambos desviaram o olhar.

— Satisfeita? — perguntou o delegado.

— Eu juro que vi uma corda — disse ela, não conseguindo convencer nem a si mesma. Ela *tinha* mesmo visto a corda?

Bem, pelo menos havia o sangue. Ele era real o bastante. Ela relembrava vividamente a textura dos flocos coagulados. Prova forense concreta, sem

nenhum dos problemas causados por testemunhas assombradas.

Ela passou por Frank e se apressou até o corrimão. O sangue havia sumido.

— Então, onde está o sangue? — perguntou Frank quando a alcançou.

Ela olhou para a mão, pensando naquela peça de Shakespeare. Sai, sai, mancha maldita. Será que ela tinha imaginado, como Macbeth?

— Estava bem aqui — sussurrou ela.

— Talvez fosse sangue de fantasma.

Pelas janelas, raios de sol cortavam a igreja. Poeira dourada tremulava lentamente no ar. Madeira, pregos, pedra e vidro. O prédio, as paredes, aguardavam.

— Está pronta para chamar o SBI? — perguntou ele, depois de um silêncio desconfortável.

— Por quê? Para que eles possam me declarar tão louca quanto todos os outros nessas montanhas?

Ela saiu e sentou-se nos degraus da igreja, sozinha com sua confusão.

***

Linda dirigiu pela estrada de terra estreita que levava à casa de Mama Bet. O caminho estava tão esburacado que ela teve que estacionar ao longo da cerca, ao lado dos outros carros e caminhar os últimos metros, subindo a colina até um pequeno vale na floresta. Ela ouviu a música antes de ver a casa. Parecia um violino e uma guitarra tocando "Fox on the Run".

A casa de Mama Bet era uma das estruturas mais antigas em Whispering Pines, e gerações de McFall tinham nascido, crescido, envelhecido e morrido atrás daquelas paredes cinzentas. Era um lugar perfeito para um boa renovação à moda antiga, longe dos olhares curiosos dos policiais e dos bisbilhoteiros de Barkersville. Era bem adequado que a reunião dos membros da igreja fosse aqui. Afinal de contas, além de Archer, Mama Bet era a última de sua linhagem. Mas Linda sempre achara que a velha senhora era estranha, um pouco arrogante e esnobe.

Lester Matheson trouxera sua caminhonete com tração nas quatro rodas até a frente da casa. A caminhonete estava estacionada sob uma macieira semimorta. Duas das irmãs Buchanan estavam sentadas nas laterais da

carroceria, com expressões vazias e olhares vagos. A mais velha tinha um grampo vermelho de plástico no cabelo oleoso.

Uma cabra estava amarrada à macieira, passeando ao longo da orla do riacho. A cabra olhou para Linda, os olhos escuros, frios e sábios. Ela farejou o ar. A cabra moveu as mandíbulas lateralmente, espantou as moscas das orelhas e enfiou a cabeça novamente no arbusto.

Jim Potter e Stepford Matheson continuaram sua melodia na guitarra e no violino. Vivian, esposa de Lester, estava sentada em uma cadeira de balanço ao lado deles, acompanhando a música batendo o pé. Rudy Buchanan estava parado na extremidade da varanda, balançando a cabeça, apesar de estar meio fora de ritmo.

Sonny Absher estava encostado em um dos pilares, fumando um cigarro. Seus olhos moveram-se para a floresta atrás da casa e depois se fixaram em Linda. — Você está atrasada — disse ele, a fumaça passando pelo bigode desgrenhado enquanto falava.

— Eu vim assim que pude.

— O reverendo não gosta que as pessoas se atrasem.

— Archer diz: "Tudo no tempo de Deus", irmão — respondeu ela.

Os Absher eram um bando de ignorantes e Sonny era o pior deles. Essa era uma das coisas que a incomodava sobre alguns dos vizinhos: eles estavam na porta para o céu, aqui nas montanhas de Archer, mas em vez de se revelarem na glória, eles mendigavam cupons de comida, faziam bebida ilegal e, de vez em quando, vendiam uns pedaços de carne. Mas Archer os purificaria. Ela mal podia esperar.

Linda entrou na casa sem bater na porta. Mama Bet estava sentada em uma poltrona com um xale sobre o colo. Na parte inferior das pernas dela, apareciam veias grossas abaixo da barra da saia. A mulher cheirava a fumaça e sal, como um presunto defumado.

— Olá, Mama Bet. — Linda se abaixou e deu um beijo na bochecha dela.

— Olá, querida. Como está indo aquele seu homem?

— Não muito bem. Eu esperava que ele pudesse ver a luz e ser poupado, mas...

A velha senhora a interrompeu com um olhar duro, os olhos embaçados com catarata. — Essa não é uma decisão nossa.

Linda abaixou a cabeça.

— Somente Archer sabe o momento e o local certos para a morte de cada homem — continuou Mama Bet. — Não foi *você* quem transformou David em um pecador, foi? Não foi você que o mandou para a igreja batista quando ele era um menino e jovem demais para entender. Então Jesus é o culpado da perdição de David, não você.

— Amém — disse Nell Absher. Haywood, o marido dela, assentiu concordando solenemente. A filha deles, Noreen, foi até a janela e olhou para as montanhas cobertas de nuvens.

— Lá vêm Hank e Beulah — disse Noreen.

— Bom — disse Mama Bet. — Estão todos aqui então?

Becca Faye Greene veio da cozinha com uma xícara de café na mão, entregou-a para Mama Bet e ficou em pé ao lado da cadeira. Ela deu um sorriso presunçoso para Linda.

Becca Faye era uma Potter de sangue, mas havia se casado e mantivera o nome Greene depois que o marido fora embora para Minnesota. Ela fora parte do círculo de Archer na escola, mas havia se acovardado quando Archer pedira que ajudasse a fundar o Templo na Califórnia. Desde o retorno de Archer, Becca fizera tudo o que estava ao alcance para se mandar nas boas graças do reverendo, talvez para compensar a traição anterior.

Ou talvez para algo mais. A blusa de Faye tinha um decote baixo que mostrava o suficiente para fazê-la merecer uma purificação espiritual profunda. Linda vira a forma como Becca Faye se aproximara de Archer no serviço da noite anterior. Ela ficou imaginando se a mulher tivera melhor sorte do que Linda na van estacionada de Archer.

Ciúmes. Um dos maiores pecados de todos. Perdoe-me, Archer.

— Chame todos para dentro — disse Mama Bet. Ela levou a xícara de café aos lábios enrugados e tomou um gole.

Um dos Matheson saiu e a música parou. Os outros entraram silenciosos, Potter, Absher, Matheson, Buchanan e dois Gregg, ambos primos de Linda. Um deles olhou para Linda e, logo em seguida, desviou o olhar envergonhado.

Linda queria gritar: *Haverá grandes provações, primo. Archer diz que o sacrifício é o verdadeiro teste de fé. Donna precisava de purificação tanto quanto qualquer outra pessoa.*

Mas ela segurou a língua. Nenhuma palavra traria Donna de volta dos mortos. Exceto, talvez, as palavras de Archer.

Cerca de trinta pessoas estavam na sala de estar, encostadas contra a lareira de pedra e o armário do canto, enchendo a entrada da cozinha. Alguns dos Matheson se escondiam no corredor, olhando para dentro da sala por sobre os ombros de Lester. Mama Bet observou os rostos ansiosos. Ela mexeu a boca em aprovação.

— Todos vocês sabem por que estamos aqui — começou ela. — A hora já está quase chegando. Rezamos para o retorno, e agora Ele retornou. Todos nós pecamos e não conseguimos a glória celestial. Nossos ancestrais vieram para essas montanhas para adorar em paz, mas seus corações ficaram duros e frios, e se voltaram para Jesus. Pensamos que dizer "Eu sinto muito" removeria todos os velhos pecados.

A multidão reunida ficou em silêncio diante da menção daquele nome odioso, "Jesus". O estômago de Linda se contorceu de raiva. Mama Bet assentiu, apreciando a repugnância deles, e continuou.

— Nós nos afastamos de todas as coisas boas que adorávamos — disse ela. — Nós nos afastamos do verdadeiro caminho. Precisávamos que o salvador retornasse e nos afastasse do mal. Então Deus enviou Archer para nosso mundo, dos mortais. E Deus nos puniu, tornando nossa semente infértil e deixando que nossas famílias morressem, punindo os pecadores até a quarta geração.

— Amém — disse Lester, e vários outros ecoaram o sentimento.

— Somos pecadores — disse Mama Bet.

— Amém — disseram Haywood e Nell em uníssono. Haywood ajustou o nó da gravata vermelha de seda.

— Merecemos a fúria de Deus — disse a velha senhora, a voz tremendo enquanto o volume aumentava.

Becca Faye levantou as mãos e jogou a cabeça para trás. — Haverá grandes provações à frente.

Os seios da mulher espremeram-se contra o tecido da blusa quando ela se arqueou para trás. Linda olhou-a com desprezo, imaginando para quem a vadia estava se exibindo. Archer não estava lá e Deus não se importava nem um pouco.

O ar na sala estava elétrico, espesso com o cheiro de suor e com a tensão. — Alguns de nós sofremos perdas — disse Mama Bet.

Linda olhou para os primos. Eles abaixaram a cabeça. Os Potter também se entreolharam. A velha Alma Potter, irmã de Zeb, engasgou em um

soluço.

— Mas não fiquem de luto pelos que se foram antes — disse Mama Bet, encontrando seu ritmo. — O sacrifício é a moeda de Deus. É parte do trabalho de Archer. Todos teremos que fazer sacrifícios antes do final.

Os olhos de Mama Bet brilhavam com lágrimas. Archer era o filho dela, o último dos McFall. Linda sabia que todas as famílias tinham sofrido perdas. Mas as perdas eram justificadas, porque todos eles, Gregg, Absher, Potter, Buchanan e Matheson, tinham sido tocados pelo pecado. Todos eles tiveram uma mão no assassinato de Wendell McFall.

— O que faremos com o delegado? — perguntou Lester. A sala ficou quieta.

Mama Bet segurou os braços gastos da cadeira. Os dedos se contraíram como se ela estivesse tendo um espasmo de dor. — Archer pode lidar com o delegado.

— Há outros que estão contra a igreja — disse Becca Faye, encarando Linda.

O sangue subiu ao rosto de Linda, com raiva e vergonha. — Ele é meu marido. O Velho Testamento diz que você deve honrar seu marido.

Não que você saiba o que significa honrar um marido. A única coisa que VOCÊ honra é um caubói qualquer, cheio de dinheiro, que a pega no Gulpin' Gulch na sexta-feira à noite.

— E seus filhos? — perguntou Becca Faye, os olhos semicerrados de prazer com o desconforto de Linda. Os outros membros da congregação observavam com interesse. Ronnie e Tim eram os descendentes mais jovens das famílias que tinham cometido deicídio há mais de um século.

Linda olhou pela janela, para as árvores verdes ao sol, os cumes escuros, o riacho passeando entre as colinas em direção ao rio. Ela desejava ter ficado na Califórnia. Dessa forma, Ronnie e Tim nunca teriam nascido. Mas ela não conseguia imaginar a vida sem eles, mesmo se passasse a vida nos braços divinos de Archer.

— Eu rezo pela misericórdia de Archer — disse Linda finalmente. Becca Faye não tinha resposta para aquele argumento simples.

Sonny Absher quebrou o silêncio. — Eles devem pagar como todos os outros.

— Mas eles são inocentes — disse Linda furiosa.

— Ninguém é inocente.

Especialmente você, pensou Linda, mas ela não deveria julgar um amigo pecador. Todos eram iguais aos olhos de Archer. Todos eram igualmente culpados e todos pagariam o mesmo preço;

Não, não exatamente o mesmo preço. Sonny perderia somente sua própria vida miserável. Linda estava mais do que pronta para entregar a vida a Archer, se isso fosse necessário para que ele completasse seu trabalho. Ela até mesmo entendia que David teria que morrer se insistisse em interferir. Mas os garotos...

Os garotos não deviam pagar por pecados que mal os havia tocado. O sangue deles era praticamente puro. Mas o sangue de Isaac também era puro e, ainda assim, Abraão teve que deitá-lo no altar.

Mama Bet tentou se levantar e caiu de volta na poltrona. Dois dos irmãos Potter avançaram para ajudá-la a se levantar. Ela cambaleou levemente enquanto eles a seguravam.

— Que Archer seja louvado — disse ela. — Agora, vão embora todos vocês. Vejo-os na igreja hoje à noite.

— Que Archer seja louvado — disse Haywood Absher. Ele fora um dos últimos a deixar os batistas, mas havia abraçado o evangelho de Archer com todo o coração, como todos os outros. Pelo menos, ele conseguia convencer que acreditava.

Linda juntou-se aos outros em um último "Amém".

As famílias começaram a se retirar, com as cabeças baixas. Linda achou que elas deviam estar alegres, mas, em vez disso, estavam preocupadas sobre seus próprios corpos mortais. A morte não era o fim, era o início de uma nova vida no reino. A entrega por vir seria um momento de celebração e exaltação, não de punição. Deus os havia abençoado enviando Archer para servir como Sua poderosa espada.

Então por que ela se sentia tão apavorada em entregar os garotos?

Linda aguardou na varanda até que a multidão se dispersasse. Becca Faye passou por ela, deixando um rastro de perfume barato. Sonny Absher deu um sorriso de quatro dentes, acenou em despedida e segurou o braço de Becca Faye. Ele a escoltou até o Chevelle enferrujado, onde provavelmente passariam a tarde pecando no banco traseiro.

— Você vai à igreja no início da noite? — perguntou Lester.

Linda mordeu o dedão da mão. — Se for a vontade de Archer.

— Não se preocupe com seus meninos. Os meus foram se encontrar com Deus há muitos anos e eu aprendi a aceitar. — Lester mastigou o tabaco nervosamente.

— E se Vivian fosse o próximo sacrifício? Como se sentiria?

— Alguém tem que pagar pelos pecados.

— Por que não podemos pagar por nossos próprios pecados?

Mama Bet estava ouvindo por detrás da porta de tela. — Não é assim que funciona, criança. O sacrifício é o verdadeiro teste de fé. Lembra-se da lição de Abraão? Não é um sacrifício, a não ser que você perca algo precioso.

— E o que você está perdendo, Mama Bet?

A velha senhora olhou para as montanhas, apertando os olhos esbranquiçados. Uma leve brisa soprava do Tennessee, carregando consigo o aroma dos brotos de carvalhos e pinheiros.

— Carne e sangue — disse finalmente Mama Bet. — Como todo mundo.

CAPÍTULO 16

O último sinal soou e Ronnie correu para o armário, segurando os livros em frente ao rosto para que o nariz não fosse atingido por cotovelos desgarrados. O ferimento doía um pouco, mas ele decidiu não tomar o analgésico. Depois que ele almoçara com Melanie, quase nem sentira mais dor. Ele se sentia invencível, especialmente porque ela dissera que talvez eles pudessem almoçar juntos todos os dias.

Ele estava repassando mentalmente o poema que dera a ela no mês passado. Ele tentara ser engraçado e doce ao mesmo tempo, porque se ela conseguisse ler nas entrelinhas, veria que ele achava que ela era a flor mais linda do jardim inteiro. Gotejando na chuva. Absorvendo a cor do sol. Exibindo a beleza na brisa.

Arrancando pétalas. *Bem-me-quer. Mal-me-quer.* Bem, ele deixara de fora essa última parte. De jeito nenhum que ele diria *isso* em um poema. Além disso, ela poderia pensar que, como ela era a flor, isso significava que ele queria arrancar seus braços e pernas.

A melhor coisa sobre o poema era que ela não caíra na gargalhada nem o mostrara para todas as suas amigas. Ronnie achava que não aguentaria aquilo. Vários dos outros garotos já achavam que ele era esquisito porque carregava livros que nem precisava ler. Ele também usava jeans de marcas baratas e, algumas vezes, camisetas que não tinham nenhuma mensagem escrita. Ele não era um cara legal: não praticava nenhum esporte, não ia ao shopping de Barkersville e nem tinha MTV.

Mas, nesse momento, ele não se importava com o que as pessoas pensavam nem com o quanto ele era deslocado. Tudo o que importava era que Melanie sentaria com ele no almoço. Ele lembrou da maneira meio sem fôlego com que ela dissera "Eu prometo" quando ele pedira que ela não contasse nada sobre Boonie Houck e o Monstro do Sino. Seu coração estava cheio de hélio.

Uma comoção no saguão o arrancou de seus pensamentos felizes. Ele ouviu gritos e um círculo ansioso de alunos havia se formado na ala de

matemática. Alguma coisa estava acontecendo, possivelmente uma briga. Muito provavelmente uma briga. Era praticamente a única coisa que chamava a atenção das pessoas hoje em dia.

— Deixe-me em paz — soou uma voz assustada.

Tim! Ronnie abriu caminho no círculo. Ele ouviu a voz zombeteira de Whizzer Buchanan.

— Conte para nós, babaca — provocou Whizzer. — Conte para nós sobre a coisa com asas, garras e fígado nos olhos.

— Não — gemeu Tim. — Largue-me.

Ronnie usou os ombros para passar pelos alunos do oitavo ano na fileira da frente. Whizzer segurava Tim pelos ombros, sacudindo-o. As lágrimas escorriam pelas bochechas de Tim. Os óculos estavam no chão e os livros espalhados a seus pés.

— Conte para nós, Tim — disse Whizzer. — Mentes curiosas querem saber.

Isso arrancou risadas da multidão. Ronnie jogou os livros no chão e empurrou Whizzer pelas costas. A multidão se espantou e ficou silenciosa. Whizzer se virou, com toda a sua altura, os músculos da mandíbula se contraindo. Ronnie imaginou os músculos do valentão se preparando sob a jaqueta de camuflagem.

— Ora, ora, ora — disse Whizzer. — Se não é o Sr. Herói em pessoa.

Os olhos de Whizzer se estreitaram, como se Ronnie fosse um inseto a ser esmagado com a bota. Ronnie olhou para Tim, que estava encostado contra os armários que enchiam a parede. — Você está bem, Tim?

Tim fungou e assentiu.

— Então pegue os livros. Papai está esperando.

— E se eu disser que vocês ainda não podem ir embora? — disse Whizzer.

Ronnie olhou para os rostos na multidão. Eles expressavam ansiedade, expectativa, alívio por não ser a vítima dessa vez. Se pelo menos aparecesse um professor. Ele ficaria feliz até mesmo se a Sra. Rathbone aparecesse.

— Não fizemos nada para você — disse Ronnie.

— Sim, vocês fizeram. Vocês nasceram, certo? — Isso provocou outra risada, mas Whizzer não estava sorrindo.

Tim inclinou-se para pegar os livros. Whizzer os chutou para longe.

— Ouvi dizer que vocês foram à igreja — disse Whizzer. — E que arrumaram um amigo lá. Uma coisa com asas, garras e fígado nos olhos. Todo mundo gosta de uma boa história de fantasma, Sr. Herói. Conte para nós como você salvou Tim do Monstro do Sino.

O coração de Ronnie foi parar na garganta. — Você contou a alguém, Timmy?

Tim negou com a cabeça, ajoelhou-se, encontrou os óculos e os colocou no rosto.

Se *Tim* não contara, então...

Ronnie virou-se e procurou na multidão. Melanie estava lá atrás. Para lhe dar um pouco de crédito, ela estava meio pálida. Ela virou o rosto envergonhada.

Ele não ia chorar. Ah, não, Ronnie não ia chorar, pelo menos não aqui e não agora. Ele cerrou os punhos e um suspiro de satisfação veio da multidão.

— Conte para nós o resto da história — disse Whizzer, olhando para Ronnie com um sorriso sarcástico. — Conte-nos sobre sua mãe e o templo na Califórnia.

Templo? Califórnia? Sua mãe nunca estivera na Califórnia. — Você está louco, seu... seu—

Ronnie tinha consciência de que nunca poderia apagar o que diria em seguida. — *Seu caipira desdentado.*

Um sussurro subiu pelo saguão. Alguns dos garotos tinham que pegar um ônibus, mas a multidão ficou ainda maior. O suor escorria pela nuca de Ronnie.

Onde estavam os professores?

Whizzer acertou Ronnie no peito. Ronnie cambaleou, mas manteve-se firme.

— Agora você foi longe demais, seu babaca — disse Whizzer. — O reverendo disse que todos devem pagar por seus pecados com sangue. É hora de pagar adiantado.

O reverendo? A cabeça de Ronnie estava confusa. Seus ouvidos tiniam por causa da pulsação ressoando em sua cabeça. Ele quase não tinha consciência da multidão. Era só ele, Whizzer, ódio e dor.

Whizzer recuou a mão cerrada, que parecia do tamanho de uma bola de futebol. Ronnie ouviu o sibilar do ar logo antes de Whizzer acertá-lo no

lado da cabeça. Sua visão escureceu por um momento e, quando clareou novamente, ele estava olhando para as botas de Whizzer, a poucos centímetros.

Uma das botas cutucou seu ombro. — Levante-se, verme. Ou quer que eu pise em você um pouco?

Ronnie fez um esforço para se ajoelhar e depois se levantar com as pernas trêmulas. Ele se deu conta de que a multidão estava gritando e rindo. Tim havia escapado para a segurança. Os caçadores de sangue tinham uma presa maior agora.

Ronnie fez de conta que estava machucado. Não era muito distante da realidade. Seus ouvidos zuniam e o lado do rosto latejava.

— Vamos. Archer disse que haverá grandes provações — provocou Whizzer. — Archer disse que é o momento da purificação.

Será que nenhum dos outros garotos via que Whizzer era um lunático? Não. Eles não se importavam. Os motivos não importavam. Somente o entretenimento às custas de outra pessoa.

Ronnie se inclinou e jogou-se contra a barriga de Whizzer. Ele ouviu o ar sendo expulso dos pulmões de Whizzer e ambos se chocaram contra os armários. Whizzer golpeou as costas de Ronnie, que quase não sentiu nada. Ronnie segurou-o com força, o nariz latejando. Ronnie sentiu o gosto de sangue nos lábios.

Uma voz autoritária soou no corredor. — O que está havendo aqui?

Era o Sr. Gladstone, o diretor. Aquele que todos chamavam de Fred Flinstone. Os alunos recuaram e Ronnie relaxou o aperto, mas não largou Whizzer. O diretor agarrou Ronnie pelo colarinho e finalmente fez com que levantasse. Whizzer levantou-se e alisou o casaco, o rosto vermelho.

— Ah, sr. Buchanan — disse o Sr. Gladstone. — Por que não estou surpreso?

Ele virou-se para Ronnie. — E você é...?

Era inútil mentir. Tudo era inútil. — Ronnie. Ronnie Day.

— Muito bem, cavalheiros. Vamos dar um passeio até o meu escritório.

Ronnie e Whizzer marcharam pelo corredor como prisioneiros sob a mira. A multidão se separou em filas de cada lado do corredor, sussurrando entre si, já aumentando a briga em uma lenda sangrenta da escola. Ronnie se deu conta de que ele fora a primeira pessoa burra o suficiente para

enfrentar Whizzer Buchanan. Ele limpou o nariz com a mão. Pelo menos Whizzer não havia dado um soco em seu nariz.

Pecados pagos com sangue. Bom, e quanto de sangue esse troço PRECISA?

Ele olhou para trás. As crianças estavam cheias de adrenalina, dispersando-se, alguns imitando golpes de boxe para recriar a luta. As lágrimas de Tim tinham secado e ele seguia o Sr. Gladstone como se estivesse em choque, carregando uma pilha de livros nos braços. Melanie estava atrás de Tim, e Ronnie olhou bem dentro de seus olhos azuis.

Então é assim que você se sente quando o Monstro do Sino rasga seu peito e arranca o coração. Exceto que, desse jeito, você não morre. Desse jeito, o coração continua batendo e você recebe uma dose de pregos, arame farpado e vidro quebrado com cada batida.

Melanie abriu a boca como se fosse explicar, depois olhou para o chão e balançou a cabeça. Seus lábios tremiam e os olhos estavam cheios de lágrimas.

Bem-me-quer. Mal-me-quer.

Afinal, era uma coisa a menos com que se preocupar. O diretor empurrou Whizzer e Ronnie para dentro do escritório e fechou a porta.

***

— Mais um morto. — O delegado Littlefield deixou o casaco de couro cair sobre o rosto da mulher mutilada. — Uma das garotas Gregg.

— Você a conhecia? — perguntou a policial Storie.

— Namorei a irmã dela na época da escola. — Littlefield olhou para a estrada, para o local onde ela serpenteava nas colinas. Ele conhecia essa área bem. Meia dúzia de casas estavam escondidas nos vales cheios de sombras. Atrás deles, a montanha Buckhorn erguia-se de forma tão acentuada e rochosa que não era possível se estabelecer nela. A montanha era o fim do mundo, uma enorme parede que aprisionava tanto quanto protegia.

Littlefield havia crescido em uma daquelas casas velhas. Ele ainda era dono de alguns acres de floresta no sopé da montanha e havia visitado aquela terra somente duas vezes desde a morte de sua mãe, há uns dez anos.

Ela fora para o túmulo ainda com o coração partido com as mortes do marido e do filho mais novo.

Frank era o último dos Littlefield. O que talvez não fosse uma coisa ruim. Parecia que todas as antigas famílias estavam morrendo. O mundo deles havia mudado, o tempo os deixara na poeira e tudo o que sobrara era a demolição de propriedades e a construção de monumentos. Lápides que diziam: *Que Deus proteja e—*

— Delegado? — Storie o chamou.

Ele esfregou os olhos e olhou para cima, de onde estava ajoelhado sobre o corpo. O transe em que ele estivera na noite passada ainda o estava afetando. Ele se sentia como se estivesse se movendo sob a água. — Encontrou alguma coisa?

Ela levantou um recibo amarelo, segurando-o cuidadosamente pela ponta para não estragar as impressões digitais. — Deve ter caído do casaco.

— O que diz nele?

— É da loja de ferragens de Barkersville. Em nome de Construções Day.

— David Day. Ele mora a pouco mais de um quilômetro subindo a estrada.

— Não teríamos tanta sorte, não é?

— David não é um assassino. Eu o conheço desde criança.

David algumas vezes usava um casaco igual ao que estava sobre o corpo de Donna Gregg.

— Você o conhece bem?

Littlefield levantou-se, os joelhos doendo. — Bem o suficiente.

— Tão bem quanto conhece Archer McFall?

O delegado olhou para a estrada e depois para Sheila. — Vou interrogá-lo.

— Vou chamar Perry Hoyle — disse Sheila.

A caminhonete do condado estava rodando bastante nesses dias. Sheila voltou para o carro, que estava estacionado ao lado da estrada, atrás do Trooper do delegado.

Littlefield examinou em torno do corpo. Peito aberto. Coração faltando. Nenhum leão-da-montanha tinha cometido aquela atrocidade em particular.

E o Monstro do Sino, Frankie?

A voz de Samuel. Littlefield olhou para dentro da floresta em ambos os lados da estrada. Seus ouvidos zuniram, em um tom tão alto que atravessou

o cérebro como a lâmina de uma serra elétrica.

Ele tentou piscar para afastar a escuridão que se aproximava nos cantos da visão.

Outro desmaio não. Não na frente de Sheila.

Ele não ia se permitir enlouquecer. Pessoas demais contavam com ele. Samuel estava morto. Bem como Donna Gregg e duas outras pessoas. Mais, a não ser que ele fizesse alguma coisa.

Um carro veio pela estrada e reduziu a velocidade ao se aproximar da cena. Littlefield forçou-se a ficar ereto e abanou para que o carro continuasse. Um dos garotos Absher estava dirigindo. Becca Faye, sentada do lado do passageiro, sorriu para ele. Nenhum dos dois olhou para o corpo deitado no mato, apesar de ser visível da estrada.

O delegado esperou até que as mãos parassem de tremer e caminhou até o carro de Sheila. Ela estava pendurando os fones de ouvido do rádio quando ele chegou à porta aberta do carro.

— Há outra unidade a caminho e Hoyle virá em meia hora. — Ela estreitou os olhos. — Você está bem, delegado?

Ele assentiu, esperando que ela não notasse o suor em seu rosto. — Vou até a casa dos Day.

— Está bem. Vou esperar aqui os reforços e depois vou fazer uma outra visita.

— A quem?

— O reverendo Archer McFall.

Ele foi para o lado de dentro da porta e inclinou-se sobre ela. — Escute, Shei... — ele se deu conta de que a estava chamando pelo primeiro nome e parou. — Sargento. Não temos nada contra ele.

— Nesse caso, ele não vai se importar em responder a algumas perguntas.

— Talvez seja melhor se formos juntos.

Ela balançou a cabeça. — Não temos tempo. Quem sabe quando o assassino atacará novamente? Precisamos verificar rapidamente todas as pistas que temos.

— Então deixe que eu falo com Archer.

Os olhos dela brilharam desafiantes. — É meu caso, lembra? Você o atribuiu a mim. E, afinal, com o que está tão preocupado?

Fantasmas não existem. Archer McFall é somente mais um pregador, mais uma pessoa comum que pegou a Bíblia e descobriu algo em suas páginas que significava alguma coisa. Isso não faz com que ele seja perigoso. Isso nem mesmo o torna incomum.

Ele não queria admitir que estava com medo. A policial faria um interrogatório muito melhor sem ele por perto para estragar as coisas. Afinal de contas, Littlefield havia tido sua oportunidade com Archer na noite anterior e só o que tinha a apresentar era um enorme buraco em sua memória. Littlefield estava perdendo a fé em sua própria capacidade, o que era ainda mais assustador do que o fantasma do Pregador Enforcado.

— Você sabe onde ele está hospedado? — perguntou ele.

Ela assentiu. — Andei verificando. Ele alugou um quarto no Holiday Inn.

— Engraçado. A mãe dele tem uma casa mais adiante na estrada. Por que será que ele não está hospedado na casa dela?

— Com o dinheiro que tem, era de se imaginar que ele fosse alugar um daqueles chalés perto das pistas de esqui. É você quem deveria conhecê-lo, lembra?

Ele olhou para o corpo frio de Donna Gregg. — Não — disse ele baixinho. — Eu *não* me lembro.

— Talvez depois de falar com David Day, você deva descansar um pouco. — Sheila passou por ele e continuou a examinar a cena. Littlefield entrou no Trooper e ligou o motor. Ele abaixou o vidro ao começar a acelerar. — Tenha cuidado — gritou ele acima do barulho do motor.

Ela assentiu de maneira ausente, a mente já consumida pela análise da carne rasgada da vítima. Littlefield engoliu em seco e partiu em direção à montanha Buckhorn.

Passava das quatro horas da tarde. David e os meninos já deviam ter chegado em casa.

Espero que Archer não os tenha levado mais cedo, pensou Linda. O anjo de Deus iria atrás deles, mais cedo ou mais tarde. Ela não podia deixar de esperar que fosse mais tarde. Ela sentiria falta dos garotos quando eles se fossem. Mas pelo menos a reunião seria doce e eterna.

Pela décima vez, ela olhou ansiosamente através da cortina. O Trooper do delegado saiu da estrada do rio e entrou na estrada de terra. Linda largou

a cortina, com o coração batendo forte. Apesar de ele ter assistido ao serviço da noite anterior, ela ainda não confiava nele.

Ela esperou perto da porta da frente até ouvir os passos dele na varanda. Linda abriu a porta e forçou um sorriso. — Olá, delegado. O que o traz a esses lados?

O delegado inclinou a cabeça, cumprimentando-a. — Notícias ruins, infelizmente.

Havia outro tipo de notícia?

Ela limpou a garganta. — Não é um dos garotos, é? — Esperando, esperando.

Por favor, Deus, não os leve ainda.

— Não. — O delegado olhou para ela atentamente, como se um dia tivessem compartilhado um segredo que ele havia esquecido. Em seguida, ele apontou para o lado da casa, onde David havia pregado um pedaço de madeira sobre a janela. — Parece que uma de suas janelas quebrou.

— Sim. Aquelas malditas gralhas, veem seu reflexo e acham que têm que arrumar uma briga. Uma delas bateu na janela um pouco forte demais.

— David está em casa?

— Ele foi buscar os garotos na escola. Deve chegar a qualquer momento.

— Você se importa se eu esperar?

Linda abriu a porta completamente e deu um passo para o lado. — Por favor, entre.

O delegado sentou na borda da cadeira e inclinou-se para a frente. Linda sentou-se à frente dele, sem saber o que fazer com as mãos. Ela arrumou as revistas sobre a mesa de café, exemplares amassados dela, sobre o mundo feminino, e de David, sobre agricultura.

Ela se recostou, colocou as mãos sobre os joelhos e afastou o cabelo da testa. — Não achou que o serviço da noite passada foi lindo?

— O reverendo McFall realmente é um excelente pregador. Tenho que admitir.

Os olhos do delegado fixaram-se em um ponto atrás dela. Ela se virou para ver o que ele estava olhando. Era um quadro bordado, um que Vovó Gregg havia feito para ela, e que dizia *Que Deus projeta e guarde esta casa*. Uma pequena cena rural estava bordada abaixo das palavras.

— Fomos abençoados com o retorno dele — disse ela.

— Retorno?

— Para as montanhas.

O delegado assentiu. A sala estava pesada com o silêncio. O ar cheirava a truta que ela havia feito para o almoço.

— E o que você acha desse tempo? — perguntou ela.

— Bastante agradável.

— Sim, temos que plantar as vagens. Tem sido uma comoção tão grande ultimamente que esquecemos de nossas tarefas.

— Como está Ronnie?

— Ronnie? Ah, ele está bem. Bem o suficiente para voltar à escola hoje. Tenho que levá-lo ao médico na semana que vem para retirar os pontos, mas ele não ficará com nenhuma deformação nem nada parecido no nariz.

— Que bom.

Outro longo silêncio. O delegado olhou novamente para a parede. — O que é aquilo? — perguntou ele.

O coração de Linda se aqueceu quando ela olhou para o pequeno símbolo ankh de metal na parede. Ela colocara o símbolo do templo no lugar da velha cruz de madeira que David pregara lá. — É um tempo de alegria, não é mesmo?

— Linda, o que está acontecendo na igreja?

Ela engoliu um pouco de ar e quase engasgou. — Você ouviu Archer ontem à noite. É tempo de purificação, tempo de pagar pelos pecados.

— Pessoas estão sendo mortas.

— Archer diz que os pecados devem ser pagos com sangue.

— Jesus fez isso por todos nós ao morrer na cruz.

Linda deixou de respirar por um momento. *Blasfêmia.* Archer havia permitido a entrada desse infiel na igreja?

Ele deve ter tido seus motivos. Quem era ela para duvidar de seus meios sagrados?

Do lado de fora, um carro estacionou. Ela pulou do sofá e correu para a porta. O delegado a seguiu até a varanda. David e os dois garotos, com ar infeliz, saíram do Ranger.

David lançou um olhar hostil ao delegado. — O que você quer?

O delegado olhou para os garotos e de volta para David. — É sobre Donna Gregg.

Linda colocou a mão sobre a boca. David virou-se para os garotos. — Por que vocês não vão brincar no celeiro um pouco? — disse ele.

— O que aconteceu? — perguntou Tim. Os óculos estavam tortos sobre o nariz. Ele os empurrou para cima com um dedo fino.

— Vamos — Ronnie disse para Tim. — Vamos sair daqui.

Quando Ronnie se virou, Linda viu o machucado em sua têmpora. — O que aconteceu? — perguntou ela a David.

— Ele se meteu em uma briga.

Ronnie? Em uma briga? Ele não faria mal a uma mosca.

— Alguma coisa ruim aconteceu, não foi? — disse Tim para Linda. — Vocês sempre nos mandam embora quando querem falar sobre coisas ruins.

Ronnie pegou o braço do irmão e o levou pela grama irregular do jardim. O delegado esperou até que os garotos tivessem desaparecido dentro do celeiro e disse: — Donna está morta.

David olhou para a montanha Buckhorn como se desejasse estar passeando pelos cumes. Ele sempre quisera se afastar, sozinho, em momentos ruins. Linda tentou fingir um soluço, mas não conseguiu.

— Encontrei seu casaco na cena do crime — disse o delegado para David. — E um recibo em nome de Construções Day. Esse tipo de prova é suficiente para que eu o chame para interrogatório, mas achei melhor fazê-lo logo aqui.

— Ela ainda estava quente quando a encontrei — disse David, com a voz tão vazia quanto um barril de batatas na primavera. — Devia ser perto de duas horas da manhã.

— Por que você não informou à polícia?

— Você estava por perto. Achei que tivesse descoberto antes de mim.

— Você viu alguém?

— Depende de sua definição de 'alguém'.

Linda tentou sinalizar para David com os olhos. Logo em seguida ela se deu conta de que não sabia de que lado deveria ficar. O delegado era membro da congregação, mas de alguma forma *errado*, contaminado por Jesus e com o coração fechado. E David era... bem, ela não sabia o que David era.

— Diga-me o que viu — disse o delegado.

— Provavelmente a mesma coisa que você viu. — David dobrou os braços. — Afinal de contas, você é um deles, certo?

— Um o quê?

Ele apontou para Linda com cabeça. — Deles. Os anjinhos de Archer. Eu o vi na igreja ontem à noite.

Linda olhou do delegado para David, como se estivesse assistindo a uma partida de tênis sendo jogada com uma granada. Ela roeu uma das unhas. O sangue jorrou do machucado rapidamente e encheu sua boca com uma doçura metálica.

— Três pessoas estão mortas — disse o delegado. — Todas elas estavam de alguma forma conectadas à igreja.

— Não foi Archer — disse Linda, rápido demais e de forma forçada.

— As antigas famílias — disse Littlefield. — Houck. Potter. Gregg.

— Elas precisavam de purificação — disse Linda. — Archer disse que todos precisamos de purificação.

— Cale a boca — disse David. — Estou de saco cheio de 'Archer isso' e 'Archer aquilo'. Já foi o suficiente da primeira vez.

— Primeira vez? — perguntou o delegado.

— É — disse David. — Na Califórnia.

— O que a Califórnia tem a ver com o que está acontecendo agora? — perguntou Linda.

David balançou a cabeça lentamente. — Você não entende, não é? Ele era muito mais esperto na Califórnia. Ou talvez não conhecesse seu próprio poder.

— Não bote seu velho ciúme maldito nisso.

— Você não o viu — disse David, a voz um tom mais alto. — Você não o viu carregar os corpos para dentro do suposto templo.

— Do que você está falando? — perguntou Linda.

— O Templo dos Dois Sóis — cuspiu ele. — Você não ouviu falar dos assassinatos que aconteceram lá. Quem sentiria falta de mais uma pessoa perdida na estrada de Santa Monica? Ou até mesmo meia dúzia delas. Havia muitas mais de onde elas vieram. Agora só preciso descobrir por que Archer voltou.

Linda sacudiu a cabeça. O que ele estava dizendo? Archer não matara ninguém. Era *Deus* quem fazia as purificações. Archer era meramente o salvador, seu enviado terreno.

— Você está dizendo que ele cometeu assassinatos na Califórnia? — ela ouviu o delegado perguntar a David.

— Eu vi com os meus próprios olhos. Que gosto eles têm, Linda?

Linda olhou com horror para a carne mastigada de seus dedos.

— Que gosto eles têm, delegado? — perguntou David.

— Que diabos? — perguntou o delegado.

— Comunhão. O corpo. O pão da vida. — David caminhou até o Ranger.

O delegado olhou interrogativamente para Linda e chamou David. — Ainda não terminei de falar com você.

— Bem, eu terminei. — David pegou o rifle que estava sob o banco do Ranger.

— Não faça isso — avisou o delegado. Ele se abaixou, como um daqueles caubóis da televisão em uma apresentação. Exceto que Linda viu que o delegado não estava armado.

David riu. — Não se preocupe. Não vou gastar minhas balas com vocês dois. Elas são para Archer. Vou matá-lo quantas vezes for necessário. Dessa vez, vou mandá-lo de volta para o inferno para sempre.

CAPÍTULO 17

— O que está acontecendo?

— Shh. — Ronnie pressionou a bochecha contra a tábua para poder enxergar pelo buraco na madeira. O ar estava denso com a poeira. Ele ficou imaginando o que aconteceria com o curativo do nariz quebrado se espirrasse. E se ele não conseguia sentir cheiro, será que conseguiria espirrar?

Papai caminhou de volta para o Ranger, deixando Mamãe e o delegado parados na varanda. Quando Ronnie viu o rifle, o coração deu um salto no peito. — Não — sussurrou ele.

— O que foi? — perguntou Tim.

Papai entrou na casa. Mamãe disse alguma coisa para o delegado que Ronnie não conseguiu ouvir. O delegado entrou no Trooper e foi embora. Mamãe olhou em volta e também entrou na casa.

Ronnie se afastou para que Tim pudesse ver pelo buraco. Tim ficou sobre um balde virado para que pudesse alcançar o buraco.

— Não vejo nada — disse Tim.

— Eles estão dentro de casa.

— Isso é ruim?

Tim não é burro. Ele sabe o que está acontecendo. Acho que é agora que eu tenho que bancar o Valente Irmão Mais Velho.

Ronnie tentou soar despreocupado. — Papai está em casa, não está? Como isso pode ser ruim?

— Estou com medo.

— Está de dia — disse Ronnie, mas as sombras, as teias de aranha empoeiradas e as tábuas do celeiro que rangiam o deixavam nervoso. — Monstros não pegam você à luz do dia.

— Não, quis dizer que estou com medo por causa do Papai e da Mamãe. — Tim desceu do balde e sentou-se em um fardo de feno.

Ronnie olhou para a fileira de baias de madeira que ficavam do outro lado do celeiro. Não havia mais vacas nelas. Papai dissera que, com o preço

da carne estando tão baixo, era mais barato comprar no supermercado do que criar vacas. Ronnie quase sentia falta de cuidar dos animais, de guardá-los à noite e garantir que tivessem feno no inverno. Papai e Ronnie também tinham matado vacas, pendurado-as em uma corrente e cortado suas barrigas, o vapor subindo das entranhas dos animais. Ronnie não sentia falta dessa parte.

— Mamãe e Papai vão se entender — disse Ronnie. — Eles têm que se entender.

— E se não conseguirem? E se ela deixá-lo bravo de novo e ele for embora? Quem vai nos proteger então? — O lábio inferior de Tim tremia.

— Olha, eu salvei você do Whizzer, não foi? Você tem que confiar em mim.

— Ah, certo. Até parece que você vai conseguir derrotar o Monstro do Sino.

Ronnie tossiu por causa da poeira. — Vou pensar em alguma coisa.

— E afinal, como você mata um fantasma? Papai atirou nele, mas eu sei que ele vai voltar.

Ronnie também estivera pensando nisso. Por que um fantasma mataria pessoas? Não fazia sentido. Se o fantasma fosse louco, talvez, mas um fantasma simples comum?

Seja o que for, a culpa era da igreja vermelha. Ele lera livros sobre assombrações. Supostamente, "manifestações psíquicas" podiam ser projetadas na parede se uma pessoa sofresse um grande tumulto emocional. Isso parecia meio bobo para Ronnie, mas o Monstro do Sino era real. E se o Monstro do Sino fosse o espírito do pregador que havia sido enforcado lá? Certamente ter uma corda enrolada em seu pescoço causaria algum tumulto emocional.

Mas então, tudo que já tivesse morrido deixaria um fantasma. Que coisa viva não sofrera algum tumulto emocional em sua vida? Várias vacas tinham sido mortas bem aqui, no meio do celeiro, com um tiro de rifle no cérebro, cortadas em pedaços e com as entranhas jogadas em um carrinho de mão. Mas você não via vacas fantasmas espreitando em todo canto.

Talvez Deus estivesse tentando levar a alma do pregador para o céu, e decidiu no meio do caminho que o pregador era muito mau para entrar no reino. Talvez o diabo também não quisesse o pregador, porque ele sabia muitos versos da Bíblia e os diria às outras pessoas no inferno. Talvez o

pregador tentasse salvar pessoas que já tinham sido condenadas ao fogo eterno. De jeito nenhum o diabo deixaria uma coisa dessas acontecer. Então o pregador ficara preso no meio do caminho e matava as pessoas porque estava solitário e queria a companhia de outros fantasmas.

Isso era idiota. Ele estava pensando como um dos garotos do terceiro ano.

— Você não precisa matar um fantasma — disse Ronnie finalmente. — Ele já está morto. O truque é fazer com que ele *permaneça* morto.

— E como se faz isso?

— Dando a ele o que ele quer.

Eles se entreolharam. — O que ele quer é nos matar — disse Tim.

— Sim. Ronnie suspirou. — Um verdadeiro chute no traseiro.

— Eu não quero morrer.

Ronnie também não queria — não importa quantas vezes o Pregador Staymore tentasse dizer a ele que Deus tinha um lugar especial para crianças. O pregador também havia apresentado a ele a ideia de cometer pecados do coração. Já era ruim o suficiente quando fazer algo errado riscaria seu nome do Grande Livro Dourado. Agora ele aprendera que simplesmente *pensar* sobre coisas erradas o condenaria ao inferno.

Ele chamara Jesus para seu coração de vez em quando, como o Pregador Staymore quisera. Por quanto tempo o coração ficava limpo depois que Jesus lavava os pecados? E se você morresse enquanto estivesse pensando em alguma coisa errada e não tivesse tempo de pedir perdão? Toda essa coisa parecia muito arriscada para Ronnie.

E ele não estava com muita pressa para descobrir como era com certeza.

— Você não vai morrer, Tim — Ronnie prometeu, esperando que soasse mais confiante do que se sentia. Ele estava prestes a dizer mais alguma coisa quando soou o tiro.

***

O Holliday Inn ficava na única estrada de quatro pistas que atravessava o Condado de Pickett, logo depois da saída para Barkersville. Sheila Storie entrou no estacionamento, que estava praticamente vazio. Turistas eram raros entre a temporada de esqui e o verão, quando os moradores da Flórida

vinham para escapar do calor e os de Nova Iorque vinham para escapar de Nova Iorque.

O quarto de Archer McFall ficava no primeiro andar, logo ao lado da piscina vazia do hotel. O Mercedes preto de McFall estava estacionado em frente ao quarto 107. Storie estacionou ao lado dele e saiu do carro, verificando a hora no relógio e imaginando como o delegado estava se saindo. Ela olhou para dentro do Mercedes pelo vidro do lado do motorista. O interior estava impecável. Ela bateu na porta do quarto 107.

Um homem alto atendeu. Ele era bonito, mas tinha uma aparência meio traiçoeira, como um advogado em um programa de televisão. Os ossos das bochechas eram pronunciados e o rosto largo estava recém-barbeado. Ele sorriu para ela.

— Archer McFall? — perguntou ela.

— Sim, minha filha. Como posso ajudá-la?

A forma como ele a chamou de "filha" irritou Storie. Ele não era mais do que uns dez anos mais velho que ela, da idade de Frank. Havia um leve odor de colônia e um odor mais pungente que ela não conseguiu identificar. O quarto por trás dele estava escuro, com as cortinas fechadas.

— Sou a detetive Sheila Storie, do Departamento de Polícia do Condado de Pickett — disse ela, sem se preocupar em tirar o distintivo do bolso do casaco.

Os olhos de McFall piscaram, mas o sorriso não se modificou. — É um prazer conhecê-la, senhora. Seu delegado e eu nos conhecemos há muito tempo.

Quanto tempo?

Storie olhou dentro dos olhos dele, tentando lê-los. Ele não deixava transparecer nada. — Estava pensando se podia lhe fazer algumas perguntas.

— Ah, sobre o Sr. Houck. — Os olhos ficaram mais frios e mais escuros. — Aquele pobre homem infeliz. Espero que tenha capturado o assassino.

— Não, senhor, mas temos algumas pistas.

— Fico feliz. Que espécie de noção perversa leva alguém a cometer tal ato em solo sagrado?

— Bem, senhor, na época, a igreja vermelha estava sendo usada como celeiro.

McFall riu, um som baixo que iniciou no abdôme e sacudiu o corpo inteiro. — Isso é verdade. Sem uma congregação, uma igreja não é exatamente uma igreja, não é? Sem pessoas e as coisas em que elas acreditam-

— Elas acreditavam em você na Califórnia? — perguntou Store. Ela deu a ele seu "olhar com óculos escuros", o tipo de olhar bacana que alguns dos colegas policiais davam somente quando estavam escondidos por trás da segurança dos escudos pintados.

— As pessoas de Whispering Pines precisam de pregação tanto quanto qualquer outra pessoa.

— O suficiente para que você desistisse de uma vida fácil na Califórnia?

— Ora, sargento — disse ele, arrumando o nó da gravata. — Acredito que esteja me interrogando.

— Na verdade, não. Só parei para conversar um pouco.

— Nesse caso, por favor, entre. — Ele mostrou os dentes brancos e abriu a porta completamente.

Storie entrou. A cama estava bem arrumada, e não havia roupas nem malas à vista. Uma Bíblia estava aberta na mesa de cabeceira. McFall fechou a porta e abriu as cortinas. A luz do sol da tarde inundou o quarto.

Ela sentou na cadeira de encosto reto, perto da mesa. McFall sentou-se na beira da cama, parecendo desconfortável. — Então, por que você voltou? — perguntou ela.

— Eu sou das montanhas. Meu coração sempre pertenceu a esse lugar. Minha mãe ainda mora em Whispering Pines, em uma pequena fazenda no sopé da montanha Buckhorn.

Storie assentiu, encorajando-o a continuar.

— Eu senti o chamado quando era criança — disse ele. — Como você deve saber, minha família tem um longo histórico de serviço a Deus e de disseminação da Palavra Sagrada. Mesmo quando criança, eu sempre soube que seria um pregador.

— Como seu tataravô?

McFall contraiu a mandíbula e olhou pela janela. — Wendell McFall foi um galho desagradável na árvore da família. Ainda assim, não acho que ele tenha merecido o enforcamento, você acha?

— Eu não sei nada sobre ele além do que diz a lenda.

— Ah, a tal da história de 'fantasma'. Posso garantir a você que o único espírito que caminha na igreja é o Espírito Santo. Eu sei disso. Passei muito tempo lá quando era adolescente rezando pela orientação de Deus.

Storie ajeitou-se na cadeira. — Conte-me sobre a Califórnia.

— Pensei em começar uma igreja lá. Algumas garotas locais foram comigo. Éramos um grupo bom, sem um único pecador entre nós, os corações tão puros quanto o sol. Íamos começar uma comunidade e viver uma vida simples.

— Sete garotas foram com você, ouvi dizer. — Storie havia rastreado as sete. Das sete garotas, somente tinham ouvido falar novamente de Linda Gregg, agora Linda Day.

— Quando chegamos lá, a maioria das garotas foi para Los Angeles e São Francisco. Acho que a vida na cidade grande era mais atraente do que uma vida dedicada ao serviço de Deus.

— Por que sua igreja lá fracassou?

McFall sorriu para ela. — Ela não fracassou. O Templo dos Dois Sóis prosperou, graças a Deus. Eu tinha um programa de televisão no qual pregava para milhares de pessoas. Abri uma loja de música, uma livraria religiosa e alguns outros negócios. Mesmo com o sucesso, mesmo sabendo que eu estava chegando às pessoas, meu coração sentia um vazio. Rezei por orientação e Deus me disse para voltar para casa. E aqui estou eu.

Storie observou cuidadosamente o rosto dele. — Se não se importar que eu o diga, Templo dos Dois Sóis soa como um nome incomum para uma igreja fundada por uma pessoa que segue a Bíblia.

— Há muitos caminhos para chegar a Deus. O verdadeiro caminho é seguir seu próprio coração. Meu coração diz que o que faço é o certo.

— Que denominação tem sua religião?

— Cristã, de certa forma. É claro, cada culto ou ordem tem suas qualidades exclusivas. 'Dois Sóis' vem da ideia de Deus enviar uma segunda luz para o mundo. Essa é uma das promessas de Deus, você sabia?

— Certamente não levou muito tempo até que tivesse uma igreja pronta e funcionando aqui — disse ela.

— Tive a sorte de Lester Matheson me deixar comprar a propriedade e devolvê-la à família. E as pessoas de Whispering Pines abriram os corações e me deram as boas-vindas à comunidade.

— Você tem que admitir que é uma coincidência que os assassinatos começaram a ocorrer assim que você retornou à área.

— Eu vim porque Deus chamou. — Ele se inclinou para a frente. — Ele chama a todos nós e pede para ser convidado a entrar em nossos corações. Ele está dentro do seu?

Storie ajeitou-se na cadeira. — Isso não é importante.

Ele torceu a boca. — Essa é a *única* coisa que é importante. O que há em seu coração?

— Olhe, Sr. McFall—

— *O que há em seu coração?* — Os olhos dele estavam brilhantes, febris.

Storie levantou-se e caminhou para a porta. Uma mão caiu sobre seu ombro. Ela se virou, instintivamente abaixando-se na postura defensiva de judô que havia aprendido na academia de polícia. Por um longo segundo, seus músculos ficaram paralisados.

O ROSTO dele.

O queixo de McFall espichou e os dentes se afinaram entre os lábios pretos largos. Os olhos eram de uma fera, de um amarelo brilhante tão intenso que pareciam flutuar em frente ao rosto dele. O nariz se ergueu farejando.

Tão subitamente quanto apareceu, a ilusão desapareceu. McFall estava parado em frente a ela, as mãos erguidas em um pedido de desculpas. — Não quis assustá-la, minha filha — disse ele em uma voz calma.

Ótimo. Como se não fosse ruim o suficiente ver manchas de sangue e cordas que não existem, agora estou começando a pensar...

Ela colocou a mão na testa. Estresse, era isso. Três assassinatos para solucionar antes que mais pessoas morressem. As pessoas *dela*, as que ela havia jurado proteger.

— O que a está perturbando, sargento?

A voz dele a acalmou. Ela teve um ímpeto súbito de se abrir com aquele homem, intocado pelos traumas e pelas preocupações da vida. Ele era como o sol na superfície tranquila de um lago. Sua serenidade irradiava em ondas quase palpáveis.

— Não é nada, Reverendo. Nada mesmo.

— Você não precisa guardar seus problemas — disse ele, aproximando-se mais um passo. Ela recuou contra a porta.

— Basta entregar seus problemas para um poder maior — continuou ele, com sua voz suave e firme. — Abra seu coração e confie em Deus.

Parecia uma boa ideia. E assim que ela pensou que parecia uma boa ideia, um alerta atravessou sua mente.

Espere um segundo. Eu não confio em NINGUÉM, muito menos em um homem que está na lista de suspeitos de três assassinatos.

Mas havia alguma coisa no tom da voz dele, na gentileza e na preocupação dos olhos. Ele estava perto o suficiente para que ela pudesse sentir o cheiro de menta em seu hálito. Por um momento, ela pensou que ele fosse avançar e beijá-la, e a pior parte é que ela não achava que fosse impedi-lo.

Em vez disso, ele disse: — Não tenha medo. Abra seu coração. Tenha fé.

Ela olhou dentro dos olhos dele, a pele sensível por causa da eletricidade entre eles. Aqueles olhos emanavam tanto calor, tanta promessa, tanta *paz*. Tanta humanidade.

Ah, sim. Ela tinha fé. Ela acreditava. Seu coração parecia inchado e quente dentro do peito, como um balão em um dia de verão.

Eu acredito. Basta me dizer em QUE acreditar.

Isso era loucura. Ela deveria ter pedido reforços, dito à despachante para onde iria e o que faria. A única pessoa que sabia o que ela estava fazendo era Frank. Ela tentou imaginar o rosto dele, mas tudo o que conseguia ver era a luz dourada que emanava de Archer.

Ele tocou o rosto dela, com dedos quentes. Ela não conseguia desviar o olhar, apesar de parte dela querer vomitar, dar um soco na cara dele, rasgar os cantos daquele sorriso.

— A fé tem um preço — disse ele. — Tudo o que precisa fazer é me entregar tudo. Mas as recompensas são imensas. O reino dos céus pode ser seu, e ele contém o mundo inteiro e muito mais.

Ela entregaria e entregaria e entregaria. Não, ela não entregaria. Ela servia somente aos cidadãos que pagavam impostos e obedeciam às leis. Ela—

— A congregação deve ter comunhão — disse ele. — Um pão, um corpo. E o sacrifício é a moeda de Deus. Só o que peço é que você sirva.

Ela assentiu. Ela podia fazer isso. A fé exigia um pouco de sacrifício, mas as recompensas eram eternas, não eram?

— Por favor — disse ela, abaixando-se até ficar ajoelhada. Ela olhou para aquele rosto santificado. — Deixe-me servir.

Ele assentiu benevolentemente. — Você não é de uma das famílias antigas. Mas está trabalhando contra os propósitos de Deus.

Eu não fiz o suficiente. Eu não sou digna. Eu mereço punição.

O que ela poderia oferecer que compensaria seus pecados? O que ela tinha? Ela poderia oferecer a alma, mas praticamente não tinha valor algum. Ela tinha a carne. A carne podia ser sacrificada, o que talvez agradasse ao Deus que ela havia ignorado durante a vida inteira.

— Aceite-me — disse ela, a voz rouca e os olhos úmidos. Era tão grande a glória de Deus. E igualmente grande era a glória de Archer McFall. — Use-me da forma que precisar.

McFall inclinou a cabeça, como se estivesse consultando Deus, ouvindo um comando divino que determinaria o destino dela. Ele ajoelhou-se rapidamente, ergueu-a pelos ombros do casaco e limpou as lágrimas dos cantos dos olhos dela.

— Não chore, minha criança — disse ele.

Ela sorriu para ele. Como ela podia enterrar a alegria que a preenchia e transbordava, a felicidade e o arroubo que havia sido entregue a ela?

Ele a puxou para longe da porta. — Não conte nada sobre isso. Hoje à noite você servirá e ganhará um lugar no seio de Deus.

Ah, glória! Ah, como Deus é misericordioso em sua sabedoria! Ela faria o sacrifício para ganhar seu lugar, para agradar a Archer, para pagar pelo pecado do orgulho que havia jogado uma sombra em sua vida.

— Venha à igreja esta noite — ele disse e depois se virou, cruzou a sala e sentou-se novamente na cama.

Ele arrumou a gravata e juntou as mãos sobre o colo no momento em que alguém bateu na porta. — Pode atender, por favor? — disse Archer.

Storie se virou, lutando desajeitadamente com a maçaneta na pressa de servi-lo. Ela abriu a porta e Frank Littlefield estava à sua frente, a mão levantada e pronta para bater novamente.

— Olá, sargento — disse Frank, sem nenhuma surpresa na voz.

Ela piscou contra a súbita luz do sol, incomodada com essa invasão em sua comunhão espiritual com Archer. — O que está fazendo aqui? — perguntou ela.

Ele olhou para além dela, para o reverendo. — Vim atrás de algumas respostas, como você.

— Entre, delegado. Estávamos esperando você — disse McFall.

***

David abaixou o rifle e sorriu.

A porta da frente se abriu e David pensou que talvez o delegado tivesse voltado para espreitá-lo e detê-lo. Ele virou o rifle para a porta, o dedo firme no gatilho. Ronnie estava parado na porta, com o pequeno Tim atrás dele.

David sentiu o cheiro confortador da fumaça da arma. Linda estava deitada com o rosto para baixo no chão da sala. Tim correu para ela e se jogou de joelhos, tocando em seu cabelo e murmurando "Mamãe" sem parar. Ronnie olhou para David, os olhos arregalados em choque, o rosto pálido.

— Você... você atirou nela? — ele perguntou.

David recostou o rifle contra a mesa de café. — Ainda não estou tão doido assim.

Linda gemeu e Tim a ajudou a se levantar.

Ronnie cerrou os punhos, com uma lágrima descendo pela bochecha. — O que diabos está acontecendo, Papai? — perguntou ele, estremecendo com os soluços. — Por que está tentando matá-la?

— Não sou eu que estou tentando matá-la — disse ele, olhando para sua esposa no chão. — É aquele maldito do Archer McFall.

— Archer McFall é o *pregador*. O pregador é para ser o cara bom.

— Não acredite em tudo o que escuta na escola dominical, filho.

— Você está me *assustando*, Papai. Você nos disse que uma família deve ficar unida quando as coisas não estão bem. — Ronnie ajudou Tim a encostar Linda contra a cadeira. Ela tinha um hematoma sobre o olho. Ronnie olhou para o hematoma e depois para David.

Ele se parece tanto com a mãe.

— Eu não encostei nela — disse ele. — Ela caiu quando eu atirei com o rifle.

Ele apontou para o pequeno símbolo pendurado na parede, a cruz estranha que Linda mantivera desde os dias que passara na Califórnia. Ela

dissera a David que a jogara fora, que toda aquela besteira tinha acabado. Bem, os ganchos do diabo estavam enterrados bem fundo. Só precisava de um pouco de enxofre para acender as chamas no coração de um pecador.

A bala havia penetrado bem no centro da cruz falsa. Os braços de metal estavam curvados para fora, amassados pelo impacto. Pó de gesso escorria de um buraco da parede. David sorriu satisfeito com a excelente pontaria.

— O inferno a seguiu desde a Califórnia — disse ele.

— Califórnia? — perguntou Ronnie. — Ela nunca esteve na Califórnia.

David limpou o suor da testa. Talvez fosse melhor deixar alguns segredos bem enterrados.

— Você está bem, Mamãe? — Tim soou como se tivesse quatro anos.

— Sim, querido — disse ela, tirando o cabelo do rosto e olhando para David com olhos cheios de ódio. — Haverá grandes provações à frente, mas continuamos avançando.

David estava cheio de uma raiva renovada. Então foi a isso que Archer havia reduzido sua família. Linda, pronta a desistir de tudo o que tinha, incluindo sua própria carne e sangue. Tim, sem saber em qual dos pais devia confiar. Ronnie, aprendendo cedo demais que o mundo era um lugar ruim e duro. E ele próprio, imaginando se fé era suficiente, se poderia sozinho acabar com o demônio vestido em pele de ovelha.

Não, não estarei sozinho. Tenho Deus, Jesus, um rifle e tudo o mais que é certo do meu lado. É claro que será o suficiente. Rezo ao Senhor para que seja o suficiente.

— O que vamos fazer, Papai? — Ronnie parecia patético, os olhos vermelhos e cheios de lágrimas, o nariz inchado com um tom arroxeado.

— Está mais do que na hora de uma purificação — disse Linda, a voz distante. Ela balançava para a frente e para trás, como se estivesse ouvindo uma estação de rádio religiosa invisível.

David olhou para a porta aberta. Montanhas escuras marcavam o horizonte, escondendo-se diante do sol que se punha. Mesmo as árvores pareciam temer a noite que se aproximava. As sombras seguravam o fôlego, aguardando para enviar um exército de monstros sob a cobertura da escuridão.

Os olhos de Linda focalizavam um ponto alto na parede. Tim e Ronnie olharam para David, esperando e com medo.

Talvez *fosse* mesmo a hora de uma purificação.

— Vamos acabar com aquela coisa — disse ele, mais para ele mesmo do que para os garotos.

— Como se mata um fantasma? — perguntou Tim.

David esfregou o queixo. — Bem que eu queria saber, Tim.

— Ronnie disse que o truque é fazer com que ele permaneça morto. Dando a ele o que ele quer.

— Talvez. Vamos ter que confiar no Senhor.

— O *Senhor* — disse Linda com um sorriso desdenhoso. Ela enrijeceu e contorceu as feições. Ela parecia o morcego de cara enrugada que David havia encontrado morto no celeiro uma manhã. A antiga Linda, a esposa bonita, a mãe carinhosa e a cristã que desprezava o pecado, estava tão morta quanto Donna Gregg.

David sabia que Linda havia sido salva. Ele havia se ajoelhado com ela ao pé do púlpito e segurado sua mão enquanto ela chamava Jesus para dentro do coração. Depois que Jesus entrava, Ele ficava lá para sempre. Ou ser salvo era um privilégio que Ele podia tirar, como a polícia tirava sua carteira de motorista ao dirigir bêbado?

David estava ficando com dor de cabeça de pensar sobre isso. Era problema de Deus, e ele não tinha que se preocupar. Sua missão era proteger os inocentes, e que se danem os culpados.

— Saia — disse ele para Linda, tentando não erguer a voz.

Ela levantou o rosto para ele, os olhos ferozes. Os garotos estavam com máscaras de terror idênticas.

— Saia — disse David com mais firmeza. Ele segurou o rifle. —Vá para a igreja vermelha, para a cama de Archer McFall ou diretamente para o inferno, se quiser. Desde que fique longe dos garotos.

Linda tremia ao se levantar.

— Não a machuque, Papai — gritou Tim.

David sentiu um sorriso se insinuando no rosto e um calafrio subiu-lhe pela espinha. Ele se sentiu enojado por descobrir que estava gostando disso. Um cristão deveria odiar o pecado, mas amar o pecador. Um homem deveria honrar sua esposa. A lição número um do Senhor era que as pessoas deviam perdoar as invasões.

Mas o Senhor também sabia que o coração humano era fraco.

David apontou o rifle para ela.

Tim pulou em Linda e a abraçou, o rosto apertado contra o peito dela. — Não vá, Mamãe — suplicou ele.

David fez um movimento com o cano do rifle na direção da porta. Linda olhou para ele friamente, depois abaixou-se e beijou a cabeça de Tim. — Shh, querido. Vai ficar tudo bem.

Ela afastou gentilmente os braços de Tim da cintura. A blusa azul estava escura das lágrimas de Tim. Ela afagou o cabelo de Ronnie e sorriu para ele. — Cuide de seu irmão, está bem?

Ronnie assentiu. Linda retirou a cruz deformada da parede e apertou a mão em torno dela. Ela parou na porta. — É hoje à noite, você sabe — disse ela para David.

Ele engoliu em seco e começou a dizer que ainda a amava, apesar de tudo. Mas só conseguiu olhá-la sem reação, os dedos como madeira em torno do rifle.

— Que o Senhor nos ajude — murmurou ele quando ela se foi, envolta pelo manto do entardecer. Sua oração tinha gosto de sangue seco e cinzas.

CAPÍTULO 18

O pôr do sol lançou um tom laranja sobre as nuvens no oeste. O cheiro verde forte do dia morreu com a brisa noturna. O aroma enlameado do rio subiu como uma rã, espreitando pelo pátio da igreja de forma tão espessa que Mama Bet quase podia sentir seu gosto. Ela olhou para as sombras no campanário, segurando o chale firmemente contra o peito.

Esse solo era o ruim, aqui na igreja. Ela não sabia por que Archer insistia em fazer os serviços nessa casa de adoração arruinada. Wendell McFall havia morrido bem aqui na ponta de uma corda, com a outra ponta amarrada bem alto naquele álamo amaldiçoado. Os galhos da árvore se espalhavam, tanto altos quanto baixos, em direção ao céu e à terra, como dedos tentando pegar tudo e todos.

— Qual o problema, Mama Bet?

Ela se virou e olhou para o rosto sujo de Whizzer Buchanan. Quatorze anos e já precisava se barbear. Ele era completamente um Buchanan, olhos separados e as mãos gordas e desajeitadas como luvas de borracha cheias de água. E pensar que a família dele costumava ter excelentes açougueiros, na época em que as pessoas faziam as coisas de que precisavam em vez de comprá-las na loja mais próxima.

— Ora, não há problema algum, criança. — Ela sorriu para ele.

Whizzer tinha cheiro de fumaça adocicada, provavelmente aquela erva louca que ela ouvira dizer que alguns hippies plantavam nas montanhas. Archer os purificaria, isso era tão certo quanto o dia. Archer não tinha lugar para tal lixo. Os hippies eram tão ruins quando os bêbados dos Matheson e dos Absher. Pecados da carne, pecados do coração. Todos os pecados levavam a uma estrada, a um túnel, e direto para o coração negro do inferno.

— Por que ainda não vimos o Monstro do Sino? — perguntou Whizzer. Como se o Monstro do Sino fosse algum tipo de videogame que pudesse ser ligado e desligado quando você quisesse. O garoto tinha muito a aprender sobre os trabalhos de Deus.

— Temos que ter paciência — disse ela.

Whizzer assentiu e correu para dentro da igreja, as botas trovejando no piso de madeira. Ela olhou para o cemitério. Stepford estava se aliviando contra uma estátua alta de granito. O anjo esmaecido aceitava o insulto sem piscar.

Na floresta, as sombras se moveram e se abriram. Becca Faye e Sonny saíram de entre as árvores, de mãos dadas e rindo como garotos em uma caçada a ovos de páscoa. Havia folhas amassadas presas na blusa de Becca Faye, que estava com o botão de cima aberto. Mama Bet esperou que a vadia tivesse gostado de sua aventurazinha suada. Pois logo ela suaria muito, com o demônio sobre suas costas, até o final dos dias.

Mama Bet atravessou o caminho de pedras até os degraus da igreja. O diabetes estava causando muita dor em seus pés. Lentamente ela subiu os degraus, segurando-se no corrimão gasto. Ela podia muito bem se acostumar a subi-los um de cada vez, pois sabia que Deus havia preparado uma enorme fileira de degraus dourados que ela teria que subir para chegar ao céu.

Mama Bet descansou um pouco no saguão sem janelas, na escuridão fresca. Vozes vieram do santuário principal, espalhadas e ecoando no vazio silencioso da igreja. Ela ouviu Haywood falando a Nell sobre os benefícios de um seguro alto com uma prestação baixa.

— Veja, querida — disse ele, quando Mama Bet entrou no corpo principal da igreja — as chances são de que, se você ficar doente o suficiente para poder pedir o seguro, vai receber vários milhares de dólares. E do jeito como os hospitais são caros hoje em dia, um corpo precisa chegar ao valor do seguro deles ao entrar pela porta. Então você pode muito bem já economizar esse dinheiro com um plano mais barato.

Nell assentiu e colocou as costas da mão sobre a boca para esconder um bocejo. Alguns bancos à frente, Jim e Alma sussurravam sobre os arranjos para o funeral de Zeb. Rudy Buchanan estava ajoelhado em frente ao atril, sobre os dois joelhos, praticando a adoração a Archer. Quase tão falso quanto um cristão lambedor de botas.

Mama Bet mordeu o lábio inferior entre as gengivas. Ela não queria usar um de seus feitiços, não na noite de Archer, e respirou fundo várias vezes até que a raiva desapareceu.

Que bela congregação era essa. Tão cheia de cérebros quanto um cozido de cabeças de peixe. Mas não era culpa de Archer. O garoto trabalhava com o material que Deus dava a ele. Se alguém merecia a culpa por esse bando ordinário de infiéis, então era preciso levantar os olhos e olhar para Ele, que plantava a semente e ria até que os céus se abrissem. E a única coisa que você podia fazer era deixar a barriga crescer até explodir, até que a criança rastejasse para fora por entre suas pernas e tomasse seu trono de direito.

— Será hoje à noite, não é? — perguntou Jim, arrancando-a do devaneio.

— Quem sabe é Deus e Archer — respondeu ela. — Não somos o tipo de gente que precisa se preocupar com isso.

— Não consigo não me preocupar — disse ele, com suor sob os olhos. — Pode ser qualquer um de nós na guilhotina.

— Reze para que você seja digno. — Ela não conseguia se confirmar com tal egoísmo frente a um grande momento, o momento que o mundo inteiro havia nascido para ver, o motivo pelo qual Deus juntara o barro e moldara as montanhas, cuspira os oceanos e soprara vida na poeira. Esse momento brilhante de glória. Esse fim para tudo, e o começo do negócio muito além de tudo.

Ela olhou para a mancha escura na plataforma. A coisa estava tomando forma, desenhando com o sangue do sacrifício derramado em sua pele de madeira. Ela havia adormecido por 140 anos, lutando para se livrar de vez em quando para percorrer as colinas à noite ou para assustar alguns adolescentes. Mas agora ela estava despertando de verdade, libertando-se das correntes invisíveis que a prendiam ao passado.

Archer dissera que a igreja vermelha precisava se alimentar, então deixe que se alimente. Deixe que o sumo daquelas almas miseráveis ensope as tábuas do chão. Deixe que essa igreja absorva todo o sangue humano, o suor e o pecado. Deixe que eles sejam purificados para a jornada final. Porque Archer assim o ordenara.

Uma lágrima surgiu no canto de seu olho. Jim se levantara e apertara a mão dela levemente, achando que ela estava com medo ou pesarosa. Não, ela estava *contente*, grata por ter a permissão de se arrastar para dentro da igreja, apesar de estar manchada com os pecados de seus ancestrais. Mesmo com dores, os ossos tão frágeis quanto pedaços de giz, as veias tão finas quanto fios de linho, mesmo com olhos que mal podiam distinguir entre o dia e a noite, entre o fogo e o gelo, mesmo com todo o peso dos oitenta e

poucos anos deformando sua espinha, ela podia ficar diante do altar com orgulho.

Aqui, ela podia se entregar. Nessa casa doentia de Deus, ela podia entregar a carne e o sangue.

***

Frank Littlefield olhou em torno do quarto de hotel. Sheila parecia entorpecida, os olhos arregalados e as pupilas incomumente dilatadas. Archer McFall estava sentado na cama como um rei paciente que se dignava a aceitar tributos de um súdito menos importante.

— Descobriu alguma coisa com David Day? — perguntou Sheila, apesar de, a julgar pelo tom da voz, parecer que não se importava nem um pouco.

— Ele apontou uma arma para mim, mais para se mostrar — disse Frank. — Ele é louco, mas não o tipo de louco que mata três pessoas.

— David Day? — perguntou Archer. — Acredito que a esposa dele faz parte da congregação.

— Linda — disse Frank. — E se eu me lembro bem, ela foi uma das que foi para a Califórnia com você.

Archer olhou de Frank para Sheila e de volta para Frank. — A Califórnia não tem nada a ver com o que está acontecendo aqui. Descansem suas mentes sobre isso. Estamos em casa agora, e é isso que importa. Estamos cumprindo o plano de Deus.

— O plano de Deus — disse Frank. — O plano de Deus deixou três pessoas inocentes mortas, presumindo que seja Deus que está dando as ordens.

— Ninguém é inocente — disse Archer. — E Deus não dá as ordens.

— Claro — disse Frank. — Eu me esqueci. *Você* dá as ordens.

— Andou conversando com minha mãe? — Archer sorriu. Sombras se moveram no canto da boca dele, ou talvez fossem vermes rastejando entre os lábios.

Frank piscou para afastar a ilusão. — Ah, não, Sr. McFall. Não preciso falar com sua mãe. Porque, a caminho daqui, vim pensando sobre uma noite, há muito tempo. Uma noite em que eu e você éramos mais jovens e, acredito, mais inocentes.

— Ninguém é inocente — repetiu Archer.

— Samuel era — disse Frank.

— O que seu irmão tem a ver com isso? — perguntou Sheila, com a voz hesitante. Ela colocou a mão na cabeça e esfregou o rosto, como se tivesse acabado de acordar.

— Aquela noite de halloween na igreja vermelha — disse Frank apressadamente. Seu sangue corria rápido, o rosto ficou quente, o estômago se contraiu em torno de um saco de pregos quentes.

Os olhos de Archer se arregalaram em interesse, o rosto passivo e despreocupado, as mãos no colo. Como se estivesse observando um inseto dentro de um vidro, curioso para ver o que aconteceria a seguir. — Halloween? Foram tantos halloweens.

— Quando Samuel subiu no campanário, alguma coisa surgiu por trás dele. Uma sombra. Exceto que a sombra gargalhou. — Frank cerrou as mãos.

— Por favor, delegado, não essa história de fantasma de novo — disse Sheila. Ela parecia ter se recuperado do torpor e provavelmente estava preocupada que Frank daria um vexame em frente ao público. Provavelmente achou que Frank acabaria com sua carreira como servidor da lei, talvez seu futuro no Condado de Pickett. Mas nesse momento, Frank não estava pensando sobre o futuro. Ele estava pensando sobre o passado. Sobre os mortos e os enterrados. E sobre uma gargalhada familiar.

— Eu reconheci aquela risada — disse Frank. — Ela me deu calafrios, na primeira vez em que a ouvi novamente, na igreja vermelha no dia seguinte à morte de Zeb Potter.

A risada do halloween. Frank a ouvira centenas de vezes, mantendo-o acordado às quatro horas da manhã ou sacudindo-o de pesadelos. Ele a ouvira no ranger dos pneus dos carros, na sirene dos carros de polícia, na pressa do rio gelado. Ele a ouvira no uivar do vento, e até mesmo no silêncio. A gargalhada era mais alta no silêncio.

— Você estava lá. — Frank ergueu o punho na direção do rosto de Archer. Archer ignorou o gesto ameaçador.

— Delegado — disse Sheila, na voz dura de policial.

— Você estava no campanário naquela noite — disse Frank para Archer.

Ele ouvira suspeitos de assaltos falarem sobre estarem tão furiosos que "enxergavam vermelho", e agora Frank sabia o que queriam dizer. Era uma coisa real, o vermelho mais brilhante do que o sangue do sol. Ele tapava sua

visão, bloqueando Sheila, bloqueando a Bíblia na mesa, bloqueando as consequências.

— Você assustou Samuel. — Frank agora tremia. — Você o fez pular. Você o matou.

— Delegado, delegado, delegado — disse Archer, sacudindo a cabeça lentamente como se estivesse explicando uma verdade óbvia para uma criança. — Eu não matei Samuel. *Você* o matou.

Frank saltou sobre Archer, o vermelho em sua visão agora obscurecendo tudo o mais, exceto o sorriso no rosto de Archer. Frank queria arrancar aquele sorriso do rosto do homem, ouvir o rasgar agradável da carne e o fraturar dos ossos. Ele queria enfiar o sorriso dentro da boca do homem, empurrar goela abaixo até que ele sufocasse.

Suas mãos envolveram o pescoço de Archer, apertando. Frank olhou para seus próprios dedos, brancos por causa da pressão. Ele se sentiu afastado do ataque, como se fossem as mãos de outra pessoa impedindo que o ar entrasse nos pulmões de Archer. Como se ele estivesse assistindo a um filme. O pensamento o deixou furioso. Ele não queria ser distanciado, removido, privado de sua satisfação.

Mãos batiam em suas costas, puxando a camisa. Ele mal sentia os golpes. A voz de Sheila chegou até ele como se através de uma cortina espessa de sonhos.

— Pare, Frank — gritou ela. — Que droga, você vai matar o cara.

Matar o cara.

Uma onda de prazer atravessou o corpo de Frank, quase sensual em sua intensidade. Ao mesmo tempo, ele foi repelido por sua vingança feliz. Ele não era melhor do que Archer, não era melhor do que a pessoa que havia matado Boonie Houck, Zeb Potter, Donna Gregg.

Sheila tinha um braço enfiado sob o bíceps esquerdo dele, o outro pressionando o pescoço, o peso totalmente sobre as costas dele. Frank mantinha as mãos em torno do pescoço de Archer, observando a carótida inchando por causa da circulação interrompida. Durante todo o ataque, Archer não fez qualquer movimento para se defender. Como se estivesse se submetendo, uma vítima voluntária. Um sacrifício.

Frank olhou dentro dos olhos de Archer. Ele não viu nada humano, nenhum medo, nenhuma raiva, nenhuma pena.

— Se ele o fez, podemos levá-lo a julgamento. — Sheila resmungou, empurrando o corpo contra o dele, tentando fazê-lo largar Archer. — Deixe que o sistema judiciário o faça pagar.

Sistema judiciário.

Teoricamente, Deus tinha um sistema judiciário, em que os fracos e os justos ganhavam um lugar no reino dos céus. Em que os culpados pagavam por seus pecados eternamente. Mas a eternidade estava muito longe e a vingança parecia chocolate sobre a língua, o gosto doce, rico e ardente.

Frank viu Samuel em sua mente ao pressionar os dedos ainda mais. A cartilagem na garganta de Archer saltou e fez um clique, a respiração entrando com inspirações rápidas e penosas. Ainda assim, Archer suportava seu assassinato sem levantar um dedo para se proteger.

Sheila pressionou o joelho contra a parte baixa das costas de Frank e ele gritou de dor. Sheila aproveitou a abertura, puxando-o para trás e arrancando uma das mãos da garganta de Archer. Ela bateu com o quadril em Frank, que foi jogado contra a mesa de canto no mesmo instante em que Archer caiu de costas sobre a cama.

Sheila sacou sua .38 e ficou em postura, ambos os braços estendidos, as pernas separadas, a mandíbula tensa. Frank olhou para ela. Seu ombro latejava. Ele o ignorou e esfregou a cabeça.

— Você está bem, reverendo? — perguntou Sheila, sem afastar o olhar duro do rosto de Frank. Archer não respondeu.

— Reverendo McFall? — chamou ela, levantando o volume e o tom da voz. Ainda assim, ela não afastou o olhar de Frank.

O delegado tentou se levantar.

— Não faça isso, senhor — ordenou ela.

Archer levantou-se lentamente da cama atrás dela. Ele flutuou para cima sem dobrar as pernas. Como se Deus estivesse puxando fios invisíveis.

— Cuidado, Sheila — gritou Frank. — Atrás de você.

Ela deu a ele um olhar descrente, como se usar o truque mais velho de todos fosse prova da loucura dele.

Atrás dela, Archer voltou à vida completamente, a pele do pescoço intacta, o rosto contorcido.

Mudando.

O sorriso de Archer voltou, um corte recurvado de dentes brilhantes e afiados dos quais escorria o ódio. As asas enchiam o quarto atrás de Sheila,

abrindo-se e trazendo uma brisa à vida.

Algo se rompeu dentro da cabeça de Frank, alguma linha fina foi ultrapassada e seus pensamentos derramaram-se em lugares escuros, para onde pensamentos não deviam ir. Ele pulou sobre Sheila, mirando nos joelhos em um salto voador perfeito.

A arma dela disparou e o sangue se derramou, juntamente com os pensamentos dele.

***

Tudo aconteceu ao mesmo tempo, distorcido em câmera lenta, como se o filme da realidade tivesse escapado das engrenagens e emperrado o projetor.

Frank havia enlouquecido. Sheila não tinha a menor dúvida sobre isso. Atacar um suspeito daquele jeito, tentar estrangular Archer, tentar...

Ela ainda se sentia meio entorpecida, e não confiava muito em seus próprios pensamentos, mas estava agora agindo por instinto. Ela ouviu um sussurrar de movimento atrás de si ao mesmo tempo em que Frank pulou em seus joelhos.

Mirar para ferir em vez de matar também era instintivo, produto de horas incontáveis de treinamento. Ainda assim, ela ficou surpresa quando o revólver explodiu em seus ouvidos e fez um movimento brusco em suas mãos. Frank gritou de dor quando uma mancha vermelha se espalhou em seu ombro esquerdo. Frank bateu contra a mesa de canto, o abajur e a Bíblia caíram no chão, e a cabeça dele caiu da beira do colchão ao desabar no chão.

O cheiro de enxofre da pólvora chegou ao nariz de Sheila no mesmo momento em que ela se deu conta do que fizera. Ela atirara em Frank. Seu chefe e o homem que mais importava para ela no mundo estava sangrando no chão. E Archer estava rindo.

A fonte da gargalhada estava tão próxima que ela podia sentir o vento balançando seu cabelo. O hálito do pregador era frio em seu pescoço, causando calafrios gelados na espinha. Ou talvez fosse a natureza da gargalhada em si que dava calafrios. A voz quase não era humana, uma mistura de rugir de um animal e a gargalhada insana de um paciente do sanatório. Ou talvez a traqueia de Archer estava tão danificada que ele mal podia respirar. Era um milagre que ele conseguisse ficar em pé.

Ela deu um passo para trás e se virou para encarar Archer, esperando ver as manchas vermelhas de dedos em torno da garganta do pregador. Sheila quase deixou o revólver cair.

A coisa flutuando à sua frente não era real. *Não é real, não é real, não é real.* Ela havia enlouquecido, do mesmo jeito que Frank. Assassinatos demais para resolver, pouco sono, muita comida artificial, ela não deveria ter assistido *O bebê de Rosemary* quando era criança, era isso, era por isso que ela estava louca, e ela começou a rir de si mesma.

Porque isso simplesmente NÃO ESTÁ ACONTECENDO, essa coisa em asas e nada tão grande tem asas e ah minha nossa que DENTES grandes você tem, é para comer você melhor, minha nossa e meu Deus, seus OLHOS, o que fizeram com os seus OLHOS eles parecem carne cortada no balcão de um açougueiro e onde está Archer e haha como estou totalmente louca NÃO TEM PROBLEMA se eu atirar em você, especialmente se você não existe.

Sheila puxou o gatilho, o metal firme sob o dedo sendo a única ligação com a realidade. O .38 atirou uma segunda vez e a janela explodiu. Ainda assim, a visão impossível flutuava à frente dela, a face medonha brilhando com um sorriso úmido e sarcástico. Ela atirou novamente e Frank gemeu no chão. A mão do delegado segurou na barra da calça dela como se ele estivesse tentando se levantar.

— Boa tentativa — disse a coisa, só que agora ela usava a voz de Archer, e a carne estremeceu, mudou e voltou a ser o pregador. A roupa dele tinha três furos na altura do peito. Ele enfiou o dedo neles e sorriu. — Essa roupa custou três mil dólares — disse ele.

Sim, Juiz, eu juro falar a verdade toda a verdade nada mais que a verdade, se apenas eu conseguisse descobrir qual É, mas posso testemunhar que um Archer McFall se transformou em uma... uma COISA... sim, bem em frente a meus olhos, tinha dentes grandes e asas cinzentas e dava para sentir o cheiro podre de sua carne e... não, É CLARO que não entrei no quarto para coletar provas de drogas contrabandeadas, haha, só estou totalmente louca, só isso–

— E eu poderia ser um bom garoto, deitar e morrer, mas não é assim que funciona — disse Archer. — É, Frank?

O rosto de Archer mudou novamente, o corpo estremeceu e encolheu, e um garoto com cerca de 11 anos estava à frente dela, o cabelo penteado e os

olhos azuis faiscantes acima das bochechas cheias de sardas. Sob as sardas, a pele era pálida como leite. Uma toalha de praia estava amarrada em torno do pescoço e descia por suas costas como uma capa.

— Diga a ela, Frankie — disse o garoto com um sotaque das montanhas. — Diga a ela como tem que ser feito.

Frank encostou-se contra a cama, a mão direita pressionada contra o ferimento da bala, o braço esquerdo pendurado. — Suh... Samuel? — sussurrou ele, a voz rouca.

Sheila olhou incrédula de Frank para o garoto pálido e depois para o revólver na mão. Um pequeno fio de fumaça subia do cano.

Eu o matei, Juiz. Eu juro, com Deus como testemunha. Eu atirei em Archer e o matei, mas você sabe as regras. Inocente até prova em contrário.

— Diga a ela como funciona, Frankie — disse o garoto, os olhos escurecendo. — O que a lenda diz. O evangelho segundo o Pregador Enforcado.

— Sacrifício é a moeda de Deus — disse Frank em um sibilar entre dentes cerrados.

— E todos pagam — disse o garoto sorridente. O espaço entre os dentes da frente não ajudava a diminuir a corrupção do sorriso.

— Você não, Samuel — disse Frank, esforçando-se para ficar de joelhos. As lágrimas enchiam seus olhos. — Você é inocente.

O rosto do garoto mudou novamente, tornando-se a de um homem careca de meia idade com o suor se acumulando sobre o lábio superior. — Inocente até prova em contrário — disse ele. — Basta perguntar à sua amiga policial.

Storie reconheceu aquela voz, aquela que algumas vezes rastejava para dentro de seus pesadelos. *Ei, gostosa, você pode me prender, mas eu vou VOLTAR.*

Anos atrás, em Charlotte, ela não podia enfiar o cassetete no rosto do estuprador de menores e nem parar o carro e atirar na cabeça dele. Mas ela já era uma assassina agora, e uma vítima a mais não ia fazer diferença. Ela puxou o gatilho, e de novo, e de novo, e mais uma vez até que o gatilho bateu em um cartucho vazio. E ainda assim o homem lambeu os lábios e olhou para ela com malícia.

— Exceto que ninguém é inocente — disse o homem, mudando de forma novamente, ficando mais alto e se transformando em Archer McFall.

— O que você fez a Samuel? — gritou Frank.

— Eu já falei, não é o que *eu* fiz a Samuel — disse Archer. — É o que *você* fez.

Archer tocou no ponto da testa onde Sheila tinha mirado o revólver. — Nada mal — disse ele, em sua voz calma de evangelista da televisão. — Mas você tem alguns pecados profundos no coração, Sheila Storie. Se pelo menos você pudesse abri-lo e deixar que Deus entrasse, desistisse de seus problemas, encontraria o verdadeiro Caminho.

Sheila recuou tropeçando, para longe dessa visão insana, para longe do poço escuro de loucura que ameaçava engoli-la.

Se eu fechar os olhos, ela desaparecerá. Fundamentos da psiquê criminosa: "surtos psicóticos podem ser disparados por estresse emocional extremo, deixando a pessoa temporariamente afastada da realidade", isso, essa é boa, eu terei que me lembrar do que dizer a meu advogado de defesa, porque quando eu abrir os olhos, Archer McFall estará deitado morto no chão de um quarto de hotel no Holiday Inn, desarmado, com cinco buracos de bala no corpo.

E, com sorte, vou pegar de seis a dez anos por assassinato, mas tenho a impressão de que essa é uma sentença de morte. Inocente até prova em contrário? Que diabos, somos TODOS culpados, como o homem disse.

Ela sentou-se na cama, os olhos ainda fechados, o .38 nas mãos. Ela podia sentir o cheiro do sangue de Frank e de seu próprio suor. Uma brisa entrou pela janela quebrada, fazendo com que os pelos do pescoço se arrepiassem. Uma mão a tocou logo acima do joelho e ela ficou tensa. A voz de Frank penetrou no tecido bordado dos pensamentos dela. — Sheila? Você está bem?

— Ela viverá — disse Archer. — Pelo menos por enquanto.

As pálpebras de Sheila se abriram, apesar dos esforços de mantê-las fechadas. Archer sorriu para ela com a expressão mais benevolente e santa possível.

— Lamento por tê-la enganado mais cedo, detetive — disse o pregador. — Você não servirá a mim, nem a Deus, nem à igreja. Isso é só para as antigas famílias, certo, delegado?

Os lábios de Frank se apertaram, como se a raiva fosse rastejar por sua garganta e saltar de sua boca em garras afiadas, agulhas de fogo e lâminas de prata.

— Agora, se me permitirem, tenho uma congregação para cuidar. — Archer se virou e caminhou até a porta. Três furos formavam um triângulo na parte de trás do casaco dele. Archer abriu a porta e as colinas escuras estavam atrás dele, as luzes de segurança do estacionamento acesas. Um carro passou na estrada além do estacionamento. Uma sirene, provavelmente um carro de patrulha atendendo à denúncia dos tiros, apareceu por entre as montanhas altas.

— Vejo você na igreja, Frank? É o Terceiro Dia, você sabe. — Archer saiu para o crepúsculo e fechou a porta.

CAPÍTULO 19

Noite.

Ela caía sobre o mundo todo, espalhando-se e recobrindo as árvores, esmagando as montanhas, engolindo a luz fraca das estrelas. A noite se apertava contra a janela que sobrara no quarto e Ronnie sabia que ela estava igualmente espessa do lado de fora das paredes. A coisa mais assustadora sobre a noite era que ela sempre voltava. Você podia jogar a luz mais brilhante do universo sobre ela, fazer com que fosse embora, mas, no segundo em que desligasse aquela luz — *whoosh* — a noite voltava na mesma hora, mais escura do que nunca.

— Vamos ficar bem, não vamos? — perguntou Tim. Ele estava na cama de baixo, enrolado nos cobertores.

Ronnie assentiu na cama de cima, sem confiar na voz. Então ele se deu conta de que Tim não conseguia vê-lo, apesar de Papai ter deixado a luz acesa. Ele respirou fundo e falou. — Quantas vezes tenho que dizer a você que tudo vai ficar bem?

Sua raiva não tinha força alguma, como um ator ruim naquelas novelas vespertinas idiotas a que Mamãe costumava assistir, antes de entrar para a igreja vermelha.

— E a Mamãe?

Ronnie rolou na cama e colocou a cabeça sobre a beira. — Ela vai ficar bem. As coisas vão se ajeitar. Você vai ver.

— Eu não gosto quando eles brigam. — Disse Tim com os olhos meio apertados, pois havia guardado os óculos para dormir.

— Eles também não gostam.

— Então por que brigam?

Por quê? Essa era a grande pergunta, não é? Por que o Monstro do Sino queria comer o coração de Ronnie? Por que Mamãe teve que entrar para a igreja vermelha? Por que Melanie acabou sendo a rainha das garotas malvadas?

E sempre havia a pergunta ainda maior: por que Deus deixava que coisas ruins acontecessem? Deus deixara que Boonie Houck e o Sr. Potter e aquela mulher no lado da estrada fossem mortos. Ele até mesmo deixara as pessoas matarem Seu primogênito. Que tipo de Deus todo misericordioso era esse? Talvez Ronnie perguntasse isso ao Pregador Staymore, se tivesse sorte suficiente de sobreviver até a próxima reunião da escola dominical.

— Ronnie?

Ele se deu conta de que Tim estivera falando por pelo menos meio minuto, mas Ronnie simplesmente não prestara atenção. Era melhor manter o garoto ocupado para que não enlouquecesse de vez. — Estou ouvindo.

— Temos que dar a ela o que ela quer.

— Dar o que para quem? — perguntou Ronnie, apesar de saber exatamente sobre o que Tim estava falando.

— Para... você sabe.

— Sim, sim. A coisa com asas, garras e fígado nos olhos.

Tim puxou as cobertas até o queixo. Seus olhos estavam arregalados, os lábios tremendo com medo. Ronnie desceu de sua cama e deitou-se na cama junto com Tim.

— Não vou deixar que ela pegue você — disse Ronnie. — Não importa o que aconteça. Papai vai dar um jeito de derrotá-la.

Tim não parecia acreditar em Ronnie, mas não disse nada. Ele fechou os olhos e Ronnie contou a história da Bela Adormecida. Ele estava quase na metade da história quando Tim adormeceu. Ronnie ficou deitado ao lado dele, tentando achar um jeito de sair dessa confusão.

Então ele se deu conta, a revelação como uma adaga no peito: Deus estava colocando todas essas provações sobre Ronnie como algum tipo de teste. Se havia uma coisa que era bem enfatizada na Bíblia, era a de que Deus gostava de testar a fé de Seu povo. Jó, Daniel, Abraão, ora, que droga, até mesmo Jesus fora tentado pelo diabo, e, se Deus era todo poderoso, então com certeza Ele havia manipulado o diabo também.

Imagine só. Jesus era o filho de Deus, Sua carne e Seu sangue, Sua encarnação terrena, mas até mesmo Jesus tinha que se mostrar digno. E com Ronnie cometendo todos aqueles pecados do coração ultimamente, não era surpresa que Deus desejasse que ele passasse por algumas provações sérias. E essa era a coisa mais assustadora de todas.

Porque Papai dissera que, quando a noite estava escura, a dor era grande e, se você estivesse totalmente sozinho, devia virar os olhos para Deus, abrir o coração e deixar que Jesus entrasse nele. Você deixava Deus levar o medo embora. Você deixava que Ele cuidasse de seus problemas e afastasse seus inimigos. Mas, e se *Deus* fosse o inimigo? E se Deus fosse a fonte de seus medos?

Mesmo enquanto pensava nisso, ele sabia que estava errado. A ideia de Deus ser o bandido era terrível demais. Você tinha que ter fé. Se não tivesse, podia muito bem se enrolar como uma bola e deixar os Monstros do Sino do mundo devorarem suas entranhas. Podia muito bem afastar a pedra e caminhar direto para o inferno. Então, Ronnie tentou imaginar o rosto de Jesus que havia naquelas ilustrações coloridas da Bíblia, aquele homem com barba, cabelo castanho longo e olhos azuis amorosos e tristes.

Alguma coisa bateu contra o vidro.

Uma batida rápida na janela que ainda estava inteira, que não havia sido tapada com tábuas.

Pode ouvi-Lo batendo?

Ah, sim, Ronnie conseguia ouvir a batida. Só que não era Jesus. Era o Monstro do Sino, que voltou para terminar o trabalho.

Era isso que Deus queria — que Ronnie saísse da cama, abrisse a janela e se entregasse. Então os mortos ficariam mortos, os fantasmas ficariam no chão e Tim estaria salvo. E Ronnie teria passado no teste.

Ronnie quase gritou para chamar Papai, para que ele viesse com o rifle e matasse a coisa novamente. Mas de que adiantaria? Você podia matá-la um milhão de vezes, mas ela ainda voltaria, noite após noite, para sempre. Até que ela conseguisse o que queria.

Até que ela pegasse Ronnie.

Ele deslizou de sob as cobertas, olhou para o rosto relaxado de Tim adormecido e cruzou o quarto. Apesar de estar de pijama, ele estremeceu. A coisa bateu no vidro de novo e Ronnie ouviu sussurros rastejantes. Ele esperava que as garras fossem rápidas para que pudesse morrer sem dor.

Ronnie já tinha dor mais do que suficiente. O nariz quebrado, o hematoma no rosto onde Whizzer havia dado um soco, a pedra enorme em seu peito. Pelo menos, todas essas dores iriam passar. Logo Jesus viria, tomaria sua mão e flutuaria com ele até o céu, onde havia uma cura para todas as dores. Porque Ronnie acreditava.

Não acredita, Ronnie?

Ele deu outro passo trêmulo em direção à janela. Ronnie não conseguia ver através da escuridão além do vidro. Tudo o que conseguia ver era seu próprio reflexo e o quarto iluminado. Era melhor assim. Se visse o Monstro do Sino, ele gritaria, Tim acordaria, Papai viria correndo e o Monstro do Sino pegaria todos eles. Ou Papai mataria o Monstro do Sino e eles teriam que passar por tudo isso novamente, todas as noites, para sempre, até que Ronnie passasse no teste.

Então, ele puxou a tranca, prendeu a respiração e lentamente deslizou a janela para cima. Ela rangeu ao subir e o vento frio da noite entrou pela abertura, gelando sua barriga. Ele ficou tenso, esperando que as garras se enterrassem na barriga, os olhos fechados. Nada aconteceu, e ele ergueu a janela mais alguns centímetros.

— Ronnie — veio o sussurro.

Mamãe.

O alívio invadiu seu corpo, um calor similar àquele causado por Jesus entrando no coração. Mas o que Mamãe estava fazendo lá fora com o Monstro do Sino?

Confuso, Ronnie abriu os olhos. A luz do quarto iluminou o rosto de Mamãe. Ela não parecia nem um pouco assustada. Mamãe sorriu e colocou um dedo sobre os lábios. — Shh. Onde está seu pai?

Ronnie se inclinou até que a cabeça estivesse perto da dela. — Na sala. Ele acha que, desta vez, o Monstro do Sino vai entrar pela porta da frente.

— Vamos — disse ela, acenando para que ele saísse.

— Onde vamos?

— Para a igreja.

A igreja vermelha. À noite. Talvez Papai estivesse certo. Talvez Mamãe estivesse realmente louca.

— Pegue Tim — disse ela.

— Tim? — Ronnie olhou para o irmão. Tim resmungou, provavelmente por causa de um pesadelo. — Por que Tim tem que ir também?

— Ele tem o sangue. — Os olhos dela estavam estranhamente brilhantes. — Todos temos.

— E o Papai?

Ela estreitou os olhos. — Ele não é membro da igreja.

Ronnie começou a dizer que ele e Tim também não eram. Mamãe sorriu novamente, e era o sorriso da Mamãe antiga, aquele que dizia *Tudo vai ficar bem* e *Mamãe vai dar um beijo e vai passar* e *Eu amo você mais do que tudo no mundo.*

— Tenho medo da igreja vermelha — disse Ronnie.

Ela colocou os braços pela janela e gentilmente apertou seu ombro. — Querido, ela é tão maravilhosa. Você sabe como se sente bem na Primeira Igreja Batista?

Ronnie assentiu.

— Bem, essa é cem vezes melhor. É como ter Deus na mesma sala com você. É o fim da dor, o fim da raiva, o fim das preocupações terrenas. Nada além de paz eterna.

Estar na igreja vermelha estava começando a parecer muito com estar morto. Mas Ronnie pensou que, se fosse com Mamãe só dessa vez, ele poderia descobrir por que ela amava tanto aquele lugar. Além disso, ela não deixaria que nada acontecesse aos filhos. Ela protegeria Tim do Monstro do Sino e de outras coisas ruins, e ajudaria Ronnie a passar no teste.

Ele acordou Tim, colocando uma mão sobre a boca dele antes que gritasse. — Mamãe está aqui — sussurrou ele. — Temos que ir até a igreja.

Os lábios de Tim se moveram sob sua palma, e Ronnie retirou a mão. — Por que temos que ir à igreja? — disse ele sonolento.

— Por que vamos à igreja? — Porque *temos* que ir, é por isso. — Mamãe está aqui para nos levar até lá.

À menção de Mamãe, Tim acordou totalmente e sentou-se. — Ela está aqui?

— Ali na janela.

— Olá, querido — disse ela. — Agora apressem-se, antes que Papai escute. Não se preocupem em trocar de roupa. Não vamos ficar lá muito tempo. Basta colocar os sapatos.

— Não precisamos falar para o Papai? — perguntou Tim.

— Ele só vai ficar bravo, querido, e vai gritar comigo. Você não quer que ele grite comigo, quer?

Tim correu para a janela e a abraçou. Ronnie trancou a porta e os garotos calçaram os tênis. Depois, Ronnie ajudou Tim a sair pela janela. Ronnie o seguiu, dando um último olhar para o quarto iluminado antes de entrar na noite.

A sirene agora estava mais alta, mais próxima. Frank fechou os olhos e encostou-se contra a cama. Seu ombro latejava, mas ele ainda podia mexer os dedos da mão esquerda. Nenhum dano ao nervo principal, pelo menos que tivesse sido causado pela bala. Mas Archer McFall havia danificado seus nervos mais do que o suficiente.

Os dedos de Sheila exploraram a área em torno do ferimento. — Dói? — perguntou ela, a voz tão distante quanto estivera quando ele entrou no quarto do hotel. Ele pensou em fazer uma piadinha, como Bruce Willis em "Duro de matar", mas desistiu. Bruce Willis tinha um escritor para lhe dar as falas. Tudo o que Frank tinha era um balaio de pensamentos confusos e fios vermelhos de dor dentro do cérebro.

Ele gemeu e abriu os olhos. O rosto de Sheila estava pálido como o de um cadáver, tão branco quanto o de Samuel estivera.

Samuel.

A raiva e o ódio afastaram a dor de Frank. Aquele maldito do Archer havia matado Samuel. Seja quem ou o que fosse Archer, fantasma, demônio ou o melhor mágico maldito depois de Houdini, o "pregador" era culpado da morte de Samuel. E pelos longos anos de culpa de Frank.

— Sabe o que é engraçado? — perguntou Frank.

— Nada é engraçado — disse Sheila. — Eu acabei de atirar em você.

— Não, de verdade, isso *é* engraçado — disse ele. — Depois que você se livra de todas as velhas regras, de todas as coisas que achava que sabia e com as quais contava, consegue acreditar em praticamente qualquer coisa.

— De que diabos você está falando?

— Fantasmas. Archer McFall. Seja lá o que ele é, é real. Não é algum truque da mente, ou uma visão que deve se encaixar em suas teorias de psicologia criminal.

— Ele é real, com certeza — disse ela, apesar de soar meio incerta. Ela dobrou a colcha da cama para trás, puxou o lençol, rasgou uma longa faixa e a amarrou em torno do ombro e da parte superior do braço de Frank. Ele gemeu com a dor renovada.

— Droga, é só um ferimento superficial — disse ela.

— Isso é bom.

— Não, não é. Eu estava mirando no coração.

— Vou me lembrar disso da próxima vez que você ameaçar atirar em mim.

Ela terminou de amarrar a faixa quando o carro de polícia com a sirene ligada chegou em frente à porta. O carro parou com os pneus cantando e Wade Wellborn gritou do estacionamento.

— Delegado? Detetive Storie? — Ele tinha visto os carros deles.

— Está limpo, Wade — Frank gritou de volta.

Wade entrou correndo pela porta aberta, com a arma apontada para cima. — O que diabos aconteceu aqui? — perguntou ele, com os olhos arregalados.

— Tivemos o que você chamaria de um "incidente" — respondeu Frank. O sangue manchava o curativo improvisado, mas parecia que estava parando de espalhar. Sheila segurou o braço bom e ajudou-o a se levantar.

Enquanto lutava para manter o equilíbrio, ele disse: — Talvez tenha sido mais um "encontro" do que um incidente.

— Senhor? — disse Wade.

— Chame reforços. Depois fique aqui e cuide da cena do crime.

— Quem fez isso? — Wade olhou para o curativo, depois para a janela quebrada e para os furos na parede do quarto.

— Você terá que esperar pelo relatório do incidente, como todos os outros — disse Frank. — Nem eu mesmo vou saber o que aconteceu até que o tenha inventado.

Wade hesitou, com uma expressão confusa no rosto. Depois, ele obedeceu ao comando de Frank. Quando Wade deixou o quarto, Frank disse para Sheila: — Está a fim de um serviço na igreja?

— Eu não sei. Sempre pensei que acreditaria em fantasmas se eu os visse. Mas agora vi um, e ainda não sei se acredito nele.

— Você deve ter um pouco de fé, sargento.

— Fé?

— Sim. Eu lhe *disse* que a igreja era assombrada. Só não sabia qual era a assombração.

— E eu devia ter acreditado em você quando veio com aquela baboseira do Pregador Enforcado? — Sheila parecia estar se recuperando, emergindo do torpor e retomando sua entonação sarcástica. Frank ficou feliz de ver que ela tinha voltado a ser o que era. Ele até que gostava do que ela era. Talvez a Sheila de verdade não atiraria nele da próxima vez.

Eles saíram do quarto e Frank deu uma última olhada na mancha de sangue no carpete, na cama desarrumada, na Bíblia que estava no chão. — Você dirige — disse ele para Sheila.

— Sim, senhor.

— Pare de me chamar de senhor. Se vamos tentar matar um fantasma juntos, podemos muito bem nos chamarmos pelo nome.

Alguns dos hóspedes do hotel tinham deixado os quartos e estavam parados em grupos de dois ou três, sussurrando entre si no estacionamento. As luzes azuis refletiam-se nas janelas, somando-se à experiência desorientadora. O gerente noturno do Holiday Inn estava parado na extremidade mais distante do estacionamento, meio escondido atrás de uma coluna de concreto.

— Está tudo sob controle — gritou Frank.

— Não me parece tão sob controle assim — disse o gerente em uma voz meio esganiçada. — Onde está o Sr. McFall?

— Saiu mais cedo — respondeu Sheila. Ela sentou no banco do motorista de sua viatura e abriu a porta do passageiro para Frank. Enquanto ele entrava no carro e se sentava, Wade correu até eles.

— Onde vocês vão? — perguntou ele, com o rosto vermelho por causa do esforço.

— Seguir uma pista — disse Frank. — Passaremos os detalhes pelo rádio.

Sheila ligou o motor, deu marcha a ré e saiu do estacionamento. Quando eles estavam na rodovia, acelerando suavemente, Sheila tirou o revólver do coldre do ombro.

— Você não vai terminar o trabalho, vai? Atirar em mim de verdade? — perguntou ele.

Ela entregou a arma a ele. — Precisa recarregar.

— Por quê? Já sabemos que as balas não podem detê-lo. Ou detê-*la*. Seja lá o que for.

— Ainda há uma coisa chamada "procedimento correto". Pode ser a última coisa que eu faça de acordo com as regras. — Ela manteve a velocidade de oitenta quilômetros por hora, sem usar a sirene ou as luzes azuis. Ele observou o rosto dela enquanto dirigia.

Ele gostava dela.

Podia parecer loucura, mas ele gostava dela. Droga, o mundo inteiro estava meio doido, com suas igrejas assombradas, coisas que mudavam de forma, Pregadores Enforcados e delegados malucos. Por que ele não podia gostar de uma mulher com quem trabalhava há anos? E daí se ela atirara nele? Ele conhecia homens que tinham recebido tratamento pior.

Sheila olhou para ele rapidamente e deve ter visto a expressão estranha em seu rosto. Ela olhou novamente. — O que você está olhando?

— Você.

Ela deu um sorriso cansado. — Recarregue a arma, ok?

— Sim, senhora — disse ele, lutando para abrir a caixa de balas que ela jogara no banco. Ela saiu da rodovia e entrou em uma estrada estreita que era pavimentada, mas não tinha identificação nenhuma. Frank olhou para as estrelas fracas. Um nevoeiro alto cobria o céu e a lua, em seus três quartos, estava envolta em nuvens azuis logo acima das montanhas.

— Sheila? — disse ele, a primeira vez que dizia o nome dela em voz alta. Pelo menos para ela. Ele experimentara dizê-lo algumas vezes, em seu pequeno apartamento, naquelas horas entre um pesadelo e outro.

— O quê? — disse ela.

— O que vamos fazer quando chegarmos à igreja vermelha?

— Você é o delegado — disse ela.

— Quero dizer, como se mata um fantasma?

— Boa pergunta — disse ela.

Eles continuaram em silêncio enquanto Frank retirava desajeitadamente as balas usadas e recarregava o revólver usando a mão boa. Ele a devolveu para Sheila.

— Sente-se melhor? — perguntou ele depois que ela colocou o revólver de volta no coldre.

— Não — disse ela. — E você?

O ombro ainda latejava com cada batida do coração, mas a dor era apenas uma distração secundária agora, ruído mental sem importância. — Vou sobreviver. Mais ou menos.

A voz da despachante soou no rádio. — Base para Unidade Dois. Responda, Unidade Dois.

Frank desligou o rádio.

Sheila olhou para ele, as mãos ainda apertadas no volante. — Vamos fazer isso sem reforços então?

— Parece que essas são as regras.

A próxima pergunta dela fez com que ele prendesse a respiração. — Você acredita em Deus?

— Claro — respondeu ele, sem pensar. — Jesus é nosso Senhor e Salvador.

— Não — disse ela. — Eu quero dizer, acredita *de verdade*?

— Olha, se você acha que Archer é o diabo e que essa é a última batalha entre o bem e o mal...

— Não seja idiota, Frank.

— Não acho que seja tão simples assim — disse ele. — Eu quero dizer, Deus é bom e o diabo é o mal. Um é certo e o outro é errado. Já ouviu alguma outra coisa que tenha sido definida tão claramente?

— Bem, somos apenas humanos — disse ela com algum sarcasmo. — O que nós sabemos?

— Archer diz que é a própria carne que leva ao pecado — disse Frank, imaginando de onde tinha saído aquela pequena pérola de sabedoria. — O coração é puro, mas a carne nos mete em encrencas.

— Archer diz um monte de coisas. — Sheila diminuiu a velocidade e entrou na estrada de terra que levava a Whispering Pines. O rio brilhava mais abaixo, o prateado do luar refletido na superfície. Depois de uma curva, o formato escuro da igreja apareceu na colina acima deles.

— Lá vamos nós — disse Frank, a voz meramente audível acima do ruído das pedras sob as rodas.

— Qual é o plano?

Frank olhou para os longos dedos escuros do álamo, para o campanário negro, para os ossos brancos dos túmulos. Algumas pessoas se moviam perto da igreja e havia carros estacionados no caminho. O grupo de Archer estava se reunindo.

— Se eu encontrar um plano, você será a primeira a saber — disse ele.

Aconteceu tão rapidamente que parecia que estava em câmera lenta.

Ele gritou, Sheila freou e o carro deslizou de lado. Os cotovelos dela se moviam rapidamente enquanto ela tentava controlar a direção, procurando desviar do garoto parado no meio da estrada. Isso fez com que Frank batesse contra Sheila e ela perdeu o controle. O carro deslizou pelas pedras soltas até o barranco de terra fofa e escorregou até o rio negro abaixo.

A cabeça de Frank bateu contra o painel e depois contra o teto, e ele tentou segurar Sheila enquanto o metal se retorcia, o vidro estilhaçava e o mundo girava. À medida que seus pensamentos se transformavam em preto e azul, ele viu novamente a imagem de Samuel na estrada, os braços abertos em boas-vindas, vermes rastejando em seu sorriso.

Depois disso, veio a escuridão molhada.

CAPÍTULO 20

— Onde está seu carro? — perguntou Mama Bet na penumbra da sacristia. Não que um carro importasse muito para ela, mas poucos por aqui tinham criado um filho que tivera sucesso no mundo. Talvez ela sofresse do orgulho pecador, mas um carro de luxo chamativo dizia claramente: *Eu posso me orgulhar*. Logo, carros, orgulho e coisas desse tipo não iam importar, mas não fazia mal se agarrar às pequenas alegrias da vida enquanto podia.

— Não vou precisar de um carro no lugar para onde eu vou — disse Archer. — Para onde *nós* vamos.

Archer acendeu uma vela. Uma fumaça com cheiro de cera misturou-se com o aroma da comunhão. Os murmúrios reverentes da congregação enchiam o salão de madeira da igreja, a antecipação no ar tão densa quanto moscas sobre um cadáver.

A roupa de Archer estava um pouco amassada. Mama Bet franziu o rosto e ajeitou a gravata dele. Um messias tinha que estar com sua melhor aparência. As pessoas não se convenciam com uma aparência qualquer.

— Você vai me fazer caminhar até o reino com esses velhos pés cansados? — tentando provocar um sorriso em Archer. Ele era tão sério o tempo todo.

— Cada um de nós precisa fazer o sacrifício — disse ele.

Mama Bet ajeitou os ombros para que o laço do colarinho do vestido parasse de provocar coceira no pescoço. — Acho melhor começarmos.

— Sim... você vai na frente. Dê-me um momento para a comunhão com o Deus Pai — disse Archer, sem nenhum traço de ironia.

Essa era uma parte da história toda que preocupava Mama Bet. Ela finalmente ficaria frente a frente com aquela coisa baixa e traiçoeira. Aquele que plantara a semente e a deixara com toda a dor e as provações de criar um messias. Bom, Ele não podia reivindicar nenhum dos benefícios. Fora *ela* quem tivera que tomar as decisões difíceis, fazer os sacrifícios,

aguentar as fofocas. Mesmo que a recompensa do céu fosse enorme, ela ainda sentia que merecia um pouco mais.

Talvez, por exemplo, ver Deus se ajoelhar e implorar pelo perdão dela.

Ela sorriu diante da imagem, apesar de não ter uma visão clara da aparência de Deus. Ela se lembrava daquela noite com um prazer cheio de suor, mas a carne Dele fora úmida e fria como argila. Ela não havia olhado para o rosto Dele, mas sentira sua boca pegajosa no pescoço, nos ombros, nos seios. Mama Bet estremeceu com uma mistura de prazer e repulsa.

Todos conheciam o ditado do Velho Testamento, "olho por olho". Mas nem todos conheciam a parte que vinha depois, o versículo favorito de Mama Bet: "Golpe por golpe, queimadura por queimadura."

Você recebia o que estava em seu caminho, o que estava escrito, a coisa exata que merecia. Essa era a melhor coisa sobre Deus. Ele era justo. O que você plantava no mundo, Ele dava de volta, de novo e de novo, pela eternidade.

E o coração dela inchou de orgulho ao pensar em seu papel, no papel de Archer. Eles estavam fazendo o trabalho sagrado. Nada tão comum como cumprir uma profecia, mas estavam guiando as pessoas para o Verdadeiro Caminho. Cada maluco que segurara uma faca diante de uma criança alegara ter comunicação direta com Deus. Mas Archer era a coisa real, o Segundo Filho, carne de Deus.

Ela parou na beira da sacristia. Archer estava com a cabeça abaixada, os olhos fechados, as velas lançando uma luz dourada sobre seu rosto pacífico, o marrom profundo das paredes de madeira ocupado com as sombras. A beleza da cena trouxe lágrimas a seus olhos. Ela podia desistir dele.

Vê, Deus, como sou forte? Eu sei que Você precisa levá-lo, assim é o Caminho e a Palavra. Mas espero que Você tenha alguma ideia da dor que isso me causa. Se eu não soubesse que a pedra logo será afastada para sempre, eu me jogaria aos pés de Archer e não o deixaria terminar.

Então, Mama Bet se deu conta de que ela não havia sido totalmente verdadeira com Deus. Ela estava mesmo ansiosa pela purificação. Claro, a maioria dos tolos que tinham fofocado sobre sua gravidez inesperada estavam mortos há muito tempo, sob a terra fria e a grama molhada do cemitério. Mas ela tinha a sensação de que aqueles mortos ainda não tinham partido da floresta. Eles ainda tinham um papel no plano de Archer. Archer enfiaria suas garras neles, de um jeito ou de outro.

Que assim seja, amém, ela terminou em silêncio, como uma desculpa para Deus. Só para garantir, caso Ele ainda guardasse algum rancor. Ele tinha uma excelente memória, isso era claro. Toda a história da raça humana era um sofrimento sem fim.

Ela abriu a porta e passou para o santuário da igreja. Os murmúrios cessaram e, logo em seguida, recomeçaram quando os paroquianos viram que não era Archer. Ela olhou para a forma escura nas tábuas do altar, viu que ela havia crescido e ficado mais nítida, que o Anjo da Morte estava quase formado. Só um pouco mais de sangue e ele estaria completo. Mama Bet ergueu a saia para que a barra não arrastasse no chão, ergueu o queixo orgulhosamente e atravessou a plataforma para chegar a seu lugar na primeira fila.

Cerca de trinta fiéis estavam reunidos. As velas montadas na parede banhavam seus rostos em sombras instáveis. Mama Bet ficou feliz ao observar que os Absher ocupavam o banco da segunda fila, com Sonny parecendo desconfortável em uma camisa abotoada de cima abaixo e com uma gravata borboleta. Becca Faye estava sentada ao lado dele, a barra da saia mostrando os pilares de sua carne. Pelo menos a vadia desleixada usava um sutiã, mesmo que fosse um daqueles que pressionavam os seios para cima, fazendo com que a mulher parecesse mais dotada do que era apropriado.

Becca Faye estava perdendo tempo. Archer não precisava de tais ofertas e Mama Bet não o deixaria provar dos frutos do mal mesmo que ele quisesse. Sonny podia babar em cima daquela vagabunda o dia inteiro, mas ele pagaria eternamente pelo privilégio, talvez com a língua, talvez com os olhos, talvez com outras coisas, de acordo com a vontade de Deus.

— Não sei por que temos que aguentar essa bobagem — murmurou Sonny, alto o suficiente para que Mama Bet ouvisse. — Tenho coisas melhores a fazer do que ficar aqui à toa com vocês tementes a Deus.

— Shh — disse Becca Faye rindo. Haywood limpou a garganta desconfortavelmente.

Mama Bet virou-se e olhou dentro dos olhos oleosos de Sonny. — É melhor abrir essas orelhas grandes, moço — disse ela. — Você não consegue muitas chances de salvação nesta vida. Então é melhor estar pronto quando a luz brilhar sobre essa sua cabeça burra.

Becca Faye olhou em volta nervosamente, como um gato encurralado, um traço de medo se misturando com o perfume barato, comprado em uma loja de departamentos, e que provavelmente se chamava Flor da Paixão, Prados Selvagens ou algo parecido. Os olhos de Sonny brilharam ferozes.

— Não fui eu quem pendurou Wendell McFall — disse ele. — Não foi nenhum de nós. Então por que temos que pagar por isso?

Mama Bet balançou a cabeça, a boca enrugada com um sorriso cansado. — Você não ouviu uma palavra do que Archer disse. O sacrifício é a moeda de Deus. E não é sacrifício se tudo o que você está pagando é o que deve. Não, você tem que pagar *mais* do que deve.

Haywood tentou mudar de assunto. — Vocês ouviram falar sobre o carro que saiu da estrada? Jim Potter disse que ele simplesmente virou para o lado sem motivo nenhum. Provavelmente um bêbado ou algo parecido.

— Ninguém foi ajudá-los? — perguntou sua espora Noreen.

Haywood olhou para ela friamente. — Eles não são das antigas famílias, então o que importa? — Ele disse ainda, como se para si mesmo: — Será que eles tinham seguro?

Mama Bet olhou além deles para as outras fileiras, para Alma Potter, Lester e Vivian, para Stepford Matheson, os Buchanan na fileira de trás, de onde o cheiro de celeiro mal chegava até ela, Whizzer mascava quieto a ponta de um cigarro pela metade. E do outro lado da nave, ah, sim, lá estavam eles.

A família Day, menos o bisbilhoteiro do David, os garotos inquietos e com olhos arregalados, a mãe com o brilho do orgulho esperançoso.

Ele estava lá, aquele de quem Archer precisava.

Um calor se espalhou do peito de Mama Bet para o resto do corpo. Deixe que a purificação comece.

***

Escuridão gelada de um caixão.

Pairando na escuridão além. Tão fácil.

Tão frio.

No velório de Samuel, Frank havia tocado na mão do irmão menor. Samuel parecera perdido nas dobras esplêndidas do caixão, com a pele um pouco rosada demais, as bochechas afundadas. Os lábios estavam

artificialmente vermelhos, um tom que nunca tiveram em vida. Mas pior do que aquele sorriso interrompido, era a frieza da pele de Samuel, mais fria do que o ar de novembro, mais fria do que o mármore nas sombras.

Aquele mesmo frio abraçava Frank agora. Ele fluía por suas veias, prendia-o em seu embotamento chocante, envolvia-o em seu manto de amortecimento. Ele estava vagamente consciente das correntes ao seu redor, a água suavemente rodopiando na pele. O rio murmurava em seus ouvidos, dizendo a ele para se deixar levar, para se render, se entregar ao abraço do longo sono.

Anos se passaram naquele estado quase perfeito, anos nos quais Frank se lembrava da aspereza das mãos de seu pai, cheias de calos e rachaduras por causa do trabalho na fazenda, mãos que podiam quebrar um galho grosso de acácia se fosse preciso. Aquelas mesmas mãos tinham se juntado sob o queixo, em uma oração desolada, no funeral de Samuel. Uma semana depois, aquelas mesmas mãos tinham criado uma corda grossa e feito um laço em uma de suas pontas. Depois, o dono das mãos juntou-se a seu filho mais novo no que quer que havia depois da vida e que cada um deles merecia.

E a mãe de Frank os seguiu seis meses depois. Ela também se matara, mas não fora covarde ou corajosa o suficiente para tomar um caminho direto como o marido. Não, ela fora sutil. Ela se encaminhou para a escuridão esmaecendo um pouco de cada vez, perdendo o apetite, a saúde e a alma para a grande erosão da apatia. E somente Frank continuara, o peso de todas essas mortes sobre os ombros, esmagando-o com o peso de uma cruz, a culpa uma pedra fria e constante dentro do coração.

E agora ele os seguira até a escuridão. Frank quase podia ouvir seus sussurros, chamando-o a avançar, puxando-o cada mais fundo para dentro do frio entorpecedor. Eles estavam esperando.

Ele quase sorriu em seu sono. Tantos anos de espera, tantos anos mais de jornada à frente.

Mas o que estaria aguardando?

A luz brilhante do céu, como prometido por seus pais, pelo pregador batista e praticamente por todos no Condado de Pickett.

Mas se o céu era brilhante, aconchegante e acolhedor, então a mudança deveria começar a ocorrer a qualquer momento. Porque, se Deus e Jesus queriam a eternidade de adoração que mereciam e exigiam, então eles

estavam se privando da servidão de Frank com esse purgatório escuro prolongado. Esse flutuar frio e pacífico. Esse sufocamento lento.

Ele tinha consciência de mãos que o buscavam, mãos mais escuras do que a escuridão, mãos gentis. Frank relaxou, feliz pelo término desse fim temporário. Ansioso pelo céu. Ansioso pelo amor, pela luz e pelo calor.

E, então, as mãos agarraram seu ombro ferido e ele gritou na escuridão.

Seus olhos se abriram para o molhado, e ele se deu conta de que estava debaixo d'água. E ele se lembrou do acidente. Frank lutou contra a corrente à medida que os anos em que passara flutuando se transformaram em segundos caóticos de dor e desespero. Seu corpo estava preso no carro submergido.

As mãos em seu ombro...

Sheila.

As mãos desceram em seu braço e Frank parou de lutar, notando que ela estava tentando ajudá-lo. O cinto de segurança afrouxou em seu peito. Ele tentou alcançá-la, os dedos tocaram no cabelo macio que flutuava e, então, ela sumiu.

Frank piscou na escuridão, os braços entorpecidos pelo frio intenso. A mão direita encontrou a porta e a abertura do vidro quebrado.

A água inalada queimou seus pulmões enquanto ele saía pela janela. Um pequeno bolsão de ar no peito disse a ele em que direção estava a superfície. Frank lutou, indo em direção a ela.

O carro havia caído em uma parte mais funda do rio, onde a corrente era mais lenta, mas o peso do uniforme molhado limitava seu progresso. Explosões brilhantes e pontos laranja fluorescentes surgiram por trás das pálpebras enquanto ele se esforçava para subir. Finalmente, ele atravessou a pele do rio, os pulmões ardendo ao sorver o ar da noite.

O ar tinha gosto de barro e peixe. Ele cuspiu para limpar a boca e respirou fundo novamente. A corrente o jogou contra uma pedra, depois outra, o sussurrar do rio como um leve ruído de fundo.

Sob o luar, ele viu a cicatriz na terra e a vegetação amassada onde o carro havia caído pelo barranco. Ele se virou dentro d'água, procurando Sheila. Nada além de pedras escuras e o fósforo branco da corrente.

Ele cuspiu novamente, respirou fundo e nadou em direção a dois traços de luz amarela que ondulavam no rio como fantasmas.

A corrente o levou para longe das luzes sob a água. Ele nadou freneticamente em direção à praia até que os pés encostaram no fundo, e depois caminhou novamente contra a corrente, com os dentes batendo. Ele estivera fora d'água por quase um minuto. Será que Sheila conseguia segurar o fôlego por tanto tempo?

Quando chegou ao ponto em que o carro afundara, ele mergulhou de cabeça. Sua mão encostou em algo metálico e ele abriu os olhos. A julgar pela posição dos faróis ainda ligados, ele estava no teto do carro. Ele deixou a corrente arrastá-lo para o lado do motorista. Por sorte, o carro havia parado praticamente plano no leito do rio, então não havia perigo de a porta estar emperrada.

Frank forçou-se a ir mais fundo, os pulmões já pedindo oxigênio e nitrogênio. Ele encontrou a maçaneta, abriu os olhos novamente e pensou ter visto uma sombra no banco dianteiro. Mas a água estava escura, tão escura quanto aquele sonho que tivera sobre a morte.

Ele puxou a maçaneta para cima e a porta se abriu, liberando milhares de bolhas de ar. Ele colocou o braço dentro do carro, sentiu o vinil do banco, o volante torto, o cinto de segurança boiando livremente.

Frank foi mais fundo, mantendo-se suspenso na água fria com a mão esquerda no chassi. Ele a encontrou jogada no banco, as pernas balançando com a água.

Por quanto tempo ela estivera aqui embaixo? Ela conseguira subir à superfície e depois voltara para resgatá-lo? Ou ela estivera submersa o tempo inteiro? Frank estava perdendo a conta do tempo, seus pensamentos vagos por causa da falta de ar, mas sabia que eles estavam em apuros.

Ele entrou na cabine, indo em direção ao corpo dela. Colocando o braço em torno de Sheila, ele a empurrou em direção à porta. Seu joelho bateu na direção e a buzina emitiu um som patético dentro d'água. Ele puxou novamente e a corrente os empurrou para fora do veículo. A ânsia de vômito e o medo forçaram a boca de Frank a se abrir, e uma água lamacenta e ácida passou por entre seus dentes.

Ele girou preguiçosamente, de forma meio acrobática com Sheila nos braços, e pensou nas sextas-feiras à noite quando ele ia ao bar, mas nunca tivera uma parceira tão graciosa. Ele quase riu. Sufocando no rio de Potter's Mill, com o fantasma de seu irmão morto esperando por eles na estrada, com a igreja vermelha agora pertencendo ao pesadelo que habitava a carne

temporária de Archer McFall, com tudo o que ele considerara como são, certo e normal agora tão distante quanto o ar da noite lá em cima, ele finalmente encontrara uma parceira de dança.

Pelo menos vou morrer nos braços de alguém, e não sozinho como sempre achei que aconteceria.

E ele quase desistiu novamente, quase abriu a boca e deixou o rio cantar sua música, quase deixou a escuridão fria envolvê-los e levá-los para o mar sem fim. Mas ao pensar nisso, quando ele se deu conta de que a vida toda não passa diante de seus olhos quando você está prestes a morrer, só o finalzinho dela, ele imaginou Sheila. Ele a viu por trás da mesa, ele parado à sua frente, explicando a ela por que desistira.

Um pouco de dor? diria ela. *Você estava com frio e cansado, e só queria descansar? Era mais fácil desistir do que enfrentar um mundo em que as coisas tinham virado de ponta cabeça, onde os espíritos caminhavam, carros de luxo eram dirigidos por coisas que mudavam de forma e você tinha que encarar sua culpa personificada bem dentro dos olhos? Você desistiu de mim, desistiu de você, desistiu de nós, só porque não tinha fé?*

E a raiva imaginada que exalava dela inundou seu peito molhado e escaldante, acendeu um fogo dentro dele e *o* deixou furioso. Frank chutou até que os pés conseguiram se firmar. Seus braços seguraram Sheila firmemente em volta da cintura enquanto subiam.

Ele rezou silenciosamente ao avançar, apesar de não conseguir decidir para quem enviar as preces ou o que pedir nelas. Seus braços e pernas estavam tão entorpecidos que ele nem tinha mais certeza se Sheila ainda estava com ele. Poderia facilmente ter sido um pedaço de madeira encharcado.

E então eles chegaram à superfície, o ar tão doce quanto uma fruta madura, a lua acolhedora como um sorriso, milhões de bolhas no rio sussurrando contentes nos ouvidos de Frank.

Ele inclinou a cabeça de Sheila para trás para que a boca e as narinas ficassem fora d'água e eles nadaram e boiaram em direção à areia no raso. Frank carregou Sheila para uma pedra grande e plana e a deitou gentilmente de costas.

Como parte da certificação de policial, ele aprendera técnicas de ressuscitação. Ele se inclinou sobre o rosto dela, pronto para segurar o

nariz, forçar o ar para dentro dos pulmões, colocar as mãos dentro da blusa dela e fazer massagem cardíaca.

Mas, subitamente, ela tossiu, cuspiu e um fluido viscoso claro saiu de seu nariz. Ela tossiu novamente e Frank chamou seu nome, virando-a para o lado para que não engasgasse. A pele dela estava branca sob o luar, quase brilhando na palidez exangue.

— Sheila? — chamou ele novamente, mais alto dessa vez para que sua voz superasse o barulho da água do rio. Seus olhos estremeceram fracamente e ela tossiu de novo. Em seguida, seus olhos se abriram totalmente e ela se apoiou em um dos ombros, a água escorrendo dos cabelos para a pedra cinzenta.

— F-frio — disse ela, batendo os dentes. Isso lembrou Frank do frio que ele sentia, penetrando nos ossos como uma dor de dente. Mas ele afastou o desconforto diante desse milagre. Por quanto tempo ela estivera aqui embaixo? Dois minutos? Três? Cinco?

— Você está bem? — perguntou ele, sabendo como suas palavras soavam idiotas enquanto falava.

— Da próxima vez... que me levar para nadar... — disse ela, ofegando, a garganta rouca por causa da água — podemos ir a... uma piscina aquecida?

Ela se sentou, colocando os joelhos contra o peito e abraçando-os. Seu corpo tremia e Frank encostou-se nela, mesmo tendo pouco calor a oferecer.

— Você salvou minha vida — disse ele. Era bom tê-la nos braços, mesmo com a pele fria.

— Não... *você* salvou *minha* vida — disse ela. Os ombros dela subiam e abaixavam com a respiração profunda uniforme. Ela estava se recuperando rapidamente.

Rapidamente demais.

Devia ter um bolsão de ar preso no carro, talvez perto do para-brisa onde a cabeça dela estivera. Era a única explicação. Isso, ou talvez Deus realmente existisse, orações algumas vezes *fossem* atendidas, milagres acontecessem às vezes.

Frank olhou para o mar profundo e escuro que era o céu lá em cima, para as estrelas azuis e brancas brilhantes que se estendiam por toda a eternidade. Em seguida, ele cuspiu na água escura para remover o gosto de lama do rio que tinha na boca. Claro, Deus simplesmente resolveu largar

Seu trabalho constante de manter as estrelas brilhando para salvar um ser humano. Que piada.

Deus não se importara em salvar Samuel, nem o pai e a mãe de Frank. Ele não salvara Boonie Houck, Zeb Potter nem Donna Gregg. Droga, se fosse pensar bem, Ele não tinha salvado nem o próprio filho, Jesus. Deus era frio e desinteressado, tão distante quanto o azul por trás das estrelas. Deus não merecia nem o ódio de Frank, só a apatia que Ele mostrava para com quem O amava. Frank cuspiu uma vez mais e voltou sua atenção para Sheila.

— Estamos mortos? — perguntou Sheila, os olhos brilhando com energia, com o velho sarcasmo e, talvez, com aquele brilho que só aparece para quem viu o fim da luz da vida.

— Não, mas você vai ter que preencher tanta papelada que vai desejar estar — disse ele. — Você destruiu um carro da polícia do Condado de Pickett e os contribuintes vão querer uma explicação.

— E o pior de tudo é que você não está brincando — disse ela, seguido de uma risada que se transformou em um acesso de tosse.

— Esse Frankie, sempre tão engraçado — veio uma voz das sombras ao longo do leito do rio.

A temperatura do sangue de Frank pareceu ter caído imediatamente a zero. Sheila ficou tensa sob o abraço dele.

Uma forma nebulosa saiu de trás das árvores escuras.

— Samuel? — disse Frank.

— Pensei que você ia ser batizado de verdade dessa vez — disse o garoto morto. — Alguém lá em cima deve gostar muito de você.

Com frequência, Frank sonhara com as desculpas que desejaria poder pedir a Samuel, todas as formas pelas quais poderia consertar as coisas, uma centena de formas de dizer que sentia muito. Mas agora que tinha a chance, tudo o que conseguia era responder tolamente ao fantasma do irmão. — Você quer dizer Deus?

A risada de Samuel se espalhou pelo rio como uma bruma.

— Não — respondeu a voz vazia. O fantasma virou a cabeça em direção à colina, onde as luzes laranjas das janelas da igreja brilhavam por entre as árvores. — Eu quero dizer Archer McFall. Aquele que possui Deus.

— Samuel? — Frank levantou uma mão trêmula como se fosse tocar a coisa que não podia estar lá, que não podia existir. — É realmente você?

— O que sobrou de mim.

Sheila apertou o braço de Frank. Frank queria perguntar tantas coisas a Samuel. Mas o irmão morto falou antes que ele pudesse pensar em alguma coisa para dizer.

— Por que você me deixou morrer, Frankie? — Os olhos vazios se tornaram parte da noite maior. A forma difusa do fantasma tremulava como se estivesse lutando contra o vento. Logo depois, o fantasma se virou.

Samuel subiu flutuando o barranco e desapareceu entre as pedras. Frank levantou-se, as roupas molhadas o abraçando como uma segunda pele. Ele devia seguir. Ele sabia disso com tanta certeza como sabia que todas as estradas de sua vida levavam à igreja vermelha, levavam de volta àquela noite de seu maior fracasso, levavam em direção a Archer, ao Pregador Enforcado e ao Monstro do Sino com sua risada de halloween. Com tanta certeza como sabia que mesmo os mortos não podiam descansar em paz. Até que Archer disse que podiam.

E a coisa por trás de Archer?

Ela tinha um nome, ou ela tinha seu próprio Archer, seu próprio Deus a quem obedecer?

Não importava. Tudo o que importava agora era a chegada da meia-noite. Ele segurou a mão de Sheila e ajudou-a a se levantar. Sem uma palavra, eles começaram a subida até a igreja vermelha.

CAPÍTULO 21

O nariz de Ronnie doía.

Não era uma dor tão forte que afastasse o latejar na lateral da cabeça, onde Whizzer havia batido, mas era ruim o suficiente. Whizzer olhou friamente para ele quando a família Day entrou na igreja, e tinha até mesmo tentado se levantar, mas um de seus irmãos idiotas o havia segurado. Whizzer sorriu com a guimba de cigarro na boca com uma expressão que dizia *Pego você depois da igreja*.

Ronnie mostrou a ele um dedo escondido e seguiu Mamãe para a segunda fila. Tim sentou-se entre Ronnie e Mamãe, olhando em torno da igreja com uma expressão maravilhada. Não era difícil impressioná-lo. Ronnie havia estremecido um pouco ao subir os degraus da igreja, mas, agora que estava lá dentro e podia ver que era uma igreja como outra qualquer, só um pouco mais antiga, ele conseguiu combater o medo.

Ele reconheceu a maioria das pessoas na igreja, apesar de não saber os nomes de todos. Lá estava sentada a assustadora Mama Bet McFall, que havia ido na casa deles na semana passada para vender a Mamãe alguns jarros de quiabo em conserva. Qualquer pessoa que comesse quiabo, ainda mais em conserva, tinha que ser meio pancada. Além disso, ela era a mãe de Archer McFall, e Ronnie sabia que Archer tinha alguma coisa a ver com o problema entre seus pais.

— Fique quieto — sussurrou Mamãe para Tim, que estava balançando as pernas para a frente e para trás em empolgação. Ele recostou no banco, manteve-se quieto por cerca de vinte segundos e começou a balançar as pernas novamente.

Ronnie olhou para Mamãe. Ela parecia feliz, os olhos brilhando à luz das velas, um leve sorriso enrugando os cantos da boca. Mamãe não havia sorrido tanto há anos, nem mesmo na Igreja Batista, quase nunca em casa, nem mesmo na festa da escola quando Papai a tirou para dançar. Mas agora ela estava feliz, as mãos sobre o coração como se fosse enfiá-las no peito para arrancá-lo e entregá-lo.

Os outros paroquianos sussurravam entre si, tão agitados quanto Tim. Alguma coisa estava acontecendo. Dava para sentir no ar, como uma pequena dose de eletricidade, parecido com o choque que você levava quando tocava em um fio ligado aos dois polos da bateria de um carro. Não era forte o suficiente para machucar, mas era o bastante para deixá-lo inquieto.

Parecia uma daquelas curvas. Ronnie não gostava de ter tantas curvas saltando à sua frente em um período tão curto. Se você se virasse para muitas direções diferentes, acabaria envolto em nós e não saberia mais para onde estava indo.

Mama Bet virou-se no banco e sorriu para os Day. Faltavam três de seus dentes e o sorriso parecia o de uma abóbora de halloween mal-feita. — Que bom que pôde vir hoje à noite, Linda — disse ela, as palavras líquidas e rabugentas.

— Não perderia por nada nesse mundo — disse Mamãe, sorrindo daquele jeito vazio e satisfeito.

— Vejo que trouxe os garotos. — Mama Bet acenou com a cabeça para Ronnie e estendeu a mão para bater de leve na cabeça de Tim. — Pequeno Timothy Day. O que você acha da igreja?

Tim afastou-se daqueles dedos encurvados e balançou a cabeça de um lado para o outro como se estivesse tentando se esconder do toque dela. — Não é tão assustadora — disse ele com aquele ar desafiador de um garoto de nove anos de idade. — Disseram que era assustadora.

Os olhos de Mama Bet se estreitaram e alguns dos Matheson na outra ponta do banco pararam de sussurrar para olhar.

Tim continuou. — Quer dizer, ela é para ser assombrada, mas é que nem a Igreja Batista, só que tem um cheiro esquisito. Como cera, carne velha e —

Ronnie deu uma cotovelada em Tim.

— Sua mãe trabalhou muito nela — disse Mama Bet. — Limpou-a muito bem, junto com algumas outras pessoas. Deixou-a à altura da glória de Archer.

Ronnie franziu o rosto. A glória de Archer? Na Igreja Batista, eles sempre falavam sobre a glória de Jesus e de Deus. *Pessoas* não deviam ser glorificadas, pelo menos não até que morressem. Mas aqui estava Mama

Bet falando coisas erradas bem no meio da igreja. E Deus não saiu do nada para atingi-la na cabeça.

O sorriso de Mamãe esmaeceu. — O que há de errado, querido? — ela perguntou a Ronnie.

— O Pregador Staymore diz que tudo é para a glória de Jesus.

Mamãe e Mama Bet riram em uníssono.

— Essa igreja é um pouco diferente — disse Mamãe.

— Você quer dizer como os metodistas e os católicos e todas aquelas outras pessoas que Papai diz que não sabem de nada? — perguntou Tim.

— Mais ou menos isso, sim — disse Mamãe. — Só que aqui, quando passam o prato, você retira, em vez de ter que dar.

— Legal — disse Tim.

Ronnie tinha uma sensação esquisita no estômago, como se tivesse engolido uma bota. — Mamãe?

— Quê?

— Você já esteve na Califórnia?

Mamãe e Mama Bet trocaram olhares. Os Matheson tinham voltado a sussurrar entre si, mas subitamente ficaram em silêncio novamente quando a pequena porta ao lado do púlpito se abriu. Mama Bet virou-se para a frente. Até mesmo as velas pararam de bruxulear, como se não ousassem absorver o precioso oxigênio do pregador. A noite além das janelas ficou ligeiramente mais escura. Uma calma apossou-se da igreja, como água enchendo uma garrafa, e trinta pares de olhos se fixaram no homem parado na porta.

Archer cruzou o palco como um ator. A boca de Mamãe abriu-se ligeiramente, como se ela estivesse testemunhando um milagre. Ronnie estudou o rosto do pregador, tentando ver o que os outros deviam ver, a qualidade especial que mantinha a congregação arrebatada. Archer encontrou seu olhar, mas é claro que devia ser a imaginação de Ronnie, porque o pregador estava olhando para todos os lugares ao mesmo tempo, encontrando cada olhar na igreja.

Ronnie havia visto olhos intensos daquele jeito somente uma vez. Olhos pintados. Na figura colorida de sua Bíblia, no retrato de Jesus. Olhos tristes e amorosos. Olhos que diziam: *Estou triste por saber que devem me matar, mas eu os perdoo*.

Ronnie estremeceu. Ele desejou que o Pregador Staymore estivesse aqui. O pregador diria a Ronnie, em uma voz calma e forte, que Jesus era a luz, a verdade e o caminho, que o Senhor estava batendo e tudo o que você precisava fazer era abrir a porta. Mas o Pregador Staymore estava a quilômetros de distância, e nem era domingo. Ronnie nem sabia se uma pessoa podia ser salva em um dia que não fosse domingo.

Se pelo menos o Pregador Staymore tivesse dito a ele todas as regras. Assim esse novo pregador, com seu rosto pacífico, olhos sábios e mãos graciosas segurando o atril, não o assustaria tanto. Se Ronnie soubesse as regras, se não precisasse que o pregador ajudasse a mostrar a Jesus o caminho para seu coração negro pecador, talvez Ronnie não temesse tanto as palavras prestes a sair da boca do pregador. Se Ronnie pudesse ser positivo sobre Jesus ainda estar dentro dele, então nada mais importaria. Exceto Mamãe, Tim e Papai.

Mas ele não tinha certeza.

Archer sorriu no atril, os olhos brilhando à luz das velas. E vinte e nove pessoas sorriram de volta. Mama Bet, Whizzer, Lester Matheson, Mamãe e até mesmo Tim. Somente Ronnie duvidava. Parecia que, no mundo inteiro, somente Ronnie não conseguia entender nem acreditar.

E Ronnie ficou imaginando se era o único que ouvia os movimentos e os rangidos no campanário da igreja.

***

— Sacrifício é a moeda de Deus — disse Archer para a congregação, retirando a comunhão preparada de uma prateleira sobre o atril. O prato estava coberto com um pano escuro, mas manchas ainda eram visíveis no tecido. Archer inalou seu aroma doce.

Conduzir o ritual era a parte favorita de Archer no papel de messias.

Os rituais eram importantes para a congregação. Isso era tão verdade para os católicos, os batistas, os judeus e os muçulmanos quanto o fora para os membros desafortunados do Templo dos Dois Sóis e, agora, para os membros da igreja vermelha. Era esse o ato que os unia e os vinculava a Archer, que os tornava ansiosos para pagar a moeda do sacrifício. E o trabalho do pregador era tornar o show digno do preço da admissão.

— E Deus enviou o Filho, que deixou que o mundo se desviasse do caminho — disse Archer, erguendo a comunhão. — E aquele Filho, o terrível e blasfemo Jesus, que foi chamado de Cristo, deu sua carne ao povo, para que eles fossem maculados. E Deus olhou para baixo e viu que o mal estava solto no mundo.

Archer olhou para a congregação. As "antigas famílias". A carne viva daqueles que tinham assassinado Wendell McFall há tantas décadas. Eles mereciam a purificação. A fúria queimava em seu peito, mas ele manteve o sorriso benevolente no rosto. Um canto da boca estremeceu, mas ele duvidava que alguém tivesse notado. Os cordeiros estavam concentrados demais na oferenda.

— E como fomos maculados, devemos ser purificados — continuou ele, levantando a voz e se encaminhando para o desfecho.

Ele sentia os movimentos no campanário e sabia que sua sombra havia escolhido uma nova vítima. Essa noite, seria o garoto.

Mas primeiro, as famílias deviam sentir o gosto amargo de sua traição. Elas precisavam saber da profundidade de seus pecados. Elas precisavam provar que mereciam a purificação. Ele os alimentaria. Matheson, Buchanan, Potter, Day, todos eles.

Ele olhou para sua mãe na primeira fila. Até mesmo a querida Mamãe devia ser purificada. Talvez ela fosse mais merecedora do que os outros. O ritual era seu dever sagrado, o motivo de ter sido moldado em carne. Ele não a desapontaria.

Archer segurou o prato diante de si e olhou para cima.

Porque você é um Deus ciumento.

Ele inclinou a cabeça para ocultar o sorriso, desceu do altar e entregou o prato para sua mãe. Ele removeu o pano e observou o seu rosto quando ela pegou um pouco da comunhão com os dedos. Ela abriu a boca e deslizou a hóstia por entre os dentes podres.

Do lado de fora, o mundo se arrastava em direção à meia-noite.

***

Frank e Sheila estavam na estrada abaixo da igreja quando a congregação ficou em silêncio. E então começou um sermão, enchendo a

estrutura de madeira da igreja e, apesar das palavras ecoarem em uma parede indecifrável de sons, Frank reconheceu a voz de Archer.

Além das árvores, a uns 6 metros, a carne pálida do irmão de Frank flutuava entre os túmulos brilhantes. Na noite silenciosa, Frank quase podia ouvir o sussurro das nuvens que passavam pela face da lua. O delegado segurou com firmeza a mão de Sheila, tanto para assegurar-se de que ela era real quanto para acalmar seu medo. Ela apertou a mão dele de volta.

Samuel se virou, o irmão querido de Frank, o irmão que se foi, o maior fracasso de Frank. — Você tem que me matar de novo, Frankie — disse Samuel com uma voz estridente. Apesar do fantasma estar sorrindo, os olhos azuis não revelavam nada.

— Matar você? — Frank tropeçou nas plantas que circundavam o cemitério. Ele sabia onde Samuel estava agora. Ele reconheceu a curva da lápide de granito, os dois túmulos ao lado. Casa. A casa de Samuel.

— Samuel? — chamou Frank, mantendo a voz baixa. Ele havia conversado com o irmão morto muitas vezes, ajoelhado naquela grama úmida cujas raízes eram alimentadas pelos restos mortais de Samuel. Mas ele nunca sonhara que um dia Samuel responderia.

— Mate-me, Frankie — suplicou o fantasma e, subitamente, Samuel era um garotinho novamente, não uma coisa a temer, só um garotinho assustado, perdido e solitário. Um irmão. — Você tem que me libertar.

— Por que eu? — perguntou Frank.

— Porque isso o machucará — disse Sheila. A boca de Samuel se abriu em um sorriso malicioso quando ele assentiu.

— O que diabos isso significa? — perguntou Frank, furioso com sua própria confusão e seu desamparo. A culpa e o medo travavam uma batalha que se equiparava aos grandes derramamentos de sangue do Velho Testamento.

— Porque é a coisa mais difícil que você poderia fazer — disse Sheila. — Matar Samuel novamente seria seu maior sacrifício.

— E sacrifício é a moeda de Deus — disse Samuel.

— Você está com a arma? — Frank perguntou a Sheila.

— Não. Eu a perdi no rio.

Frank atravessou os arbustos correndo, sem se importar se a congregação o ouviria. Sheila veio logo atrás. Frank se sentia um tolo, considerando matar um fantasma. Mas o que mais ele poderia fazer? Ele finalmente tinha

a oportunidade de corrigir um erro do passado, mas tudo o que conseguia fazer era repeti-lo. Ele tinha que matar Samuel de verdade dessa vez. Ele tinha que afastar Samuel do que ou quem estivesse possuindo o espírito do garoto.

Samuel abriu os braços em suplício, aguardando o que aconteceria depois da morte. Sua boca se contraiu e inchou com os vermes que rastejavam entre os dentes. Um deles deslizou para fora, esticou a cabeça cega e Frank lutou contra a repulsa que surgiu em seu estômago. Ele atravessou a grama, desviando das lápides e dos monumentos. Ao se aproximar, ele podia sentir o cheiro de Samuel, o fedor quente de vermes e terra no ar.

Ele chegou ao túmulo de Samuel, viu a sombra do cordeiro gravada em baixo relevo na lápide, leu as palavras "Que Deus o guarde e o proteja", sentiu o frio irradiando da carne do irmão morto ao estender as mãos para agarrar o pescoço de Samuel. E as mãos encontraram o ar vazio quando a aparição tremulou e desapareceu diante de seus olhos.

Frank caiu sobre as mãos e os joelhos e arrancou a grama, sem se importar com o ferimento no ombro.

— Samuel — gritou ele, com a voz falseando. Ele agarrou o solo, ignorando a dor quando os dedos rasparam em pequenas pedras. Ele cavou como um cachorro faminto em busca de um osso enterrado, jogando a terra para o alto. Finalmente ele desabou sobre o túmulo, o reservatório fundo de lágrimas transbordando, as gotas de pena e autocomiseração reprimidas por tempo demais.

O sermão de Archer estava aumentando de intensidade dentro da igreja. Frank ouviu o ritmo louco das palavras enquanto seus soluços diminuíam. Depois de uma tempestade longa e lenta no coração, Frank sentiu uma mão em sua cabeça.

— Está tudo bem, Frank. — A voz de Sheila era tão confortante quanto uma brisa em uma noite de verão, como a seda sobre uma queimadura de sol.

Ele ergueu o rosto do barro. — Eu fracassei com ele novamente.

— O que você poderia fazer? Agora ou há vinte anos? Não é sua culpa.

Ele olhou nos olhos dela. Eles ofereciam compreensão, perdão, simpatia. Todas as coisas que ele nunca tinha visto nos olhos de uma mulher. Todas as coisas que ele nunca tinha procurado, até agora.

— Eu não sei por que, mas Samuel ainda precisa de mim — disse Frank.

Uma sombra caiu sobre Sheila quando uma forma escura bloqueou a lua. Frank enrijeceu o corpo. Qual era a próxima loucura que a noite estava enviando?

— Você precisa matar essas coisas mais de uma vez — disse o vulto indistinto.

David Day.

O cano do rifle de David capturou o luar e lançou um brilho ameaçador nos olhos de Frank. Sheila ficou tensa ao lado de Frank, pronta para atacar. O detetive segurou o braço dela para impedi-la.

— Só que a matança não pode ser feita por mim — disse David.

Frank suspeitava que o carpinteiro tinha um parafuso solto. David já tinha apontado a arma para ele uma vez hoje, já tinha provado que era perigoso. Mas havia um tom de conspiração na voz de David e os olhos dele estavam concentrados na igreja vermelha, não em Frank e Sheila.

— Do que você está falando? — perguntou Frank.

Sheila interrompeu. — Ele é maluco, Frank.

— E por essas bandas, quem não é? — retrucou David, agachando-se atrás de um anjo de concreto cujas asas estavam tão gastas pela chuva que os detalhes das penas tinham desaparecido. David mirou o rifle em uma das janelas da igreja e olhou pela mira telescópica. Ele parecia ter se esquecido completamente de Frank e Sheila.

Dentro da igreja, a voz de Archer subiu para um tom fervoroso, mas as palavras eram ininteligíveis. Ela lembrou Frank daqueles antigos clipes de filmes sobre os discursos de Adolf Hitler que ele vira, o mesmo ritmo tempestuoso e maníaco. Ele sempre imaginara como as pessoas podiam ser tão burras para se deixar enlevar por alguém tão obviamente insano. Agora ele conhecia o tipo de poder estranho e carisma que podia tapar completamente os olhos das pessoas, poder esse que podia fazê-las esquecer as próprias esperanças, os corações e até mesmo a humanidade.

Era o tipo de poder que Archer possuía. Ou que *o* possuía.

Poder que nenhum humano devia ter, pois nenhum humano sabia lidar com ele. Mas Archer não era humano. Frank olhou para o vulto de David encolhido em torno do rifle e ponderou se *alguém* era humano. E então ele sentiu a mão de Sheila na dele.

Sim. Alguém era humano.

Alguém vivia, respirava e amava.

— O que você quis dizer com "Você precisa matar essas coisas mais de uma vez"? — Frank perguntou a David.

O homem se virou para ele, as sombras dançando em seus olhos. — Lembra-se do que eu lhe disse lá em casa hoje? Sobre matar Archer tantas vezes quantas for necessário?

— Sim?

— Quando levou todas aquelas garotas daqui para a Califórnia, ele abriu o Templo dos Dois Sóis. Não sei você conhece essa parte, mas acho que era só mais um dos trabalhos do demônio. Fui até lá para trazer Linda de volta. Ela tinha dezoito anos. Que droga, ela não sabia o que estava fazendo. Acho que eu também não. Tudo o que eu sabia era que a amava e não desistiria sem uma boa briga.

— Algumas pessoas não precisam ser salvas — disse Sheila.

— Sem querer ofender, detetive, esse tipo de opinião barata não serve para nada por essas bandas — disse David. — Fui para a Califórnia pelo bem de Linda, não o meu. Foi quando eu vi o que aconteceu com uma das garotas que foi para lá com Archer.

O estômago de Frank se revirou. Archer declamava, rugia, atingia alturas de frenesi que nem mesmo um evangelista batista em uma pregação pública conseguiria igualar.

— Ele a matou — disse David. — Ele a retalhou. Retirou o coração dela, e talvez algumas outras coisas. Fechei os olhos depois daquela primeira parte. Mas não antes de vê-los passar o prato de carne.

— Exatamente como ele fez com os daqui — sussurrou Frank. E então ele se lembrou do gosto estranho que havia enchido sua boca depois de assistir ao serviço de Archer. O que acontecera durante aquelas horas perdidas?

— Não — disse Sheila, sacudindo a cabeça incrédula.

Mas nada mais era inacreditável. Ambos tinham visto Archer McFall mudar de forma diante de seus olhos. Ambos viram Sheila atirar nele cinco vezes à queima-roupa. Ainda assim, lá estava o pregador, cuidando de seu rebanho, trazendo de volta os cordeiros perdidos, alimentando-os com a Palavra.

— Foi por isso que atirei nele — disse David. — Que o matei, ou pelo menos achei que o tinha matado.

Uma nuvem espessa passou em frente à face da lua, escurecendo momentaneamente a colina. As velas queimando na igreja lançavam a única luz visível. Não havia postes de luz em Whispering Pines e as casas espalhadas estavam escondidas atrás das colinas. Frank sentiu como se eles fossem as únicas pessoas no mundo, que tudo o mais fora do cemitério e das montanhas ao redor tinha caído em um vazio escuro. E tudo o que restava da civilização, da humanidade, a esperança e a sanidade residia bem aqui. Frank, Sheila e David. Archer e a congregação.

E a igreja.

A igreja vermelha, com seus olhos dourados.

A igreja que havia engolido Samuel.

A igreja que também levara o pai e a mãe de Frank.

A igreja que guardava segredos em suas tábuas manchadas e teimosas.

A igreja, que havia reunido os pecados das famílias antigas, que havia observado seus casamentos com malícia, que havia bisbilhotado em seus funerais e que havia absorvido o líquido suave e vivaz de suas preces.

A igreja que era o lar dos fantasmas das memórias.

A nuvem continuou seu caminho e a lua novamente despejou seu brilho maligno. A torre da igreja se erguia em direção ao céu, a estranha cruz quebrada meramente visível contra o céu noturno. Os galhos do álamo balançavam na brisa suave, acariciando a torre como uma mãe acaricia um bebê. As sombras se moveram no campanário, a escuridão se dividindo.

— Você também vê, não é? — David disse.

Frank assentiu.

— O quê? — perguntou Sheila.

— O Monstro do Sino — disse David.

— A coisa que matou Samuel — disse Frank.

Sim, a culpa era da *igreja*, não de Frank. Se a igreja não tivesse se mantido ereta por todos esses anos, juntando lendas como uma pedra junta limo, então Frank, Samuel e outros não teriam ido até lá naquela noite de halloween fatídica. Se não fosse pelos pecados de Wendell McFall, nenhuma das tragédias teria ocorrido. Se, se, se.

Se Samuel ainda estivesse vivo, ele não estaria morto. Se Samuel ainda estivesse morto, ele não seria um fantasma.

As palavras seguintes de David interromperam os pensamentos de Frank e trouxeram de volta o frio do rio que ele estava tentando ignorar.

— É você quem deve matar, delegado.

— Do que você está falando? — perguntou Sheila.

— Você tem o sangue — disse David, ignorando-a. — Você é de uma das antigas famílias. É por isso que minhas balas não fazem nada. Tem que ser feito por um dos que pertencem a Archer.

Talvez. Sheila não disse nada, mas Frank sabia o que ela estava pensando. As balas dela também não tinham matado Archer. Talvez fosse assim que essa coisa funcionasse.

Wendell McFall tinha sido morto por seu próprio povo. E se Wendell estava por trás disso, se Wendell fosse um espírito inquieto, preso para sempre à igreja, então talvez a cena devesse se repetir...

Frank fechou a mão e bateu o punho contra a têmpora. A dor afastou os pensamentos tolos. De que adiantava tentar descobrir por que Whispering Pines estava virada do avesso? O importante era fazer com que voltasse ao normal.

— Ele está certo, Frank — disse Sheila. — Eu sei que soa como uma tolice... que droga, você sabe que não acredito em nada disso, mas se houvesse regras nesse jogo, essa faz tanto sentido quanto qualquer outra. É isso que Samuel estava tentando dizer a você.

— Meus garotos estão lá dentro — disse David, acenando com a cabeça em direção à igreja. — Você precisa salvá-los. E Linda também. Acho que, se o Senhor pode perdoá-la, eu também posso. Acho que, quando você salva alguém uma vez, fica em dívida com a pessoa.

David entregou o rifle a Frank. Ele olhou para o campanário, para o tecido trêmulo da escuridão. Frank pegou o rifle, que era pesado e parecia estranho em suas mãos.

Ele nunca gostara muito de armas. Ele caçara quando era um garoto, havia mostrado habilidade de mira suficiente para obter a certificação de policial, mas raramente atirara depois disso e deixara de usar o coldre quando fora eleito delegado há oito anos.

— E se você estiver errado? — Frank perguntou a David.

— Ele não está errado — disse Sheila. — Archer disse que o sacrifício é a moeda de Deus.

A mandíbula de Frank se contraiu. — O que você disse?

Sheila ficou em silêncio, o rosto pálido sob o luar. Frank estava prestes a perguntar a ela novamente, a dar um tapa em seu rosto, a fazer alguma coisa

que apagasse aquelas palavras da mente dele, que fizesse com que ela as engolisse, mas o dia acabou enquanto ele estava parado em frente a ela.

Meia-noite.

O ar gritou com o primeiro soar do sino.

CAPÍTULO 22

Aqui é igual à igreja batista, pensou Ronnie. *Não tem nada de assustador aqui. Eles só estão passando o prato, pedindo o dinheiro para Deus. E daí se os sermões do Reverendo McFall são meio malucos? Se você for pensar bem, o Pregador Staymore também havia saído dos trilhos uma ou duas vezes.*

No banco em frente a ele, Mama Bet pegou o prato, com as mãos tremendo. O reverendo puxou o pano que cobria o prato cheio. Tim torceu o nariz e, em seguida, tapou-o com os dedos. Outros membros da congregação espicharam os pescoços tentando ver a oferenda.

— Xô — disse Tim. — Tem alguma coisa fedendo que nem cocô de macaco.

Ronnie deu uma cotovelada em Tim ao mesmo tempo em que Mamãe apertou o braço dele. — Ai — gritou ele.

— Shh — sussurrou Mamãe. — Mostre algum respeito dentro da igreja.

Era exatamente o que Papai sempre dizia. A cada segundo, esse lugar se parecia mais e mais com a igreja batista. Se você conseguisse esquecer que era o meio da noite e que a igreja vermelha era assombrada, ora, poderia muito bem estar em qualquer igreja. Você ainda tinha que ficar quieto sempre que alguém fazia um ritual qualquer. Tinha que fingir que prestava atenção, e não podia falar nem rir. Tinha que sentar bem reto e ficar acordado.

E ficar sentado reto estava ficando cada vez mais difícil. O analgésico que Ronnie tomara antes de ir para a cama estava começando a fazer efeito. Os pensamentos eram gordos e alegres, o fluido da alegria estava balançando dentro do cérebro, o banco duro de madeira parecia algodão doce sob o traseiro. Ele estava quase se divertindo na igreja. Se o velho Pregador Staymore pudesse vê-lo agora, Ronnie mereceria uma sessão longa de abertura do coração e penitência com a cabeça baixa.

Mama Bet segurou o prato, inclinou-se para a frente e resmungou o que parecia ser algumas preces. Os rostos de Becca Faye e de Sonny se

contorceram de nojo. Stepford mantinha o nariz fechado como se estivesse prestes a mergulhar em uma piscina. Se tinha alguma coisa fedendo tanto, Ronnie estava feliz por ter o nariz tapado com gaze. Ele quase riu. Aquele analgésico com certeza estava deixando sua cabeça meio doida.

Mama Bet colocou a mão dentro do prato e Ronnie se inclinou para a frente para ver mais de perto. Mama Bet estava colocando na boca o que quer que estivesse dentro do prato. Papai dissera que os católicos comiam pão e fingiam que era o corpo de Jesus, e que tomavam vinho fingindo que era o sangue do Cordeiro. Mas isso parecia ainda mais estranho.

Um fio de fluido espesso escorreu pelos dedos de Mama Bet. Ele brilhou à luz das velas, parecendo muito com...

A pílula da alegria estava definitivamente mexendo com sua mente. Porque parecia *sangue* escorrendo da mão dela, mas antes que ele pudesse olhar novamente, ela havia colocado aquele negócio na boca e começara a mastigar.

— Que nojo — disse Tim.

Mamãe nem o beliscou dessa vez, porque estava segurando no encosto do banco de Mama Bet com tanta força que os dedos estavam brancos. Ela tinha um estranho sorriso no rosto. Mama Bet estalou os lábios ao colocar a oferenda na boca.

— O corpo de Deus — disse o reverendo.

— Amém — respondeu Mama Bet em um resmungo, pois estava mastigando.

Archer McFall tomou o prato da mão dela e caminhou até a extremidade do próximo banco. Mamãe olhou para ele ansiosamente, que estendeu o prato para ela. Tim se afastou dela até encostar-se em Ronnie. Mamãe esticou a mão, os olhos brilhantes como gelo, e Ronnie viu o que havia no prato da oferenda.

Pedaços de carne desfiada.

Úmidos, crus e pegajosos.

Que nojo! Ela não ia COMER aquela coisa, ia?

Mamãe pegou um pedaço entre os dedos e levou-o aos lábios. Ela o mordeu, virou-se e sorriu para Tim e Ronnie. Pedacinhos da carne vermelha apareciam entre os dentes dela. O estômago de Ronnie revirou.

— O corpo de Deus — disse Archer McFall. Ele esticou a mão e passou-a na cabeça de Tim. E então olhou para Ronnie. Os olhos de McFall eram

fundos como poços de uma pedreira, negros e ocultando segredos. Ronnie estremeceu e tentou desviar o olhar, mas os olhos do homem o mantinham hipnotizado.

É o ANALGÉSICO, seu bobo. Você pegou no sono e está só tendo um sonho idiota. NÃO há pequenas cobras rastejando dentro dos olhos dele.

— Amém — disse Mamãe, em resposta à bênção do reverendo. Ela passou o prato para Tim, que deslizou para trás no banco afastando-se. Ronnie também se afastou, mas Sonny Absher o empurrou do outro lado.

— Onde pensa que vai, pivete? — disse Sonny, com os lábios encurvados ameaçadoramente.

Ronnie olhou desesperadamente em volta. Whizzer moveu a boca como se estivesse mastigando alguma coisa e olhou para ele friamente. Mama Bet acenou com a cabeça encorajando-o, os olhos reumáticos parecendo duas poças de água da chuva. McFall inclinou-se para a frente, a boca meio aberta.

Vermes. Vermes entre os dentes dele.

— Vamos, Timmy — disse Mamãe, a voz assustadora e tranquilizadora. — É bom para você.

Ela empurrou o prato contra o braço dele. Um pouco daquela coisa horrorosa caiu na pele de Tim. Ele olhou para o braço e depois para Mamãe, com as sobrancelhas erguidas.

— Vamos, querido — disse ela. — Deixe o reverendo abençoar você.

A mão de Tim foi em direção ao prato da oferenda.

Não. NÃO. NÃÃÃÃO.

Ronnie esticou o braço e bateu na mão de Tim. O prato voou da mão de Mamãe, batendo no encosto do banco e se derramando no rosto de Mama Bet. O sangue viscoso começou a escorrer pelas rugas do rosto dela, pequenos pedaços de carne nas bochechas.

McFall urrou, a voz trovejante, a casca de madeira da igreja vibrando com a fúria dele.

E o sino tocou.

***

O gosto forte de cobre da comunhão encheu a boca de Linda, seu coração, sua alma. Ela se sentiu forte, renascida, como se sentira na

Califórnia no Templo dos Dois Sóis. Como sempre.

Ela estendeu a oferenda amorosamente para Tim e ele estava quase convencido, quase salvo, quase *lá*, quando Ronnie bateu contra o prato.

A fúria de Archer se irradiava em ondas de calor ao lado dela. Ele não estava furioso por causa da oferenda derramada; não, havia muito mais de onde ela viera e um pouco de sujeira nunca estragara a carne sacramental. Mas Archer não suporta nenhum tipo de traição.

E nem Linda.

Deus sabia o quanto ela amava seus filhos, mas Ronnie estava se revelando um grande problema. Ronnie estava desagradando Archer. Ronnie estava sentado lá, com aquele olhar desafiador, parecendo muito com o pai quando decidia fazer alguma coisa. Era aquela mesma teimosia burra cristã, o olhar que dizia: *Não venha dizer a MIM que existe outro caminho até Deus*.

Bom, ela não iria deixar Ronnie ficar nas garras de Jesus, aquele verme, sem lutar.

Mas ela não precisaria lutar sozinha.

Ela sorriu quando a longa nota do sino bateu em seus ouvidos.

Agora viria a purificação, o verdadeiro motivo pelo qual Archer havia sido enviado a essa terra.

Talvez não importasse que o menino não tivesse sido totalmente preparado, que a carne sagrada não tivesse passado por seus lábios. Ele ainda precisava ser dado a Deus.

Ronnie precisava morrer pela glória de Archer, de Wendell McFall, das antigas famílias. Ele precisava pagar pelos pecados dos Day. E, acima de tudo, ele precisava morrer pela glória dela. Deus com certeza sorriria para esse enorme sacrifício que ela estava fazendo.

Em torno dela, os membros da congregação estavam se levantando, alguns a caminho da porta, alguns gritando de raiva com a traição de Ronnie. Sonny Absher segurou a manga de Ronnie, que se soltou e caiu no chão.

— Vamos, Timmy — gritou Ronnie, agarrando o braço direito de Tim.

Não. Ele não pode escapar.

Ela agarrou o braço esquerdo de Tim e segurou com toda a força nascida do amor desesperado. O amor de uma mãe.

Por um breve momento, Tim ficou preso no centro de um cabo-de-guerra, e Archer se inclinou para a frente, as garras estendidas, para pegar o garoto. Mas Tim escapou, roubado por aquele intrometido do Ronnie.

Os garotos se arrastaram sob o banco, enquanto a fúria de Linda aumentava até se equiparar à de Archer. Ela não deixaria Ronnie roubar sua chance de cair nas boas graças de Archer. Ela desejara o reverendo por tanto tempo. Não só pela carne lasciva, apesar de isso também agradá-la, mas ela queria se juntar a ele em espírito.

E agora Ronnie a estava privando do presente que compraria o amor eterno de Archer.

O filho mais velho sempre fora um encrenqueiro, agora que ela pensara bem. Sempre lendo livros, tendo ideias e fazendo perguntas idiotas quando, na verdade, havia somente uma pergunta. E a resposta para aquela pergunta era Archer.

Ela juntou sua voz ao clamor e saltou sobre o banco da frente, para onde os garotos tinham ido. Linda perdeu o equilíbrio e caiu contra Mama Bet, que caiu pesadamente no chão. Mama Bet gemeu de dor, mas Linda a ignorou. Mama Bet podia ter dado a luz a Archer, mas ela era só mais um instrumento, só mais um pedaço de carne usado por Deus para trazer Archer até Linda. Mama Bet importava tanto quanto a chuva importava para um rio.

Ronnie puxou Tim para a plataforma e ajudou-o a passar por cima do corrimão. Linda os seguiu. Onde estava Archer? Ele não via que Tim, o mais novo descendente de todas as antigas famílias, estava escapando? Ele não se importava? Ele não queria aceitar o sacrifício com o mesmo fervor com que ela queria oferecê-lo?

O sacrifício não era a moeda de Deus?

Ela passou pelo corrimão e olhou para baixo, para a forma nas tábuas velhas. Asas, garras estiradas, um anjo terrível de sangue escuro.

De volta.

O trabalho que Wendell McFall havia iniciado estava quase concluído. Só faltava derramar o sangue de mais um pecador para que ele se transformasse em carne e transformasse o espírito do Monstro do Sino de sombras em uma vida totalmente formada.

Só mais uma purificação.

Ela gritou para que os garotos parassem, mas eles nem mesmo olharam para trás. Eles correram para dentro da sacristia e bateram a porta. Linda fechou os punhos até que as juntas doeram, e se virou para olhar para a congregação.

Os Buchanan tinham se retirado pela porta da frente, com o feitiço deles quebrado. Sonny e Becca Faye estavam se afastando para a lateral da igreja, longe de Mama Bet, que havia se colocado de joelhos e levantado os braços.

— Olhe o que você fez comigo agora — gritou ela para o teto. Ela pausou para lamber o sangue dos cantos da boca e disse: — Você não me fez sofrer o suficiente, e agora ainda estragou meu vestido de domingo. Mal posso esperar para colocar as mãos em você.

Linda olhou em volta para a multidão que se dispersava rapidamente. Onde estava Archer?

— Vamos sair daqui — Sonny gritou para Becca Faye. — Esse bando está mais louco do que um inseto dentro de uma garrafa.

Mama Bet entoou novamente, uma prece sem dentes: — Mal posso ficar frente a frente com você, senhor. E então, por Deus, haverá o diabo a pagar. Porque você me deve muito.

Ah, os de pouca fé, pensou Linda, mas Archer lidaria com eles mais tarde. Depois do sacrifício dessa noite, Archer teria todo o tempo, o poder e a fúria do mundo.

Ela estremeceu com um arroubo e se encaminhou para a sacristia para buscar os garotos.

***

— Minha nossa, que diabos está acontecendo — David resmungou.

O repicar do sino rolou pelas colinas, batendo nas montanhas e reverberando como uma onda aprisionada. As vibrações retorciam-se contra a pele de David, um milhão de coisas vivas.

— Não tem corda — Sheila disse para si mesma.

Ela estava começando a irritar David. As malditas mulheres não deviam mesmo ser policiais. Elas eram muito sensíveis, se importavam demais. Era muito fácil enganá-las. E aquela coisa que ela dissera, sobre o sacrifício ser a moeda de Deus, ora, ela o dissera exatamente da mesma forma que Linda.

Meio adoradora e sonhadora, meio apaixonada.

Mas ela era um problema do delegado, não dele.

Porque seu problema era *O que diabos vou fazer sobre aquela coisa feita de sombras que está saindo do campanário?*

Mas talvez esse fosse um problema de todos, porque a coisa que estava mergulhando no ar estava cheia de pontas afiadas.

A sombra desviou e deslizou pelo teto da igreja, depois se enroscou nos galhos do velho álamo. David desviou o rosto para olhar para dentro da igreja. A congregação estava se dispersando e gritando e, por um breve instante, David viu Ronnie e Tim se arrastando em direção à frente da igreja.

E, atrás deles, vinha Linda.

Ele viu Ronnie levar Tim para dentro da sacristia.

— Pegue Archer — David gritou para o delegado, que estava tão paralisado quanto os anjos de pedra em volta deles, o rifle como um peso nas mãos.

Sheila disse: — Não é culpa de Archer. Ele só está fazendo o trabalho de Deus.

— Que diabos? — David gritou para ela, e agora a porta da igreja estava aberta com as pessoas correndo para a grama cheia de orvalho.

Sheila havia se transformado. Archer a pegara de algum jeito. Ele a havia amaciado. Havia alimentado Sheila com a grande mentira e fechado a porta do coração dela, isolando da graça salvadora de Jesus.

Mas o delegado... bem, o delegado tomaria conta do negócio.

Exceto que ele era de uma das famílias antigas.

Do mesmo jeito que Linda e Mama Bet, do mesmo jeito que Donna, Zeb e Boonie.

Do mesmo jeito que aqueles que estavam correndo para se afastar da igreja como coelhos correndo de um incêndio na floresta.

E David tinha visto o delegado Littlefield no serviço da noite passada.

Alimentando-se junto com todos os outros.

Comendo o que Archer oferecera.

Droga.

Será que *todo mundo* estava do lado de Satã?

E David havia dado o rifle a ele.

Foi provavelmente a coisa mais esperta que já fez, Sr. David Day. Agora, a melhor coisa que você pode fazer é esquecê-lo, esquecer todos eles. Salve as únicas coisas que importam.

Salve os garotos.

E dane-se o resto.

Ele atravessou o cemitério correndo em direção à parte de trás da igreja, mantendo um dos olhos nos galhos escuros do álamo e o outro no xerife.

***

Frank viu David desaparecer nas sombras atrás da igreja.

A congregação, os cidadãos de Frank, as pessoas que um dia foram seus vizinhos, se espalharam pelo cemitério, algumas entrando nos carros. Outros desapareceram entre as árvores. Haywood e Nell Absher abaixaram-se atrás de uma lápide grande perto do delegado e de Sheila.

— Você tem que matá-lo — disse Sheila.

— Haywood?

— Não, *Archer*.

— Eu... Não sei se consigo.

— É assim que tem que ser feito. Porque Deus amava tanto o mundo que deu Seu único outro filho. Mate Archer e liberte Samuel. Liberte todos os pecadores.

Frank balançou a cabeça. Ele enrijeceu a mandíbula para evitar que os dentes batessem. Suas roupas úmidas exalavam uma névoa sob o luar.

— Você precisa, Frankie — veio uma voz abafada e vazia do chão, do céu, de lugar nenhum. A voz de Samuel.

Frank segurou o rifle com força, levantou-se e caminhou em direção à igreja. Stepford Matheson correu na direção dele, viu o rifle e parou subitamente, correndo em seguida na direção oposta. A noite estava cheia do barulho de carros sendo ligados e de gritos excitados. Feixes de luz gêmeas passaram sobre Frank quando a picape dos Buchanan fez a volta. Frank nem mesmo piscou quando os faróis atingiram seus olhos e a caminhonete rugiu em direção à estrada principal.

Ele chegou ao pé do velho álamo e olhou para cima, para os galhos negros, para os brotos brancos espalhados no topo.

Onde está aquela maldita sombra assassina de irmãos?

Mas ele sabia que a sombra não era o verdadeiro monstro. O verdadeiro monstro era aquele que lançava a sombra.

O reverendo Archer McFall.

Frank subiu os degraus e entrou no saguão da igreja. Ele ouviu Sheila atrás dele. Ela queria assistir. Ela era parte disso agora. Apesar de não ser de uma das antigas famílias, Sheila havia sido tocada e transformada por Archer.

Em Archer, todos eles eram uma grande família feliz.

Frank entrou no santuário mal iluminado. Algumas das velas tinham sido apagadas por causa da porta aberta, e os olhos de Frank precisaram de um momento para se ajustar. Alguém gemeu próximo à frente da igreja. Outra pessoa — parecia Linda Day — estava em um dos lados do altar, de costas para ele.

— Você tem que fazê-lo, Frankie — disse Samuel.

Ele se virou e Sheila deu um sorriso. — O sacrifício é a moeda de Deus — disse ela na voz de Samuel.

— O que diabos *é* você? — perguntou Frank, os músculos do pescoço rígidos.

Sheila piscou algumas vezes. Ela falou com sua própria voz dessa vez. — Só uma mulher, Frank. Só mais alguém para você amar e perder. Só mais uma peça no grande quebra-cabeça de Deus.

O rosto dela se contorceu, se dissolveu e se transformou no rosto de Archer.

— Só mais uma pessoa que vou tirar de você — disse Archer.

Frank arremeteu a coronha do rifle em direção ao sorriso malicioso de Archer, querendo acabar com o brilho misterioso nos olhos do monstro. Imediatamente antes da madeira bater na carne, o rosto se transformou novamente no de Sheila.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa e dor antecipada.

***

Escuro.

Tão escuro que Ronnie não conseguia ver a própria mão em frente ao rosto.

Ele estava em uma caixa, um caixão, com nada além do bater pesado do coração para marcar a passagem do tempo.

— Estou com medo — sussurrou Tim.

— Shh — disse Ronnie. — Eles vão nos ouvir.

Mas *eles* já sabiam que os dois estavam trancados na sacristia. Não era como se tivesse um monte de lugares para se esconder dentro da igreja vermelha.

Ronnie finalmente abriu os olhos. O brilho fraco da lua lutava para passar por uma pequena janela alta na parede de trás e ele quase não conseguia distinguir o rosto pálido de Tim, apesar dos olhos e da boca estarem mergulhados nas sombras. Ele colocou o ouvido contra a porta novamente.

Ela estava lá fora.

Esperando.

Querendo.

Ronnie estremeceu, lembrando-se do olhar profundo e assustador de sua mãe quando comeu a carne crua, quando passou o prato para Tim, quando gritou com eles por estarem fugindo de Archer McFall.

Mamãe bateu de novo. — Deixem-me entrar, meninos.

Ronnie colocou a mão sobre a boca de Tim antes que ele pudesse gritar. A respiração rápida e quente de Tim passou por entre seus dedos.

— Mamãe não vai machucar vocês — disse ela.

Ronnie colocou um dedo sobre os lábios de Tim para que ficasse calado, e deslizou silenciosamente até que as costas ficassem contra a porta. Para entrar, ela teria que quebrar a velha fechadura de metal. Mas eles não podiam ficar aqui dentro para sempre. Algumas das outras pessoas da igreja poderiam ajudá-la. Como Mama Bet. Como Whizzer.

Eles teriam que achar um jeito de sair dali.

A janela era muito alta para que pudessem alcançá-la. Ronnie nem tinha certeza se conseguiria passar por ela. Mas talvez Tim conseguisse.

A porta balançou. — Saiam, meus queridos. Vou proteger vocês.

Disse a aranha para a mosca.

Mas era a *mãe* de Ronnie lá fora, aquela que o havia criado, que tinha beijado os arranhões em seu joelho e ficado ao seu lado quando o conselheiro da escola dissera que ele não se dava bem com os outros alunos.

Era a única mãe que ele tinha.

Ele lutou contra as lágrimas que queimavam seus olhos e molhavam os curativos do nariz.

Pense, pense, pense. Você tem que ser inteligente, lembra? Pelo menos, foi o que todos aqueles testes disseram.

O que Papai faria?

Alguma coisa se moveu no canto, um som leve e sussurrante.

Uma folha?

Um rato?

Afinal de contas, esse lugar era para ser um belo hotel para ratos.

Fora assim que Lester Matheson chamara a igreja. Mas Lester também dissera: *São as pessoas que fazem uma igreja, e tudo no que elas acreditam.*

As pessoas aqui acreditavam em umas coisas bem estranhas.

Pessoas como sua mãe. E ele estava com tanto medo da Mamãe que não abriria a porta.

O barulho suave e seco soou novamente, tão baixo que ele quase não o ouviu acima do bater forte do coração.

Ele teria que fazer alguma coisa rapidamente.

— Ronnie — disse Mamãe do outro lado da porta.

Ele ficou tenso.

— Escute — disse ela. — É de Tim que Archer precisa. Abra a porta, deixe-me ficar com Tim e você pode ir embora. Mamãe promete.

Tim deu um soluço.

Mamãe normalmente cumpria suas promessas.

Ronnie olhou para o rosto do irmão, viu o brilho das lágrimas nas bochechas, o reflexo fraco da lua nos óculos.

Esse era o idiotinha que o havia perturbado, que rasgara as capas de seus gibis do homem-aranha e que dissera que Melanie Ward queria lhe dar um beijo molhado e longo.

Tim era o cara mais chato de todos os tempos.

E esse momento, essa escolha, era outra daquelas curvas que estavam surgindo com tanta frequência ultimamente. Era algum tipo de teste.

Tudo era um teste.

E para ganhar, para tirar um 100, tudo o que ele precisava fazer era se levantar, girar a trava de latão e deixar a porta se abrir, deixar que Mamãe

desse um abraço forte e sangrento em Tim e deixar que ela o levasse até Archer. E Ronnie podia caminhar pela estrada pelo resto da vida.

Ah, ATÉ PARECE.

Mamãe bateu de novo, com mais firmeza. — Ronnie? Seja meu garotão.

— Mamãe — sussurrou Tim, uma bolha de ranho saindo do nariz.

— Tim? — chamou Mamãe. — Abra a porta. Venha para a Mamãe.

A mão de Tim se esgueirou em direção à maçaneta da porta, estremeceu e parou no meio do caminho. Ronnie esticou o braço, pegou a mão de Tim e ajudou-o a se levantar.

A coisa nos cantos escuros se moveu novamente.

Ratos.

Ele colocou Tim sob a janela e colocou a boca perto da orelha do irmão. — Quando eu empurrar você para cima, quebre o vidro e se arraste para fora.

Os óculos de Tim refletiram o luar quando ele assentiu.

Ronnie abaixou-se e juntou as mãos, e Tim colocou um dos pés sobre elas. Ronnie gemeu ao se levantar, mas Tim segurou-se na pequena borda lascada e puxou o corpo para cima até alcançar o vidro.

— Feche os olhos e bata no vidro com o cotovelo — comandou Ronnie. — Rápido.

Ronnie não se preocupou em permanecer quieto, pois a coisa que estava no canto estava ficando mais alta, maior e mais escura que as sombras. Tim bateu no vidro uma vez e nada aconteceu.

— Mais forte — gritou Ronnie, a voz estridente.

Tim bateu no vidro novamente e a explosão foi seguida de uma chuva de vidro esfacelado.

— O que vocês estão aprontando aí dentro? — gritou Mamãe, batendo com força na porta.

Ronnie empurrou Tim mais alto. — Cuidado com o vidro — disse ele, quando Tim se apressou a atravessar a pequena janela. Depois que Tim atravessou a janela, provavelmente caindo de ponta cabeça na grama do lado de fora, Ronnie pulou o mais alto que pôde. Seus dedos chegaram a poucos centímetros do parapeito da janela.

Pelo menos Tim conseguiu.

Ele se encostou contra a parede. Sozinho. Ele teria que enfrentar a escuridão sozinho.

A escuridão se moveu para longe da escuridão menor e o luar caiu sobre o rosto.

O rosto *dele.*

Pregador Staymore.

Ronnie exalou um pulmão cheio de medo refreado quando a voz do pregador soou e o tranquilizou. — Com o Filho de Deus no coração, você nunca está sozinho.

O pregador deu um passo à frente, calmo e sorrindo.

CAPÍTULO 23

Espere um segundo.

O que o pregador está fazendo aqui? Durante os serviços da Primeira Igreja Batista, ele dissera de novo e de novo que todas as outras igrejas levavam as pessoas diretamente para o inferno.

Ronnie recuou e se afastou do rosto amplo e sorridente e dos olhos fervorosos do homem.

— Você está imaginando o que estou fazendo aqui, não é, minha criança? — O Pregador Staymore abriu os braços com as palmas para cima, como Jesus naquelas figuras coloridas da Bíblia.

— Deixe-me entrar, Ronnie — Mamãe gritou, sacudindo a porta novamente.

— Eu me escondi aqui para que pudesse ajudar a salvar você, Ronnie — disse o pregador, ignorando-a. — Deus me enviou especialmente para observar você. Sabíamos que você ficaria tentado.

— Tentado? — Ronnie olhou para a janela.

— Sim. Você sabe que só há um caminho verdadeiro.

Mamãe bateu com força na porta.

— Pode ouvi-Lo batendo, Ronnie?

Posso tentar alcançar a janela mais uma vez. Talvez se eu der uma corrida para pegar impulso–

Mamãe esmurrou a porta. — É melhor vocês saírem daí nesse minuto — disse ela, a voz uma mistura de fúria e histeria.

— Escapar não vai salvá-lo, Ronnie. — O Pregador Staymore se aproximou mais um passo. — Você pode correr até o fim da terra, mas não pode escapar de seu próprio coração miserável. Somente uma pessoa pode purificá-lo.

Ronnie se encostou contra a parede, agarrando-se na madeira atrás dele.

A lua banhou o rosto do pregador, quase como um holofote dramático em algum palco maluco.

— Pode ouvi-Lo batendo? — repetiu o pregador.

Mamãe bateu com força na porta. — *Ron-NEEEEE*.

O pregador estendeu a mão para tocar na testa de Ronnie, como fizera nas diversas vezes em que ajudara Ronnie a ser salvo. Ronnie fechou os olhos e abaixou ligeiramente a cabeça, como devia fazer.

Pelo menos serei salvo uma última vez antes que Mamãe, Archer e o Monstro do Sino me peguem. E querido Jesus, quando vier dessa vez, por favor, fique um pouco mais. Não deixe que eu cometa mais daqueles pecados do coração que o deixaram tão furioso. E por favor, por favor, por favor, deixe Tim escapar.

— Você precisa abrir a porta, Ronnie — sussurrou o pregador, a mão úmida e fria na testa de Ronnie. — Você deve deixá-Lo entrar.

O sentimento veio, aquela mistura de calor e leveza se expandindo em seu peito.

O sentimento bom.

O tipo de sentimento que ele tinha quando Mamãe o abraçava ou Papai mexia em seu cabelo.

Um sentimento de ser querido, de ser amado.

De pertencer.

Ele sorriu, porque ia dizer ao Pregador Staymore que a porta estava aberta, que o Senhor havia entrado e a tinha fechado para que nenhum outro pecado entrasse depois dEle.

Ronnie abriu os olhos para agradecer, mas o pregador não estava lá.

Uma pilha gosmenta de alguma coisa que parecia barro cinza estava à sua frente. Estava tocando nele.

Um pouco do barro deslizara pela testa e grudara no curativo do nariz.

A pilha de barro fazia barulhos molhados, um borbulhar semelhante a uma respiração catarrenta.

Ronnie engoliu um grito. A escuridão tomou forma, a sombra atrás do barro ganhando bordas nítidas.

O Monstro do Sino.

Ronnie bateu no braço de barro que se estendia até sua cabeça. Era como socar uma lesma gigante.

Mamãe gritou seu nome novamente por detrás da porta.

A pilha de barro balançou para a frente, a sombra aumentando atrás dela.

Está se movendo, ah, Senhor Jesus Cristo, está SE MOVENDO.

Ronnie tentou dizer a si mesmo que era o analgésico, era um sonho idiota e que ele acordaria com uma fronha enroscada na cabeça. Que ele acordaria e os únicos problemas que teria seriam as discussões entre Mamãe e Papai, Tim perturbando, o flerte quente-e-frio de Melanie Ward e todas as centenas de problemas comuns que os garotos de todo o mundo enfrentavam todos os dias.

Ah, sim, e o maior deles: se Jesus Cristo ficaria com ele e o ajudaria a enfrentar todos eles, ou se Ele daria as costas no primeiro pecadinho do coração.

Mas o monstro de barro se moveu novamente, encostando-se em Ronnie, e ele não podia mais mentir para si mesmo. Isso era real.

E o pior ficou pior, como diria Tim.

Porque a coisa *falou*.

— Entre em mim, Ronnie — disse a voz murmurante e gosmenta. — Desista. É a única maneira de ser purificado para sempre.

Ronnie não perguntou como ser engolido por um barro nojento e assustador que caminhava e falava o deixaria purificado.

— Eu preciso de você — o monstro de barro disse. A sombra ficou maior atrás dele, enchendo a sala, bloqueando a janela. — Entregue-se a mim.

Ah, CERTO.

Tudo envolve sacrifício, não é? Eu desisto de mim mesmo, e você deixa Tim em paz. É esse o trato, é?

Ronnie lutou contra a parede de barro.

Mas depois você voltará e será a vez de TIM de se sacrificar. E depois a de Papai, e depois a de todo o mundo. E todos perdem, menos você.

Porque VOCÊ não precisa sacrificar nada.

Tudo o que você faz é tomar e tomar e tomar.

O peso do barro fez com que Ronnie se ajoelhasse. O fluido pegajoso ensopou suas roupas. Mamãe gritou novamente e bateu na porta, o som a um milhão de quilômetros de distância.

Tudo o que ele queria fazer era dormir. Ele estava tão cansado. Era muito mais fácil desistir e se entregar do que tentar lutar.

Muito mais fácil.

***

Frank tentou puxar o rifle de volta, mas o giro tinha impulso demais.

Os olhos de Sheila se arregalaram quando a coronha do rifle atingiu sua bochecha.

Ah, meu Deus. Não, não, NÃÃÃÃO.

A coronha de madeira passou pelo maxilar dela e, por um breve segundo, Frank teve a ilusão de que ela tinha *atravessado* o crânio de Sheila. Mas ele tivera muitas ilusões nos últimos tempos, e o som do golpe ecoou na igreja e nos túmulos.

Sheila caiu como um saco de grãos de milho molhado e Frank caiu ao lado dela quase que instantaneamente, chamando seu nome.

Uma mancha vermelha tomava a bochecha inteira. Frank colocou os dedos gentilmente sobre o machucado. — Você está bem? — sussurrou ele.

Os olhos dela estremeceram e se abriram, e ela gemeu.

— Eu não... você era *Archer*...

Ela segurou no ombro dele, naquele em que ela havia atirado há algumas horas. Frank estremeceu, mas engoliu o grito de dor.

Ela moveu o maxilar umas duas vezes para os lados e disse: — Ainda funciona.

Então talvez ele tivesse recuado o suficiente.

— Você era Archer — repetiu Frank tolamente.

— Nossa, obrigada pelo elogio — disse ela. — Já lhe disse ultimamente que você é totalmente maluco?

— Não nos últimos cinco minutos. — Frank olhou para os galhos do álamo acima dele, para ter certeza de que nada afiado e escuro estava se movendo.

Onde *estava* Archer? E como Frank iria matar alguma coisa que não podia ser morta quando ele não podia confiar nem mesmo em seus próprios olhos?

Sheila se sentou, passando a mão no maxilar. — Acho que isso foi o troco — disse ela, apontando para o sangue que surgia no curativo dele.

— Sim — disse ele, segurando o rifle. — Agora estamos quites, mas alguém mais tem uma dívida a pagar.

Ele se levantou e se encaminhou para a igreja. A maioria da congregação havia se retirado e a igreja estava silenciosa, exceto pelos gritos de Linda

Day. Frank ficou parado na porta, olhou para o campanário e depois para o interior mal-iluminado da igreja.

Há vinte e três anos, no funeral de Samuel, Frank entrara nesse prédio com um único conforto: que Deus cuidaria de Samuel depois da morte.

E aquele conforto mantivera Frank inteiro durante todos esses anos, mesmo se uma voz minúscula e mesquinha no fundo da mente nunca o deixasse esquecer o que o Monstro do Sino fizera. Deus estivera com Frank naquela época, ajudara-o a lidar com o pesar de perder a família, deitara com ele, a seu lado e dentro dele durante milhares de noites sem sono.

Mas agora, ao entrar na igreja, Frank sabia o tipo de truque que Deus gostava de usar. E a proximidade de Deus era somente mais uma ilusão.

Dessa vez, Frank caminhava sozinho.

***

Mama Bet rastejava sobre as mãos e os joelhos pelo chão, em direção ao altar. A gosma que fora os órgãos internos de Donna Gregg ensopava o vestido de domingo de Mama Bet e cobria sua pele. Ela não se importava com o sangue grudento no rosto, nem com o gosto rançoso que tinha na boca. Afinal de contas, essa era uma oferenda. Um sacrifício.

Não há nada tão glorioso quanto a carne de uma das antigas famílias.

Os outros tinham fugido, aqueles de pouca fé que se encolhiam diante do esplendor do poder de Archer. Mas ela não. Não, ela seguiria até o fim. E os outros só estavam adiando o que deveria acontecer, o que havia sido ordenado por Deus. A única coisa que aquele filho celestial de uma serpente fizera certo fora dar Archer ao mundo.

A ela.

Ela lambeu os lábios e se levantou em adoração à cruz falsa. A madeira capturou a luz remanescente das velas, ereta e desafiante como um verdadeiro crente no parque de diversões de um demônio. O demônio Jesus havia sido pregado em uma cruz igual a essa e as pessoas tinham se desdobrado para segui-lo. Mas quando a coisa verdadeira, o messias de verdade, viera para ficar entre eles, eles se espalharam como um bando de galinhas fugindo de uma raposa.

Exceto Linda Day.

A mulher batia na porta da sacristia como se não houvesse amanhã, gritando o nome de Ronnie sem parar. Mama Bet riu consigo mesma.

Acho que a fé é tudo ou nada. Linda foi até o fim por Archer, desistindo dos filhos sem pensar duas vezes para que Archer afagasse sua cabeça e desse aquele sorriso de televisão. E as pessoas acham que EU sou louca.

Ela limpou um pedacinho de carne do queixo e ficou em pé, com as pernas trêmulas.

Estou ficando velha demais para tanta tolice. É hora de cobrar de Archer aquela paz eterna que ele vive prometendo. Desde que Deus fique do outro lado do céu, não vou me importar nem um pouco. Acho que mereço um pouco de descanso.

Mas primeiro, eles tinham que cuidar de um pequeno negócio não terminado. Um negócio que se chamava Ronnie Day. Mama Bet olhou para a sombra escura na plataforma, suas bordas bruxuleantes, para a escuridão que parecia queimar até o centro da terra.

Ela começou a rir.

Linda se virou, o rosto molhado pelas lágrimas histéricas. — Ele não quer me deixar entrar.

Mama Bet estava se divertindo com o sofrimento da mulher. Afinal, o sangue das antigas famílias corria pelas veias de Linda. Linda era um *deles* — os que tinham enforcado Wendell McFall, porque eles eram tão cegos para a glória naquela época quanto o eram agora. Eles todos mereciam todo o sofrimento que Archer pudesse causar.

Você mostrou a eles o caminho, você iluminou a estrada, você os alimentou com a verdade e eles cuspiram em seu rosto.

As pessoas não mudavam.

— Você não disse as palavras mágicas.

— Palavras mágicas? — Linda balbuciou, os olhos passeando selvagemente pela igreja como se uma mensagem pudesse estar escrita nas paredes. — Que palavras mágicas? Archer não falou nada sobre palavras mágicas.

— Creio que as palavras são 'Deixe-me morrer" — soou uma voz no fundo da igreja.

Mama Bet se virou.

O detetive Frank Littlefield caminhou pela nave, carregando um rifle, os olhos estreitos e o rosto retorcido em um estranho sorriso. O sangue

ensopava a metade esquerda da camisa do uniforme. No saguão atrás dele, a detetive estava encostada contra a parede.

Mama Bet riu novamente. — Você acha que vai derrotar Archer com uma bala? Você é ainda mais louco do que aquele bêbado do Absher.

— Archer *quer* ser morto. E isso tem que ser feito por um de nós. Um de nós que pertence a Archer.

Talvez. Talvez Littlefield tivesse sido escolhido. Apesar de não ter parecido muito entusiasmado no serviço na outra noite. Talvez tenha apenas provado um pouco da carne pegajosa do velho Zeb como se fosse um pedaço de alcaçuz preto. Não colocou um pedaço decente na boca.

Mas Archer tinha seus próprios meios e quem ela era para questionar o que ele fazia? Um Judas servia tanto quanto qualquer outro. Deixe o delegado vir.

— Ele está lá dentro — disse Mama Bet, apontando além de Linda, para a porta. — Fazendo um pequeno trabalho sagrado.

Linda deu um pequeno grito e colocou a mão sobre a boca.

Quando o delegado parou em frente à porta da sacristia, Mama Bet disse: — Você não estava completamente certo, delegado. As palavras mágicas não são 'deixe-me morrer'. São 'deixe-me morrer por *você*'.

O delegado bateu com força na porta. — Abra a porta, McFall. Tenho um recado para você. De um garoto chamado Samuel.

Mama Bet esfregou as mãos, tirando o sangue coagulado. Isso ia ser bom.

A velha maçaneta de latão se moveu e a porta se abriu.

***

David saiu de entre as árvores atrás da igreja, mantendo os olhos nas copas escuras sobre sua cabeça. Mas um daqueles buracos do inferno poderia estar sob seus pés, um daqueles portais que deixavam que o diabo saísse de seu poço quente no centro da Terra e criasse um tumulto. Deus havia chutado o traseiro do diabo milhares de vezes, mas o desgraçado de rosto vermelho continuava tentando. Você tinha que dar a mão à palmatória: o diabo não deixava o entusiasmo morrer.

David quase se sentiu culpado por mandar o delegado para a batalha. Não se podia lutar em uma guerra santa, a não ser que fosse sério sobre a

parte "santa". O delegado não comparecera à igreja ultimamente, e nunca fora um frequentador assíduo. David vira o homem ser batizado quando ambos eram crianças, mas algumas vezes a água não penetrava o suficiente.

Galhos estalaram a cerca de trinta metros à sua direita. Ele ficou tenso e se agachou atrás de um carvalho largo. O som sumiu. Provavelmente um dos caras de Archer. Um dos cordeiros desgarrados, saindo do cercado agora que o portão estava destrancado.

David chegou à clareira atrás da igreja no momento em que o vidro quebrou. O luar brilhou nos fragmentos de vidro que voaram da janela alta. E então, ele ouviu a voz desesperada de Ronnie.

David correu das árvores, sem se importar por estar em campo aberto onde o diabo poderia atingi-lo. Tudo o que importava era que seus dois filhos, as coisas mais importantes que um pai podia ter, estavam dentro daquela igreja com a encarnação do diabo. E, quase tão ruim, eles estavam com Linda, que estava tão fascinada por Archer que não sabia o que era certo e o que era errado.

Ele quase gritou, mas os capatazes do diabo estavam por toda parte. Talvez alguns daqueles cordeiros desgarrados tivessem dentes. Talvez eles quisessem dar uma boa mordida na carne dos tementes a Deus, para que pudessem mastigá-la em escárnio ao querido Jesus. Como tinham feito na Califórnia, e como tinham feito na igreja vermelha.

E então David entendeu tudo.

Os garotos.

Linda iria entregá-los a Archer como oferenda. Como alimento para a alma.

Ele riu, o suor escorrendo pelos poros mais rapidamente do que a noite conseguia esfriar a pele. A cabeça de Tim apareceu na janela quebrada, depois os ombros e os braços, e ele caiu de cabeça para baixo a três metros do chão.

Tim gritou esperando a dor.

Mas David estava lá para agarrá-lo. Ele sempre estivera por perto para proteger seus filhos. Ele e Jesus.

— Shh — disse David, colocando a mão sobre a boca de Tim antes que ele pudesse gritar. Os óculos de Tim caíram suavemente na grama do cemitério.

— Sou eu — disse David, e retirou a mão.

— Ronnie — sussurrou Tim, com a garganta apertada. — Ele pegou Ronnie.

— Quem? — perguntou David, mas seu coração afundou como uma pedra em sua barriga.

— O pregador.

Era melhor que Littlefield tivesse um pouco de fé. Era melhor que Littlefield fizesse o que o Senhor queria. Era melhor que Littlefield fizesse o sacrifício.

Porque, apesar de Deus sempre ganhar a batalha entre o bem e o mal, algumas vezes sangue inocente era derramado. Isso estava bem claro em todos os livros da Bíblia.

— Ronnie vai se salvar — disse David, tão convincentemente quanto pôde.

Ruídos gorgolejantes se derramavam pela janela, vindos da sacristia. Conversa. Ronnie e alguém cuja voz era familiar.

Não, não podia ser.

— Você disse que o *pregador* pegou Ronnie? — perguntou David.

— Sim. O Pregador Staymore.

Staymore. David sorriu e olhou para o céu. Deus sempre enviava um campeão em tempos difíceis, quando os bons estavam encurralados contra a parede.

Um pregador *de verdade*, um pregador batista banhado no sangue.

Ronnie ficaria bem.

— Mamãe está lá dentro, e ela está agindo de um jeito muito esquisito — disse Tim. David o colocou no chão e o garoto se ajoelhou para pegar os óculos.

— Ela não sabe o que está fazendo, filho. O Senhor a colocará no caminho.

Como Ele havia feito duas vezes antes. Uma vez quando Linda era jovem e pura, e a outra depois que ela voltara da Califórnia. *A terceira vez é que vale*, diziam.

David levou Tim passando pelos túmulos cinzentos até a beira da floresta. Eles podiam esperar lá, na segurança das sombras, até que a batalha terminasse e o Senhor vencesse.

Como sempre.

***

Frank quase deixou o rifle cair quando Ronnie saiu da sacristia escura. O rosto do garoto estava pálido, os olhos febris em ambos os lados do curativo sujo que cobria o nariz. Os lábios se moveram como se ele fosse falar, ou talvez estivesse sussurrando para si mesmo.

Era o mesmo olhar que Samuel tivera no momento em que ele se dera conta que o Monstro do Sino estava atrás dele e ia pegá-lo, pegá-lo, pegá-lo. O coração de Frank se retorceu de raiva, mas instantaneamente ele esqueceu Samuel.

Porque atrás de Ronnie balançava uma criatura que era a glória que coroava um dia cheio de impossibilidades. O barro e a argila da pele da coisa brilhavam na luz das velas, seus braços e pernas uma imitação estranha e pervertida dos de um humano. O pior de tudo eram as fendas negras que imitavam olhos e boca.

A boca balançava, as bordas como um xarope cinza frio.

Mama Bet e Linda gritaram em uníssono e Linda agarrou Ronnie para puxá-lo para longe.

— Bem-vindo — disse a coisa, e mesmo a palavra sendo arrastada, Frank sabia que era a voz de Archer.

— Archer? — perguntou Mama Bet, o rosto enrugado tenso.

— Mamãe — disse a coisa. A argila ondulava, mudava de lugar e, por um rápido segundo, o rosto do pregador apareceu, os olhos poderosos passando sobre eles como um farol em um mar revolto.

Linda se afastou do pregador, Ronnie escondido atrás dela. O pregador virou o sorriso para ela e a carne voltou a ser o barro corrompido.

— Linda, dê-me a criança — comandou a coisa.

Ela negou com a cabeça, sem voz e estarrecida.

— Dê-me a criança — repetiu ela.

Frank levantou o rifle.

— Você tem que matar essa coisa, Frank — Sheila disse atrás dele.

Como se podia matar... *aquilo*?

Mas, mesmo assim, ele apontou o rifle, colocou a coronha contra o ombro e olhou ao longo do cano. O rifle pesava um milhão de quilos e ele se sentia como se estivesse embaixo d'água.

— Dê-me a criança — a coisa disse pela terceira vez.

Mama Bet caiu de joelhos diante da pilha de barro.

— Você... você não é Archer — disse Linda.

— E importa qual é o rosto que Deus usa? — perguntou a coisa, na voz macia e sedutora de Archer. — Você prometeu. E, afinal, estou pedindo muito pouco.

Linda recuou mais alguns passos. — Não desse jeito — disse ela. — Você não é Archer. Não pode ficar com meu bebê.

A pilha de barro estremeceu, deixando cair pedaços de si mesma na plataforma. Os pequenos torrões se retorciam como vermes sobre o anjo negro que manchava as tábuas do chão.

— O sacrifício é a moeda de Deus — disse a coisa. — E Ronnie é o sacrifício.

— Não vou deixar que o mate — disse Linda.

A coisa gargalhou. — Ah, *eu* não vou matá-lo. *Você* vai. Esse é que é o sacrifício. É melhor dar bênçãos do que recebê-las.

Linda olhou para o filho, cujos olhos estavam cheios de lágrimas.

— Mamãe? — Ronnie sussurrou. Ele engoliu em seco.

Frank lutou contra a estranha gravidade que o envolvia como uma pele grossa. Ele podia matar aquela coisa. Claro, ele era de uma das antigas famílias. Ele tinha o direito. Era o trabalho dele.

— Vá em frente — sussurrou Sheila no ouvido dele, um pouco alegre demais.

Frank lembrou-se de como a coronha do rifle parecia ter atravessado a bochecha dela, como ela ficara embaixo d'água por tempo demais. Como ela recitara as palavras de Archer de uma maneira assustadora e adoradora.

Ele olhou para ela. Por apenas um momento, tão breve que, antes dessa loucura recente, ele teria classificado como uma ilusão, ela tinha os olhos de Archer, profundos, castanhos e cheios de segredos. Ela piscou e eles ficaram azuis novamente.

— Você ouviu o que Samuel disse — sussurrou ela, sem afastar os olhos da pilha trêmula de argila. Os olhos desvairados, quentes com um amor distante, profundo e desumano. Um fervor que ia além da carne.

Ela era de Archer agora.

A garganta de Frank ficou apertada.

Todos eles pertenciam a Archer. Sempre pertenceram. Frank havia sentido o gostinho, e gostara dele. Ele havia encontrado o caminho para

entrar na igreja vermelha e deixara o monstro entrar em seu coração. E ele odiava sua própria fraqueza, quase tanto quanto odiava Archer.

Sim, ele podia matar aquela coisa.

Mas enquanto seu dedo apertava o gatilho, o barro tremulou novamente e encolheu. Samuel estava parado em frente a ele, com olhos suplicantes.

— Você consegue, Frankie — disse o irmão morto. O garoto puxou um verme da boca e o segurou. O verme se contorcia entre os dedos brancos.

Samuel colocou-o de volta na boca e mastigou ruidosamente. — Archer me devorou, sabia? Ele devora todos nós.

E então Samuel voltou para a massa de argila podre.

Archer *queria* ser morto.

Como se ser morto por um dos seus fosse dar a ele um grande poder. Como Judas havia desistido de Jesus. Os filhos de Deus sempre precisaram de um traidor. Apesar de Frank não acreditar mais em Deus, era o tipo de lógica que governava um mundo insano.

E ele não iria obedecer. Ele não daria a Archer — ou *à coisa*, seja o que for — o que queria mais do que tudo. Frank não faria o sacrifício.

Ele deixou o rifle cair, ressoando com força no chão duro.

A coisa emitiu um grito alto, com os braços grossos se esticando em direção a Ronnie.

CAPÍTULO 24

Mama Bet olhou para a coisa que ela havia criado, que havia dado à luz, que havia entregue ao mundo.

Uma monstruosidade imaculada.

Seu filho perfeito e sem pecados.

Ela estendeu a mão e tocou na argila úmida. Era carne de sua carne. Alguma vez ela sonhara que seria parte de algo tão glorioso, tão grande?

E fiz tudo sozinha. Eu o botei no mundo sozinha, ensinei meu Archer tudo sobre os caminhos traiçoeiros do mundo, sobre o mal das antigas famílias. Passei para ele a história de Wendell McFall, sobre como pregar estava no sangue, como era o trabalho de Archer trazer a salvação para esses seguidores pagãos de Jesus.

Ela deslizou a mão para baixo naquele vulto de barro. Parecendo vir de muito longe, ela ouviu a voz dourada de Archer exigindo a criança Day.

Deixe que sejam purificados, os jovens e os velhos. E, quando terminarmos com os Day, os Matheson e os Potter, podemos prosseguir para um trabalho maior. Porque Jesus é legião. Uma quantidade enorme de corações a serem arrancados de peitos corrompidos. Uma pilha imensa de pecados que devem ser pagos.

O barro-Archer estremeceu e veio o garoto, aquele cujo corpo ela havia desenterrado, picado e colocado em jarros de vidro para que o jovem Archer pudesse ter oferendas durante o ano inteiro. Houvera outros corpos no meio do caminho, um Day aqui, outro Littlefield ali, um cemitério inteiro como um jardim fresco e sagrado. Até mesmo aqueles embalsamados serviam.

Mas consegui-los frescos era muito melhor.

A imitação fria de carne ondulou novamente e voltou a se transformar no vulto de barro.

O rifle que o delegado carregada estava no chão ao lado dela. O delegado era fraco. Isso era bem coisa de um Littlefield, dobrar-se como um

acordeão quando havia trabalho a ser feito. Bom, chegaria a vez dele no momento certo.

Mama Bet enfiou os dedos no barro e arrancou um pedaço. Ela o colocou em seu corpo e esfregou-o sobre o sangue que havia coagulado nas bochechas. Seu garoto. Seu filho e salvador.

Ela o pressionou contra os lábios, saboreando-o, essa carne da terra.

Ele estava entre os lábios, a língua sentindo a matéria sagrada, quando ela reconheceu a textura. Mama Bet congelou.

Aquela noite.

Há quase quarenta anos.

Quando ela entregou sua virgindade e recebeu a semente.

E ela lembrou-se como, no dia seguinte, encontrou a pedra rolada para o lado, a pedra que selava o buraco na parte de trás da despensa. O buraco que levava para baixo, para os túneis escuros e úmidos do inferno.

A argila escorregou em suas gengivas. Mama Bet tentou cuspi-la, mas ela avançou para a abertura da garganta, se contorcendo em direção à barriga.

Quando o sabor rançoso encheu sua boca, ela sentiu o gosto da verdade amarga.

Não fora Deus quem a impregnara.

Fora... *isso*.

Não.

Archer era sua carne, seu corpo, seu sangue. Ele nascera dos céus, não da terra.

Não como essa coisa.

Mas isso *era* Archer. Seu único filho.

A palavra transformada em carne.

A carne transformada em barro, do qual se arrastou para cima pelos buracos profundos no chão.

Como ela pôde alguma vez amar essa coisa?

Essa *coisa* que caminhara entre humanos como se fosse alguma dádiva dos céus, jogando mentiras e realizando truques que faziam com que Jesus parecesse um mágico barato de rua.

Essa coisa que estava parada no púlpito, gosmenta, nojenta e exalando um cheiro de fungo podre. O cheiro do túmulo.

Um impostor.

Só mais um em uma longa fila de falsos profetas e imitadores de Deus.

Que Deus me ajude, eu o AJUDEI. Eu dei a VIDA a ele.

Ela segurou as pernas bem juntas, como se pudesse mudar o passado e impedir que a cabeça da coisa aparecesse, impedir seu nascimento. Mas era tarde demais. Sempre fora tarde demais.

O segredo dos McFall era ainda mais secreto do que ela pensara.

A coisa, a união medonha de pecado, dor e pesar acumulados, moveu-se em direção a Linda e Ronnie.

Ela queria um último jantar.

Mama Bet olhou para a coisa que era pai de si mesmo, a coisa que a havia enganado mais profundamente do que a qualquer outro, e a fúria a queimou, de dentro para fora. Começou no peito, onde um pequeno amontoado de barro havia se alojado, e expandiu-se para a pele. A cabeça dela parecia que estava brilhando, como se algum poder do além houvesse ateado fogo no cabelo como uma tocha.

A força inundou os braços e pernas envelhecidos, uma força nascida do ódio por si mesma.

O sacrifício era a moeda de Deus.

E obviamente ela sabia o que significava sacrifício.

***

Ronnie deu um passo e ficou em frente à mãe, protegendo-a, apesar da montanha de barro assustadora ser o pior pesadelo que já existira.

Mamãe tentou puxá-lo para trás, mas ele afastou as mãos dela. — Preciso fazer isso, Mamãe — disse ele, tentando evitar que sua voz falseasse, mas sem ter muito sucesso.

— Não, Ronnie — disse ela.

— Se eu me entregar a ele, poderá ser suficiente. É só isso que ele quer.

Assim espero e rezo. Porque se eu me entregar, e estou repleto de Jesus, então ele também ficará repleto de Jesus.

Apesar da visão de Ronnie estar borrada pelas lágrimas, ele sabia que estava fazendo a coisa certa. Depois de todos aqueles pecados do coração, todas aquelas coisas egoístas, isso era uma coisa que ele podia fazer pelo mundo inteiro. Ele se entregaria para que o mundo pudesse viver. E se Mamãe o amava o suficiente, também poderia entregá-lo.

Seu coração, que estivera paralisado pelo medo, agora estava leve e quente dentro do peito. Uma estranha calma se apossou de Ronnie. Essa coisa podia devorá-lo, sufocá-lo, rasgá-lo, fazer o que quisesse, mas nunca conseguiria tocar seu *verdadeiro* ser.

A parte dele que flutuava no coração.

Com Jesus.

Porque Jesus estava lá, certo, grande, alegre e valente. Jesus sempre estivera lá, e Ronnie se dera conta de que, algumas vezes, você não podia vê-Lo porque ficava preso em pequenos sofrimentos, preocupações e sonhos. Todas as pequenas coisas egoístas.

Mas Jesus estava sempre lá com você, não importava o que acontecesse.

E Ronnie sabia que Jesus não iria avançar e salvá-lo do monstro.

Porque ele já fora salvo por Jesus.

Ele se desvencilhou de Mamãe e deu um passo à frente para encontrar o abraço do monstro, um sorriso no rosto, a dor do nariz e do coração tão longe quanto o céu estava perto.

***

Mama Bet pegou o rifle.

Ela não tinha dúvidas de que Archer podia morrer, que *morreria*. E só ela, que havia lhe dado a vida, poderia libertá-lo. Afinal de contas, o sacrifício dela era o maior de todos os sacrifícios. Ela desistiria de seu único filho.

Os olhos cheios de catarata se fixaram na massa de barro que estava a alguns centímetros do garoto, pronta para pegá-lo.

Claro, o garoto merecia a purificação, pois tinha aquele sangue Day terrível e maculado. Mas os pecados das antigas famílias não era nada comparados ao anjo falso e blasfemo que estava diante dela.

Anjos não caíam do céu. Eles se erguiam da carne da terra.

Suas entranhas doíam com o pensamento de que aquela *coisa* havia nascido em seu ventre, crescido retirando sua força, havia surgido sob a mentira de um milagre.

— Archer — chamou ela com toda a força que conseguiu reunir. Seus braços diabéticos tremeram quando ela mirou o rifle. O vulto de barro se

virou, o arremedo de rosto ondulando. O barro se transformou, deslizando para mostrar as feições humanas de Archer.

— Mamãe? — disse ele, os olhos arregalados e suplicantes e, ah, tão malditamente inocentes. Como se ele nunca tivesse tido um pensamento mau em toda a sua vida. Como se Deus estivesse acendendo seus olhos, um filamento sagrado queimando dentro daquela cabeça bela e gloriosa.

Mama Bet hesitou. Ela amamentara essa coisa. Contara histórias para dormir. Alimentara-a com uma centena de pecadores imprestáveis. Ora, com certeza deveria existir *alguma* coisa boa sobre ele, alguma coisa merecedora do amor de uma mãe.

— Archer — sussurrou ela. O rifle inclinou-se em direção ao chão e ela viu a mancha escura se movendo, erguendo-se como uma cobra gorda e sinuosa, cobrindo Archer como uma enorme sombra. Alguma coisa mais se moveu no canto do olho de Mama Bet: o delegado pulou por sobre o corrimão.

— O Monstro do Sino — gritou Ronnie.

O Monstro do Sino.

O *verdadeiro* mal.

Porque o mal não vestia carne. O mal não precisava de substância.

Enquanto o vulto negro descia sobre Archer e mergulhava nele, penetrava através da roupa macia e do cabelo bem arrumado, o filho de Mama Bet sorriu para ela.

— Eu amo você, Mamãe — disse o pregador, apesar de seus dentes dizerem exatamente o oposto.

Seus dentes diziam: *Você merece a sua vez no prato de oferenda, sua vadia cega e burra. E deixe-me dizer uma coisa: você é pior do que todos os outros juntos. Porque você me serviu, e ADOROU fazê-lo. Você adorou ter seu rosto pressionado contra a carne corrompida das antigas famílias. Você engoliu o corpo de Deus como uma porca resfolegando na vala.*

E a terrível verdade caiu sobre ela como uma Bíblia de dez quilos jogada das alturas do céu.

Ela levantou o rifle e puxou o gatilho. A coronha bateu contra seu ombro quando o barulho ressoou nas paredes de madeira da igreja vermelha.

***

Frank apoiou-se sobre o corrimão. Os outros tinham se esquecido dele, todos exceto Archer, que sabia de tudo e parecia ter sempre um olho brilhante sobre o delegado. Mesmo em sua encarnação de barro, o pregador possuía a igreja vermelha.

Mas quando a sombra do Monstro do Sino havia se erguido, Frank soubera que Archer sempre estivera lá, em muitas formas, perturbando as pessoas de Whispering Pines desde que a primeira família havia se assentado nessas colinas. Talvez estivesse aqui desde que o primeiro sol nasceu. Talvez fosse um mal mais antigo que a esperança, mais antigo que a religião, mais antigo que tudo que as pessoas achavam que entendiam. E como Frank não acreditava mais em Deus, ele também não acreditava mais no diabo.

Essas coisas não importavam. Quem se importava com uma eternidade sem nome e sem rosto? O que importava era que ele podia salvar Ronnie, bem aqui e agora. Frank havia fracassado com Samuel, mas talvez essa fosse a chance de redenção.

O delegado pulou sobre o corrimão e agarrou o garoto, ergueu-o e o carregou para longe do pregador. Archer nem mesmo olhou para eles, seus braços abertos em aceitação enquanto conversava com a mãe dele. Linda estava parada, em estado de choque, na beira do altar, lentamente balançando a cabeça como se alguém tivesse dito a ela que o imperador estava sem roupas e tivesse acabado de notar a nudez.

Atire nele.

Frank não podia matá-lo, porque isso só faria com que a coisa voltasse mais poderosa do que nunca. Mas, de certa forma, Mama Bet era sua criadora. Pelo menos, na forma humana. Se Archer-sombra-coisa era um mal antigo, ele devia ter começado em algum lugar. E tudo o que tinha um começo, também tinha um fim.

Ronnie era leve nos braços do delegado quando eles correram do altar e desceram a nave. Sheila, ou o que Sheila fora, desaparecera. Frank pensou no toque dela, mas apenas brevemente. Ele estava melhorando quando se tratava de esquecer.

O tiro explodiu quando ele estava no meio da igreja e Frank não pôde evitar. Ele tinha que se virar e olhar.

Archer, os braços abertos, as palmas para cima, as sobrancelhas erguidas, a boca aberta, um messias em uma cruz invisível.

Um pequeno ponto vermelho apareceu na camisa vermelha, logo à esquerda da gravata.

Um tiro no coração.

Os lábios de Archer se moveram, mas nenhuma palavra saiu deles. O rosto transformou-se rapidamente, de barro e leão-da-montanha para Samuel e então em uma dúzia de, não, uma *centena* de rostos que Frank não reconheceu. E depois voltou para o rosto de Archer.

— Nossa — sussurrou Ronnie.

Os olhos de Archer viraram para o céu, como se esperando que uma mão grande e cheia de compaixão descesse e o recolhesse. Mas acima deles só havia o teto escuro da igreja vermelha.

E o sino tocou, um arroto de vento infernal rasgando a noite.

— Mamãe — chamou Ronnie, tentando se soltar das mãos de Frank.

Linda olhou de Ronnie para Archer, e de novo para o filho, como se estivesse fazendo uma escolha difícil.

O ferimento no peito de Archer ficou maior, derramando uma substância gelatinosa cinza juntamente com o sangue. Frank pensou ter visto pedaços de pedra e raízes no líquido que escorria. Archer se jogou na direção de Mama Bet quando o sino tocou pela segunda vez.

— Por que me abandonastes? — o pregador-coisa disse para a mãe que se curvara. As palavras eram tão estrondosas como o sino que tocava, mas Archer estava *sorrindo*. Como se ser morto fizesse parte de algum sacramento pervertido.

— *Vamos*, Linda — gritou Frank.

— Ronnie — chamou ela, levantando os braços e correndo para longe do altar. Dessa vez, eles eram os braços amorosos de uma mãe, não os braços de uma conspiradora.

Frank largou Ronnie, que abraçou a mãe em prantos.

— Vamos sair daqui — disse Frank, empurrando-os pela nave.

Ele se virou uma última vez, logo antes de sair pela porta. Mama Bet havia se levantado e ia ao encontro do abraço do filho. Exceto que seu filho, seu salvador, sua esperança para o mundo, era uma massa brilhante de argila. O monte de barro a engoliu e sufocou seus gritos. Os pés de Frank estavam na grama do cemitério quando o sino tocou pela terceira e última vez.

***

Acabou, pensou Ronnie. *A curva eterna, maior de todas com uma cereja em cima, o fim do mundo final e pessoal.*

E a coisa mais estranha de todas era que ele não sentia mais medo. Não importava o que acontecesse dali em diante, ele sabia que não estava sozinho. Porque quando Jesus entrava em seu coração, Ele assinava um contrato para a vida toda, sem cláusula de encerramento. Ronnie desejou que alguém tivesse dito a ele como era simples, que não precisava que o Pregador Staymore, um anjo ou até mesmo Papai dissesse que Deus estava lá, o tempo todo.

Ele segurou a mão de Mamãe enquanto corriam pelo cemitério. O brilho superficial das estrelas e a metade iluminada da lua lançaram a sombra do álamo sobre eles. Os galhos negros balançaram com uma brisa inexistente, como dedos tentando agarrá-los.

— Você está bem? — perguntou Mamãe.

— Sim — respondeu ele.

— E-eu sinto muito — disse ela, mas Ronnie mal a ouviu, pois o sino tocou pela terceira vez e o chão tremeu sob seus pés.

— Por aqui — gritou alguém.

Papai!

Ronnie correu para as árvores na beira da floresta. Papai saiu da escuridão e o agarrou, o abraçou e o puxou para dentro dos arbustos.

Tim piscou por detrás de um loureiro.

— Timmy — disse Ronnie, o coração mais leve do que jamais estivera. As orações *funcionavam*. As orações eram o máximo.

— O que aconteceu? — perguntou Tim.

— O delegado o matou? — perguntou Papai, antes que Ronnie pudesse responder à pergunta de Tim.

— *Ela* o matou.

— Ela? A detetive?

— Não, Mama Bet.

— Eles machucaram você, filho?

— Não — disse ele, querendo contar a Papai sobre sua nova descoberta, de que Jesus era um amigo e um aliado, e quem se importava com um

Monstro do Sino velho e idiota quando você tinha o melhor de todos a seu lado?

Mas ele esqueceu Jesus.

Porque Mamãe estava parada no cemitério, e o delegado também, e a grama estava se abrindo, o chão estava rachando e os túmulos estremeciam.

Archer apareceu na porta da igreja vermelha, o furo no peito milagrosamente curado, a camisa sem uma mancha. Ele estava banhado em uma estranha luz, um amarelo alaranjado meio doente, a cor de um fogo que estava morrendo. Seu rosto estava triste e pacífico, e mais uma vez Ronnie relembrou o rosto de Jesus das imagens da Bíblia.

Ronnie engoliu em seco. Por que, e se essa *fosse* a Segunda Ascensão, só que dessa vez Deus a fez de um jeito diferente, o maior e o extremo teste de fé?

— O que está acontecendo? — perguntou Tim, meio cego sem os óculos.

— Só Deus sabe — disse David.

Archer caminhou — não, *flutuou* — pelos degraus. Mama Bet estava atrás dele, parecendo quase do mesmo jeito que antes, o sangue seco e a sujeira por todo o rosto. Mas os olhos dela estavam, de alguma forma, *errados*, olhando além do mundo conhecido e visível.

E então o chão tremeu novamente. A terra na base das lápides estremeceu e formas pálidas e finas serpentearam para cima no ar da noite.

Braços com mãos ávidas em formato de garras.

Braços que foram seguidos por cabeças, massas esbranquiçadas que eram meio crânio, meio vapor leitoso.

E depois mais, erguendo-se do solo como um nevoeiro pesado. Um som como uma brisa ferida atravessou a floresta.

As formas se solidificaram, transformando-se em pessoas translúcidas. Algumas vestiam roupas velhas, vestidos longos e chapéus, alguns dos homens em uniformes confederados da Guerra Civil, seus rostos brancos alongados e curvados, as bocas abertas gemendo pesarosamente. Outros vestiam roupas mais recentes, ternos com gravatas, com ou sem sapatos. Ronnie reconheceu alguns dos mortos mais recentes.

Ali, Willie Absher, que havia morrido esmagado enquanto trabalhava em um caminhão no ano passado. Jeannie Matheson, uma velha professora da escola que finalmente havia se entregado ao câncer. E Vovó Gregg.

A mesma Vovó que costumava colocar Ronnie no joelho e contar velhas histórias. Agora ela sacudiu a terra escura da roupa do enterro e avançou, os pés flutuando sobre o chão, os olhos vazios ocultos nas sombras.

Uma dúzia, uma centena de mortos, todos levantando dos túmulos, respondendo ao chamado do sino.

Convocados por Archer.

O pregador estava agora sob o álamo, levantando as mãos iluminadas para cortar o ar à sua frente. Uma entidade separada brilhou ao aparecer.

— O Pregador Enforcado — sussurrou Ronnie.

— Que o bom Senhor nos proteja — Papai rezou em voz alta.

— E a Mamãe? — choramingou Tim.

— Ela fez uma barganha com o diabo. Agora tem que pagar o preço.

— Não — disse Ronnie. — Ela mudou. Quando Archer foi baleado, ela voltou a ser uma de *nós*. Não podemos desistir dela agora.

Ronnie não conseguia explicar. Mamãe era Mamãe. Mamãe pertencia a *eles*, não a Archer. E, no fim das contas, Archer não era o diabo. Pela primeira vez na vida, Papai estava errado.

Ronnie a procurou entre a horda de vultos assombrados. Primeiramente, ele só viu os mortos sofredores se reunindo em torno de Archer. E então ele viu Mamãe, escondendo-se atrás da lápide da Vovó Gregg. O delegado estava com ela.

— Lá está ela — disse Ronnie. — Você precisa salvá-la.

— Só Jesus salva, filho.

— Mas você a *ama*. Não pode deixar que Archer a tenha.

— Ela estava mais do que pronta a desistir de *você*. Ela pensou que estava fazendo *aquele* sacrifício por amor.

— O que está acontecendo com Mamãe? — perguntou Tim.

— Por favor, Papai — suplicou Ronnie. Ele estava quase pronto a correr até lá por si próprio, lá no meio de todas aquelas coisas mortas assustadoras, para ajudar Mamãe. — Jesus correrá com você. Archer não pode tocá-lo se estiver carregando Jesus no sangue.

Papai não disse nada. Enquanto eles assistiam, o Pregador Enforcado se materializou, seu rosto inchado brilhando de alegria. Archer abraçou seu ancestral, ergueu-o enquanto três dos novos membros da congregação removiam o laço. Os fios sinuosos que compunham a aparição do Pregador Enforcado caíram sobre Archer, e os dois coalesceram em um só corpo.

A seguir, a multidão de corpos se separou e Archer começou a caminhar, atravessando o cemitério corrompido. Os outros ficaram em fila, uma caravana fantasmagórica.

O detetive gritou e correu do lugar onde se escondera. Ele alcançou um dos vultos, um jovem garoto.

— Samuel — gritou o delegado. — Não vá.

O delegado esticou os braços para a aparição, tentou abraçá-la, mas só encontrou ar. O garoto nem se virou, apenas continuou marchando naquele regimento solene. O delegado caiu sobre os joelhos, chorando.

Quando o último dos mortos desapareceu na floresta, Papai disse para Ronnie: — Fique aqui com seu irmão. Vou buscar a mamãe.

Ronnie olhou para os pontos escuros nos arbustos onde os mortos tinham entrado, imaginando para onde Archer os estava levando. Depois ele olhou para o campanário, para as sombras imóveis que enchiam seu vazio. As velas queimavam na igreja vermelha, o bruxulear sinistro fazendo com que o prédio parecesse vivo.

— Não consigo ver nada — disse Timmy. — Meus óculos quebraram. Diga-me o que está acontecendo.

— Exatamente o que está vendo — respondeu Ronnie. — *Nada* está acontecendo.

O delegado rastejava por entre os arbustos. Abaixo dele, a rua e o vale se estendiam sob a lua carrancuda. A congregação desceu o barranco e lá, perto do final da coluna silenciosa, estava Samuel.

Seu irmão morto, agora e para sempre pertencente a Archer.

Frank assistiu quando Archer chegou às grandes pedras que margeavam o rio. A monstruosidade entrou na água. Não, não na água — *sobre* ela. Porque o pregador caminhou sobre a água.

Archer se virou e aguardou enquanto a congregação o seguia, primeiro Mama Bet, depois os outros, velhos e novos, incluindo os pais de Frank, todos entrando no rio negro. A água os engoliu, levou-os para baixo de sua língua gelada e os carregou para dentro do ventre antigo da Terra.

Frank esperou que Samuel olhasse para trás e acenasse, fizesse qualquer coisa para mostrar que se lembrava, que parte da vida humana de Samuel permanecesse, mesmo nessa nova eternidade desolada. Mas Samuel deslizou sob as correntes tão silenciosamente quanto os outros e, quando o

último fantasma desapareceu, o próprio Archer se dissipou e mergulhou na água.

Restou somente a névoa do rio, como uma mortalha de um enterro final. A água gargalhou ao carregar o povo de Archer para o mar mais morto de todos.

CAPÍTULO 25

Frank voltou à igreja vermelha três semanas mais tarde.

O cemitério estava quieto, a grama espessa por causa das chuvas recentes, a terra não remexida. Pássaros cantavam na floresta próxima. Havia flores do campo ao longo da estrada, susanas amarelas e margaridas brancas. No sopé das montanhas gigantes, corria o rio.

Eles encontraram o corpo de Sheila a uns três quilômetros rio abaixo. Hoyle dissera que algumas vezes os peixes ou as tartarugas mordiscavam a carne quando ela ficava macia pela exposição prolongada. Frank tentou acreditar naquilo. Nas horas duras da madrugada, enquanto ele tentava se convencer de que congregações assombradas não existiam, a breve informação forense de Hoyle lhe dava um conforto muito pequeno.

Mas agora, ele não precisava de conforto.

Ele puxou a corda e a serra saltou para a vida, seu barulho afogando os ruídos da natureza. Quando ele enterrou a lâmina na base do álamo, seus dentes estavam tão cerrados que o maxilar doía. A poeira era amarga nos lábios e nas narinas enquanto ele empurrava a serra mais fundo na madeira. Finalmente a árvore deformada caiu e o sol banhou a igreja vermelha com seus raios purificadores.

Ele havia preenchido um relatório de pessoa desaparecida para Mama Bet e Archer McFall, escrevendo nele que suspeitava que eles tivessem se mudado para a Califórnia. Ele também postulara que Archer havia matado Boonie Houck, Zeb Potter e Donna Gregg. Não importava que nunca tivesse recuperado nenhuma prova sólida e que os legistas estaduais estivessem tão perplexos quanto todos os outros. Quem se importava se o FBI passara dez anos procurando uma pessoa que não existia mais, que talvez nunca tivesse existido?

Frank serrou o álamo em pedaços menores e carregou-os para a borda da floresta. O trabalho provocou um suor bom e honesto. Lester passou com seu trator, deu um aceno amigável e continuou dirigindo. As pessoas de Whispering Pines eram boas em manter as coisas para si mesmas. Sonny

Absher havia tentado tagarelar sobre o assunto, mas todos atribuíram a ilusões por causa da bebida.

Quando Frank terminou, ele retirou as luvas e entrou na igreja. Uma pilha de terra seca e cinzenta estava no ponto onde Archer fora baleado. Frank a chutou e a poeira rodopiou pelo ar. A mancha no altar havia desaparecido.

Ele pensara em atear fogo à igreja. Incêndios criminosos eram difíceis de solucionar. Mas uma igreja não podia ser boa ou má, somente as pessoas podiam. Ou coisas que caminhavam como se fossem pessoas. Sem pessoas, e sem o que elas acreditavam, uma igreja era somente uma pilha de madeiras, pregos, pedras e vidros.

Talvez algum dia Deus pudesse retornar a essa igreja. Talvez pessoas de coração puro pudessem cantar salmos e hinos, e fazer suas orações aqui. Talvez um pregador viesse até aqui como um servo de Deus, não como um rival invejoso.

Talvez.

Frank saiu da igreja e colheu algumas flores do campo. Ele colocou algumas delas no túmulo de seus pais e depois se ajoelhou diante da pedra que continha a imagem de um cordeiro.

Se apenas Deus realmente protegesse e cuidasse das pessoas.

Se apenas.

***

Perdão.

Era algo que Jesus ensinava.

Então Ronnie achou que era certo perdoar Mamãe por tentar sacrificá-lo para Archer. Além disso, Papai disse que Jesus já a tinha perdoado. Se Jesus, com todos os Seus problemas, preocupações e deveres, tinha espaço em Seu coração para Mamãe, então é claro que o de Ronnie também tinha espaço. Era de grande ajuda que Mamãe e Papai tivessem feito as pazes, e que mamãe tivesse entrado para o coro da Igreja Batista de Barkersville, e que a vida estivesse quase de volta ao normal.

O nariz estava quase curado, mas ele suspeitava que ficaria com um pequeno calombo na parte de cima. Dava personalidade, dissera Mamãe. Ele estava ansioso para poder cheirar as flores novamente.

Porque ele também tinha perdoado Melanie. Eles sentavam juntos todos os dias na hora do almoço e, talvez em uma ou duas semanas, ele poderia cheirar aquele aroma doce que vinha do cabelo dela. Melanie perguntara várias vezes sobre o que acontecera na igreja, mas ele nunca contara. Pelo menos, ainda não. Todas as vezes que ela o olhava com aqueles olhos doces e fazia seu coração flutuar, ele enfraquecia. Talvez algum dia ele contasse a ela, assim que descobrisse ele mesmo.

O verão estava chegando, os dias longos e cheios de raios quentes. E o sol tinha o poder de acabar com a escuridão e com os pensamentos negros. Ele ainda passava caminhando pela igreja vermelha e ainda estremecia quando estava próximo dela. Os Day não falavam sobre o que acontecera na igreja. Esquecer fazia parte de perdoar.

Mas, algumas vezes, quando o sol estava se escondendo atrás da montanha Buckhorn, Ronnie não podia evitar de olhar para o campanário. E ele não podia evitar de lembrar como, naquela noite dos fantasmas quando o Pregador Enforcado entrara em Archer, a sombra negra havia escapado e se enterrado no velho álamo.

Mas, com certeza, tinha sido somente sua imaginação hiperativa tentando deixá-lo encrencado de novo. O delegado havia derrubado a árvore. Além disso, Ronnie tinha Jesus, não tinha? Jesus o protegeria. Duvidar seria um pecado do coração, e Ronnie tivera o suficiente deles para durar uma vida inteira.

Então ele mantinha os olhos afastados das sombras e olhava à frente, para uma vida onde as coisas mortas permaneciam mortas, exceto as coisas boas, como Jesus.

***

Esses humanos eram uma fonte de alegria eterna, de fascinação sem fim.

A coisa tinha participado de muitos jogos durante as bilhões de passagens do sol, mas esse jogo novo, o de ser deus, era o melhor deles.

Com a crença em milagres, com a fé, com as fragilidades e fracassos, os humanos eram um parque de diversões rico e abundante. Desde o início, quando saíra das profundezas da terra, a coisa tinha inspirado grande reverência entre aqueles que tinham carne. A coisa tomara muitas formas, muitos rostos e tinha recebido muitos nomes, mas acima de tudo, tinha sido

alimentada com medo e adoração, e ela almejava aquelas coisas que tinham sido reservadas para os deuses.

E apesar de ela ter sido muitas coisas, árvores, pedras, vento e carne, todas aquelas coisas eram da Terra. Quando ela assentou no leito arenoso do rio e penetrou na terra em direção ao magma quente de seu núcleo, ela considerou os pensamentos humanos que havia roubado.

O tempo como Archer McFall havia sido agradável, bem como sua aventura como Wendell McFall. Mas milhares de outras incursões na carne também o tinham sido. Muitas outras possessões também o tinham sido. Talvez ela retornasse algum dia, para moldar a argila em forma humana, para soprar vida em instrumentos ocos e novamente colocar um McFall entre as pessoas que viviam nessas velhas montanhas. Ou talvez ela surgisse em outro lugar, para criar o caos em um novo local, ou revisitar o local de outros milagres antigos.

Porque os milagres nunca cessavam.

Algumas vezes, quando ela tomava pensamentos, ponderava se sua própria existência era um milagre.

Não. Isso significaria que coisas maiores, forças maiores existiam.

E a coisa não acreditava em nada maior do que ela mesma.

No leito do rio, ela desistiu de pensar.

O mestre do mundo retornou à terra da qual tinha surgido.

FIM

Indice

Sobre o autor:

Scott Nicholson é autor de mais de 30 bestsellers internacionais de mistério, fantasia e suspenses paranormais, bem como livros infantis e histórias em quadrinhos. Procure seus outros títulos em portugues, *O Abrigo, Retiro Macabro, O Anel de Caveira* e *Páginas Policiais,* e acesse http://www.authorscottnicholson.com .

Sobre o tradutor:

A TranslaCAT (www.translacat.com) é uma agência de tradução do Rio de Janeiro, e traz para o mercado brasileiro a versão em português dos best-sellers do escritor Scott Nicholson.

Tradução de Christiane Jost

Revisão de Karine Lima e Bárbara Nogueira

OUTROS LIVRIS POR SCOTT NICHOLSON:

RETIRO MACABRO

Um suspense gótico moderno.

Após a parapsicóloga Anna Galloway ter sido diagnosticada com câncer avançado, ela teve um sonho recorrente no qual vê o próprio fantasma. O cenário do sonho era o histórico Solar Korban, agora um retiro para artistas numa remota área das Montanhas Apalaches. Levada tanto pelas histórias de fantasma que rondavam as redondezas do solar quanto pelo próprio senso de destino, Anna inscreve-se para o retiro.

O escultor Mason Jackson veio ao Solar Korban para sua última e derradeira tentativa de sucesso antes de desistir de seus sonhos. Quando ele fica obcecado com a ideia de esculpir a forma de Ephram Korban em madeira, começa a questionar sua motivação, mas é engolfado por um frenesi criativo irresistível.

O solar possui seus segredos, com fogos que queimam eternamente nas lareiras, retratos de Korban em todos os aposentos e espelhos misteriosos

nas paredes. Com a lua azul de outubro espreitando, tanto os vivos quanto os mortos aprendem sobre o real poder dos sonhos.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00FW6R6TU/

DESINTEGRAÇÃO

Quando um incêndio misterioso destrói sua casa e mata a filha pequena, Jacob Wells é jogado em uma espiral descendente que o leva cada vez mais para perto de um passado que ele julgava morto e enterrado.

Agora, seu irmão gêmeo Joshua está de volta, procurando saldar velhas dívidas e reclamar sua metade da herança dos Wells. A esposa de Jacob, Renee, luta com a própria culpa, pois o casal havia perdido outra filha vários anos antes.

À medida que Jacob e Joshua voltam aos papéis invertidos que adotaram nas mãos de pais cruéis e exigentes, eles entram em uma guerra de orgulho, riqueza e paixão. Eles dividem o amor venenoso de uma mulher que, com prazer, arruinaria ambos: Carlita, uma hispânica provocante e manipuladora cuja família imigrante ajudara a construir a fortuna dos Wells.

Se pelo menos Jacob descobrisse a quem culpar... Mas as linhas da identidade estão misturadas, pois Joshua e Jacob compartilham muito mais do que o sangue.

E os jogos infantis tornaram-se mortalmente sérios.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00CEAYC3K

O ANEL DE CAVEIRA

O passado de Julia Stone volta rastejando quando ela descobre um estranho anel de prata e três homens a desejam. Escolher o homem errado pode custar não apenas seu coração, mas sua alma.

A Dra. Pamela Forrest está determinada a trazer à superfície as memórias de Julia, na esperança de curar sua síndrome do pânico. A terapeuta faz com que Julia volte repetidas vezes a uma noite vinte e três anos atrás, quando Julia estava com quatro anos. Uma noite com pessoas encapuzadas, estranhos cânticos, dor e sangue. A noite na qual seu pai desapareceu da face da terra.

Mas a linha que divide o passado do presente começa a ficar fora de foco quando Julia descobre um anel de caveira prateado que tem o nome “Judas Stone”. Alguém está deixando estranhas mensagens dentro de sua casa,

mesmo com a porta trancada. O faz-tudo, que possui a chave, passa um bom tempo na floresta atrás de sua casa. Seu namorado, Mitchell, se torna distante e violento. E o policial que investigou o desaparecimento de seu pai a seguiu até a pequena cidade de Elkwood.

Agora ela possui uma mente cheia de lembranças, mas não sabe quais delas são reais. As sombras do pânico de Julia estão ficando maiores e mais escuras. Mas sucumbir à loucura parece mais seguro do que atender ao chamado dos sussurros que reivindicam domínio sobre seu corpo e alma.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B009XZXSXY

O ABRIGO

Freeman Mills, um garoto de doze anos, chega ao abrigo para menores desajustados Wendover para um recomeço em sua vida. Recomeços não são fáceis para Freeman, vítima de experiências dolorosas na infância que lhe conferiram o dom de ler a mente.

Em Wendover, Freeman e as outras crianças estão sujeitas a mais experiências secretas organizadas por uma misteriosa instituição secreta chamada Fundação. As experiências, porém, produzem outros resultados além de poderes de clarividência: os campos eletromagnéticos usados nas experiências provocam manifestações dos espíritos dos pacientes que morreram em Wendover quando o prédio sediava um manicômio.

Até que a Fundação traz um cientista novo para o projeto, um cruel e instável pioneiro em estudos de percepção extrassensorial que realizava a maior parte do seu trabalho usando uma cobaia muito especial: o filho Freeman Mills.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00A0R9BDU/

PÁGINAS POLICIAIS

Quando John Moretz aceita o emprego como repórter na pequena cidade de Sycamore Shade, nos Apalaches, surge uma onda de crimes que aumenta a circulação e deixa as pessoas inquietas. Uma vítima de assassinato é encontrada e Moretz é o primeiro a chegar na cena do crime.

À medida que mais corpos são descobertos, a polícia começa a suspeitar de Moretz, mas as vendas de jornais estão estourando devido à sua cobertura sensacional dos crimes. Seu editor está dividido entre segurar seu

farejador de notícias e ganhar dinheiro, enquanto tem um caso com a repórter da cidade grande enviada para cobrir os assassinatos em série.

E Moretz parece estar um passo à frente dos outros repórteres, da polícia e até mesmo do próprio assassino.

PÁGINAS POLICIAIS é uma história de 22.000 palavras, equivalente a cerca de 110 palavras de um livro

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B006GWSBIE

AMOR MORTO, AMOR ETERNO

O detetive Richard Steele precisa resolver seu caso mais difícil — o próprio assassinato — enquanto se divide entre mulheres em ambos os lados do túmulo. Lee, a namorada, está afundada até o pescoço na confusão que o detetive deixou para trás e a falecida esposa o aguarda no além, com sede de vingança.

Numa corrida contra o tempo, Richard enfrenta seus muitos fracassos e um poder além de sua compreensão — o amor. Sua única arma é a fé, e a munição está acabando.

Este vai ser um baita confronto final.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00CR4MFNM

ESPÍRITOS AFOGADOS

Um escritor aceita um trabalho em uma ilha remota no Oceano Atlântico, onde encontra uma mulher misteriosa que pede sua ajuda. Mas logo ele descobre que ela está presa no passado e pode estar tentando atraí-lo para que junte-se a ela sob as ondas, para sempre.

Um conto de 5.300 palavras.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B005NWFEQ0

DIA DE BALÃO

Toda criança adora um balão colorido.

Matina, claro, quer muitos balões em seu aniversário de seis anos. O pai tenta satisfazer seu desejo, mas os balões que entram na história não têm um final feliz.

Por fim, a surpresa de papai supera as expectativas e faz do aniversário de Matina um evento inesquecível!

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00CEAXGGY

Índice

A Igreja Vermelha
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25

Autor
Outros Livros